



MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS EM PERNAMBUCO

Memória(s) e história(s)

Ivaldo Marciano de França Lima
Isabel Cristina Martins Guillen

ORGANIZADORES

MOVIMENTOS SOCIAIS NEGROS EM PERNAMBUCO

Memória(s) e história(s)

Ivaldo Marciano de França Lima
Isabel Cristina Martins Guillen

ORGANIZADORES



RECIFE
2021

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho

EDITORA ASSOCIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Editora UFPE

Diretor: Junot Cornélio Matos

Vice-Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Editor: Artur Almeida de Ataíde

Conselho Editorial (Coned)

Alex Sandro Gomes

Carlos Newton Júnior

Eleta de Carvalho Freire

Margarida de Castro Antunes

Marília de Azambuja Machel

Editoração

Revisão de texto: os autores

Projeto gráfico: Adele Pereira

Catálogo na fonte:

Bibliotecária Kalina Lígia França da Silva, CRB4-1408

M935 Movimentos sociais negros em Pernambuco [recurso eletrônico] : memória(s) e história(s) / organizadores : Ivaldo Marciano de França Lima, Isabel Cristina Martins Guillen. – Recife : Ed. UFPE, 2021.

Inclui referências.

ISBN 978-65-5962-039-5 (online)

1. Negros – Brasil – Historiografia. 2. Negros – Pernambuco – História. 3. Negros – Entrevistas – Pernambuco. 4. Negros – Pernambuco – Condições sociais. 5. Movimentos sociais – Pernambuco. I. Lima, Ivaldo Marciano de França (Org.). II. Guillen, Isabel Cristina Martins, 1959- (Org.).

305.896081

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2021-042)

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.



Série Ars Historica

A *Série Ars Historica* foi concebida com o intuito de promover uma mais ampla divulgação da produção científica na área da História junto à sociedade, ao disponibilizar para estudantes, professores e pesquisadores obras de consistente valor acadêmico, resultado de recentes pesquisas realizadas no campo historiográfico, e textos clássicos já esgotados repropostos em edições revisadas e atualizadas. Todos os volumes da *Série* são produzidos em formato digital e disponibilizados gratuitamente.

Marília de Azambuja Ribeiro Machel
Diretora da *Série Ars Historica*

Obras publicadas

O desconforto da governabilidade

Rômulo Luiz Xavier do Nascimento

Os Escravos do Santo

Robson Pedrosa Costa

Tratos & mofatras

George F. Cabral de Souza

Política e sociedade no Brasil oitocentista

Cristiano Luís Christillino

Sumário

Introdução 7

Os movimentos negros de Pernambuco: questões e debates 15

Biografia dos entrevistados 46

CAPÍTULO I

Reconstrução dos movimentos negros 84

CAPÍTULO II

Movimentos negros e cultura 142

CAPÍTULO III

Racismos e experiências vividas 246

CAPÍTULO IV

Religião e identidade: Xangô/Candomblé e Jurema 281

CAPÍTULO V

Personagens/memórias 335

Referências 388

Introdução

Os movimentos sociais negros possuem complexa história, como não poderia deixar de ser, em se tratando de sua natureza política. Nele encontramos disputas de memória e fatos com diferentes versões, construídos por pessoas que durante muito tempo foram invisibilizadas por uma historiografia que não conseguia se apropriar dos discursos, programas e demandas daquelas que declaravam não ser contempladas numa dita democracia racial, supostamente existente em nosso país. Estas pessoas, organizadas em diferentes grupos, interpretaram, ao seu modo, os contextos em que viveram, construíram estratégias, encetaram debates, e promoveram mudanças, algumas das quais bem visíveis e evidentes em nosso país, a exemplo das quotas raciais para os ditos negros e negras nas universidades públicas brasileiras. A despeito de terem tido êxito ou não em suas batalhas, operaram sob diferentes formas de luta.

Esta luta foi travada em âmbito nacional, e diversos movimentos sociais negros, organizados de diferentes formas, foram também bastante atuantes, notadamente nas décadas de 1970 em diante, sobretudo na região metropolitana do Recife, Pernambuco. São as memórias de algumas dessas pessoas que o leitor encontrará nestas

páginas. Este livro é o resultado de uma série de projetos de pesquisa desenvolvidos no âmbito do Laboratório de História Oral e da Imagem (LAHOI¹), na UFPE, que tiveram por objetivo ouvir os militantes desses movimentos sociais negros, e formar acervo documental sobre a sua história.² Desta série de projetos, resultou um banco de dados formado por entrevistas de história oral, realizadas entre os anos de 2009 a 2012, organização de acervo de documentos contendo recortes de jornais, panfletos, cartazes, entre outros tipos de documentos dos grupos pertencentes a estes movimentos, todos disponíveis no LAHOI.

A respeito dessa vasta documentação coletada e produzida (entrevistas) convém destacar, em primeiro lugar, a pluralidade de organizações e atores sociais envolvidos nesses movimentos sociais negros. É fundamental enfatizar que optamos por utilizar sempre movimentos negros, no plural, para que não fôssemos seduzidos pela ideia de um movimento negro homogêneo e coeso. Ao contrário, o que encontramos foi uma diversidade de organizações que

1 Laboratório de História Oral e da Imagem da UFPE (LAHOI): <https://www3.ufpe.br/lahoi>

2 O primeiro projeto, intitulado *Ritmos, cores e gestos da negritude pernambucana: história e memória (1970-1990)*, foi executado ao longo de 2009. Com financiamento do FUNCULTURA, o projeto tinha como foco a memória e a história dos movimentos sociais negros em Pernambuco, bem como das relações construídas por seus militantes com diversas manifestações culturais nas décadas de 1970 a 1990. Com esse mesmo projeto concorremos ao Edital Universal do CNPq, em 2009, complementando as ações do projeto do FUNCULTURA, com o levantamento e digitalização dos periódicos *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco* no período de 1970-1990. Em 2013 novamente fomos contemplados com o edital Universal do CNPq, com o projeto *Movimento Negro Unificado em Pernambuco: redes e estratégias na luta contra o racismo*, no qual ampliamos o espaço geográfico das entrevistas, abarcando militantes da região Nordeste. Por último, fomos contemplados no Edital Preservação do Patrimônio Afro-Brasileiro (UFPE e MinC), através de bolsas, o que nos possibilitou digitalizar a documentação do acervo do MNU pernambucano.

congregavam homens e mulheres em torno de algumas pautas de luta, ou em atividades de cunho cultural e/ ou religioso. Por outro lado, nesse universo plural, é importante destacar a singularidade da luta contra o preconceito de cor e suas variantes, onipresente nas organizações, grupos culturais, pautas e demandas políticas.

Nesse sentido, este é um tema que perpassa as entrevistas. Não se trata apenas de entender o preconceito de cor e as diferentes nuances do racismo à brasileira, mas através das entrevistas poder compreender as diversas e múltiplas formas de discriminação que conformaram as experiências dessas pessoas e da sociedade brasileira. Quando nos referimos ao preconceito de cor, e ao racismo à brasileira, estamos afirmando a existência de problemas relacionados com o tom da pele e tipo físico das pessoas (cabelo, lábios, cor propriamente dita, entre outros aspectos), que constituem objetos de exclusão e problemas de diversas ordens. As questões da cor, por sinal, constituem também um problema no interior dos movimentos sociais negros, quando estes questionam a legitimidade dos seus militantes por um espectro de cores. Acreditamos que não se pode compreender a história do Brasil sem levar em consideração este dado importante. O preconceito de cor, bem como os diferentes tipos de racismo, perpassa as instituições e as relações sociais, e não se circunscreve às relações interpessoais.³

3 Ao nosso ver, é importante definir a existência de diferentes tons de pele presentes na sociedade brasileira, uma vez que as relações entre os seres humanos ocorreram (e ocorrem) em níveis distintos daqueles existentes nos EUA, o que nos faz rever os usos dos termos “negros” e “brancos” numa perspectiva binária. A complexidade do contexto brasileiro, em que pessoas não brancas se reconhecem em meio a um gradiente marcado pelos polos negro e branco, exige respostas que deem conta de um delicado e tenso processo eivado de inúmeras especificidades. Munanga (2009), ao discutir sobre as questões relacionadas com a identidade nacional em confronto com a mestiçagem, mostra que os brasileiros se reconhecem em mais de cento e noventa diferentes categorias, e este é um dado fundamental para os que desejam compreender os modos e formas

Essas discussões sobre o preconceito de cor e os diferentes tipos de racismo não se restringem a esses movimentos sociais negros, pois estes mesmos buscaram estabelecer relações com a política partidária e sindical. As atuações de alguns desses atores indicam a pluralidade de frentes, a exemplo dos protagonismos de Lindivaldo Júnior (atuação no Partido dos Trabalhadores, simultâneo ao MNU), Marcos Pereira (Atuação no Sindicato dos Bancários, CUT e MNU), entre outros.

Os homens e mulheres entrevistados tiveram atuações marcantes desde o final dos anos 1970, momento de construção de grupos como o CECERNE e o Movimento Negro do Recife, passando pelas décadas de 1980 e 1990, em que uma nova geração irá construir o Movimento Negro Unificado (MNU) em Pernambuco, e atuar em organizações culturais, a exemplo de afoxés, maracatus, teatro, grupos de dança, entre outros. Nos anos 2000, esta geração, integrada por novos membros, irá compor as secretarias e núcleos governamentais que irão lidar com a questão das políticas afirmativas no âmbito das estruturas institucionais.

Apesar de representativas, referindo-nos às escolhas dos entrevistados, algumas ausências certamente poderão ser notadas, pois não tivemos condições plenas de gravar/filmar todas as pessoas que desejávamos. Nesse sentido, sabemos que o conhecimento que produzimos possui lacunas e limites, mas, nem por isso, é destituído de objetividade e método. A seleção e a organização dos trechos apresentados neste livro se deram a partir dos temas que emergiram nessas entrevistas, contudo a escolha destas foi feita com o

como os brasileiros estabelecem hierarquias e padrões entre si. Aqui se deve levar em conta o fato de que a cor não é vista apenas em duas modalidades. É fundamental constituir um repertório teórico que traduza os eventos e fenômenos existentes na sociedade brasileira, sem que se tome como referência categorias balizadas nas Ciências Sociais norte-americanas, pois estas não são suficientes para o entendimento das especificidades brasileiras.

intuito de buscar temas em comum entre os entrevistados, a exemplo de suas representações sobre acontecimentos, personalidades ou eventos de um passado em comum. Como parte desse processo, observem-se as experiências com maracatus, afoxés, lideranças de determinados grupos, e personalidades da história, como Zumbi dos Palmares.

Os temas que emergiram dessas entrevistas, e que permitiram a feitura dos recortes presentes neste livro, podem ser agrupados nas seguintes temáticas: 1) Reconstrução dos movimentos negros e as gerações que deles fizeram parte em Pernambuco (surgimento do Movimento Negro do Recife, CECERNE, Frente Negra em Pernambuco, Encontro de Negros do Norte e Nordeste e a transição do Movimento Negro do Recife para o Movimento Negro Unificado, os embates entre as lideranças, as visitas para a Serra da Barriga, o choque de gerações e a fundação do Coletivo de Entidades Negras de Pernambuco – CENPE); 2) Movimentos Negros e Cultura, entre os quais se destacam o samba reggae, a Terça Negra, a Abertura do Carnaval da cidade do Recife com os maracatus, afoxés e a Noite dos Tambores Silenciosos, o Balé Primitivo, as escolas de samba, o Maracatu Leão Coroado, entre outros); 3) Racismos e experiências vividas; 4) Religião e identidade; 5) África; e 6) Personagens marcantes e memórias.

O leitor poderá acompanhar nesses trechos recortados das entrevistas diversos debates, a exemplo da discussão sobre a construção da negritude em Pernambuco, ou seja, sobre como esses sujeitos formam uma identidade enquanto negros, assim como sobre os contextos familiares e sociais que contribuíram para a tomada de consciência; as influências culturais e políticas, assim como as referências intelectuais que contribuíram para a construção dos movimentos sociais negros, além da construção de redes entre os militantes de diferentes espaços/lugares, interligando as discussões entre São Paulo, Alagoas, Maranhão, Bahia, entre outros lugares;

uma forte articulação com grupos políticos de esquerda no Brasil, desde a repressão durante o final da ditadura militar nos anos 1970, e a construção do Partido dos Trabalhadores, até a formação das primeiras organizações sociais e as suas estratégias de luta.

Entre os temas históricos, sobressaem nas entrevistas discussões sobre o Centenário da Abolição em 1988, bem como a Constituinte. Em decorrência, há também alusões aos movimentos quilombolas em Pernambuco. Há uma particular atenção para as discussões sobre Zumbi dos Palmares, e a patrimonialização da Serra da Barriga. Esse tema está fortemente imbricado com a afirmação do 20 de novembro e a luta pelo reconhecimento do dia da Consciência Negra. Sobre os anos 1990 sobressaem as discussões em torno da Marcha, em 1995, alusiva ao tricentenário do assassinato de Zumbi dos Palmares, e, em seguida, a formação do Grupo de Trabalho, durante a presidência de Fernando Henrique Cardoso, para discutir medidas efetivas de promoção da igualdade racial.

Muitos outros temas foram tratados, e o leitor aqui encontrará uma entre muitas abordagens possíveis das entrevistas realizadas, que se encontram disponíveis na íntegra na Rede Nacional de Pesquisa (RNP).⁴ Esta pesquisa resulta de uma confluência de elementos combinados, a exemplo de uma atuação no campo enquanto atores e agentes culturais (Ivaldo Marciano, mestre maracatuzeiro já há muitos anos, e Isabel Guillen, atuando nos maracatus a partir dos primeiros anos do século XXI – ambos com intensa atuação conjunta no Maracatu Cambinda Estrela por quase dez anos ininterruptos).

Do ponto de vista metodológico, optamos por fazer entrevistas de história oral sob o formato de histórias de vida. Apesar de termos um roteiro de questões a serem formuladas para cada um dos entrevistados, nós procuramos não conduzir as entrevistas (as

4 O canal do LAHOI no Youtube há pequenos trechos das entrevistas e, na descrição, o *link* para a entrevista integral na Rede Nacional de Pesquisa. Ver: https://www.youtube.com/playlist?list=PLnHNLcoAZtUQovC1m2HBd_rIR8o4q37xc

denominadas entrevistas semiestruturadas), propiciando certa liberdade e fluência da memória do entrevistado. Tal escolha nos permitiu abordar a forma como as pessoas pensaram suas experiências, o aprendizado, as relações sociais, lutas, resistências e estratégias que pautaram suas vidas. O leitor poderá observar que as entrevistas lhe permitirão abordar a história contemporânea do Brasil e de Pernambuco por outras perspectivas, sem contar que as reflexões efetuadas nas mesmas são atuais, e talvez se surpreenda ao perceber que foram intensamente discutidas por esses sujeitos desde décadas atrás.

Por último, mas não menos importante, gostaríamos de agradecer aos entrevistados, por nos cederem seu tempo, colocando-se à disposição dos entrevistadores durante horas, “sendo interrogados” sobre temas alusivos às suas vidas e história. Além disso, também gostaríamos de agradecer por todo material/documentos doados ao Laboratório de História Oral (LAHOI), que nos ajudaram a esclarecer dúvidas, levantar novas questões.

Agradecimentos especiais ao Funcultura, à Facepe, ao CNPq, ao Ministério da Cultura e à Universidade Federal de Pernambuco por todo suporte material e estrutura de pesquisa que nos permitiu desenvolver este trabalho. Não poderíamos deixar de mencionar os agradecimentos carinhosos a toda equipe que fez o LAHOI nestes anos, representados na pessoa de Angelina. Foram muitos os estudantes que passaram pelo LAHOI, de diversas áreas do conhecimento, mostrando o quão rico e promissor é o estudo interdisciplinar e em laboratório (equipe). Eles foram responsáveis por auxiliar nas entrevistas, editar, transcrever, fazer os canais de divulgação do trabalho realizado, fazer cópias para preservar o acervo e também pela própria organização do mesmo. Este livro é uma pequena amostra de todo o trabalho e empenho de mais de uma dezena de pessoas comprometidas com o trabalho em laboratório, e a todos agradecemos imensamente.

Por fim, ao final desta apresentação, gostaríamos de reafirmar que este projeto nos permitiu, de alguma forma, levarmos ao grande público uma história que ficou durante muitos anos invisibilizada, ou silenciada. Destacamos que esta história nos permite tecer considerações sobre as relações sociais e políticas na sociedade brasileira, nas quais os atores negros são figuras indispensáveis para uma plena compreensão da nossa história. Esse é um dado que não mais pode ser silenciado.

Os movimentos negros de Pernambuco

Questões e debates¹

Durante muito tempo tornados invisíveis na história da República brasileira, a participação de homens e mulheres negras como constitutivas da nossa sociedade é um dado que esperamos só venha a ser mais presente na historiografia. Neste capítulo temos como foco a memória e a história dos movimentos sociais negros em Pernambuco, as relações políticas e interpessoais na formação de grupos e movimentos sociais, bem como as relações construídas por seus militantes com a cultura dita negra nas décadas de 1970 até os anos 2000. É importante ressaltar que não tomamos por pressuposto a

¹ Este capítulo é uma versão modificada de excertos de artigos já publicados, a saber: LIMA, Ivaldo Marciano de França. Negro, mostra sua cara! Movimento negro em Pernambuco e suas expressões culturais. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins; GRILLO, Maria Ângela de Faria. (Org.). *Cultura, cidadania e violência*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 157-176; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Ancestralidade e oralidade nos movimentos negros de Pernambuco. *África(s)*, v. 3, n. 6, 2016; GUILLEN, Isabel Cristina Martins; LIMA, Ivaldo Marciano de França. História e Memória da Negritude Pernambucana em ritmos, cores e gestos: 1970-1990. *Territórios e Fronteiras*, v. 5, n. 2, p. 261-274, 2012; GUILLEN, Isabel Cristina Martins. África e cultura afrobrasileira: imbricações entre história, ensino e patrimônio cultural. *Clio: revista de pesquisa histórica*, n. 26.2, 2010.

existência de um movimento negro, mas de movimentos negros, pensando a pluralidade de posicionamentos a respeito da afirmação da identidade negra e do combate ao racismo. Buscamos entender a multiplicidade e diversidade de posições políticas e identitárias que contribuíram para configurar um campo político e cultural que podemos denominar de “negritude”, e este era, sobretudo, polissêmico e plural.² Também é importante ressaltarmos que nosso conceito de movimento social negro está diretamente relacionado com o fato de que tanto uma entidade organizada em âmbito nacional, dotada de programa e estatutos, como um terreiro de candomblé/xangô ou maracatu, se constituem em grupos que podem ser entendidos como parte deste movimento social. Importa esta afirmação para definir, a partir das entrevistas que realizamos, que tanto um integrante de afoxé, como de um maracatu, pode ser visto e entendido como militante de organizações que fazem movimento negro, principalmente se levarmos em conta que no Recife e em Olinda prevaleceu a estratégia de aliar militância política e atuação cultural, no que Hanchard denominou de “saída pelo cultural”.³

Destacamos que este tipo de pesquisa tem o mérito de dar relevância histórica à experiência de militantes que atuaram em movimentos que foram considerados por uma história “oficial”, por muito tempo, como não significativos do ponto de vista político. Os movimentos sociais negros pernambucanos não tiveram sua

2 Em relação ao conceito de “negritude”, estamos nos referindo ao termo expresso pelos movimentos negros brasileiros, em contraponto a ideologia da democracia racial. Importa para esta discussão, entretanto, afirmar que o movimento homônimo, construído pelos intelectuais Aimé Cesaire e Leopold Senghor, possui forte influência na constituição da negritude expressa nos textos, atos e discursos de vários militantes negros brasileiros. Sobre negritude, em seus diferentes sentidos, ver: MUNANGA, Kabengele. *Negritude: uso e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

3 HANCHARD, Michael, George. *Orfeu e o poder: movimento negro no Rio e em São Paulo (1945-1988)*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

importância reconhecida pela academia local, sobretudo no que diz respeito à formação de movimentos culturais, essenciais para a compreensão das suas identidades. Este é um dado que se reflete no diminuto número de teses e dissertações que enfocaram este tema como objeto de estudo, nos diversos programas de pós-graduação da UFPE, por exemplo.⁴ Vale ressaltar que os militantes desses movimentos negros protagonizaram uma história que ainda hoje está por ser escrita, dado a pequena quantidade de trabalhos acadêmicos e sua pouca circulação, devido principalmente à falta de documentação sistematizada.⁵

Os movimentos negros em Pernambuco e a historiografia

Os anos 1970 foram marcados pelo recrudescimento dos movimentos sociais, e por uma diversidade e pluralidade de manifestações culturais no cenário nacional. Nessa década o MNU (Movimento Negro Unificado) surge a partir da união de uma série de outros movimentos negros, quase todos de caráter regional. Este processo foi também o responsável pelo aparecimento de grupos culturais, afoxés, blocos afro, como o Ylê Ayiê e Olodum, entre outros. Não há

-
- 4 Exceção deve ser feita à dissertação de SILVA, Maria Auxiliadora Gonçalves da. *Encontros e desencontros de um movimento negro*. Brasília: Fundação Palmares, 1994. Antes deste trabalho foi publicado: FERREIRA, Sylvio José B. R. *A questão racial negra em Recife*. Recife: Edições Pirata, 1982. Para uma discussão da questão racial em Pernambuco, ver: SALES JR., Ronaldo. *Raça e justiça: o mito da democracia racial e racismo institucional no fluxo de justiça*. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
 - 5 Sobre os movimentos negros pernambucanos, ver também: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e a África: história dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-2000)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010; QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. *Onde cultura é política: movimento negro, afoxés e maracatus no Carnaval do Recife (1979-1995)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

como se pensar os movimentos negros fora desse contexto nacional, em que a luta pela redemocratização dá o tom das questões políticas, ao mesmo tempo em que entra em pauta um grande número de outras reivindicações, como os movimentos feministas, de gays e lésbicas, por exemplo.

O MNU, nesse processo, dá corpo à campanha de questionamento do dia 13 de maio como marco na história dos negros e negras brasileiros, processo este que culminou com a reivindicação de que o 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares, fosse considerado o dia da consciência negra. Todos os aspectos culturais sofreram o impacto dessas mudanças, não é demais ressaltar.

Nesses anos assistimos à positivação de Zumbi como líder e símbolo maior dos negros e negras brasileiros, bem como o “resgate” de outros importantes personagens para esta história. Os maracatus serão, nesse contexto, objetos dos militantes negros que atuarão no interior de alguns grupos, (Leão Coroado e Elefante) assim como contribuirão para a reativação de outros, a exemplo do Sol Nascente. Os afoxés podem ser apresentados como um dos muitos resultados da intervenção dos militantes e ativistas negros no estado de Pernambuco. O primeiro deles a ser fundado é o Ylê de África, que reunia vários militantes do MNU, bem como simpatizantes e membros de outros grupos negros.⁶

São evidentes também as investidas destes militantes na reformulação de vários terreiros da religião dos orixás, e da jurema. E em alguns casos o antigo nome da religião dos orixás em Pernambuco – xangô, será trocado por outro de maior visibilidade – candomblé. Na cena teatral, em Pernambuco, Paulo Viana desde a década de 1960

6 Sobre os afoxés em Pernambuco, ver: LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés em Pernambuco: usos da história na luta por reconhecimento e legitimidade. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 146-159, 2009; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés: manifestação cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma história social dos afoxés. *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 16, n. 21, p. 89-110, 2009.

exercia forte influência na posituação da cultura negra através da Noite dos Tambores Silenciosos. Nenhum desses movimentos pode ser pensado dissociado da luta contra a discriminação racial, e da desconstrução da tão aclamada “democracia racial”. A desconstrução desta ideologia tomou vulto ao longo dos anos 1970, e foi reforçada nos anos 1980, principalmente com o debate ocorrido durante as comemorações do centenário da abolição.

Apesar de podermos descrever de maneira geral este rico cenário, se quiséssemos nos ater a detalhes ou mesmo a formular questões mais complexas a respeito dos movimentos negros em Pernambuco, esbarraríamos numa séria falta de documentação e até mesmo uma bibliografia sobre o tema, conforme já apontamos. Nos outros estados do Brasil, ainda que em menor volume em relação aos temas acadêmicos e culturais considerados mais relevantes, podemos encontrar nos arquivos e bibliotecas algumas informações mínimas sobre a história dos movimentos sociais negros. Observamos que, recentemente, as editoras nacionais têm publicado importantes trabalhos sobre a história e memória dos movimentos negros nesse período, a exemplo da coletânea organizada por Márcia Contins, publicada no Rio de Janeiro, e que transcreve uma série de entrevistas realizadas com importantes militantes do movimento negro do Rio de Janeiro, ou o trabalho de Verena Alberti e Amílcar Pereira.⁷ Em Pernambuco, além dos trabalhos já citados e desenvolvidos por Silvio Ferreira e Maria Auxiliadora Gonçalves da Silva, em um encontro da ANPUH regional de Pernambuco organizamos uma mesa redonda para debater o tema, cujos trabalhos foram publicados.⁸ Aos poucos, dissertações

7 CONTINS, Márcia. *Lideranças negras*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Aeroplano, 2005; ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. *Histórias do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, CPDOC-FGV, 2007.

8 LIMA, Ivaldo Marciano de França. Negro, mostra sua cara! Movimento negro em Pernambuco e suas expressões culturais. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins;

e teses sobre a cultura dita negra em Pernambuco começam a ser defendidas, em diversas áreas do conhecimento.

Para Pernambuco, a ausência de documentação e bibliografia tem contribuído para a consolidação de uma visão homogênea da cultura pernambucana, em que os negros e as negras não têm visibilidade nem papel destacado. Ao produzirmos e colocarmos em circulação a memória da experiência histórica vivida, pensamos contribuir para mostrar a pluralidade dessa cultura bem como sua diversidade. Podemos encontrar na memória dos militantes e daqueles que faziam a cultura negra na cidade elementos para se discutir as escolhas político-culturais que vão conformar um modo de ser negro no Recife nas décadas de 1970 a 2000.

Não podemos deixar de ressaltar que se constituía em uma estratégia dos movimentos negros para a positivação dessa identidade o imenso esforço despendido para criar visibilidade para negros e negras na cena cultural estadual. Para muitos militantes era essencial que negros e negras aparecessem nos espaços das cidades de Recife dedicados às atividades culturais, e que tradicionalmente não eram considerados lugares para os negros estarem. Sair às ruas no Carnaval, ou mesmo toda semana pelas ladeiras de Olinda com os afoxés, foi tido como atividades que marcavam a presença de uma cultura negra e que deveria contribuir para que toda a sociedade repensasse ideias e valores acerca dessas atividades culturais. Dessa forma, pensava-se, estariam contribuindo para a desconstrução do que nomeavam por mito da democracia racial.

É fundamental destacar, portanto, que esses grupos culturais, bem como os diversos movimentos negros que existiram no período

GRILLO, Maria Angela de Faria. (Org.). *Cultura, cidadania e violência*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 157-176; SOUZA, Maria Aparecida de O. Os movimentos negros e a construção das identidades. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins; GRILLO, Maria Angela de Faria. (Org.). *Cultura, cidadania e violência*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p.177-192.

formaram-se historicamente como espaços públicos diferenciados, em que negros e negras podiam se encontrar e trocar experiências. Foram igualmente focos de importantes discussões políticas para o movimento negro e a negritude, como também para a cultura negra. Essa geração, formadora e consolidadora do movimento, documenta um determinado ponto de vista sobre uma época, o movimento negro e a cultura negra, tanto do ponto de vista biográfico, como do ponto de vista da militância, se considerarmos que essa geração viveu experiências singulares na história dos movimentos negros no Brasil. Seus anos de militância, e a distância temporal dos dias de hoje já lhes permite estabelecer com essa experiência certo “olhar distanciado” em relação aos movimentos que participaram nos anos de sua juventude, o que lhes permitirá avaliar retrospectivamente a participação nos movimentos negros em sua relação com os movimentos políticos e culturais do período.

Ao mesmo tempo, do ponto de vista da experiência vivida e de sua subjetividade, a memória dessa geração trouxe à tona o processo de construção de uma identidade negra, da experiência de ser negro num dado período histórico em que a tônica era dada pela perspectiva de que no Brasil existia uma democracia racial, que fazia com que o preconceito e a discriminação aparecessem como não-existentes. Nesse sentido, a experiência de ser negro nesse período foi fortemente marcada pela luta contra a discriminação racial e pela desconstrução do que nomeavam por mito da democracia racial. Esta singularidade irá marcar a formação das entidades e organizações dos movimentos sociais negros em Pernambuco.

A constituição do movimento negro em Pernambuco

Não se pode falar de ausência dos movimentos negros em Pernambuco antes dos anos 1970, mesmo que alguns de seus militantes neguem, em certa medida, as contribuições de Vicente Lima e a

Frente Negra Pernambucana, e mais tarde a atuação de Paulo Viana e Edvaldo Ramos nas entidades culturais e nos terreiros religiosos.

Participante ativo da extinta Frente Negra Pernambucana e fundador do Centro de Cultura Afro-Brasileiro, Vicente Lima é um nome que não pode ser esquecido na história do movimento social negro pernambucano, juntamente com o de Solano Trindade. Nos anos 1930 colaborou com a equipe de Ulysses Pernambucano no estudo sobre os terreiros, e publicou um livro intitulado *Xangôs*, no qual expressou suas opiniões a respeito de questões diversas e a sua experiência como participante do grupo.⁹ Nesse momento, a preocupação maior de Vicente Lima era que a elite branca reconhecesse os negros como iguais, e para tal era fundamental que estes deixassem de lado suas práticas e crenças por ele consideradas superstições que só atrasavam os negros no Brasil. Ainda nessa década participou da Frente Negra, e em 1992, Vicente Lima declarou ao jornal *Djumbay*:

Minha militância começou pela Frente Negra Pernambucana. O movimento denominado “Frente Negra” surgiu em São Paulo e Pelotas-RS por volta de 1930, e no Recife, em 1937. Em São Paulo, foi uma reação contra a proibição da visita de negros à rua do Triângulo e da dança de negros em lugares considerados como de frequência para brancos. Em Pernambuco, a Frente Negra chegou com a visita de Barros, o “Mulato” do Rio Grande do Sul. Juntamente com Solano Trindade, José de Albuquerque, Gerson Monteiro de Lima, conseguimos criar a Frente Negra Pernambucana.¹⁰

Esta organização teve vida efêmera e foi substituída, durante o Estado Novo, pelo Centro de Cultura Afro-Brasileira (CCAB), dirigido por Vicente Lima, que tinha por objetivo, “elaborar estudos e pesquisas” sobre as manifestações culturais afro-brasileiras, mas sobre

9 LIMA, Vicente. *Xangô*. Recife: Jornal do Commercio, 1937.

10 *Djumbay*, n. 1, mar. 1992, p. 3.

as atividades que desenvolveu nessa instituição pouco sabemos. Esta entidade não sofreu solução de continuidade por muito tempo e a paralisação de suas atividades coincide com a periodização acima proposta, de que após o golpe do Estado Novo as organizações do movimento negro passaram por relativa paralisia

Solano Trindade é indubitavelmente o grande ícone de setores do movimento negro pernambucano, e ainda hoje é referência para muitos dos militantes e ativistas culturais negros. Foi um dos fundadores da Frente Negra Pernambucana, e ainda na década de 1930 muda-se do Recife para Belo Horizonte e posteriormente para o Rio de Janeiro, onde passa grande parte de sua vida. Solano Trindade contribuiu na criação do Teatro Experimental do Negro junto com Abdias do Nascimento, e posteriormente no início dos anos 1950, fundou, juntamente com Edson Carneiro, o Teatro Popular Brasileiro.¹¹

Afora essas primeiras atividades nos anos 1930, uma movimentação maior em torno da cultura dita afro brasileira só ganhará visibilidade em Pernambuco na década de 1950, pós Estado Novo. Foi nesse período que Paulo Viana começou a atuar entre os grupos culturais de negros (maracatus, terreiros, escolas de samba).

Paulo Viana foi jornalista do *Diário da Noite* e do *Jornal do Comercio* e é um dos nomes mais significativos para se entender as questões relacionadas aos movimentos negros pernambucanos nos anos de 1960, 1970 e início da década de 1980. Suas ideias a respeito dos maracatus-nação constituírem verdadeiros reinados, por exemplo, mostra seus propósitos em fugir das caracterizações mais comuns entre os estudiosos e folcloristas.¹² Paulo Viana via na

11 Sobre Solano Trindade ver: TRINDADE, Solano. *O poeta do povo*. Ediouro Publicações, 2008.

12 VIANA, Paulo. Carnaval de Pernambuco. In: SILVA, Leonardo Dantas; MAIOR, Mário Souto. (Org.). *Antologia do Carnaval do Recife*. Recife: Massangana/Fundaj, 1991, p. 311-313; VIANA, Paulo. O maracatu nação do Elefante desaparecerá com

cultura um importante campo de batalha e de divulgação da problemática racial e por isso mesmo que primou em articular e construir um evento, a Noite dos Tambores Silenciosos, em que os maracatus-nação, manifestação cultural com maior legitimidade no que tange a negritude, prestassem homenagens aos ancestrais africanos. Tudo isso em meio a uma teatralização e a declamação de poesias aludindo a ancestralidade e a ligação saudosa com o continente africano. Foi também o presidente do Clube Carnavalesco Lenhadores, e desta forma, imprimiu a esta agremiação um caráter inovador, qual seja, a de um clube carnavalesco que promovia cursos de profissionalização e de comemorações das datas significativas para os negros e negras, que na época ainda estavam relacionadas com o 13 de maio. Evidentemente que as posições a respeito das relações raciais não eram as mesmas dos atuais militantes negros, mas ainda assim pode-se considerar bastante emblemática a presença de Paulo Viana, juntamente com Edvaldo Ramos nas primeiras reuniões para a criação do CECERNE.

Edvaldo Ramos foi outro ativista cultural que não podemos deixar de mencionar, pois exerceu diversas atividades ligadas aos grupos culturais a partir da década de 1960. Edvaldo atuou como presidente da Federação das Escolas de Samba de Pernambuco e manteve uma coluna semanal no *Diário da Noite*, em 1980, intitulada *Movimento Negro*, e outra na *Folha de Pernambuco* no ano de 1989, intitulada *Orixás*. Nestas colunas procurava desmistificar as religiões de orixás, e entidades, mostrando que as mesmas não estavam associadas ao mal, como se divulgava (ainda bem que isto é coisa do passado!). Apregoava a história da cultura negra, fornecendo elementos para que estes tivessem orgulho de seu passado. Edvaldo também enfatizava com insistência que o samba pernambucano

sua rainha. *Diário da Noite*, Recife, 7 jan. 1958; VIANA, Paulo. Os grandes e legítimos maracatus cedem lugar a grupos sofisticados. *Diário da Noite*, 13 jan. 1958.

não deveria ser tratado como estrangeiro, destoando da imensa maioria dos intelectuais e folcloristas que hostilizavam a todo tempo este ritmo em nome do frevo. Ajudou Paulo Viana a organizar a Noite dos Tambores Silenciosos no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Possuiu também intensas articulações com Badia, afamada mãe de santo e carnavalesca do Bairro de São José, ajudando na organização de vários eventos promovidos pelo terreiro desta.

Apesar de intrinsecamente ligado a alguns nomes que se sobressaíram, ou ficaram na memória, nem por isso se pode deixar de reconhecer que tiveram atuação no sentido de formar um movimento cultural que colocasse negros e negras em evidência, num contexto marcadamente difícil para estas práticas culturais. Conforme salientou Sylvio Ferreira:

Em Pernambuco, a organização de uma entidade em bases raciais distintamente de outros estados do Brasil – como São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia certamente – tem revelado ser uma atividade bastante espinhosa e que precisa de muita habilidade, tato ou cautela na sua realização. [...] A realidade sócio-racial pernambucana, no meio negro, revela, para qualquer observador um pouco mais atento, várias especificidades em comparação a outros estados brasileiros que merecem, sem dúvida, serem levadas em consideração.¹³

Alguns militantes defendem a ideia de que movimento negro só é feito por entidades organizadas nacionalmente, com programa e estatuto, advindo dessa concepção a rejeição à ideia de que os terreiros, maracatus e escolas de samba fossem parte do movimento, revelando os debates que o marcaram fortemente já no final dos 1970 e ao longo dos anos 1980. Este é um dos motivos para explicar o fato de Paulo Viana e Edvaldo Ramos não terem o reconhecimento

13 FERREIRA, Sylvio José B. R. *A questão racial negra em Recife*. Recife: Edições Pirata, 1982, p. 53.

como ativistas do movimento negro, fazendo com que a periodização reconhecida por alguns militantes atuais se restrinja à fundação do Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra (CECERNE) no final dos anos 1970.

No período caracterizado como de rearticulação (1945 a 1975) os negros e negras pernambucanas foram pouco a pouco constituindo seus debates e lutas visando a construção de uma nova organização que permitisse a implementação política da luta contra o racismo e a denúncia da democracia racial.

O CECERNE

Em linhas gerais, o movimento negro pernambucano teve sua rearticulação marcada pela fundação do CECERNE no ano de 1979. Com as fundações do IPCN – Instituto de Pesquisa e Cultura Negra – em 1975 no Rio de Janeiro, e do Movimento Negro Unificado em São Paulo, os negros e negras pernambucanos criaram o CECERNE, em 1979 dentro de um período de ascensão da discussão sobre a questão racial no país. Deste grupo saíram muitos militantes com o propósito de fundar outras organizações políticas, dos quais o Movimento Negro do Recife, que mais tarde se incorporaria no Movimento Negro Unificado. Além destas duas referências, há que se considerar também o papel desempenhado pelos militantes históricos acima referidos, homens e mulheres negros que em sua ação política articulavam pessoas ao seu redor, em uma entidade cultural ou religiosa.

O CECERNE, Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra, teve uma vida relativamente curta, não mais do que uns poucos anos, mas ainda assim foi o suficiente para ser considerado ainda hoje por alguns militantes antigos como o precursor do movimento negro em Pernambuco.

Sylvio Ferreira, em sua obra *A Questão negra em Recife*, expõe longamente os motivos que o fizeram deixar a presidência da entidade

ainda no ano de 1980. Deve-se levar em conta o fato de que as posições políticas deste intelectual e militante negro foram, em grande medida, fortemente influenciadas por muitas das ideias de Gilberto Freyre. No prefácio do livro, Roberto Motta tece algumas considerações a respeito das relações raciais, mostrando um grande nível de concordância com as teorias da mestiçagem propostas por Freyre nas obras em que discute tais questões:

[...] E chegamos a um impasse fundamental de uma ação política organizada do negro em Pernambuco. A compenetração de raças, de sangues, a profunda “confraternização de valores e sentimentos” de que fala Gilberto Freyre em passagem básica de toda a sua obra. Quem é negro e quem é branco? E mesmo se for possível separar na aparência o branco e o preto, o que é que a gente vai fazer do irmão, do primo, ou até do pai e da mãe que ficou do lado de lá? E da mulher, do filho, do amigo? E mesmo se houver neste país algum racismo, não faça o remédio maior mal do que o próprio mal.¹⁴

Esta orientação ideológica pode ser apontada para se entender os motivos que fizeram com que Sylvio Ferreira, segundo o próprio, tivesse os fortes embates e as querelas com Abdias do Nascimento, provocando também o seu afastamento do CECERNE. A forte influência de Gilberto Freyre, considerado como o maior propagandista da existência de uma democracia racial no nosso país, não permitia uma militância com mais ênfase por parte de Sylvio Ferreira. E o seu relato no livro já citado evidencia bem as dificuldades em se fazer movimento negro em Pernambuco:

Talvez por conta de que o fator cor ou raça aqui em Pernambuco se encontra fortemente diluído. Quase que constituindo-se regra geral, a população negra se encontra largamente

14 Motta, Roberto. Prefácio. In: FERREIRA, Sylvio José B. R. *op cit.*

mestiçada, e uma vez mestiçada recusa-se a ser vista ou tratada como se negra fosse.¹⁵

O CECERNE, no entanto, apesar de suas ambiguidades relacionadas ao discurso de Sylvio Ferreira, serviu como ponto de partida para que outros organismos políticos fossem criados.

O Movimento Negro do Recife

Diante das dificuldades vividas no interior do CECERNE, parte significativa de seus militantes optou por criar uma nova organização, batizando-a de Movimento Negro do Recife. Esta organização representou a transição entre o período de construção do CECERNE e o ingresso em uma entidade de âmbito nacional, fundada no calor das lutas contra o racismo sofrido por quatro jovens negros no Clube de Regatas Tietê, no ano de 1978, em São Paulo. Nas palavras de Auxiliadora, esta organização negra surgiu da seguinte forma:

[...] sendo assim o CECERNE passa a ser o Movimento Negro do Recife. Mais tarde, mesmo com o estatuto já definido – assim com o CECERNE anteriormente – o MNR sente que pela necessidade de uma prática social e política aprofundada deveria integrar-se ao Movimento Negro Unificado – MNU, do qual receberia subsídios suficientes para os objetivos desejados e concernentes ao desempenho de um movimento negro. Dessa nova fase, fizeram parte do MNU Recife algumas pessoas do período do CECERNE como Inaldete Andrade, Irene Souza, Wanda Chase, Clenise Valadares, Sidney Felipe, Tereza França, Jorge Morais, Gilson Santana (Meia-Noite) e Maria Nogueira; e novos como Marcos Pereira, Telma Chaise, Marta Rosa, Jandira Mendes, entre outros.¹⁶

15 FERREIRA, Sylvio José B. R. *op cit*, p. 53

16 SILVA, Maria Auxiliadora Gonçalves da. *Encontros e desencontros de um movimento negro*. Brasília: Fundação Palmares, 1994, p. 60.

Entre os nomes listados por Maria Auxiliadora, alguns despontam por serem relativamente conhecidos, como é o caso de Telma Chaise, que ocupou a presidência do Maracatu Nação Leão Coroado durante o período em que o MNU esteve à frente deste grupo, e Gilson Santana, o principal articulador do Daruê Malungo, que atuou por décadas como entidade cultural na comunidade de Chão de Estrelas.

A partir deste preâmbulo, o leitor irá encontrar nos depoimentos transcritos não só o processo de formação do MNU em Pernambuco, mas também as diversas pautas e agendas de luta e atuação desses movimentos sociais negros. Em todos eles, a atuação na cultura foi um denominador comum, a despeito das diferentes formas como foi entendida pelos militantes e organizações.

Cultura e Política nos Movimentos Negros em Pernambuco

Há que se considerar as muitas dificuldades para se escrever uma história do movimento social negro pernambucano, em virtude da ausência de documentação sistematizada e disponível em arquivos, bem como os (pre)conceitos que ainda circundam parte dos intelectuais pernambucanos para com este tipo de movimento, como já salientamos, e que torna a tarefa difícil para aqueles e aquelas que enveredam por estes caminhos. No entanto, na grande imprensa, a cultura dita negra gradativamente ganha visibilidade, para além dos maracatus, aparecendo nos anos 1980 e 1990 notícias diversas sobre outros grupos culturais, a exemplo dos afoxés, grupos de dança afro, reggae e samba-reggae. Algumas datas começam a ser anualmente discutidas com maior ênfase nos jornais de grande circulação, como o 20 de novembro, uma vez que os movimentos sociais negros não deixavam passar “em branco” data tão significativa, promovendo shows, passeatas e discussões diversas, ressignificando a história do quilombo dos Palmares e de Zumbi. Entre os diversos grupos culturais surgidos no período, vale destacar que

contribuíram significativamente para a formação das identidades culturais na constituição de uma negritude no período.

A denominada “saída pelo cultural”, que tanto pautou as discussões historiográficas na década de 1990, é um tema recorrente nas entrevistas realizadas. Essa discussão esteve presente em todos os estados da federação em que houve movimentos negros organizados, e em Pernambuco não seria diferente. Na Bahia, notadamente em Salvador, essa discussão foi empreendida pelos grupos como Olodum e Ylê Ayê, e se observa com grande nitidez esse debate. Outros grupos similares, a exemplo do Malê Debalê e Muzenza Nagô indicam que esta efervescência se constituiu em caminho a ser seguido por estes grupos. Aliás, muitas organizações em Pernambuco também optaram por este caminho, qual seja, fazer política também a partir da atuação na cultura, em meio às festas, eventos e manifestações culturais. Sem deixar de mencionar a atuação nos terreiros de candomblé, jurema e umbanda. Não é demais ressaltar que, para muitos dos entrevistados, estabelecer uma dicotomia entre cultura e política não lhes pareceu nunca estratégico do ponto de vista das atuações e formas de inserção dos militantes entre as populações de cor no Recife.

Várias entrevistas feitas com alguns (algumas) militantes negro(a)s pernambucanos, a exemplo das irmãs Telma e Wanda Chase, Inaldete Pinheiro e Zumbi Bahia, mostram que esta escolha não ocorreu de forma tranquila e destituída de tensões. As entrevistas destes militantes apontaram divergências entre as estratégias e táticas tomadas pelos grupos e indivíduos, mas não negam a importância das atividades culturais para os movimentos negros no período. O certo é que esta opção “pelo cultural”, no dizer de Hanchard, não se observa com tanta força nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, e ao que parece, em outras localidades do país. Certamente houve combinação de leituras e contextos locais que favoreceram a adoção de estratégias distintas por parte destes militantes negros brasileiros. Mas, se existiram tensões e divergências, também é

possível citar encontros e convergências. No caso do MNU pernambucano, por mais que seus militantes tenham tecido críticas à opção “pelo cultural” tomada por diferentes militantes e grupos ao longo dos anos 1980 e 1990, ressalte-se que esta entidade, em solo pernambucano, terminou adotando táticas e posturas que em muito dialogaram com a tal “saída pelo cultural”.

A título de exemplo podemos citar a atuação do MNU nos Afoxés, notadamente Alafin Oyó. Houve também uma intensa participação de militantes no Maracatu-nação Leão Coroado. Neste último há que se enfatizar também que quando o MNU se retira, imediatamente é substituído pelo CENPE, que chega a indicar a presidência do maracatu em questão. Há também a presença de grupos de teatro, que em suas peças pautam sempre a questão da discriminação racial. Essa atuação de grupos de teatro foi expressa nas memórias de Ivo Rodrigues e Walter Araújo. Grupos de dança também tiveram grande expressão cultural no período, e entre estes destacou-se o Balé Primitivo, que teve atuação significativa no Recife nos anos 1980. Tal afirmação pode ser atestada pela frequência com que o grupo era objeto de notícias nos jornais *Diário da Noite*, *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*. Dirigido por Ubiracy e Zumbi Bahia, o grupo foi o principal responsável pela articulação do primeiro afoxé a desfilar pelas ruas de Recife e Olinda no já distante Carnaval de 1982. Ylê de África, nome de batismo do afoxé ancestral dos grupos da atualidade

Em 1985, Ubiracy se separou do grupo, passando então a trabalhar sob a chancela de Balé de Cultura Negra – BACNARÉ. Foi sob a articulação deste grupo que no ano de 1985 foi criado, sob o discurso da reativação, o Maracatu Nação Sol Nascente, mostrando que os movimentos sociais negros pernambucanos possuíam visão própria a respeito da dita cultura negra pernambucana. A criação deste maracatu foi entendida como a continuidade das atividades do grupo anteriormente existente, de mesmo nome, e que segundo

Ubiracy pertencera aos seus familiares, algo difícil de comprovar em questões relacionadas com a história.¹⁷

No cenário cultural Pernambuco, portanto, as atividades culturais tiveram enorme expressão política e identitária, responsável pela definição de identidades e também propiciadoras de locais de sociabilidade, discussões e debates, para se encontrar as pessoas, definir estratégias e formas de atuação e luta. As atuações se deram principalmente na criação dos grupos de afoxés, no suporte aos grupos de maracatu-nação mais tradicionais ou mesmo na criação de novos grupos, mas não ficaram restritas a essas manifestações culturais. Houve teatro, dança, capoeira e samba reggae em muitos eventos, encontros, shows e concursos, demonstrando uma vitalidade e potencialidade criadora sem par. Podemos dizer que toda essa potencialidade desagua na Terça Negra, nos anos 2000, e que durante quase uma década manteve a dita cultura negra no cenário cultural recifense, atuante e viva, presente na entrevista realizada com Amaury, um dos principais articuladores da Terça Negra.

Discutindo negritude e desconstruindo a ideologia da democracia racial

Nesse sentido, e em meio ao contexto acima descrito, não é demais reafirmar a importância de se discutir, na história de negros e negras

17 Sobre esta questão relacionada com as ditas reativações ou “resgates” de maracatus que outrora tinham existido, há vários discursos de maracatuzeiros da contemporaneidade que afirmam terem sido seus grupos resultantes de movimentos análogos a estes. Em alguns casos, a exemplo do atual Porto Rico, esta narrativa é complementada com datas de fundação de difícil comprovação, ainda mais quando nos deparamos com a grande quantidade de grupos homônimos existentes no passado. Sobre esta questão relacionada a estas datas, ver: LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Mas, o que é mesmo maracatu nação?* Salvador: EDUNEB, 2013; LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus do Recife: novas considerações sob o olhar dos tempos*. Recife: Edições Bagaço, 2012.

do Recife, o debate sobre a dita democracia racial, sua desconstrução e reconstrução cotidianas, e as estratégias dos movimentos negros organizados em atuar junto aos grupos culturais, afirmando a africanidade dos maracatus num sentido positivado, e incentivando a criação de outros grupos, tais como os afoxés. Estas questões não se dissociam de uma discussão sobre os elementos constitutivos da identidade local (ou regional), sobre a necessidade de promover um debate que a desnaturalizasse. Este é o período em que assistimos a consolidação e legitimação de diversos movimentos negros que colocaram em pauta não só a luta contra a discriminação racial, mas também a negritude, em que as manifestações culturais exerceram papel central na formação de uma identidade negra.

As entrevistas realizadas com as pessoas que participaram dos movimentos sociais negros (e que foram também ativistas de diversos grupos culturais) não tiveram como objetivo central a coleta de dados. Interessava-nos pensar nas razões que levam os sujeitos a ressignificar sua memória, e o papel social que a mesma cumpre nas posições que os movimentos sociais negros, bem como grupos culturais assumem no debate político-cultural da cidade do Recife, além de entender as pequenas tramas e urdiduras desse processo.¹⁸ Interessava-nos, sobretudo, discutir as intrínsecas relações entre a subjetividade e o movimento negro, das experiências pessoais de questionamento e rompimento com a ideologia da democracia racial.

Tendo em vista estas questões, optamos sempre por fazer entrevistas em que o depoente pudesse narrar sua história, sem ser

18 LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 167-182; BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 183-192. LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. (Org.). *A Escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 133-161; REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

conduzido pelos entrevistadores por perguntas prévias. Nosso objetivo foi pensar posteriormente como o depoente organizou sua memória, quais assuntos elegeram para contar e em que momentos dessa narrativa alguns assuntos emergiram, entre os quais destacamos as experiências de discriminação racial. Invariavelmente as experiências vividas na infância foram marcantes não só pelo trauma, mas fundamentalmente por terem proporcionados aos sujeitos o reconhecimento de si como negros ou negras. Portanto, a experiência da discriminação e dos preconceitos de cor vividos na pele, conduziu muitos dos militantes a questionamentos fundamentais, sendo responsáveis para o redirecionamento desses sujeitos para a participação em movimentos sociais e a dedicarem uma vida inteira à militância política.

Muitas das entrevistas realizadas no âmbito destes projetos sinalizaram para esta questão. Em todos os entrevistados é bastante presente a relação entre militância no movimento negro e afirmação de sua negritude. Em muitos, apesar de não relatarem experiências excessivamente traumáticas de discriminação, a necessidade de combater a ideologia da democracia racial não se desvinculava das experiências pessoais, mesmo que difusas e cotidianas. Da memória destes militantes ressalta-se sempre o orgulho de serem negros. Essa afirmação de identidade não foi construída isoladamente, mas no interior do movimento político, ou ao participarem de grupos culturais de negros e negras. Estar juntos na militância contribuía não apenas para um maior engajamento político, mas sobretudo para a afirmação dessa identidade, para a criação de um orgulho de ser negro ou negra, e pertencer a algum grupo cultural.

Pode-se afirmar que, invariavelmente, em um momento ou outro de suas vidas pessoais, as manifestações culturais que frequentaram podem ser consideradas como o lócus onde essa identidade se afirmava e onde o orgulho de ser negro ou negra crescia. Há todo um espaço preenchido por manifestações artísticas

e culturais, como os grupos de maracatus e afoxés, teatro e dança, por exemplo, frequentados por nossos entrevistados. Nesse universo, o principal efeito era a valorização do negro – o que alguns chamam de elevação da autoestima. Eram espaços que congregavam também os militantes ou pessoas em que a constituição de uma identidade negra encontrava nesses espaços lugar para se afirmar e positivar. Locais em que uma estética negra foi sendo elaborada, em que andar de tranças ou ouvir samba reggae ultrapassava as fronteiras da mera diversão. Este é efetivamente o grande filão das entrevistas realizadas e da documentação levantada. A experiência de Martha Rosa Figueira de Queiroz é exemplar, nesse sentido. Tão logo ingressou no MNU, participou também do maracatu Leão Coroado, de Luís de França, que no período encontrava dificuldades para desfilar. Segundo Martha Rosa, o maracatu era, na época, “o máximo do que exist(ia) da negritude pernambucana”.¹⁹ Isto não a impediu de participar dos afoxés, e de inclusive dirigir um dos mais importantes para os movimentos negros em Pernambuco, o Alafin Oyó, nem de criar um bloco afro no Carnaval, o Arrastão Zumbi.

Para muitos militantes, da forma como reconstruíram sua trajetória de vida nas entrevistas realizadas, não se pode dissociar a experiência vivida do movimento político. O combate a ideologia da democracia racial se fazia cotidianamente na própria construção da identidade, inscrito em seus corpos, modos de trajar, cabelos e adereços construídos para afirmar a beleza negra. Esta é uma relação que fica muito evidente na entrevista de Rosilene Rodrigues dos Santos, que encontra nos ensaios dos afoxés, espaços em que participava com suas amigas, oportunidade para afirmar uma identidade negra. Convidada para ser manequim, teve que enfrentar o desafio

19 Entrevista com Martha Rosa Figueira de Queiroz, realizada em 09/06/2009, no LAHOI, UFPE.

de construir uma beleza negra para além dos estereótipos impostos às outras mulheres. É neste momento de sua vida em que não só se percebe como negra, mas que toma consciência do racismo a que tinha sido vítima.

Lepê Correia, psicólogo e poeta, muito atuante nos movimentos negros em Pernambuco, também nos relatou um difícil percurso para se afirmar como pessoa. Conhecido como Negro Pelé quando criança, rebelou-se com o fato num dado momento da vida, para ser violentamente agredido.

Quando eu fui fazer psicologia, meu trabalho versou sobre Problemas Escolares Provocados pela auto rejeição da criança negra. Porque foi aí que eu fui sentir na pele, fui ver intelectualmente o que eu sentia na pele e não sabia o que sentia, que era a história de ser chamado na rua de Negro Pelé. Eu vi que as crianças do meu tempo também não tinham nome, se fossem negras não tinham nome [...] Mas me chamava de Negro Pelé, eu não ia afobar, chamava que era o rabo da mãe. Jogava pedra, jogava lata. Você sabe. Apelido, você não gostou, pegou. Isso foi muito sério para mim, muito ruim, porque a professora dizia na sala de aula: “quarenta e cinco”. Eu me lembro que meu número era sempre quarenta e quatro, quarenta e cinco, quarenta e sete. “Severino”. Aí eu: “presente, professora”. Me virava para conversar, ela: “ei, seu Negro Pelé, vire para frente”. Quer dizer, eu só era Severino na hora da chamada. Passou a chamada, virou a página, já passou a ser Negro Pelé. Eu vou até escrever um conto sobre isso. Quer dizer... Metido a escritor como eu sou, vou escrever um conto sobre isso. Isso foi muito ruim, porque eu me lembro que no dia que eu requisitei o meu nome... Eu trabalhava na Secretaria de Cultura de Olinda. Fui lanchar, tossi na rua. O cara vinha num carro. Parou o carro e disse: “ei, Negro Pelé!” Eu olhei para ele e falei: “meu nome é Severino”. Ele literalmente olhou para mim e disse: “vai tomar no cú. Você é Negro Pelé e acabou-se”. Puxou o revólver do quarto e me

deu um tiro. Quer dizer, o indivíduo nem para ter nome ele tem direito.²⁰

Ainda que o tiro não o tenha atingido, pode-se com este fato tentar amenizar o ocorrido? Dificilmente para Lepê!

Meu pai me contava essas histórias, minha mãe do outro lado, dizia assim: “meu filho, nós somos pretos. Tudo que a gente fizer tem de ser melhor, porque tudo de bom são os brancos que fazem. Eles dizem que fazem”. Aí dava uma risada. “Mas vocês têm que estudar para ser gente. Com estudo você tem que se tornar gente. [...] Mamãe dizia que nós éramos negros. Assegurava isso. Mas ser negro era uma coisa muito ruim. A gente sabia que era, mas a gente não discutia essas histórias. Não se discutia essas histórias de negro. Era uma contradição danada, você saber que é, mas não discutir essas coisas porque era como se fosse uma ferida, botar o dedo em cima dela dói. Porque era por causa disso que a gente não representava a escola, não entrava em certos lugares...”²¹

Estas entrevistas sinalizam que a história se faz no plano político e social, mas também se inscreve no corpo, na cor da pele, no formato do cabelo. De que política e subjetividade não se dissociam assim tão facilmente, mesmo na escrita da história. Também sinalizam que a política tem outras dimensões que devemos considerar, como a subjetividade dos depoentes. Enquanto militantes estas pessoas afirmavam uma identidade cultural num meio social e cultural extremamente adverso para o ser negro.

Não obstante, esta não era uma questão consensual para o movimento negro em Pernambuco. Para muitos militantes do MNU, seguindo as orientações da direção nacional, deveriam dedicar-se

20 Entrevista com Severino Ramos Correia (Lepê Correia) realizada em 13/11/2009, em seu consultório, Recife.

21 Idem.

à luta política contra a discriminação racial. O entendimento de que a luta política deveria ser prioritária em relação às atividades culturais acalorou muitos debates e discussões no interior dos movimentos negros. Mas ao final, levando-se em consideração a experiência dos militantes entrevistados, a conjunção dessa militância política com as atividades culturais foi essencial para a afirmação de suas identidades.

O fascínio que a história oral tem exercido em muitos pesquisadores encontra aqui demonstração semelhante, pois em praticamente todas as entrevistas realizadas, de uma forma ou de outra, a intrínseca relação entre o indivíduo e o ser político ficam expressas. Para a desconstrução da ideologia da democracia racial, foi preciso desconstruir os estereótipos que impediam a afirmação da diferença, do orgulho de ser negro ou negra. E, em grande medida, este orgulho se construía e se afirmava no interior das manifestações culturais, quando, em conjunto com muitos outros companheiros e companheiras, negros e negras desfilavam garbosos, pelas ruas de Recife ou Olinda, nos afoxés e nos maracatus nação.

Ainda nessa questão da identidade, as questões de gênero também emergiram, e houve nesses grupos a necessidade de muitas mulheres, a exemplo de Inaldete, Martha Rosa, Rosilene, Wanda e Telma Chase promoverem discussões sobre discriminação sexual, pautando também a discussão sobre a mulher negra, em seus discursos apontadas como duplamente discriminadas. Muitas dessas militantes estiveram também presentes na formação de grupos feministas, ou mesmo promoveram a formação de grupos de discussão de gênero dentro dos movimentos sociais negros.

Mitos e heróis. A Mãe África e seu filho, Zumbi dos Palmares

O continente africano se tornou mais conhecido pelos brasileiros, e, portanto, mais concreto, a partir dos anos de 1970, com

os movimentos de libertação nacional de alguns países africanos, principalmente Angola e Moçambique, e a denúncia da segregação racial na África do Sul, assuntos que ocuparam com frequência as páginas dos nossos jornais diários. Essa África mais concreta cria uma forte empatia com os movimentos negros no Brasil, gerando solidariedades e denúncias de uma opressão em tudo semelhante à dos negros no Brasil. Essa “descoberta” da África foi importante instrumento de consciência dos militantes dos movimentos negros de sua “origem” ao mesmo tempo em que lhe abria “possibilidades de ação”.

Stuart Hall, em seu artigo *Identidade cultural e diáspora*, lembra o quanto importante é para o processo de produção de identidades culturais, e dos movimentos negros, essa busca de uma identidade essencial, que é definida por Fanon como uma “busca profunda”, uma identidade em que a África é central porque se baseia não numa arqueologia, em desenterrar as continuidades ocultas, os africanismos ainda presentes nas manifestações culturais, mas em *re-contar* o passado. Trata-se de uma redescoberta imaginativa, de uma “unidade subjacente do povo negro, que a colonização e a escravidão dispersaram com a diáspora africana.”²²

Tal identidade essencializada busca “impor uma coerência imaginária à experiência da dispersão e fragmentação, que é a história de todas as diásporas forçadas. Fazem-no representando ou figurando a África como mãe de todas essas civilizações diferentes. O triângulo, afinal de contas, está centrado na África. África é o nome do termo ausente, a grande aporia, que jaz no centro de nossa identidade cultural e dá-lhe um sentido que ela, até recentemente, não tinha. Ninguém que contemple essas imagens textuais agora, à luz da história do tráfico, escravidão e migração, deixará de entender

22 HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*, v. 24, n. 1, 1996. p.69.

como o abismo da separação, a “perda da identidade”, [...] só começa a ser superado quando essas conexões esquecidas são, mais uma vez, reestabelecidas.”²³ Essa África, imaginária, permite, em outras palavras, cruzar o abismo produzido pela diáspora. Essa concepção de identidade norteia, por exemplo, o pan-africanismo e muitos outros movimentos sociais e culturais de negros nos anos 1950-1960. A título de exemplo, para aproximar essa discussão da experiência brasileira, citamos um poema de Solano Trindade, *Sou negro*:

Sou negro/ meus avós foram queimados/ pelo sol da África/
minh’alma recebeu o batismo dos tambores/ atabaques, gongôs e agogôs//
Contaram-me que meus avós/ vieram de Loanda/
como mercadoria de baixo preço/ plantaram cana pro
senhor de engenho novo/ e fundaram o primeiro Maracatu//
Depois meu avô brigou como um danado/ nas terras de Zumbi/
Era valente como quê/ Na capoeira ou na faca/ escreveu
não leu/ o pau comeu/ Não foi um pai João/ humilde e manso//
Mesmo vovó/ não foi de brincadeira/ Na guerra dos Malês
ela se destacou// Na minh’alma ficou/ o samba/o batuque/
o bamboleio/ e o desejo de libertação.

Essa referência à África essencializada tem sido, portanto, fundamental para a constituição de uma identidade positivada, em que o orgulho de ser negro se afirma, em que a conexão com uma dada ancestralidade estabelece conexões com uma experiência mais vasta. A religião tem sido importantíssima nesse processo, e a África apontada como a terra do *axé*, matriz de uma força sagrada e divina. Para Moema Parente Augel, não se pode negar que a literatura afro-brasileira produzida nas últimas décadas demonstra que escritores e poetas estabelecem em suas obras uma profunda ligação emocional com o continente africano, e algumas questões precisam ser formuladas: “que papel desempenha na memória coletiva, no imaginário e

23 *Idem*

nas manifestações populares, na busca e na afirmação da identidade do afro-brasileiro? Que simbologia está a ela ligada, até que ponto a África é algo de concreto e objetivo, até que ponto é metáfora, até que ponto é realidade? O que é a África para os afro-brasileiros? Quantas Áfricas existem para os Afro-brasileiros?”²⁴

Não se trata, portanto, de uma África “real”. Aliás, é importante frisar que os movimentos sociais negros ao discutirem a necessidade de se implantar o ensino de história da África, têm advertido com frequência que se trata de desmistificar uma imagem recorrente na imprensa brasileira, em que ganham destaques as guerras fratricidas, os genocídios, a miséria e a AIDS. Esta não seria a única África existente. Ao contrário, trata-se de desconstruir essas imagens aterrorizantes da África, pois não seria compreensível fora dos quadros históricos do imperialismo e colonialismo. Esta África só se torna compreensível quando se conhece os processos históricos que a engendraram. Nesse sentido, a história desempenha papel fundamental pois possibilitaria não o sentimento de rejeição com essa África, centro de misérias e doenças, mas solidariedade com os processos de espoliação e segregação. Esse trabalho histórico aproximaria uma África real com a Mãe África? É o que todos esperam!

Ainda para Augel, “esta África é uma África mística e mítica, monolítica e simbólica, irreal e ideal, necessária para a saúde e o equilíbrio de seus filhos na diáspora, refúgio para o filho abandonado e solitário, colo e seio para o filho sem mãe, desenraizado e estigmatizado pela sua origem”. A África faz-se presente, nas Américas, “silenciada aparentemente além da memória pela força da experiência da escravidão, a África, na realidade, fez-se presente em toda parte; na vida cotidiana e costumes das senzalas, nas línguas e linguajares da grande lavoura em nomes e palavras frequentemente

24 AUGEL, Moema Parente. A imagem da África na poesia afro-brasileira contemporânea. *Afro-Ásia*, n. 19-20, 1997, p. 186.

desconectados de suas taxonomias, nas misteriosas estruturas sintáticas através das quais eram faladas outras línguas, nos contos e histórias narrados às crianças, nas crenças e práticas religiosas, na vida espiritual, nas artes e artesanato, nas músicas e ritmos da sociedade escravista e pós-emancipação. África, o significado que não podia ser representado diretamente na escravidão, manteve-se e se mantém como “presença” não dita, e indizível, na cultura [...] É o código secreto com o qual foram “re-lidos” todos os textos ocidentais. É a base de cada ritmo, de cada movimento do corpo. Esta foi – é – a África que está viva e bem na diáspora.”²⁵

No entanto, tem-se muito claro que a África original não se encontra mais lá, já foi muito transformada. Hall alerta contra movimento que normaliza a África, dela se apropriando e a congelando em alguma zona imemorial do passado primitivo imutável. A África em questão adquiriu um valor imaginativo e figurativo, e para essa África não há retorno possível. Sua interrogação se encaminha não para negar a existência da África na cultura afro-caribenha, mas para perguntar o que fizemos da África, como a recontamos através da política, da memória e do desejo. Um salto, a nosso ver, que posiciona o sujeito do conhecimento como sujeito político. Assim, gostaríamos de reafirmar que não encontramos na identidade cultural, na negritude, uma essência ou pureza africana, mas isto não nos deve obliterar o pensamento a ponto de não percebermos o quão importante é pensarmos o lugar imaginário, simbólico e identitário que a África ocupa na cultura brasileira.

Este tema esteve presente em grande parte das entrevistas e foi importantíssimo na definição das identidades culturais negras, na negritude, assim como não se dissocia da afirmação do 20 de novembro e da figura histórica de Zumbi dos Palmares, que aparecerá em muitas entrevistas.

25 HALL, Stuart. *Op cit*, p. 72.

O pedido de reconhecimento do Quilombo dos Palmares como patrimônio histórico foi feito por militantes de movimentos negros de todo o país em 1981, reconhecido pelo governo federal como monumento histórico em 1985, e em 21 de março de 1988 passou a ser considerado como monumento nacional pelo Decreto nº 95.855. Criado o Parque Histórico Nacional do Quilombo dos Palmares, pelo então ISPHAN, ainda segundo orientações que guiavam a política nacional sobre o patrimônio, foi imediatamente objeto de discussão pelos movimentos sociais negros que reivindicavam a criação de um Memorial, justificando que representava um espaço em que se deu a luta pela libertação do negro, talvez uma das mais significativas em termos de organização, e que deveria permanecer na memória de seus descendentes. O Parque Memorial Quilombo dos Palmares foi implantado em 2007 pelo Ministério da Cultura, por meio da Fundação Cultural Palmares, e pretende ser uma recriação do ambiente da República dos Palmares, conforme consta em seu site.²⁶

Não obstante os resultados, se assim o podemos considerar, um tanto quanto tímidos, a luta pelo Memorial encetou, ainda nos anos 1980, a discussão sobre os outros quilombos existentes no Brasil e seus descendentes, ou “remanescentes”. Concomitantemente à luta pelo reconhecimento da história dos negros, a luta pela terra vem se somar à questão, dando-lhe amplitude e complexidade.

Vinte de novembro de 1981, no município de União dos Palmares, Abdias do Nascimento, Mãe Hilda, Ialorixá do Ilê Axé Ogum, ligada ao bloco Ilê Ayê (mãe de Vovô) e outros militantes dos movimentos sociais negros, subiram, quase que num processo ritual, a pequena e acidentada estrada que leva ao cimo da Serra da Barriga, em União dos Palmares, Alagoas, onde no século XVII se situou o quilombo dos Palmares. Segundo Sandra Almada e Zezito Araújo

26 <http://serradabarriga.palmares.gov.br/>. Acesso em: 8 dez. 2020.

(2011), a primeira subida foi em 1980, logo após um seminário promovido pela UFAL e IPHAN sobre o quilombo do Palmares. Abdias afirma que três anos depois subiram novamente a serra para, num ato público, reivindicar seu tombamento como patrimônio cultural do Brasil. O lugar deveria se tornar, segundo palavras de Abdias, um verdadeiro templo, um local de peregrinação da dita raça negra. E é nesse sentido que Abdias teria beijado o solo, como um ato simbólico e quase que uma tomada de posse daquele território que viria a simbolizar a luta e resistência históricas dos negros no Brasil, contra a escravização, a violência e a discriminação racial.

Abdias foi acompanhado de dezenas de ativistas dos movimentos sociais negros, que se dirigiram à Maceió para, na universidade, realizarem um encontro científico, de onde então partiram para União dos Palmares.

E foi realmente um acontecimento, desses que se pode considerar como um acontecimento histórico, além de memorável, que ficaria marcado na lembrança de muitos desses militantes que subiram, nesse processo ritual, até o cimo da Serra da Barriga. Entrevistamos alguns desses militantes ao longo de vários projetos de pesquisa: o próprio Vovô do Ilê Ayê, Mundinha Araújo e Carlão, do Maranhão, Inaldete Pinheiro e Lepê Correia, do Recife, sem deixar de mencionar Zezito Araújo, professor da UFAL que organizou o evento. Muitos depoimentos emocionados ouvimos dessas pessoas, que compartilharam conosco a alegria de ter estado lá naquele dia, a importância simbólica daquele ato e acima de tudo um sentimento de que pertenciam a uma congregação, quase que uma irmandade, porque se reuniam em memória aos seus ancestrais que tanto tinham lutado contra a opressão do negro no Brasil.

Estão aí imbricadas outras lutas, como o reconhecimento de Zumbi como herói nacional, o que ocorreu em 1997, com a sua inscrição no Livro de Aço, o Livro dos Heróis da Pátria, e que está depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, na Praça

dos Três Poderes, em Brasília, inaugurado em 1987. Foi criado com o objetivo de imortalizar os nomes de brasileiros que tenham contribuído de forma excepcional para a construção e o desenvolvimento do país. Nele, já estão escritos, além de Zumbi, nomes como o de Tiradentes, José Bonifácio e Santos Dumont.

O processo de transformação de Zumbi em herói nacional foi uma importante estratégia dos movimentos negros para inserir a história dos negros na história nacional, conforme ressaltaram já diversos historiadores. Alia-se a este ponto a luta para o reconhecimento do vinte de novembro como feriado nacional em comemoração ao Dia Nacional da Consciência Negra, proposta que vem sendo discutida pelos movimentos sociais negros desde 1971, quando o grupo Palmares, de Porto Alegre, do qual participava o poeta gaúcho Oliveira Silveira, pela primeira vez teria reivindicado esta data como marco para se celebrar o dia da consciência negra.

Como pode o leitor perceber, as entrevistas encetam muitas discussões, questionamentos, e nos oferecem um olhar mais plural e diverso para entendermos a história do Brasil contemporâneo, bem como a história de Pernambuco. Este preâmbulo teve apenas o objetivo de mostrar as múltiplas leituras que as entrevistas permitem, e convidamos então ao leitor e a leitora para que façam as suas.

Ivaldo Marciano de França Lima
Isabel Cristina Martins Guillen

Biografia dos entrevistados

Amauri Cunha

Amauri Cunha nasceu no Recife, em 1962. Desde muito jovem, já no final da década de 1970 atuou nas esquerdas, e colaborou com a criação do PT em 1983. Já nesse período começa a atuar com artes gráficas, trabalhando para sindicatos e outras associações, produzindo panfletos, cartazes, pintando faixas, muros etc. É nesse campo, da comunicação visual que Amauri Cunha mais contribuiu com os movimentos negros, notadamente o Djumbay, jornal que ajudou a editar nas décadas de 1980-1990. Em meados dos anos 2000, já filiado ao MNU, torna-se o apresentador e locutor oficial da Terça Negra, ao mesmo tempo em que é também o apresentador dos ensaios dos maracatus-nação com Naná Vasconcelos, na cerimônia de abertura do Carnaval do Recife.

Entrevista.

Data: 24/01/2011.

Local: Residência do entrevistado, Recife.

Duração: 1h33min.

[...] Minha história da família foge só um pouco do comum porque eu acho que de certa maneira, mesmo eu tendo nascido num lugar popular, numa comunidade de baixa renda, tive certo privilégio pelo fato de meu pai ter sido um ex-militar. [...] Eu fui nascido e criado no bairro de Casa Amarela. Nasci no Alto Santa Isabel e fui criado aos pés do Alto da Favela. Meu pai era militar reformado então a gente tinha alguma condição. Eu nasci nos anos 1960, em 1962, então foi um bom período para os militares, não é? Ali 1962, 1964, até os anos 1980 e alguma coisa. Então eu tive um privilégio, pelo menos do ponto de vista econômico. Então, isso propiciou que eu tivesse alguma cultura de forma diferenciada, quando comparado aos meus amigos da época de infância, que, diga-se de passagem, muitos não estão mais aqui.

Brivaldo José de Souza

Nascido no Recife em 1957, Brivaldo foi importante articulador cultural dos movimentos negros, principalmente de afoxés, nos quais atuou também como compositor.

Entrevista.

Datas: 15/11/2009 e 4/12/2009

Local: Residência do entrevistado, Olinda; UFPE, Recife

Duração: 3h35m

[...] Eu nasci no Recife, na Rua da Lama, no Cordeiro, em quinze de maio de 1957. Quer dizer, antiga Rua da Lama, porque hoje é Avenida Gomes Taborda. Eu cresci lá. Eu vim para Olinda com 20 anos. Na Rua da Lama eu morava com a minha mãe e meu pai. Depois eu vim para Olinda, morar na Ilha do Maruim. Porque eu tinha uma tia e uma avó que moravam juntas e elas ficavam sós. Eu vim morar com elas para dar um suporte. Elas moravam distantes da família

e para ela não ficarem sós, com 20 anos, eu vim para Olinda para tomar conta delas. Eram três tias. Duas tias-avós e minha avó, que moravam juntas. Eram as três irmãs que moravam juntas. O nome do meu pai é Gilvan José de Souza e o de minha mãe é Maura Nunes de Souza, *in memoriam*. Faleceu no dia nove de janeiro de 1983. José de Souza. E Maura Nunes de Souza. Meu pai era carpinteiro. Ele fazia móveis. Minha mãe era doméstica. Depois de um tempo ela foi trabalhar em serviços gerais, empresas. Foi trabalhar em hospital, fazendo limpeza para hospital.

Claudete Ribeiro

Nascida em 1965, Claudete Ribeiro é ainda uma importante ativista cultural, participando principalmente dos afoxés Alafin Oyó e Oxum Pandá, como cantora.

Entrevista.

Datas: 16/09/2009

Local: Residência do entrevistado, Olinda.

Duração: 02h03m

[...] Nasci em 1965, no dia 13 de janeiro, no Tricentenário. Meus pais são daqui. Meus avós por parte de mãe são oriundos lá de cima: Pará, Maranhão.... Mais precisamente São Luís. Mas, a geração dos meus pais é daqui mesmo. [Seus nomes são] Dona Laurinete e seu Cláudio Ribeiro Elias.

[...] Eu nasci e cresci na Ilha do Maruim. Morei muitos anos ali. Fui menina dali, minha mãe foi menina da Ilha do Maruim, uma vila de pescadores que é entrada de Olinda, na realidade. E tem uma história cultural muito interessante, porque, na realidade, aquele local ali era um mangue fechado... Olinda, por sua geografia, ia até Paulista, tudo mais. Este mundão de terras que hoje se divide entre

Recife e Jaboatão, historicamente era tudo Olinda. E a Ilha do Maruim, por estar pertinho do Porto, era um dos caminhos de fuga, de retorno dos escravos à África. E, ali, eles se escondiam naquele mangue, se escondiam do capitão do mato por ali. Isso foi um estudo que nós fizemos, acho que em 1980, 1979. Nós fizemos esse estudo, esse levantamento e encontramos esses indícios de rota de volta para a África dos escravos, através dali da Ilha do Maruim. Ali, onde se localizava o Porto, muito antes do mar tomar conta daquilo tudo ali.

[...] Nasci e me criei na Ilha do Maruim, no meio de todas aquelas palafitas e dos pescadores de lá [...] Estudei no Ana Sales Lemos, conhecido como colégio dos pobres. No Mary Guilhermine, escola do Estado que tinha dentro da comunidade. E no Sigismundo Gonçalves. Como também na Escola Estadual de Olinda, onde eu terminei o 2º Grau [...] Meu pai é pedreiro, mestre pedreiro. Minha mãe, do lar, trabalhou um tempo como cobradora de ônibus. Hoje os dois são aposentados. Tive cinco irmãos, dos quais três estão vivos. Um é motorista, outro é padeiro e o outro tem problemas especiais, não trabalha.

[...] Minha família é tão misturada, assim... Porque é uma família muito grande, então, todo mundo, na minha casa, teve muita liberdade de escolha, apesar de que nós fomos criados de uma forma, vamos dizer, religiosamente educados. Sabendo o que se deve fazer para que a família se mantenha dentro dos preceitos que mandam a sociedade. Por exemplo, minha mãe frequentou uma casa espírita que se chamava mesa branca. A minha avó, mãe dela, optou para ser protestante. Agora, minha bisavó é que traz esse legado, na realidade, do candomblé. Ela traz esse legado lá de cima (Alto da Sé). Ela foi filha de santo de Edu, de pai Edu, no terreiro Salão de Iemanjá.

Edilson Fernandes de Souza

Nascido no Recife em 1965, Edilson Fernandes foi, em sua juventude, bailarino atuante no Balé Primitivo de Arte Negra. É

atualmente professor da UFPE, do curso de Educação Física, atuando também no programa de pós-graduação em Educação. Foi pró-reitor de extensão.

Entrevista.

Datas: 22/06/2009

Local: UFPE, Recife

Duração: 02h14m

[...] Nasci no dia 31 de março de 1965. Meus pais são Inaldo Fernandes de Souza, já falecido, e Elídia Pinto de Souza. Eu nasci no Recife, em Jardim São Paulo, meu pai me registrou como se eu tivesse nascido em Olinda. Então, sou olindense de documento. Mas, nasci em casa, em Jardim São Paulo.

[...] Minha infância foi em vários lugares. Parte dela em Jaboatão de Guararapes, Prazeres, Linha do Tiro, Beberibe, e Águas Compridas, que já é parte de Olinda. No Cabo de Santo Agostinho eu morei entre um ano e meio a dois anos. Minha infância foi em vários bairros, mas tenho mais lembranças do tempo em que vivi em Jaboatão de Guararapes. Foi onde eu construí a ideia do que é ser criança, brincar.... Meu pai era portuário. [...] Minha mãe era dona de casa.

Edvaldo Eustáquio Ramos

Nascido em 1934, Edvaldo Eustáquio Ramos é advogado, trabalhou no Jornal do Commercio e foi extremamente atuante na cultura negra pernambucana, principalmente na organização da Noite dos Tambores Silenciosos.

Entrevista.

Datas: 20/05/2009; 10/06/2009; 25/06/2009

Local: Escritório do entrevistado, Recife

Duração: 06h46m

Nasci no dia vinte e cinco de maio de 1934. Eu estou completando 75 anos agora, segunda-feira (a entrevista ocorreu no ano de 2009). [...] Cheio de alegria [risos]. Mil novecentos e trinta e quatro. Setenta e cinco anos. Ainda cheio de entusiasmo e de algumas ilusões.

[...] Luiz Eustáquio Ramos e Marcelina Benedita Ramos. Os descendentes, ou os ascendentes, os ascendentes do meu pai... Não tenho detalhes. Agora, da minha mãe eu tenho. A minha mãe chamava-se Marcelina Benedita Ramos, o Marcelina já era nome de negro; o Benedita já era dedicado ao São Benedito, que era um santo preto. Ramos é o nome do meu pai. E minha avó tinha uma característica forte. Nunca mais eu vi o nome da minha avó: Nindona.

[...] N-I-N-D-O-N-A. Nindona. Antes eu não sabia, lógico. Não era nem alienado, eu era um desconhecedor. Depois que eu comecei a conversar e a entrar no meio, eu senti que esse nome era especial... Tanto o nome Marcelina, que minha avó escolheu para minha mãe, esse nome dela era um nome especial, que eu não via no vocábulo, não via no dia a dia das rádios e jornais.

[...] Meu pai era metalúrgico. Nós chamávamos de ferramenteiro, porque o termo metalúrgico foi enforcado em São Paulo com essa história [risos] dos sindicatos. E ele trabalhava como soldador elétrico e de oxigênio, na antiga Pernambuco Trans, que tinha os bondes, entendeu? Então, ele era um profissional desse ramo, de metalurgia. Sendo que ele era soldador. Era onde hoje é o Palácio dos Despachos, que é a Vice-Governadoria. É um “cabra” que me deu um exemplo de uma riqueza que não se acabou até hoje. Não deixou para mim uma camisa, mas o “cabra” agia certo, olhava no olho. Isso eu herdei. É o maior patrimônio que ele podia ter deixado para mim. Passo para os meus filhos.

Ivo Rodrigues

Ivo Rodrigues, nascido em 1960, é hoje ainda importante ator de grupos teatrais que tem como pauta central a cultura popular pernambucana, cultura negra e o racismo. Participou de diversos grupos de teatro, entre os quais destacamos o Ifá Rhadha de Art´ Negra. É também da Associação de Teatro de Olinda.

Entrevista.

Datas: 14/04/2009

Local: Residência do entrevistado, Olinda.

Duração: 01h56m

Sou filho de Antônio Delfino da Silva e Livanete Rodrigues da Silva. Nasci no Recife e cresci em Olinda [...] Meu pai era pedreiro e mãe era doméstica. Hoje eu estava me recordando que ambos eram de destinos diferentes, um era de Itamaracá e o outro de Vicência. A família do meu pai é de Vicência, aí vieram para cá e se localizaram ali em Casa Amarela, no Alto do Mandú. Então eles se conheceram, formaram família e vieram morar aqui em Olinda [...] Estudei aqui, nos colégios mais próximos, no Argentina Castelo Branco, o Isaulina Castro e Silva, por último, aqui, o Guedes Alcoforado; o CIPAM, que é o Centro Interescolar Agamenon Magalhães, na época (Atual ETEPAM), e depois FUNESO, fazendo o superior, Licenciatura Plena em História [...] Comecei a trabalhar junto com papai. Eu era ajudante de pedreiro naquela época [...] Acredito eu que por volta de dezoito anos, dezenove, eu já estava caminhando nesse rumo. Eu me lembro de que fui para o exército e não fiquei, continuei a trabalhar nesse ramo, era o que me oferecia pela frente. Depois foi que passei para outras atividades; fui servente na construção civil, depois auxiliar, balconista, lá da “Só Plásticos”, durante esse período de tempo. Depois eu entrei

na FUNDARPE, como servente, também; passei um bom tempo, eu acho uns cinco anos nessa, mas, paralelo a isso, tem a escola, um sacrifício muito grande, de manter esses estudos, dinheiro para as passagens.... Essas coisas de trabalhar e estudar era muito sacrifício que a gente fazia a esse nível, para alcançar uma melhor posição, esse era o objetivo naquela época. Então, auxiliar administrativo, depois passei para a tesouraria, trabalhei na tesouraria da FUNDARPE, a maior parte da minha vida funcional é na FUNDARPE, e os outros eram, vamos dizer, biscates que a gente fazia, não tinha carteira assinada, não tinha essa coisa legalizada. De auxiliar administrativo, vamos aí mais quatro anos nessa história de auxiliar administrativo lá. Depois, ao passar do tempo, depois de concluir os estudos lá no ETEPAM, é, na época já era ETEPAM, e aí eu cursei licenciatura na FUNESO, e aí me possibilitou eu ser remanejado do cargo, lá na FUNDARPE, para um de nível superior, aí eu fui trabalhar no departamento de documentação da FUNDARPE, mas como auxiliar no primeiro momento, e depois foi que eu passei para técnico em documentação e pesquisa, organizando arquivo, organizando toda a massa documental da FUNDARPE. Eu seleciono, classifico e arquivo que é o processo mais lógico, mais básico do processo da arquivologia da FUNDARPE.

Gustavo Lima

Desembargador, filho de Vicente Lima, participante da Frente Negra do Recife. Participaram também da mesma entrevista narrando sobre Vicente Lima, Frederico Lima e Humberto Gibson.

Entrevista.

Datas: 19/10/2010

Local: Residência do entrevistado, Recife.

Duração: 01h39m

Inaldete Pinheiro

Nascida em Parnamirim, RN, em 1946, Inaldete veio para o Recife para completar seus estudos no final da década de 1960 e se forma em enfermagem, campo no qual atuou profissionalmente. Participou da criação do CECERNE e da Frente Negra do Recife. Foi atuante em diversos grupos de discussão de gênero. Fez mestrado em Serviço Social, com uma dissertação sobre Solano Trindade. Autora de livros para o público infanto-juvenil. Foi uma das principais articuladoras dos movimentos negros do Recife, tendo participado e organizado diversos encontros de negros e negras, locais, regionais e nacionais.

Entrevista.

Datas: 12/05/2009; 17/06/2014

Local: Residência da entrevistada, Recife.

Duração: 02h54m e 02h06m

[...] Inaldete Pinheiro de Andrade. Sou norte-rio-grandense. Nasci em 11 de abril de 1946. Estou aqui desde 1969. Vim fazer o vestibular em Enfermagem, uma vez que não existia este curso no Rio Grande do Norte. Vim e fiquei no Recife. Absorvi a cultura recifense. Cheguei aqui em 1969. Vim fazer enfermagem na UFPE, quase metade da minha vida tem sido em Pernambuco. Inclusive, já sou cidadã recifense agora. Gosto muito daqui. Minha referência geográfica é Recife. Nasci em Parnamirim, o trampolim da vitória. Os aviões americanos faziam pouso lá e, de lá, iam para a [Europa]. Meu pai era civil da Base Aérea. Israel Pinheiro. Era a segunda Base Aérea. Ambos são de Caicó, meu pai e minha mãe. São falecidos os dois. Ele veio para trabalhar na Base Aérea. Então, morreu na mesma, na Base Aérea. O nome de minha mãe é Iluminata. Estudei Enfermagem na UFPE, os 4 anos. Fiz especialização lá também. Fiz

uma especialização. E voltei para o mestrado somente um bocado de tempo depois, em 1990. Terminei a graduação em 1972. Mas só vim fazer mestrado em 1991, 1994. Aí, já fui fazer Serviço Social, porque não tinha mestrado em Enfermagem, como não tem até agora. E me identifiquei muito com Serviço Social, com o mestrado. Além disso, é bom porque a área de movimento social me cativou. Foi realmente como um complemento da minha formação. Estudei o Primeiro e o Segundo Grau em Parnamirim e Natal. Vim para cá só para estudar porque lá não tinha Enfermagem. E eu queria fazer Enfermagem. Morei em casa de estudante. Era o que eu podia, não podia pagar pensionato, casa etc. Morei em casa de estudante. Tínhamos uma casa só para estudantes de Enfermagem. Depois que eu terminei o curso, fiz concurso. Logo, imediatamente, fiz concurso para FUSAM. Bem classificada, comecei a trabalhar no Estado, Hospital da Restauração. E foi a vida inteira. Foi como funcionária pública que encerrei minha carreira, no Hospital da Restauração. Eu saí em 1988. Já estava no Hospital Barão de Lucena. Aí, já era do Ministério da Saúde.

[...] Minha mãe, Iluminata, era uma sertaneja de Caicó, do sertão potiguar. Formação primária, básica, mas antenada um pouco com a educação das filhas. Éramos quatro filhas. Só de mulheres lá em casa. Só deu mulher! Meu pai era mais intelectualizado. A minha formação veio muito dele. A formação política, a política racial. Não era assim plena consciência racial, mas o suficiente para assumir-se negra. Chamava-nos, todas nós, “minhas negras”. Isso, para mim, teve um valor imenso. Crescemos ouvindo “minhas negras”. Então, a palavra “negra”, para mim, é muito forte. Os dois me chamavam assim: “minha negra”. E a vizinhança: “Elas não são negras não, seu Israel”. “São minhas negras sim.” Para a gente, isso foi muito bom [...] É incrível isso, muito doce, “minhas negras”. E meu pai alimentou a nossa literatura.... Foi a base. Eu comecei a ler com os livros dele. Era um intelectual com o 5º ano Primário.

Lindivaldo Oliveira Leite Júnior

Nascido em 1967, formado em História pela UFRPE, foi militante desde jovem tanto do MNU quanto do PT. Com a eleição de João Paulo para a prefeitura do Recife, ocupou a coordenação do Núcleo de Cultura Afro da Cidade do Recife, responsável pela organização de alguns polos carnavalescos envolvendo os maracatus e afoxés, até o final da gestão de João da Costa.

Entrevista.

Datas: 03/06/2009

Local: Residência do entrevistado, Recife.

Duração: 01h55m

[...] Meu nome é Lindivaldo Oliveira Leite Júnior. Nasci no dia 08 de agosto de 1967. Eu nasci no Recife, aqui. Quando eu nasci minha família morava no Pina, aqui pertinho. Eu nasci exatamente na maternidade de Afogados. Minha família morava no Pina, não sei bem em qual das ruas a gente morava na época, ali dentro do Bode. Pode ter sido na Rua Doze ou na Eurico Vitrúvio, onde a gente morou bastante tempo. Sou um cidadão do Bode. Minha avó, que a gente morou na casa, é vizinha de onde hoje é o Maracatu Porto Rico. Mas, antes o Porto Rico era perto da casa de minha outra avó, quando era com seu Eudes. O Porto Rico era na Rua do Banhistas do Pina, no terreiro de seu Eudes. Meu pai é Lindivaldo Oliveira Leite, Vavá. As pessoas chamam de Vavá do Banhistas do Pina. E minha mãe é Maurinete Ferreira Leite, Lalá. É um casal, Dona Lalá e seu Vavá. Meu pai, durante muito tempo, foi funcionário público da Guarda Municipal e foi também segurança da Fortunato Russo. Depois, ele fez um curso de Sociologia [na FAFIRE], se formou em Sociologia e continuou atuando como guarda. Mas, na vida cotidiana, na atividade cultural ele é do Banhistas do Pina. Atualmente ele é o presidente

do bloco Banhistas do Pina, aposentado. Se aposentou como Subcomandante da guarda e continua presidente do bloco Banhistas do Pina. Pelo menos até junho, quando tem eleição. Não sei como vai se dá a situação por lá. Quando meu pai se formou, eu era adolescente. Deve fazer mais de 20 anos. Eu tinha mais ou menos uns 15 anos. Isto há mais de 20 anos. Faz uns 30 anos que ele tem diploma. Edvaldo Ramos tem formação anterior, porque meu pai entra na universidade para fazer Sociologia para melhorar na Prefeitura. Edvaldo Ramos, eu acho que tem um curso anterior. Ele é mais velho que meu pai. Ele queria exercer a profissão de advogado. Acho que é outro tempo, embora eles sejam amigos. Minha mãe é costureira. Teve uma vida doméstica e atuou como costureira. Ganhou grande parte da vida dela com costura, como as pessoas fazem para se virar com costura, e com a confecção de bolo, salgado, essas coisas. Vestidos para noiva etc. Ela passou um bom tempo da vida dela costurando para Carnaval. Ela dava aula de corte e costura. Também está aposentada. Ela, a maior parte do tempo, dos últimos tempos, foi costurando na sala de costura do Banhistas do Pina. Dava aula, lá, de corte e costura também, e fazia o trabalho de confecção das fantasias. Meu pai e minha mãe são negros. Ela é mais clara do que ele. Ele é bem preto. Minha mãe é mais clara. Como minha mãe é mais clara, tem toda uma brincadeira de dizer que ela é a branca da família. E, aí, segura a onda, aperta o pescoço de alguém se disser isso. O meu irmão ficava tirando onda com ela: “A senhora é branca”. “Que-ro ver, viu. Eu não sou branca.” Porque na verdade ela é a mais clara de todos lá na família. Porque o pai da minha mãe era branco, mas a mãe da minha mãe é que era negra nessa história. Enfim, uma família de gente negra. É, minha família toda é de lá, toda do Pina. O Pina tem uma relação muito próxima com Afogados. Sempre que alguém se refere ao bairro do Pina como antigamente, também alguém passou ou morou em Afogados. Ou veio do bairro de São José. A minha avó, mãe do meu pai, veio do bairro de São José. A minha

avó, mãe da minha mãe, veio daquela região de Afogados ali. Não sei bem se é porque ela morou lá ou se é por causa da Souza Cruz, que ela era funcionária da Souza Cruz. Mas é um eixo, faz circular bem. Eu morei no Pina até 4 anos de idade. Foi misturada, porque até os meus 4 anos nosso núcleo familiar morou no Pina, ou numa casa alugada ou na casa da minha avó, uma das avós. Eu lembro pouco dessa história. Com 4 anos a gente foi morar numa casa de Cohab, lá no Ibura, na UR-6. Naquele processo que tem, fazem as casas para o povo morar, mas para morar melhorzinho tem que morar distante. Então a gente foi morar lá. A diferença é que todo final de semana a gente estava no Pina. Era a semana no Ibura. Meu pai sempre trabalhou, e isso é uma história muito legal, porque como era no Pina, e o Bode era uma favela, então estava preocupado com a criação dos filhos e tal. Precisava que a gente estivesse com as condições melhores, estrutura melhor, escola. Então, eles batalharam muito para ter essa estrutura de casa que hoje têm lá, no Ibura. Mas, todo final de semana era no Pina. Então foi uma infância muito boa.

Marcos Antônio Pereira da Silva

Nascido no Recife, em 1958, Marcos Pereira foi militante do MNU e também presidente do Sindicato dos Bancários. Na atualidade reside em Porto de Galinhas e trabalha com organizações não governamentais voltadas às questões ambientais.

Entrevista.

Datas: 21/07/2009

Local: Residência do entrevistado, Porto de Galinhas.

Duração: 04h11m

[...] Eu me chamo Marcos Antônio Pereira da Silva. Nasci no Recife, Afogados, na Vila São Miguel, em 22 de abril de 1958. Tenho 51

anos, dois filhos. Sou casado com uma mulher da Alemanha. Sou contador de profissão. Fiz pós-graduação na mesma área: Controladoria e Contabilidade Empresarial. É isso. Falo alemão, escrevo e leio. Vivi na Alemanha durante sete anos e estudei logística lá. Frequentei só dois semestres, não cheguei a concluir o curso para cientistas econômicos. Nasci na Vila São Miguel, que era, originalmente, onde ficava a escola de samba Limonil. Minha família, avós, bisavós, eram de lá. A Vila São Miguel era uma comunidade de pescadores, e majoritariamente negra. Muitos terreiros de candomblé, muito coco na época que eu morava lá.... Na minha infância, nessa região, a gente não tinha essa proliferação de igrejas evangélicas como hoje. Eu me lembro de que em toda a minha infância tinha muito coco, principalmente, chegança, marujada, ritmos que a comunidade de pescadores (como eu disse, majoritariamente, negra) se reunia para festejar. [...] Meus pais se chamavam Rubenita Pereira da Silva, e Francisco Florinaldo da Silva. Meu pai era filho de pescador e virou eletricitista. Antigamente havia uma companhia de eletricidade chamada Pernambuco Tramways. Mas, ele trabalhou pouco tempo. Ele morreu quando eu tinha seis anos. Ele morreu em acidente de trabalho num sábado de Carnaval, lá em Afogados, naquela época... E toda a família do meu pai era dessa região. A família de minha mãe era de Beberibe. Minha mãe era uma pessoa simples como toda a família. Trabalhava em comércio, como doméstica, costureira etc. [...] Eu fiquei na Vila São Miguel até os oito anos. De lá, eu fui morar na Mustardinha. Morei algum tempo, alguns anos na Mustardinha. Depois na Mangueira, algum tempo. Em San Martin também algum tempo. Depois, nos mudamos para Dois Carneiros, na direção já de Jaboatão. Depois, moramos em Socorro, em Jaboatão dos Guararapes, sede antiga. Depois, voltamos para morar em Cavaleiro. Sempre nessa região. [...] Nos mudávamos muito porque não tinha dinheiro para pagar o aluguel [risos]. Quando o proprietário não aguentava mais ficar sem receber o dinheiro do imóvel, a

gente tinha que arrumar outro lugar para morar. A morte do meu pai acarretou em uma maior dificuldade de vida para minha família. [...] Bom, minha mãe teve que nos criar. Éramos, inicialmente, três irmãos. Depois, minha mãe casou de novo e ficaram mais. Porém, inicialmente, os três irmãos. Meu pai não deixou nenhum tipo de aposentadoria ou algum tipo de reserva. A família toda vivia de pesca... Claro, pescava para comer, comprar outras coisas. Então, não tinha grana simplesmente. Minha mãe trabalhava como costureira para alimentar três filhos e pagar aluguel, era insuficiente. A partir de sete, oito anos, quando nós fomos para a Mustardinha, eu passei a trabalhar informalmente, colecionando papéis velhos no lixo, filmes para vender o cobre, queimar o plástico, vender o cobre, vidros, latas, todo esse material. Que é moda hoje em dia falar de reciclagem. Na época da minha infância, a gente já pegava esse material para vender por quilo em depósitos. Era basicamente osso, vidro, papéis, latas e cobre. Claro que isso não era suficiente para duas irmãs. Depois, nasceu mais um irmão. Então, às vezes, a gente comia a comida do lixo, onde achava. Arrumava um pouco de comida no lixo e levava para casa. Depois, começamos a ir para a Ceasa. E, na Ceasa, o lixo de verduras e frutas, para nós, era bastante rico. Nós colecionávamos a melhor parte e a aproveitávamos para vender alguma coisa na Ceasa, tapioca, bolo, mungunzá. Juntava essa grana e, quando terminávamos a nossa mercadoria, juntávamos frutas e verduras “semipodres”, mas aproveitáveis, e levávamos para casa. E fomos sobrevivendo assim. Nessa época a Ceasa já era na Mangueira. Eu comecei, no caso, ajudando minha mãe com essa coisa de papéis do lixo, trabalho no lixo. Papéis, vidro, cobre, lata etc. Quando nos mudamos para a Mangueira, a minha mãe começou a fazer bolo, mugunzá, tapioca, então, eu ia de lá, a pé, da Mangueira para a Ceasa, com uma bandeja. Vendia essas coisas. Levava já sacos e trazia... Depois de vendida a mercadoria, já tinha dinheiro para pagar a passagem do ônibus. Voltava de ônibus. Ia a pé e voltava de ônibus. Foi

assim a vida. [...] Inicialmente não tinha tempo para estudar. Nessa época, até praticamente os 12 anos, eu aprendi a ler e a escrever com a minha mãe. Ela é alfabetizada e me ensinava em casa. Eu comecei depois a exercitar e ler bem. A partir dos 12 anos, nós fomos morar em Dois Carneiros, e um tio meu arrumou um trabalho de *office boy*, contínuo, numa retífica no Recife. A partir daí eu trabalhava de dia e comecei a estudar à noite. Com 12 anos, eu tive o meu primeiro trabalho com carteira assinada, registrada, naquela época. Hoje em dia, seria trabalho infantil, seria proibido. Na época, não existiam estas regras. A minha carteira profissional é assinada dessa época, com 12 anos. Como eu recebia regularmente, dava para manter a minha casa, a comida etc. Dava para sobrar alguma coisa para a passagem de ônibus. Então, eu passei a estudar à noite. Comecei a estudar o Primário, a fazer o Primário. Tinham programas, na época, que não era exatamente esse Supletivo. Tinha uma coisa chamada, parece que, Depa, na época. Depois que eu concluí o Primário, eu pude fazer o 1º Grau Maior, Ginásio, em dois anos. Seis meses 1ª série, seis meses 2ª. Continuei o 2º Grau. Nessa época, eu já estava morando em Socorro. Então, o 1º Grau Maior eu fiz em Socorro, em Jaboatão, aliás. Morava em Socorro, ali perto do quartel, próximo ao Regimento de Infantaria. De lá, eu ia, normalmente, a pé para a escola, no centro de Jaboatão. Algumas vezes com fome, porque nessa época, meu padrasto teve tuberculose. Já tínhamos vários irmãos nesse pulo histórico. Minha mãe trabalhava de empregada doméstica na casa de algum coronel lá, mas o dinheiro era insuficiente. Então, eu ia a pé. Aí, colegas meus, que sabiam da situação, pagavam a passagem de volta, às vezes. Às vezes, eu voltava também a pé. Em algum momento, a escola passou a exigir farda, fardamento. Ameaçaram me proibir de entrar na escola sem farda. Aí, minha mãe conseguiu uma grana de passagem para ir falar com a coordenadora e dizer qual era a situação em casa, que eu ia muitas vezes à pé, sem comida. Então, quando eles tomaram conhecimento dessa situação,

eles... Todas as vezes que eu chegava à escola, todos os dias, eles me chamavam na coordenação e me davam uma boa comida. Um prato de sopa com pão, bem gostoso, quentinho. Aí, eu assistia à aula tranquilo. Normalmente, meus colegas pensavam que eu tinha cometido alguma coisa errada porque toda vez me chamavam na coordenação. A coordenadora, na verdade, se chamava dona Amélia, ela não queria que os colegas soubessem da minha situação. Então, ela me chamava em particular. Tinha uma merenda que era ofertada depois, na metade da aula. Como eu já ia a pé, eles sabiam disso, sempre me chamavam na coordenação. Então, perguntavam os colegas: “Fazer o quê na coordenação? Tu só vives na coordenação. Está aprontando muito!” Mas, aí, eu consegui fazer o meu 1º Grau Maior nessas condições. Depois, eu arrumei emprego na Microlite, lá na BR, e continuei o 2º Grau, sempre estudando à noite. Como eu tinha uma necessidade e uma vontade muito grande de recuperar esse tempo perdido, eu me dedicava bastante. Consegui com muita tranquilidade terminar o 2º Grau. No mesmo ano, terminando o 2º Grau... Como eu tinha alguns trabalhos, dava para financiar comida, passagem etc., eu passei no vestibular, no mesmo ano do 2º Grau. Passei no vestibular da Universidade Católica, e fui estudar Ciências Contábeis. De lá, eu arrumei um estágio.

Martha Rosa Figueira de Queiroz

Nascida em 1964, em Olinda, Martha Rosa foi militante do MNU e participou de diversos grupos culturais negros, como o maracatu Leão Coroado e foi presidente do afoxé Alafin Oyó. Historiadora, fez mestrado e doutorado nesta área e atualmente é professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Entrevista.

Datas: 09/06/2009

Local: UFPE, Recife.

Duração: 01h56m

Meu nome é Martha Rosa Figueira de Queiroz. Nasci no dia vinte e sete de junho de 1964, em Olinda. Toda minha vida foi lá em Olinda, mais precisamente em Peixinhos.

Teve um tempo que a gente morou no que era Fosforita, e que hoje se chama Jardim Brasil II. Então, a vida da gente foi ali naquela área desde que eu nasci. Meus pais se chamam Odete Figueira Queiroz e Alfredo Figueira Queiroz. [...] Minha mãe tem 83 anos e estudou até a 2ª série. É comerciante por natureza. Sempre trabalhou na área de comércio. Teve uma época que ela foi costureira, e professora de costura. Depois ela começou a negociar, vendia joias, roupas.... Depois, vendia a roupa que ela mesma costurava. Teve uma época que ela teve o que se chamava antigamente de hospedaria. Era e ainda é a vida dela, porque, atualmente, ela continua negociando. Ela tem um *box* no Mercado de Peixinhos. [...] Meu pai faleceu há uns 15 anos, por aí. Ele viveu comigo até eu ter uns cinco anos. Minha mãe é de Itambé, e meu pai é de Goiana. Nasceu naquela área. Quando se separou da minha mãe, ele voltou para lá. Ele viveu muito tempo com a minha mãe. Eu sou a caçula da família. Ele era analfabeto. Trabalhou como operário um tempo e, depois, ele trabalhou vendendo alguma coisa, pegando e entregando água. Porque, no tempo, tinha esse negócio de vender água. E pronto. Depois, eu passei a maior parte do tempo só com minha mãe e meus irmãos. Tenho oito irmãos vivos. Somos cinco mulheres e três homens. O mais velho deve ter 60 e poucos anos, 62, por aí. Eu sou a caçula. [...] Minha infância foi ótima. Uma família grande, todo mundo animado. Muito dinâmica. A casa de minha mãe era, de certa forma, uma casa central, por ela ser uma pessoa dinâmica. Então, agregava muito. Sempre tinha um primo morando, alguma pessoa que vinha do interior. Sempre teve essa dinâmica dentro da

família. Minha mãe trabalhava, numa época, no Recife, no centro, e a gente morava em Peixinhos quando ela tinha uma hospedaria, o que fazia com que eu ficasse mais na hospedaria e só voltasse no final de semana. O que fazia com que eu estudasse no centro, porque não pagava passagem. E eu estava sempre indo lá ter o contato diário. Eu ia lá ver o que estava acontecendo, ela mandava também recados para a família e sabia de tudo porque eu sempre estava indo lá. Dos irmãos mais velhos, tinha um que trabalhava lá com ela, e os outros não. Estudei sempre no centro da cidade, que faz com que eu tenha um contato muito grande com o centro da cidade desde criança. Mesmo morando em subúrbio, minha vida foi toda no centro. Estudei numa escola que não existe mais hoje, que é a Escola Reunida da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, que fica ali perto do convento de Nossa Senhora do Carmo. E ali em cima onde, hoje, tem uma loja de luminárias, tinha uma escola. Não era uma escola religiosa, era uma escola de estrutura religiosa, mas as professoras todas eram da Prefeitura, mas era num espaço da própria igreja, cedido pela igreja. Então, eu fiz todo o Primário lá. Já na 5ª série, eu fui estudar em Olinda, numa escola intitulada Guedes Alcoforado. Infelizmente, agora eu passei por lá e está fechada, não sei o que aconteceu. A 6ª série – eu mudava muito de escola – eu fiz em outra escola, aqui no centro do Recife, e a 7ª e 8ª lá na Encruzilhada, no EPOM, Escola Professor Olívio Montenegro. E o 2º eu fiz dividido: eu fiz um ano numa escola que existia na época que era Novo Recife, também não existe mais. Naquela época, surgiram alguns cursinhos, algumas coisas, o Novo Recife... E um ano, 2º ano, no Colégio Bairro Novo que ficava no bairro de mesmo nome (Bairro Novo). Depois eu voltei para o Novo Recife, onde eu concluí o 2º Grau. Foi essa a trajetória, sempre mudando um pouco de escola. Tanto a minha mãe, como o meu pai eram negros. [...] Tinha muitos amigos, brincava mais na rua. Era uma época que a gente vivia na rua com tranquilidade, não é? E essa

história de estudar no centro me dava também um trânsito no centro, de ir à Viana Leal, na época, ver livros. Ir à Mesbla, ver livros, ver brinquedos, brincar com brinquedos que eu não ia ter em casa. Ir ao tobogã da Rua da Aurora e voltar para casa. Então, eu tinha também esse privilégio, que além de curtir na rua, no bairro, indo para a cidade, eu curti também o centro da cidade, que era lá que tinha o cursinho. A hospedaria da minha mãe foi em vários endereços. [...] Teve na Rua da Soledade, na Rua das Ninfas, na Rua da Imperatriz. Ela alugava aqueles casarões antigos, a partir do que ela alugava, ela transformava numa hospedaria. Fazia a divisória dos quartos, decorava, colocava camas, não sei o quê, não sei o quê... E montava-se a hospedaria. Às vezes, ela alugava esses casarões que já tinham um pouco essa estrutura, que eram alguns casarões da Rua das Ninfas, Rua da Soledade. Mas, quando ela pegava um casarão, por exemplo, na Rua da Imperatriz, não tinha, era um vão no primeiro andar todo, e ela saía dividindo e transformando em quartos. Ela trabalhava e passava lá a semana. Eu ia sempre lá. Ia para a escola, passava por lá, almoçava, falava um pouquinho. Quase todo dia eu ia para lá.

Rosilene Rodrigues dos Santos

Nascida em 1961, Rosilene participou de diversos movimentos culturais negros na região metropolitana do Recife na década de 1980. Foi também coordenadora da Diretoria da Igualdade Racial na Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Cidadã da Prefeitura da Cidade do Recife.

Entrevista.

Datas: 19/04/2009

Local: Residência da entrevistada, Recife.

Duração: 03h03m

[...] Meu nome é Rosilene Rodrigues dos Santos. Eu nasci no dia 7 de julho de 1961. Na verdade, eu gosto muito dessa coisa da data, porque é sete do sete de 1961, seis mais um é sete, então, fica sete, sete, sete [risos]. Nasci no Recife, em Afogados. Por ali, Afogados, Jiquiá. Foi naquela imediação. Não sei se vocês conhecem a Vila Iolanda. É uma antiga fábrica têxtil. Agora, não existe mais. Fica entre Afogados e Jiquiá. Chamam muito de Jiquiá por ali. Já é imediação de Jiquiá. Afogados é um pouquinho mais para lá. Eu nasci ali. Era uma vila de operários exatamente dessa indústria. Uma indústria têxtil, Fábrica Iolanda. Produzia saco têxtil para botar soja, açúcar. Ela agora não existe mais. Mas, a vila ainda existe. O meu pai e a minha mãe trabalharam nessa indústria. E, aí, a gente, na verdade, passou toda a adolescência, infância, fase adulta nesse espaço. [...] O meu pai se chamava José Severino dos Santos, e a minha mãe Eloá Rodrigues dos Santos. [...] Na verdade, não sei se vocês sabem, mas ali naquele espaço, tinha, na fábrica, a vila e uma escola... Todas as pessoas que moravam na vila estudavam nessa escola. A gente fazia até o que hoje é conhecido por Ensino Fundamental. E, depois, a gente partia para uma escola maior. Porque era uma escola pequena. Aí, eu estudei lá nessa escola. Quando saí de lá, fui para a Escola Municipal Pedro Augusto, que era uma escola que fica ali no centro do Recife, ali na Manoel Borba. Ela fica por ali. Depois, eu fiz o vestibular e fui para a Universidade Federal Rural de Pernambuco. Terminei o curso de Economia Doméstica. Eu sou economista doméstica, com uma especialidade em formação de educadores. Eu preferi ir por essa linha. Aí, fiz uma especialização em formação de educadores. [...] Meu pai e minha mãe só trabalharam como operários desta fábrica. Minha mãe teve um derrame, um AVC, quando eu tinha três anos de idade. Ela ficou com sequelas. Todo o lado direito dela ficou paralisado. Ela ficou numa cadeira de rodas. O meu pai se aposentou também, porque teve problemas cardíacos. Então, eles ficaram aposentados e não produziram mais nada. Ficaram em casa.

E minha mãe vive numa cadeira de rodas até hoje. Meu pai morreu há quatro anos. Mas, a minha mãe vive, até hoje, numa cadeira de rodas. É uma coisa interessante, porque eu tinha três anos de idade, faz mais de 40 anos que ela vive assim. Quando você olha, há dois anos é que ela começou a atrofiar. Mas, você olhava para ela, você não dizia que ela tinha um braço e uma perna paralisados. Ela passou por um processo de exercícios. Então, acho que isso ajudou muito. Ela ainda conseguiu caminhar um tempo. Mas, aí principalmente depois que meu pai foi ficando mais fragilizado (que meu pai é que cuidava dela) ... Foi ficando mais fragilizado, e ela também foi ficando um pouco mais fragilizada. Mas, no geral, ela é uma pessoa que tem muita saúde. Eu tenho cinco irmãos. Nós somos cinco. Somos três mulheres e dois homens. O meu irmão tem o nome de meu pai: José Severino dos Santos Filho. E o outro é Romoaldo. De nós todos, eu fui a única que cursou universidade. Eles trabalham. Acho que minha irmã se aposenta daqui a 2 anos. Ela sempre foi comerciária. Também trabalhou em indústrias. Eu tenho uma irmã que é costureira. Também trabalhou em indústria, mas, depois, ficou trabalhando enquanto autônoma, costurando para as pessoas. Os meus dois irmãos, um trabalha no Hospital das Clínicas, na área de segurança, e o outro trabalha com plano de saúde. Trabalhou na Golden Cross. Então, ele faz também um trabalho como autônomo. Mas, também já deve estar se aposentando. Estamos todos entrando nesse processo. [...] Minhas irmãs se chamam Rosaura Rodrigues dos Santos e Rosângela Rodrigues dos Santos. Bom, na universidade eu fiz, quando passei no 4º semestre, eu já comecei a fazer o que a gente chama de monitoria. Eu fui fazer monitoria de algumas disciplinas. E, depois, fui fazer estágio também na antiga LBA, Legião Brasileira da Assistência, como economista doméstica. Trabalhei no estágio da LBA, depois, terminei o curso e fiquei como prestadora de serviço. Porque não era mais estudante, fiquei prestando serviço na LBA. E depois comecei a fazer alguns trabalhos. Fui contratada pela

própria universidade para coordenar um centro que a universidade tinha ali no Parnamirim. Na verdade, era um centro que trabalhava com as empregadas domésticas. A gente trabalhava no sentido de fazer uma capacitação, uma sensibilização com elas, qualificação do trabalho em todas as áreas. Eu coordenei esse centro. A LBA me chamou novamente. Dessa vez, ela estava num processo de desestruturação, mas ainda consegui fazer alguns trabalhos na LBA. Depois, fui para a universidade como professora substituta. Fiz concurso e passei. Fiquei no departamento que eu estudei, que é o Departamento de Economia Doméstica. Fiquei fazendo esse trabalho. Dois anos. Aí não podia ser mais de dois anos. Nesse ínterim, eu ficava, na verdade, fazendo outros trabalhos dentro da Djumbay, que é uma organização não governamental. Mais ou menos o tempo que a gente estava podendo também trabalhar na Djumbay, eu participei do grupo. Sou uma das sócias fundadoras da organização. Eu trabalhei muito tempo na executiva da organização. Depois, voltei de novo para a universidade. Fiz concurso novamente e passei. Aí, fiz mais dois anos como professora substituta dentro da universidade. Depois que eu saí da universidade, eu fui trabalhar na Prefeitura da Cidade do Recife como assessora técnica dentro da Diretoria de Igualdade Racial. Aí, o diretor, há uns dois anos, acho que mais de dois anos atrás, se afastou, e eu fiquei na direção. Então, eu estou lá até hoje como diretora da Diretoria de Igualdade Racial, que está dentro da Secretaria de Direitos Humanos e Segurança Cidadã da Prefeitura da Cidade do Recife.

Severino Lepê Correia

Nascido no Recife em 1952, Lepê Correia é poeta e compositor, tendo participado de muitos movimentos culturais negros na cena pernambucana. É autor de *Caxinguelê* e *Canoeiros e Curandeiros: resistência negra em Pernambuco Sec. XIX*, além de ter colaborado por muitos

anos para o *Cadernos Negros*. Psicólogo, possui especialização em História e Mestrado em Literatura e Interculturalidade pela UEPB.

Entrevista.

Datas: 3/11/2009 e 15/11/2009

Local: Consultório do entrevistado em Recife; residência do entrevistado, Olinda.

Duração: 04h10m

[...] Eu me chamo Severino Lepê Correia, hoje. Minha mãe me batizou Severino do Ramo Correia. Ela era católica romana, aí, me batizou de um jeito, e meu pai de outro. E deu nisso tudo. Hoje, eu sou Severino Lepê Correia. [...] Só o desembargador que está com esse negócio para colocar, acrescentar no meu nome. [...] Eu nasci há 57 anos atrás. Eu nasci em 1952. Sou um velho sagitariano. [...] Nasci em 21 de dezembro de 1952, no primeiro dia do horário brasileiro de verão. No primeiro ano que o horário brasileiro de verão começou. Eu nasci às 5 horas da manhã (que eram seis). O tempo começou a ser seis. Por isso que posso dizer que sou sagitário. O nome dos meus pais é um negócio muito complicado. Primeiro, eu sou filho de Dona Benedita. Dona Maria Benedita Tiago Correia, uma velha, uma mulher maravilhosa. [...] Dona Maria Benedita Tiago Correia. E tenho dois pais. Tenho meu pai Zé Luís, um velho que veio de Angola, de Luanda. Foi cativo, ainda, nos engenhos de Goiana, ali pertinho da gente. E nesse rolo todo eu fui criado por Paulo Preto, o meu pai, o velho do Alto da Mina. A gente, até hoje, tem essa relação muito doida, porque tem uma discussão nessa história. Eu prefiro não entrar nos detalhes [risos]. Mas, eu continuo sendo filho de Paulo Preto. [...] Ah, eu nasci no Fundão. Eu nasci na Travessa da Colina, ali no Fundão. Fundão você sabe onde é, não é? Ali bem pertinho. Travessa da Colina, perto do sítio de Dona Zefa e do sítio de Ferreirinha, perto do famoso Xangô de Maria Cabelão.

Lá em cima, ficava olhando para o Alto do Pascoal, para os toques de candomblé de lá. Então, eu nasci lá no Fundão. Em 1956, eu fui morar em Jatobá. Naquele tempo... Na Estrada do Paulista, no Parque Bancrédito. Não tinha nada, nem divisa de Ouro Preto, nem coisa nenhuma. A Estrada de Paulista bem apertadinha. Só tinha o Expresso Rabelo, que era um ônibus que fazia o roteiro... Quando um estava em Paulista, outro estava no Recife. A estrada era feita de paralelepípedo. Todo mundo pendurado. Só tinha ônibus até a Maricota, que é o antigo nome de Abreu e Lima, hoje, cidade de Abreu e Lima. Para passar para outra cidade, se ia de marinete. Você andou de marinete? É um carro assim feito um utilitário de grande porte... Igual ao Palio Weekend, só que um pouco mais alto. E tinha, em cima, uma coisa feito uma grade em cima, que carregava a mala de todo mundo que ia para lá. Ali em Jatobá tinha um pé de jatobá, realmente. Ouro Preto/Jatobá não existe. Isso é uma mentira dizer Ouro Preto/Jatobá. Ouro Preto nunca foi Jatobá. Jatobá é na estrada, porque tinha um pé de jatobá muito grande. Onde hoje é um material de construção era um Grupo Escolar Felipe Camarão, primeira escola na qual eu estudei. Quando eu cheguei lá já sabia ler. Eu sou professor desde os cinco anos de idade, eu digo sempre. Que aos cinco anos... Mamãe tinha escola, era professora. Aos cinco anos de idade eu aprendi a ler, justamente, para ensinar os meninos, ou melhor, as crianças que estudavam lá com a minha mãe, porque senão elas iam levar reguada. Quando minha mãe perguntava as coisas e elas não sabiam, levavam sempre uma reguada. E, para as crianças não levarem reguada, eu aprendi a ler. E comecei a ser professor nessa idade. Até hoje não deixei. É um vício danado ser professor. Aí, eu continuei. Estudei no Grupo Felipe Camarão, com Dona Leda Maria Morim Guimarães, minha professora Leda Guimarães, que por sinal já se foi. Há uns cinco anos ela se foi. Olindense também, uma pessoa maravilhosa. E daí eu fui estudar depois... Estudei na Escola Rotary, de Olinda. Vi, naquele tempo da Escola Rotary...

Estudei no Brites de Albuquerque. A Escola Rotary ficava no campo do V-8, em Olinda. Tinha o campo do V-8 mesmo. Tinha um cano que atravessava o campo do V-8 para o outro lado da estrada, que, hoje, é o Complexo Salgadinho. Atravessei muito por aquele campo, peguei muito guaiamum na maré. Depois, eu fui morar no Beco do Lixo, hoje, Rua Coronel Nelson Guedes. Mas, Beco do Lixo continua do mesmo jeito, a Prefeitura de Olinda não faz nada, deve achar bonito quando chove e a água vem até o meio do beco. As casas ficam invadidas pela água. Até hoje, nesses anos todinhos.... Eu morei lá em 1962, quando o Brasil foi bicampeão. [...] E, depois, fui estudar no Sigismundo Gonçalves, no Brites de Albuquerque, depois, no Estadual de Olinda, que foi onde eu fiz minha.... Eu comecei meu Ginásial no Estadual de Olinda.... Que não era construído ainda o Estadual de Olinda de hoje, mas que funcionava no Grupo Escolar Duarte Coelho, onde eu fiz o meu primeiro exame de admissão. Um exame de admissão, antigamente, era como se fosse um vestibular. Só passava quem realmente soubesse.... Então, eu passei no exame de admissão no Estadual de Olinda, que funcionava no Duarte Coelho. Barreto Guimarães ainda estava mandando construir o Estadual de Olinda. Até que eu fui fazer o meu Ginásial no Estadual de Olinda. Terminei o meu Ginásial e o meu Científico no Estadual de Olinda. E fui para a universidade daí. Eu posso dizer que eu sou um saudosista, dizendo que o ensino do meu tempo era muito bom. Tão bom que eu não tinha dinheiro para pagar cursinhos. Saí do Estadual de Olinda direto para a universidade. Fiz o vestibular de Comunicação Social e passei na Federal. Não era nem construído o Centro de Arte e Comunicação da Federal. O curso de Comunicação funcionava no CECOSNE. Então, eu saía de Jatobá para o Estadual de Olinda, na Rua do Bonfim, a pé. Tinha um par de sapatos para o ano inteiro. Seis meses eu usava um sapato e seis meses e usava o outro, para não se gastar os dois sapatos. Eu enrolava o dedo do pé, passava seis meses com o pé doente e, nos outros seis meses, era

o outro pé que adoecia [risos]. A gente tinha essas coisas. Tomar muito banho de maré, jogar muita bola. Teve essa história de me apelidarem. Quando eu fui fazer Psicologia, em 1976.... Foi o primeiro vestibular unificado em 1974. Quando eu fui fazer Psicologia, meu trabalho versou sobre Problemas Escolares Provocados pela Auto rejeição da criança negra. Porque foi aí que eu fui sentir na pele, fui ver intelectualmente o que eu sentia na pele e não sabia o que sentia, que era a história de ser chamado na rua de Negro Pelé. Eu vi que as crianças do meu tempo também não tinham nome, se fossem negras, não tinham nome. Eu me lembro que na rua.... Os três negros mais evidentes da rua eram eu, meu irmão e um menino que se chamava Ednaldo. As pessoas o chamavam de Cachimbo de Minha Terra. Chamava de Bi, Cachimbo da Minha Terra. Quer dizer, um cara com nome Ednaldo não tinha nome. Eu, logicamente, não tinha porque era Negro Pelé. Meu irmão, que era muito preto, chamavam de Bria ou, então, Lua, que eram uns jogadores que tinha no Santa Cruz naquele tempo. Bria, que faleceu. Hoje, tem Marco de Bria, que é o filho dele, candidato a vereador, um negrão. No sol chega brilha, como o povo dizia, chega “bria”. Ou, então, Lua, que era outro jogador preto. Ele era bonachão, nem se importava com isso, aí, não pegou o apelido nele. Ele é Luiz. Eu dizia que era o... Aqui não pode dizer palavrão não [risos]. Mas, me chamava de Negro Pelé, e eu me afobava e dizia que era o rabo da mãe. Jogava pedra, jogava lata. Você sabe. Apelido, você não gostou, pegou. Isso foi muito sério para mim, muito ruim, porque a professora dizia na sala de aula: “Quarenta e cinco”. Eu lembro que meu número era sempre 45, 47. “Severino.” Aí, eu: “Presente, professora”. Eu me virava para conversar, ela: “Ei, seu Negro Pelé, vire para frente”. Quer dizer, eu só era Severino na hora da chamada. Passou a chamada, virou a página, já voltava a ser Negro Pelé. Eu vou até escrever um conto sobre isso. Quer dizer.... Metido a escritor como eu sou, vou escrever um conto sobre isso.

Sylvio José Barreto da Rocha Ferreira

Nascido em 1953 em Olinda, Sylvio Ferreira é psicólogo, professor da UFPE. Foi um dos fundadores do CECERNE.

Entrevista.

Datas: 11/06/2011

Local: Residência do entrevistado, Olinda.

Duração: 03h47m

[...] Meu nome é Sylvio José Barreto da Rocha Ferreira. Nasci no dia primeiro de março de 1953. Meus pais são Maria José Barreto da Rocha Ferreira e José Teófilo Ferreira. Minha mãe era doméstica e meu pai servidor público federal. Ele trabalhava antigamente no que se chamava Órgão do Tesouro, hoje o que seria a Fazenda ou alguma coisa dessa ordem. Eu morava em Olinda, na Rua 27 de Janeiro, aquela rua praticamente fica em frente à sede da municipalidade. Tem a Prefeitura, a praça, do outro lado tem a 27 de Janeiro. Minha família morava ali quando eu nasci, numa maternidade na cidade do Recife, que foi a maternidade do Hospital Português. [...]. Não, nasci na maternidade, sim, é uma circunstância, uma casualidade, mas minha família residia em Olinda naquela época. Na minha primeira infância, morei em Olinda, fundamentalmente nessa rua onde minha família morava na época do meu nascimento. Em seguida, minha família mudou-se da Rua 27 de Janeiro para a Rua Prudente de Moraes, depois para Rua Henrique Dias, ainda em Olinda. Da Rua Henrique Dias, nós fomos morar no bairro da Várzea, no Recife, da Várzea nos mudamos para a periferia de Olinda, onde fomos morar nesse subúrbio co-extensivo, que se chama Sítio Novo. [...] De Sítio Novo, minha família mudou-se para o bairro de Água Fria, na cidade do Recife, onde morei na Rua da Regeneração, 945, isso, no início dos anos 1960, do fim da primeira metade. [...] Eu estudei,

inicialmente, comecei a minha alfabetização em Olinda mesmo, na Rua Henrique Dias, numa escolinha particular, e, posteriormente, estudei em algumas escolas públicas ou mistas, no sentido de quase públicas ou quase mistas, subsidiadas pelo governo. Meu estudo primário eu fiz ainda em Olinda, na época que eu morava em Sítio Novo, estudando numa escola particular de subúrbio, uma escola que me é muito querida, e tenho muito afeto em relação a esta escola, pelas lembranças que sempre me acompanham em relação a ela, a Escola Ateneu Humberto de Campos. Essa escola tinha como diretor um professor, cujo sobrenome era seu Nunes. Essa escola ficava num bairro chamado Rancho Fundo, em Sítio Novo. Naquela época, início dos anos 1960, era uma área ainda muito alagadiça, e as aulas, em tempo de chuva, em geral, eram interrompidas porque a maré subia e chegava até às salas de aula, e estas eram suspensas porque, entre outras coisas, eram invadidas pelos caranguejos que vinham até a escola em função do aumento da maré. Mas, era uma época muito boa no sentido geral da aprendizagem, iniciando as letras; boa pelas lembranças, boa por tudo o que cercava a minha vida de menino na primeira infância naquela ocasião. Uma infância estruturada familiarmente, mas ao mesmo tempo, muito solta, muito livre, em que o mundo tomava conta de mim, como tomava dos meus amigos, em termos de descobertas e diversões muito saudáveis.

[...] Éramos três irmãos: dois irmãos, uma irmã e tinha outros irmãos e uma irmã de casamentos outros dos meus pais. Meu pai quando casou com mãe já tinha outros filhos. Quanto a minha mãe, não tinha filhos. Foi o primeiro casamento dela. Tanto a minha mãe, como meu pai já se foram. Minha mãe faleceu em 1994, o meu pai, bem antes, eu era criança quando ele faleceu. Deveria ter aproximadamente uns 3 anos ou quase isso, talvez nem tivesse chegado aos 3 anos. Minha mãe nos criou, a princípio com uma pensão deixada pelo meu pai, mas ela, como era doméstica ou do lar, teve que se lançar ao mercado de trabalho. Então, ela foi fazer um curso técnico

de auxiliar de enfermagem e conseguiu um emprego no serviço público do Estado, e, ao longo da vida, ela, até se aposentar, trabalhou como auxiliar de enfermagem no serviço público do Estado. Eu vivi um momento com minha família que foi de declínio social. Meus irmãos conheceram outro momento, porque quando o meu pai faleceu eu era muito criança. Eu sou o mais jovem dos três filhos. Somos dois homens e uma mulher. Conforme o falecimento do meu pai e minha mãe desqualificada, os irmãos na adolescência, então teve que haver aí uma readaptação para que a família encontrasse meios de sobrevivência própria.

Thelma Chase da Silva

Nascida em Manaus, AM, em 1953, morou no Recife por mais de 15 anos, participando dos movimentos negros no início da década de 1980, e de diversos grupos culturais negros, como o maracatu Leão Coroado. Foi participante do CENPE (Conselho de Entidades Negras de Pernambuco).

Entrevista.

Datas: 07/02/2011

Local: Salvador/BA.

Duração: 01h51m

[...] Meu nome é Thelma Chase da Silva. Meus avós maternos eram ingleses, eram de Barbados. E eu sou amazonense, morei 15 anos no Recife, mas sou amazonense. E muitos barbadianos, que era uma ilha da Inglaterra, iam para Manaus trabalhar nas fábricas, e meus avós foram. Meu avô Charles Chase e Evelyn Chase, minha avó. [...] Eu nasci em 25 de janeiro de 1953. Meus pais são Dora Chase da Silva e Cipriano Pereira da Silva. Meu pai morreu há 15 anos e minha mãe há dois, em Manaus. Moramos em Salvador eu,

a Wanda e um filho meu, que tem 30 anos, que é pernambucano, filho de pernambucano, que é músico também, que era do Samba 5, o Amaro, Canelinha. Primeiro grupo de samba do Recife que puxava.... Que vinha na frente dos Donzelos de São José, eram os Originais do Samba e o Samba 5.

[...] Estudei. O Primário todo, todos nós fizemos no Instituto Batista Ida Nelson, que era um colégio de missionários americanos que foram para Manaus com uma missão de construir uma escola para pessoas, filhos de pessoas pobres. Então, tinha lá um cadastramento que eles faziam e, hoje, isso mudou. Hoje, o Ida Nelson é escola para rico. Mudou completamente a missão, porque os missionários foram quando se construiu, e foi criada uma associação, e isso mudou. Conversei até muito com meu irmão, quando fui, agora, em Manaus. Mas, nós estudamos lá e podia ter uma opção de a gente continuar no Ida Nelson para fazer de 5^a a 8^a, só que nenhum de nós quis. A gente queria.... Porque, naquela época, a escola pública era muito boa, e a gente tinha muita vontade de estudar no Instituto de Educação do Amazonas, que, aqui.... Que lá no Recife é o Central, ou melhor, que é aqui em Salvador... Colégio Pernambucano. Ginásio Pernambucano. Então, eu estudei no Instituto de Educação do Amazonas, fiz o Pedagógico, a Wanda também, o meu irmão.... De 5^a a 8^a. E os 3 anos, 2^o grau. E a Wanda e o Carlitos estudaram no Colégio Estadual, fizeram o Científico. Naquela época, tinha... E aí, depois, eu fiz licenciatura em, por incrível que pareça, em História lá em Manaus. [...] Eu fiz vestibular para Serviço Social, que era isso que eu queria ser. Eu não sei por que eu não dei continuidade, por que eu não insisti. A única cobrança que eu faço na minha vida. Eu não passei na primeira etapa, não passei para Serviço Social, e eles ofereceram o curso de Estudos Sociais. Foi criado um curso de Estudos Sociais e, aí, fiz. Paralelo a isso, lá em Manaus, existia muitos cursos de férias, como a faculdade de Belo Horizonte. E aí, eu tinha feito

também e passei. Acontecia em Tefé, que é um município lá do Amazonas. Então, eu fiz, conclui pela Federal lá e me qualifiquei em História, nunca trabalhei dentro da área... Dei aula a vida toda, mas nunca dentro da minha área como historiadora, não dei continuidade para isso. Porque como eu queria... Era importante para nós termos um curso superior. Aí, quando a universidade ofereceu, foi criado esse curso, e ela ofereceu para.... Certamente, para as pontuações maiores. Eu aceitei. O que é que podia ter feito? Eu devia ter feito no ano seguinte, ter tentado de novo e reaproveitava matérias. Eu não devia ter saído do foco porque, hoje, eu sei que eu tenho uma atuação dentro dessa área, eu sou produtora pedagógica, faço produção de *shows*, mas onde eu posso direcionar para ter a parte didática, eu direciono. Mas tudo tem a ver com Serviço Social. Trabalhei em Manaus. Dei aula, a vida toda, em escolas. Só dei aula lá em Manaus. Trabalhei muito com alfabetização e Mobral. Quando o Mobral implantou, eu e Wanda fomos as primeiras pessoas, assim, contratadas, a turma, não só nós, mas o grupão todo. Todo mundo fazia faculdade, acho que a criatura foi até dentro da faculdade fazer essa divulgação. Nós trabalhamos num bairro super popular chamado Petrópolis, que foi uma coisa muito bacana também, muito bacana.

Walter José Araujo Ferreira

Nascido em 1949, no Recife, Walter Araújo foi ativista cultural, participando de diversos grupos teatrais, levando a discussão sobre a cultura negra e o racismo. Foi fundador do Grupo Cênico Liberdade.

Entrevista.

Datas: 25/04/2009

Local: Residência do entrevistado, Olinda.

Duração: 01h00m

Wanda Chase da Silva

Nascida em Manaus, AM, em 1950, morou no Recife por mais de 15 anos, participando dos movimentos negros no início da década de 1980, e de diversos grupos culturais. Participou do CENPE (Conselho de Entidades Negras de Pernambuco).

Entrevista.

Datas: 16/12/2010

Local: Salvador/BA.

Duração: 01h52m

[...] Meu nome é Wanda Chase da Silva. Nasci em Manaus, no dia 19 de novembro de 1950. Meus pais se chamavam Cipriano Pereira da Silva e Dora Chase da Silva. Tanto o papai quanto a mamãe eram negros. O nome Chase vem de Barbados. Os pais da minha mãe. Eram Charles Beriford Chase e Evelyn Greenwith Chase. E, naquela época, na década de 1920, até antes, o pessoal do Caribe ia muito para o Amazonas, muito para o Norte. Eles contribuíram bastante com uma tecnologia que eles já tinham. Vocês devem conhecer, já devem ter já lido ou ouvido, ouviram de mim ou de Maria, o Marcos Souza, que é meu conterrâneo. Que eles contribuíram para a construção da Madeira-Mamoré, o porto de Manaus. Foram eles que construíram pelos mesmos moldes do porto da Inglaterra. Então, tiveram uma participação ativa muito grande. Um pessoal de Trinidad e Tobago. E outros de Barbados. A colônia era muito grande. Eram negros, assim, extremamente elegantes, que tinham hábitos maravilhosos como cultivar plantas dentro de casa. Na época, isso não era moda como hoje. Mas, eles cultivavam plantas. Tinham plantas dentro de casa para ornamentar. Eles se vestiam, assim, elegantemente. As mulheres e os homens usavam chapéus. As roupas, assim, vestidos de três quartos, roupas, assim, plissadas. Essa sandália que se chama, hoje,

Anabela. E eram, assim, muito elegantes. Faziam um pão maravilhoso. Levaram o costume deles de se comer inhame, que lá em Manaus se chama cará. A banana, que em Salvador se chama banana da terra, e banana comprida no Recife, no Amazonas chamamos de banana pacovan. Então, hábitos de utilizar banana na alimentação, de fazer mingau. Então, fomos criadas assim, num clima muito legal, porque, eu digo sempre que eu aprendi, não tenho problemas raciais na minha cabeça. E não tive, nunca tive complexo nenhum. Muito pelo contrário, porque eu aprendi, nós aprendemos, eu e meus irmãos, a sermos negros desde criança. O vovô tinha como hábito nos chamar. Qualquer coisa que ele estivesse lendo, principalmente sobre a questão racial, ele nos chamava para conversar sobre aquele assunto. Nós éramos crianças mesmo. E ele falava que nós éramos negros, que nós temos que ter a consciência, temos que gostar de sermos negros.

[...] Eu tenho quatro irmãos. Thelma, que mora aqui na Bahia. Carlinhos, que mora em Manaus. O Carlinhos, o Jeferson e a Nair. E Thelma mora aqui também. Trabalha aqui, ela é produtora cultural, trabalha muito na área da cultura popular. Ela é produtora do Pelourinho e faz um trabalho legal com a Emília Biancardi, que tem um museu lá no Pelourinho que vocês podiam visitar, é fantástico, em frente ao Olodum. Tem uma orquestra lá. Ela faz muito trabalho aqui na área popular, na periferia. Implanta projeto. Muito legal o trabalho dela.

[...] Eu fiz admissão, aí, eu passei. Eu fiz o Ginásio lá no Ida Nelson, depois, eu fiz o Pedagógico. E, aí, eu fiz vestibular para Jornalismo, passei. Aí, no curso, na nossa turma tinha dois negros, eu e o Joaquim. O nosso curso fazia parte da Faculdade de Filosofia. Aí, teve a formatura. Então, era coisa muito cafona. Pela Universidade do Amazonas. Na época, não tinha esse nome e sigla UFAM, era Universidade do Amazonas. Mas era do governo, era federal. E, aí, cada turma de cada curso, na formatura conjunta, ia usar uma cor de vestido. Filosofia era rosa, Letras era verde, Pedagogia não sei que cor

e Jornalismo cor-de-rosa. Aí, eu comecei a questionar: “Mas por que cor-de-rosa?” Não gosto de cor-de-rosa, eu gosto muito de cores fortes. Eu gosto muito é do vermelho, do amarelo, do azul. Aí, eu: “Não, mas por que cor-de-rosa?” E ficou aquilo... “Ah, eu não gosto dessa cor.” Aí, duas colegas minhas, Sandra Craveiro de Albuquerque e Ceres Calcunha, chegaram comigo e disseram: “Olha, nós vamos te contar uma coisa, a turma escolheu essa cor porque disse que é a única cor que fica bem em preto. Então, por isso que escolheram essa cor, por conta de ti, porque muita gente não está gostando”. Aí, eu disse: “Ah, é? E aí, que a gente vai fazer?” Aí, nós combinamos eu ir de branco, a cor que eu queria ir. Eu fui de branco. A outra minha colega foi de lilás, e a outra foi de estampado. Menina, quando essa menina nos viu, a representante de turma, que era autoritária, que nós chegamos lá, todo mundo igual... [risos]. Ela quase que enfarta, quase que ela enfarta, revoltada. Estragamos a formatura, estragamos. Foi muito interessante. [...] Comecei a trabalhar lá em Manaus. Eu fui professora do Mobral. Eu e a minha irmã, a Thelma. Depois, eu fui professora de uma escola da minha igreja, escola batista, trabalhando com crianças. Aí, no primeiro ano de minha faculdade, já fui para o jornal *A Crítica*. Fui estagiária desse jornal. Depois, fui para o jornal *A Notícia*. Depois, voltei para *A Crítica* e fiz um pequeno estágio na tv Educativa. Mas, comecei a trabalhar lá.

Zumbi Bahia (Adalberto Conceição da Silva)

Nascido em Salvador, BA, em 1953, migrou para o Recife na década de 1970 onde ensinou capoeira, participou da fundação do Balé Primitivo de Arte Negra e dos primeiros grupos de afoxés em Pernambuco.

Entrevista.

Datas: 30/08/2012

Local: UFPE/Recife.

Duração: 02h32m

[...] Meu nome é Adalberto Conceição da Silva, mas fiquei conhecido como Zumbi Bahia. Nasci no dia 18/08/1953. Meus pais são Humberto Alves da Silva e Maria Conceição da Silva. Nasci em Salvador, na Bahia. [...] Meu pai era militar e minha mãe, comerciante. E, meu pai tinha a ideia de que nossa casa era extensão do quartel. Mas, por exemplo, minha mãe tinha toda uma relação com a cultura afro-brasileira, através da religião de matriz africana, e me levava sempre com ela, inclusive quando eu ainda estava na barriga. Então, nos rituais em que ela participava, ainda grávida, eu estava presente. E depois, eu continuei minha vida sempre próxima à religião de matriz africana, de nação Angola. Então, as minhas primeiras pesquisas foram exatamente a partir da religião que minha mãe frequentava e que, por extensão, eu também estava presente. Esse grupo religioso tinha um afoxé, que saía pelo Carnaval, e durante o ano tinha um grupo menor que na época era chamado de folclórico, onde eu estava presente. O afoxé tinha como nome Filhos de Obá. Este afoxé tinha um grupo também, com coreografias, manifestações como capoeira, maculelê e samba de roda. Nós fazíamos um *tour*, e numa dessas a gente passou por aqui, no Recife. Nós nos apresentamos no Teatro do Parque, mas também passamos em João Pessoa. Fizemos Campina Grande, João Pessoa.... Naquele momento, lá em João Pessoa, a gente conheceu um cidadão, produtor de cultura popular, chamado Tenente Lucena. [...] Hoje já é falecido. E o tenente Lucena me convidou para aplicar uma oficina. Eu digo, então eu vou até Salvador com o grupo e depois eu retorno. E assim aconteceu, em 1979. Eu fui para a Paraíba e comecei a desenvolver um trabalho com capoeira, através do SESC, Serviço Social do Comércio, de lá, onde cinquenta comerciantes começaram a fazer. [...] Como eu já falei, a minha vida foi assim muito intensa

com a cultura afro-brasileira. Naquela época, os grupos eram fragmentados ou mais específicos, digamos assim. O grupo que desenvolvia capoeira era só capoeira, o que desenvolvia maculelê era só maculelê, o que desenvolvia samba de roda, era assim. Eu estava no de samba de roda, mas com um tempo uma professora da Universidade Federal da Bahia criou um grupo dentro da UFBA, onde juntou todos esses segmentos e aí deu o nome de Viva Bahia Emília Biancardi. Então, era para participar de festivais internacionais e, como não podia ir sessenta pessoas de cada grupo, então ela juntou num número mínimo de pessoas e montou diversas manifestações. E a partir do Viva Bahia, os demais grupos passaram a juntar e a fazer projetos.

[...] Todo capoeirista tem um batismo ou passa por um batismo. Eu sou da época em que não tinha cordel de graduação. Aprendia-se capoeira pela observação ou pelo elemento prático mais cruel: “Entra aí!” Então, entrava para aprender. E aí, mestre Bigode de Santo Amaro, ele não graduou nenhum mestre. Ele dizia que o tempo era que fazia o mestre. Então eu tinha que treinar bastante tempo, e, possivelmente, a comunidade me reconheceria como mestre, na percepção dele. E aí, eu comecei a perceber que a capoeira estava mudando de conceitos. Eu precisava ter um batismo, eu precisava ter um nome, e esse nome de Zumbi Bahia já vinha de uma brincadeira, porque no Filhos de Obá eu assinava as composições coreográficas que, na época, tinha de pedir licença à Polícia Federal. Até hoje, eu tenho lá um certificado do espetáculo: “Censura Livre”, um carimbo bem grande. Então, nessa época, eu tentava montar o espetáculo *Zumbi dos Palmares*. Estudei, pesquisei, mas não consegui montar, porque da maneira como eu queria montar, o custo era muito alto e não tinha patrocínio na época e, por fim, eu fiquei sendo chamado no meio artístico daquela comunidade como Zumbi. Mas, era só de ironia, porque eu não conseguia montar o espetáculo. Então, quando eu disse: “Bom, a capoeira precisa ter uma

referência”. E aí, procurei o mestre Boa Gente e conversei com ele, que fez um teste comigo e tudo mais e aí me batizou como mestre Zumbi Bahia, por volta de 1964, aproximadamente 1964. E aí, já em 1977, eu já viajo para Paraíba como mestre Zumbi Bahia.

CAPÍTULO I

Reconstrução dos movimentos negros

Amauri Cunha

[...] Agora, eu por conta das necessidades, acho que não só econômicas, mas por necessidades mais filosóficas minhas, eu me envolvi com a militância desde cedo, com a militância política, né? Meados, final dos anos 1970, início dos anos 1980. Eu militava mesmo que ainda de forma, vamos dizer assim, inconsciente e romântica, mas eu já colaborava com o Partido Comunista Brasileiro, no final dos anos 1970, a gente militava ainda de forma clandestina e coincidentemente eu sempre fui envolvido com a produção de imprensa, eu na época carregava os prelos. Eu não sei se você sabe o que é prelo, é aquela chapa de chumbo absurda, que, mesmo pequenininha, era um peso danado. Aquilo ali é que se encaixava lá na máquina e fazia com que os panfletos fossem reproduzidos e na época, 1978, 1979, entre 1976 e 1978 a militância ainda era clandestina e a gente colaborava organizando quadrilha junina, grupos de folclore, aquela coisa mais maquiada possível dentro daquele conceito moral e cívico, muito por aí a brincadeira. Eu lembro bem que a gente fazia os Primeiros de Maio, era interessante, a gente comemorava o Primeiro

de Maio, a gente pegava as faixas na Praça Carlos Varela e corria e ficava de longe tomando conta, porque se ficasse perto corria o risco de ser preso. Também a brincadeira começou por aí, do ponto de vista da militância até então, até o início dos anos 1980, eu não tinha nenhuma amarração institucional com partido político. Tinha entre aspas, porque na verdade o partido era clandestino. Mas, eu não era membro do partido até porque na época era adolescente.

[...] Assim, nos anos 1970, nos anos 1980 foi que eu resolvi entrar noutro barco, aí foi quando surgiu uma discussão, porque na época todos nós éramos envolvidos com o Movimento Democrático Brasileiro, o MDB e era o único partido que também tinha. A gente não tinha opção nenhuma na verdade, ou era o MDB ou era ARENA, ou era aquele coletivo lá da direita. Mas, no início nos anos 1980 surgiu a discussão da abertura política e a redemocratização do país. Foi quando se deu o surgimento de outros partidos e aí então, nesse processo eu me lembro muito bem de que, inclusive, na época eu tive o prazer de ter conhecido em vida o Gregório Bezerra e muito me inspirava, aquela coisa mais romântica. Eu lia Jorge Amado, Capitães da Areia, Subterrâneo da Liberdade.... Este último foi a minha bíblia, algo a altura de O Capital, em termos de importância, quando comparado a Karl Marx. Foi o Subterrâneo da Liberdade de Jorge Amado o livro que formou minha consciência política. Então, em 1981 entrei no Exército, e o servi de forma obrigatória, mas eu fui querendo aprender as coisas.

[...] Anos 1980. Foi exatamente meu trabalho profissional junto aos sindicatos. Até então como tinham aqueles encontros culturais do movimento, que faziam com que as pessoas se conhecessem, além da própria necessidade do movimento em determinado momento de se produzir a comunicação, mesmo que de forma alternativa. Como eu era um profissional alternativo.... Eu me considero até hoje, embora esteja profissionalizado, mas eu era profissional alternativo. De tabela, levava o conhecimento para essas pessoas,

então a partir daí foi quando eu conheci o Gilson, a Veronica Gomes, a Rosilene Rodrigues e o Marcos Pereira, que era um militante do movimento sindical. Aliás, perdão, ele era militante do movimento negro, mas que também era militante do movimento sindical. Ele foi, por um bom período, presidente do Sindicato dos Bancários e eu era funcionário do Sindicato dos Bancários. Uma coisa foi levando à outra. Josafá Mota foi outra pessoa que teve grande importância para mim. Ele me abriu os olhos na perspectiva da minha identificação enquanto ser negro, porque aí a discussão passou a ser mais filosófica, e é aí quando você se encontra e se percebe enquanto ator naquele segmento de militância porque, até então, eu militava no movimento comunitário. Eu era um assessor de sindicalista, mas ainda não me identificava como negro, vamos dizer assim. E aí minha identificação com o movimento foi natural nesse sentido, primeiro porque de fato sou um homem negro. Eu venho de uma família miscigenada, mas eu tenho minha avó, meu avô, meu pai, tive um lado da minha família que tem essa cor de pele.

[...] E Josafá Mota, o Cirilo foi uma pessoa muito importante para o processo de conscientização, e o trabalho profissional caminhando sempre junto a isso. Daí a minha contribuição efetiva junto ao movimento negro. Com a relação do Movimento Negro Unificado, por exemplo, eu nos anos 1980, 1990 não era membro do MNU, eu agora sou. Eu fiz o cadastro, lá preenchi uma ficha, me considero membro do MNU, mas não tenho aquela militância efetiva institucional. Aquela militância orgânica, mas eu só mantenho minha relação enquanto sendo do MNU, mas não me considero militante constitucional do movimento porque eu não tenho mais interesse na disputa pelo poder. Mas, eu tenho interesse em continuar colaborando com a luta, da minha maneira, então, eventualmente eu faço um trabalho de arte gráfica, faço um trabalho jornalístico. Hoje eu me envolvo muito mais com o trabalho vocal porque também a própria militância me levou a isso.

Brivaldo

[...] Aí, foi quando eu vim para Olinda que eu comecei, através do Movimento Negro Unificado... Eu tinha uma prima, Adelaide, que era casada com Josafá. Através desse pessoal, que foi quando eu vim para Olinda, que tinha uma interação muito grande dentro do movimento negro, aí foi que o pessoal chegou, me convidou para eu fazer parte do movimento negro e tal. Foi quando eu comecei a me interessar pela questão afro e com a cultura. Que na Rua da Lama a gente só acompanhava maracatu e a escola de samba, mas não tinha essa questão de desenvolver nenhum tipo de trabalho mais consistente. Em 1981 eu cheguei em Olinda. Em 1982 eu comecei a acompanhar o afoxé mais antigo que tinha na época, o Araodé.

[...] Eu só vim ter contato com o movimento negro quando eu cheguei em Olinda. Porque o pessoal do MNU tinha uma influência muito grande aqui dentro de Olinda. Essa minha prima Adelaide é sobrinha da minha avó. O pai dela, que trabalhava nos Correios, era irmão da minha avó, e se chamava Adalto.... Como tinha essas três irmãs que moravam aqui em Olinda, o pessoal vinha muito dar um suporte a esse pessoal, essas negras velhas. Porque todas três eram velhas. Porque são netas de escravas. Minhas avós eram netas de escravos. A minha bisavó era filha de escravo. Era Adelaide também o nome da minha avó, assim como o da minha bisavó. Que foi uma homenagem que meu tio fez à mãe dele, que colocou no nome da filha o nome da mãe, que era Adelaide. Mas aqui, na época, o MNU tinha uma influência muito grande em Olinda. Não sei por que, mas já em 1982, 1981, o pessoal se reunia lá em Recife, mas a atuação cultural era em Olinda. O pessoal vinha muito aqui em Olinda. Foi através dessa minha prima Adelaide, e de seu esposo, Josafá, que conheci o movimento negro. Tanto ela como Josafá faziam parte da coordenação do MNU nessa época. Quando ela veio visitar a minha avó e as três tias dela, foi que ela começou a

me influenciar para que eu fosse para a reunião do MNU, a questão da conscientização, a questão da negritude. Que naquela época o pessoal discutia muito Steve Biko, Malcolm X e Mandela (que estava preso). A reunião do MNU, na época, era muito focada nesses negros. Não era pela política brasileira, era a política internacional. O pessoal discutia muito. Levava livro de Malcolm X, de não sei quê.... Está entendendo?

[...] A Rua do Hospício, ao lado do antigo Cine Veneza, o DCE da UFPE. [...] Pronto. A reunião era ali. Sábado, à tarde e noite, eu fui para lá através de Adelaide e eu comecei a me influenciar dentro da questão do movimento negro no Estado de Pernambuco. Foi nessa época que nós, que o pessoal já saía nos afoxés daqui de Olinda. Já tinha o afoxé mais antigo, que era o Araodé, já tinha os seus ensaios. O Araodé era um afoxé mais de comunidade. Ele não era como o Alafin Oyó não.

Claudete Ribeiro

[...] A Festa do Cabelo do Pixaim acontecia no Atlântico. O Alafin é quem puxava essa festa, junto com o MNU [...] ela era anual. Porque, na realidade, os integrantes do MNU eram também do Alafin. É isso que as pessoas se esquecem dessa junção que era tão bonita e forte e que se fez necessária. Então, nós fizemos a Noite do Cabelo Pixaim, trouxemos um grupo de reggae, trouxemos o Estrela Brilhante, se eu não me engano. Não era época de Carnaval, mas o maracatu desfila na rua. Ele vem da Casa da Cidadania, lá de baixo, junto do Sigismundo Gonçalves. Ele vem cortejando, passa pela Casa da Cidadania e entra no Atlântico todo formado, em plena madrugada. Os seus batuqueiros sobem no palco do Atlântico e dão um *show*. A turma dança até de manhã, entendeu? Maracatu. E foi uma coisa muito doida, porque o Atlântico estava lotado. E o pessoal querendo mais. Aí, vamos fazer a Noite dos Aguidaus (sic),

e tinha que ter a Noite dos Aguidaus (sic), porque era importante. E assim se sucedeu.

[...] Particpei de todos eles. No mês de agosto nós fazíamos a festa para Exu, chamada de Noite de Exu. O Alafin fazia a Noite de Exu. Era muito bonita porque tinha todo um cerimonial. O afoxé, o seu lado religioso, fazia sempre. Agora eu não sei como funciona nos outros afoxés. Isso eu não vou falar porque eu não sei. Eu não tenho um entendimento disso. Mas, no Alafin e no Oxum Pandá tínhamos outra visão dessa história. A questão religiosa se faz necessária. Dentro do Alafin, o preceito era fazermos o *xirê*. Começávamos a fazer o *xirê* antes que qualquer pessoa chegasse para tomar qualquer tipo de bebida alcoólica. Aqueles alabês estavam separados para fazer o *xirê*. Depois que nós fazíamos o *xirê* a casa podia ser aberta e esperar que chegassem os visitantes, os sócios, e tomassem suas cervejas. Hoje, eu não sei como é que se faz isso, mas, na época, fazíamos dessa forma.

Edvaldo Ramos

Movimento Negro do Recife e CECERNE, os primórdios

[...] Deixa falar do CECERNE. O CECERNE, eu não adentrei a porta porque era uma espécie de dissidência que o Sylvio Ferreira queria fazer do nosso movimento original. Então, o movimento cresceu e ele criou o CECERNE. Do CECERNE, quem pode falar muito bem é Laurinete. Não sei se Inaldete poderia, não sei, não sei mesmo, mas Laurinete eu tenho certeza. Porque eu não cheguei a assistir nem uma reunião deste grupo. Mas tiveram uns quebra-paus, eu era mais novo, mais chato, mais intransigente, aí tinha uns quebra-paus...

[...] Sim e... Respeitosamente porque eu tenho princípios e eles também têm. Respeitosamente, mas eu lembro que discutimos no calor da divergência. E por que essa discussão? Porque tem uma

terceira coisa nessa história. Não era do CECERNE e não era apenas o movimento negro. Eu era o representante, na época, Véio ainda era vivo, já não era o presidente, mas eu era do Centro de Cultura Afro-brasileiro, presente na criação desse movimento negro. O meu já vinha de 1936, aí, a briga vinha por aí.

[...] Essa reunião já era uma sequência. A primeira ou as primeiras; a primeira, a segunda e a terceira, não sei se até dezesseis, não me lembro, mas a primeira e as primeiras foram no apartamento de Inaldete. Bom que ela está viva ainda. E era aqui nessa mesma rua, sem esse mesmo nome. Porque essa rua vai se bipartindo, tripartindo, não é? Ela é Riachuelo até chegar ali ao quartel, depois, ela pega assim a Manoel de Oliveira Lima, essa mesma rua aqui, Manoel de Oliveira Lima e, no finzinho, ela tem um terceiro nome. Então, é na esquina... Ali tem um prédio que eu não sei o nome e que ainda hoje Jomard Muniz de Brito mora. Inaldete morava nesse prédio também. Foi ali onde se começou a conversar e a se reunir para a criação do Movimento Negro do Recife. Ainda não havia o CECERNE, aí, eu fui convidado. Por todos, por Inaldete, Jorge Moraes que você conheceu [dirigindo-se a Ivaldo Marciano, um dos entrevistadores], Pereira... Pereira França e a esposa dele. Eram oito na época, então, pelo fato de que eu já vinha com o Centro de Cultura Afro-Brasileira, era um trabalho de José Vicente Lima e tinha umas figuras conosco, foi esse mesmo Centro de Cultura Afro-Brasileira, cujo presidente, o primeiro presidente foi Solano Trindade. Aí, esse Centro que passou então para Zé Vicente, nessa época ainda era Zé Vicente o presidente, que o Zé Vicente participou aqui no Santa Isabel quando nós fizemos, então, uma comemoração. Comemoramos não sei dizer se foi os 20 anos ou 50 anos, um negócio assim, acho que foi cinquentenário... [...] Eu tenho um livro no qual ali eu já estava na presidência do Centro de Cultura Afro-Brasileira. José Vicente era vivo e nós comemoramos o cinquentenário, aí depois tem um livrinho disso, do cinquentenário do Centro de Cultura e Afro-brasileira

no Santa Isabel. Aí, nesse ínterim, estava sendo criado o movimento negro, que as primeiras reuniões foram naquele prédio ali que eu não sei o nome [...] Quando a gente vem por aquela rua sentido Bompreço para cá, né? Está acompanhando? Mensalmente? Aí, tem uma saída que tem o posto de gasolina e vai para lá. Aí, então, logo ali é essa rua, ali. Que eu também sei o nome, mas estou esquecido agora. E logo depois é onde foi o Pronto Socorro do Recife e, ainda hoje, é um prédio onde abriga a FUSAM. Aí, naquela rua ali, tinha um prédio de esquina, foi ali que foi criado o Centro do Movimento Negro do Recife. Porque então a briga, a divergência entre eu e o Sylvio, fora aquela coisa da Noite dos Tambores, a briga foi que o movimento negro teve origem em São Paulo e se erradicou pelo resto do Brasil. Aí, a proposta, eu acho que foi do próprio Sylvio, não lembro assim, qual estatuto que nós adotaríamos. Se faríamos um novo estatuto, se adotaríamos o de São Paulo, ou se ficaríamos com o estatuto do Centro de Cultura Afro-Brasileira. Nós fizemos uma eleição no DCE. Tem figuras ainda vivas hoje. Josafá, por exemplo.

[...] Então, já no DCE, se fez uma eleição, e foi acirrada, né? Porque eu queria então que continuasse aquela história do conservadorismo. Eu queria que continuasse o Centro de Cultura, o movimento, que esse pessoal todo engrossasse para o Movimento de Cultura Afro-brasileiro continuar. E porque, então, eu lembrava que em tempos idos e difíceis tinha sido criado pelo Solano Trindade, onde eu usava, eu agora estou bem melhor, mas eu usava uns termos muito radicais. A negrada virava o espelho ao contrário para não se ver negro. [risos] Para nós não nos vermos como negros. Esse pessoal, Solano Trindade, Zé Vicente Lima e os outros que criaram em 1936, então esse movimento deve continuar. Era essa a minha tese. Já Sylvio Ferreira era: “Não, trata-se de um movimento negro, de um movimento novo, e que deve continuar com o mesmo nome do de São Paulo, Movimento Negro Unificado”. Aí, nós vamos fazer o estatuto, eu já botei o estatuto meu que tinha na época do nosso Centro,

e houve uma eleição, a eleição foi acirrada, acirrada! Eu já tinha esse escritório aqui. Nesse escritório aqui eu roubei papel, não sei o quê, distribuí... Veja bem, eu não estou falando do CECERNE ainda. Ganhou o Movimento Negro Unificado. Então todos nós aceitamos, não houve divergência. Movimento Negro do Recife.

[...] Nair e Sylvio Ferreira defendiam que todos nós continuássemos com o Movimento Negro do Recife, copiando o de São Paulo. Enquanto eu defendia que todos se reunissem para engrossar aquela história de Solano Trindade, de 1936. Aí, na votação, eu perdi. Perdi, mas ninguém se afastou. Pereira e Jorge Morais eram do meu grupo. Ou melhor, eu era do grupo deles [risos]. Mas, continuamos juntos. [...] E muitas pessoas da época, tinha o professor Miltinho, Milton de Paula Santos, Milton Santos. Pois bem, então o grupo se reuniu todo e criou o Movimento Negro do Recife, mas trabalhando em conjunto. Aí, foi quando Sylvio achou que deveria criar um movimento novo, novo! Aí, criou o CECERNE. Aí, o CECERNE foi Laurinete e parece que Irene... Irene era uma jovem, me parece que ela era enfermeira Ana Nery que morava nesse edifício aqui, Santa Cruz. Sabe aqui o Santa Cruz? Na esquina, né? Na Gervásio Pires, na Conde da Boa Vista. Pois bem, no mesmo prédio. Então, me parece que Irene, Laurinete e mais umas duas pessoas, que eu não sei dizer assim objetivamente, ficaram com Sylvio no CECERNE. Mas, o CECERNE não conseguiu ter a mesma projeção do Movimento Negro Unificado. Entendeu? Porque a ideia do CECERNE não era apenas continuar o pessoal se reunindo, fazendo todo aquele trabalho, não. Ele tinha uma ideia mais ampla. [...] Ficou uma grande massa, o nosso grupo maior, não tinha esse mesmo ponto de vista, porque aí é onde entra aquela história de pessoas com tendências mais ou menos político-ideológicas. Aí, pessoal de protesto, pessoal de pintar muro e não era essa a história do CECERNE. Esse pessoal não teria abrigo no CECERNE. Então, esse pessoal foi no caldo geral, que havia passeata, aquele oba-oba de estudante, né? Havia tudo isso.... Aí, eu

não sei dizer nada objetivamente sobre o CECERNE porque eu não cheguei a participar. Laurinete, sim. Laurinete participou e o próprio Sylvio foi quem criou. Aí, o movimento negro continuou como ainda é hoje. Só que, de um tempo para cá, eu tenho notado menos junção. [...] Mas, tudo também é uma época. Ali, nós tínhamos um combustível muito bom que era o protesto. Nós tínhamos uma posição de protesto, queríamos consertar o que não estava certo, aquelas coisas que não achamos perfeitas. Mas, a coisa foi mudando de uma maneira que mudou também o lado político do lugar e muitos daqueles que estavam conosco protestando, hoje são do organismo, da máquina política. Então, aquele nosso, talvez até, lirismo, desapareceu e muito.

Ivo Rodrigues

[...] Eu não sei se eu consegui me entender como eu negro, mas foi assim, eu estava na faculdade e uma pessoa, que era o Walter Araújo, já trabalhava com essa cultura negra aqui, e eu desconhecia, aqui em Ouro Preto [em 1982]; aí, certa vez, ele me convidou para participar de uma apresentação do Grupo Cênico Liberdade e, desde então, eu fui me encantando com a história da negritude, eu acho que era o processo de reconhecimento, eu me identificando ali, me identificando com aquela coisa que estava sendo apresentada ali para mim naquele momento, que era a questão da negritude através do teatro, teatro negro que o pessoal fazia aqui na Vila de Ouro Preto, antigamente era Comunidade do Embrião, estava surgindo, era uma ocupação que tem ali ao lado de Ouro Preto, nos terrenos da Fosforita, antiga Fosforita, uma fábrica que fazia exploração de fósforo, para a produção de alguma coisa lá.

[...] Tinha seminários internos que fazíamos com o pessoal todo. Muita gente achava um saco, mas todos os sábados íamos para a escola, que ocupávamos aos sábados, a Capitão André Temudo, e

reuníamos o pessoal para discutir a questão dos orixás, do maculelê, da capoeira, tudo isso a gente discutia... E eu acho que nós construímos muita coisa. Tem várias pessoas que são referências hoje, que continuam ainda persistindo, investindo nessa cultura, que passaram pelo Grupo Cênico Liberdade, muita gente não sabe disso, mas pessoas como Lúcia Crispiniano e Jorge Riba são exemplos de referências da atualidade que passaram pelo Grupo Cênico e isso eu acho que isso nunca foi dito, que isso seja um fato que passa despercebido e eu creio que seja importante que se registre essa coisa, porque muita gente aprendeu lá a gostar a ter o fascínio pela cultura negra. Eu conheci Jorge Riba, era um garoto também, um adolescente, todo mundo. Lúcia também... E, de lá para cá, nós fizemos trabalhos juntos. Roberto Santos é outro também que passou pelo grupo. Tem alguns momentos que nós pedimos a parceria de grupos, como o Cleonice Veras, também com Mica, Graça, é... Tem outra.... Também todas passaram, fizeram um trabalho junto em conjunto com o grupo Cênico, foi uma maravilha, eu creio que eles ainda não deixaram de lado essa questão, a questão de trabalhar a cultura negra.

[...] Nos apresentávamos em escolas, praças e ruas. Aqui em Olinda existia uma noite muito movimentada, tinha uns bares que faziam essa divulgação; como o Querubim, o Amalá, e nós estávamos lá fazendo essas intervenções. Além disso, nas comunidades e associações de bairro nós também estávamos presentes. Íamos para Saramandaia, Ouro Preto e Rio Doce... Em todos esses bairros nós apresentamos algum trabalho, fizemos temporada... Ressaltando que fizemos temporada com “Luá uma Saga Negra” no Teatro Popular do Bonsucesso. Este, por sinal, é o marco de resistência cultural. Aí, vem depois de estarmos nessa movimentação toda do grupo Cênico, do grupo Cênico produzindo, nós que existíamos, que tínhamos algo mais para conquistarmos, eu me lembro de que foram sete grupos que se reuniram lá no Bonsucesso, aonde hoje

está essa Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente, e nós nos reunimos lá e demos o primeiro passo para fundar a Associação de Teatro de Olinda.

[...] É, é a ATO, Associação de Teatro de Olinda. E lá então teve momentos que nós crescemos no sentido de fomentar e ampliar o contingente de grupos que trabalhavam a questão racial e a negritude, seja através do teatro ou da música. Tanto que foi lá que conheci as pessoas que formaram Afro Axé, que era liderado por Roberto Santos. Fizemos uma porção de trabalhos juntos no Bom Sucesso com o Afro Axé, Irmãos de África e Afro Senzala. Foi nesse tempo, nos anos de 1986, 1987, 1988 e 1989 que formamos o Conselho de Entidades Negras de Pernambuco, que no primeiro momento reunia dois maracatus, um grupo de dança, um de teatro e dois afoxés.

[...] Um dos maracatus era o Leão Coroado, que naquela época tinha a frente seu Luiz de França, e o outro, Maracatu de Baque Solto Cruzeiro do Forte, com Dona Netinha ainda em vida; Em relação aos Afoxés tínhamos o Odolu Pandá de Água Fria, a liderança era Rosalva da Paixão... Tínhamos também Gigante do Samba e o Axé da Lua, que naquela época era Afoxé. Malu lançou o Axé da Lua como um Afoxé; Balé de Arte Negra de Pernambuco, Grupo Cênico Liberdade; estes eram os grupos que integravam o Conselho de Entidades Negras de Pernambuco, isso na década de 1980, nos anos 1988, 1989 e 1990 nós trabalhamos junto com o Conselho e então surgiram as caminhadas do 20 de novembro negando o 13 de maio, que aquilo ali é um negando, não é? Foi feito no Clube Atlântico, além de uma vasta programação em diversas comunidades do Recife, uma vez que isto não se restringiu somente aqui em Olinda. Recife também foi palco de ações desse tipo, junto com o Conselho de Entidades Negras de Pernambuco. Voltando à questão da Associação de Teatro de Olinda, temos várias ações ali dentro do teatro, inclusive, fizemos uma temporada com o espetáculo Iuá: Uma Saga Negra, foi um espetáculo que marcou, muita gente ainda

hoje comenta sobre esse espetáculo. Gente que a Gente Canta, que nós levamos para o Museu de Arte Contemporânea. Ao que parece, fomos uns três sábados lá no palco externo, a céu aberto, que tem lá no Museu de Arte Contemporânea. Também fomos para a faculdade. Voltamos lá por já estudávamos na FUNESO, eu e Walter, e geralmente estávamos sempre fazendo alguma coisa, levando espetáculo para lá (para a FUNESO), tentando aproximação, porque é difícil ter relações com as instituições de ensino superior, sempre temos discutido essa relação de aproximação com a universidade, principalmente com a Universidade Federal de Pernambuco, posto que a enxerguemos muito distante das coisas feitas pelo povo. Nós fizemos algumas ações lá agora há pouco, no caso o Ifá Rhadha, mas foi por intermédio do Nusp, Núcleo de Saúde Pública de Pernambuco, que funciona dentro da Universidade. Nós fizemos várias comunidades, levando sobre a questão da saúde da população negra, e principalmente saúde no universo masculino. Nós colocamos em pauta a questão racial através dessa temática transversal que é a saúde do homem, são muito machões, essa masculinidade aflorada, aí não querem ir ao médico, não querem ir se consultar. Essas histórias são muito fascinantes, não é? Quer dizer, para mim particularmente, também eu não sei se os outros companheiros do grupo pensam da mesma forma, e como ainda estão em fase de crescimento, porque, por mais que façamos não compreendem certas coisas. São cabeça dura! Trabalhar com adolescente, nessa fase da adolescência para a adulta é muito complicado, é preciso ter muita paciência.

Gustavo Lima

Frente Negra em Pernambuco

[...] Conheceu exatamente como eu disse, naquele congresso, em 1934. E, a partir dali, ele contava, passara um dia já de fazer o trabalho

de pesquisa original do Xangô. E Solano colaborou com ele. Inclusive, Solano fez uma estatística, uma pesquisa na universidade com relação à participação do negro nos estudos superiores, universitários. Dali, eles têm o contato com o Miguel Barros e criam a Frente Negra [...] Continuaram até 1978... Quando foi que fizemos o cinquentenário? Foi em 1987... Não ... O cinquentenário da Frente? Do CCAB [...] Não, não. Mil novecentos e oitenta e oito foram os 100 anos da Abolição. Foi antes... Foi em 1986. É só fazer a conta, 1936... Foi 1986. Até 1986 recebemos uma carta de Barros se desculpando, inclusive, porque não poderia vir para o cinquentenário do CCAB. Então Barros, não sei se ainda está vivo, morava no interior de São Paulo, Miguel Barros. E Zé Vicente falava muito dele. No período já de 1937 para 1940, quando Solano foi para o Rio. E lá, se reuniu com Abdias. Eles lá têm uma grande discussão que já tinha aqui com Solano. Era da coisa da atuação ou não do partido político de negros. Lá, o CCAB praticamente se divide, e Solano numa corrente, Abdias em outra. Deve ser de uma presença dele lá. Isso foi 1944, numa convenção que eles fizeram, uma reunião. Os ânimos muito exaltados [...]. Aí, Abdias depois cria o teatro Experimental de Negros. E Solano criou com Haroldo Costa, que ainda é vivo, o Teatro Popular.

[...] Em 1937. Por força do Estado Novo, a gente deduz isso. Zé Vicente falava isso, substituiu o nome de Frente Negra Pernambucana por Centro de Cultura Afro-brasileira. Exatamente para evitar repressão.

Inaldete Pinheiro

[...] Bom, tinha uma amiga, Irene, essa colega de turma, muito minha amiga. Irene Souza, já falecida. Ela foi para São Paulo. Todas as férias ela ia para São Paulo. E, uma vez, ela chegou dizendo que lá tinha o GTPLN, que era um grupo de negros universitários. “G” e “T” eu não me lembro o que é, mas, “PLN”, [significava] profissionais

liberais negros. Era mais ou menos assim, o GTPLN. Negros universitários, não sei, não existe mais. Ela chegou dizendo que existia esse grupo lá em São Paulo, que ela adorava se reunir com eles, porque faziam reuniões, bailes, e ela ia. Quando ela chegou dizendo isso, eu disse: “Eu acho legal a gente também começar a pensar isso aqui. Não que eu queira só universitárias, até porque somos muito poucas. E a maior da população negra não está na universidade”. Ela vai de novo, traz notícias e um jornal que eles tinham. E daí, [...] em 1977, mais ou menos, tinha o jornal *Versus*. Muito bom. *Afro-Latino-América* o nome do jornal, o subnome do jornal. Tinha esse jornal, *Afro-Latino-América*. E esse trazia reportagens de Tereza Santos. Que Tereza Santos estava em Angola. Que o governo abriu para quem quisesse ir para lá, com intuito de colaborar na recuperação do país. Aí, Tereza Santos, a companheira de São Paulo, uma ativista cultural, foi para Angola e mandava notícias para o Brasil, [informando sobre] o processo de recuperação de Angola livre. De Angola não, Guiné Bissau. E eu comprava o jornal *Versus*, e achava legal Tereza se colocar assim. E além de Tereza Santos falar sobre Angola, alguém falava sobre Guiné Bissau. Alguém falava de Angola e Moçambique. Porque tinha outros brasileiros também em Angola e Moçambique. Que era um programa do PNUD. Foi aí que eu acompanhei o movimento de independência, não é? Já era pós-independência, inclusive. Quando Hamilton Cardoso, que era um jornalista do jornal *Versus*, faz uma ponte, imediatamente, motivando a criação do MNU, depois que [...] um rapaz foi discriminado lá no Clube de Regatas do Tietê. Hamilton também é falecido, era um querido amigo. Ele, a partir daí, começou botando notícias para o jornal, contando sobre o MNU. E eu acompanhando isso, em 1978, 1979. Isso eu e Irene só, eu e minha amiga Irene, no desejo de nos organizarmos aqui. Em 1979, coincidentemente, Sylvio Ferreira me entrega um documento [informando sobre] o filme *O Encouraçado Potemkin*, no Parque 13 de Maio. Ele disse: “Inaldete, eu recebi um

documento do pessoal que veio do Congresso da Convergência Socialista”. Eu disse: “Eu tenho esse documento no jornal *Versus*. Vamos nos reunir?” “Vamos. Próximo sábado.” A gente se reuniu no próximo sábado, eu, ele e Irene na minha casa. Aí, a proposta: cada um vai trazer outro companheiro. E assim fizemos. Cada um de nós três levou mais um companheiro, aí foi, cresceu o movimento. Acabou a criação do movimento negro aí.

[...] Já estava na construção das reuniões. Isso foi em julho de 1979. E foi crescendo, crescendo... A minha casa era menor do que essa [em que estamos], a ponto de que não deu mais, na Fernandes Vieira. E não tinha porque ser em casa. Nós vamos ter que se reunir num lugar neutro, inclusive, onde as pessoas possam vir, sair. Foi um barato esse início, foi muito legal. Foi nesse momento que tinha um companheiro, que o Edvaldo levou, João Batista Ferreira, também falecido. Tanta gente que faleceu já. E ele foi quem nos apresentou Solano Trindade. Cada reunião ele recitava um poema do Solano Trindade. Era muito bonito isso. E assim que a gente foi conhecendo, se apropriando de nossas figuras, falando das pessoas que construíram, antes da gente, a história. Já o 20 de novembro, nós comemoramos publicamente, no SESC de Santa Rita. O 20 de Novembro de 1979 já foi uma festa. Três dias de debate aberto para a população. Foi muito bom. E já estávamos nessa altura na reunião, no DCE da Rua do Hospício, esquina com a Conde da Boa Vista, onde, depois, foi o Banco do Estado de São Paulo, que hoje é uma galeria. Ali era o DCE da UFPE. Nós estávamos na dificuldade, porque uns já queriam construir o movimento em âmbito nacional. Como eu já o Movimento Negro Unificado, queria me aliar em nível nacional. Algumas pessoas não queriam. Aí, chamavam Movimento Negro do Recife. Mas, depois, houve a sugestão de outro nome: CECERNE, proposta de Sylvio Ferreira. Que foi uma confusão, não conhecia foi muito bem aceito. Sylvio se separa do grupo. Nós continuamos reforçando o Movimento Negro do Recife. Sylvio quando sai, leva

consgo mais ou menos três pessoas, três a quatro pessoas. Depois disso, continuamos como Movimento Negro do Recife. Com esse nome nós realizamos algumas atividades. Em 1981 nós realizamos um grande evento, que foi o *I Encontro de Negros do Norte e Nordeste*.

Encontro de Negros do Norte e Nordeste

[...] Nós tínhamos uma sede de saber como estavam os outros movimentos. Porque quando o MNU explodiu, foi quase simultaneamente em São Paulo, Rio e na Bahia. Primeiro São Paulo, claro, mas daqui a pouco, a bem daqui a pouco, Rio de Janeiro. Aí, começaram a pipocar vários grupos que até já existiam. Já existia Consciência Negra no Rio Grande do Sul, e a gente daqui não sabia que existia. Ele é anterior ao Movimento Negro Unificado [...] Vieram pessoas do Maranhão [...] Rio Grande do Norte não veio. De João Pessoa vieram pessoas que queriam começar. Aqui serviu de fortalecimento para eles. De Maceió não veio ninguém. Vieram também pessoas que queriam sondar. Da Bahia vieram vários grupos: Ilê Aiyê, Olodum começando, Balê Debalê, Bujão e outros. Aliás, eles assessoraram o grupo toda vida aqui. Bujão e Gilberto vinham aqui. O seguinte: a gente que saiu daqui de Pernambuco, Marcos Pereira, eu e Irene, os três juntos. Acontecia a SBPC em Salvador. Nós colocamos na reunião: “Nós vamos para a SBPC”. Por uma questão nossa [...] Marcos [ainda] era estudante, e eu queria ver a SBPC. E vamos propor ao pessoal do MNU de lá uma reunião aqui. O pessoal daqui concordou: “Podem propor”. A gente juntava a negrada que estava lá na reunião, na SBPC. Juntava. Entre uma sala e outra, uma palestra e outra, e discutiui: “Que tal?” “Topamos.” Aí, como lá tinha muita gente de outros estados, foi fácil a gente articular. Então, quem estava de outros estados era responsabilizado de, no seu estado, divulgar o encontro. Foi muito bom isso. Por isso que teve gente de tantos estados. Demos o nosso endereço, e eles ficavam confirmando quantas pessoas vinham, precisavam de

tantas hospedagens. Isso foi muito importante. Amigos meus também hospedaram pessoas, porque não era suficiente na minha casa. Cada amigo, cada companheiro do grupo, do movimento, hospedou. Além de nossos amigos que também hospedaram. Três amigos meus que não eram do movimento também hospedaram pessoas. Isso foi uma solidariedade muito grande. E cada um por si. Ninguém deu passagem, ninguém deu comida. Café da manhã, almoço e janta eram por conta de cada um. Então, foi excelente. A partir daí os encontros aconteceram até o décimo [risos]. No décimo faliu. Nunca mais aconteceu [...] [Os encontros eram] Anuais. Cada ano num estado. Aqui teve o oitavo. Os outros dois eu não me lembro onde foram. Nós também tentávamos ir. Eu acompanhei muito pouco. Isso foi em julho, se eu não me engano, e, em novembro foi a Missa dos Quilombos. Também fomos nós que sustentamos a Missa dos Quilombos. Foi muito boa, eu ouvi assim as pessoas dizerem. “Agora que eu compreendi o que é movimento negro”. Gente que sempre nos criticava e viu que não era somente “oba-oba”.

[...] Então, em cada encontro nós já determinávamos qual seria o próximo para toda a organização. Então, João Pessoa, mesmo começando, também assumiu o segundo. Foi em João Pessoa. Não vem o nome do companheiro, escapuliu. Foi até a ideia dele... “Nós temos que levar para João Pessoa para poder fortalecer a cidade, fortalecer os negros de lá.” E parece que valeu ele ter levado, com muitas dificuldades, e eu participei. O terceiro, eu não lembro onde foi, talvez, Alagoas. Eu fui para o de Alagoas, o primeiro. O terceiro foi em São Luís. [...] Em São Luís eu não fui. Marcos Pereira foi a quase todos, Marcos deve ter ido a esse, não lembro. Um foi na Bahia, e eu fui, mas não lembro qual. O quinto, de 1985, foi na Bahia, e o quarto em Maceió. É, esse eu fui. O quinto foi na Bahia, já em 1985, e eu estava grávida. Foi muito bom, a lembrança muito forte disso, eu grávida do meu filho. E parou, não fui mais. O do Maranhão não fui... Bom, não fui mais, parei no quinto [Teve mais um, em 1986, em Aracaju,

teve um, em 1987, em Belém do Pará e, depois, teve o oitavo que foi aqui no Recife]. Esse eu participei da organização, 1988. Assim, ativamente, porque todo mundo participava, mas eu participei ativamente. [E o nono foi no Maranhão]. Foi no sétimo que nós elegemos trazer para o Recife novamente pela dificuldade que nós tínhamos de articular as coisas aqui. Já era MNU. Em 1982, nós nos tornamos MNU. Foi uma discussão longuíssima. Nos tornamos MNU no final de 1982 se não me engano. Porque não é fácil ser MNU, ser obediente a toda uma estrutura, assim nós pensávamos. Mas, mesmo assim, fomos. A maioria apoiou, quem não apoiou saiu. Eu não saí por isso, dei inteiro apoio. Saí em 1983, sei lá, depois, voltei. Mas houve uma discussão muito grande, mas foi o MNU que organizou, éramos MNU [...] A partir do terceiro, já começou as pessoas serem mais inteligentes, a fazerem projetos. João Pessoa também foi muito interno, nós não tínhamos essa cultura de projetos, foi o nosso sofrimento. Mas, foi muito bonito, cada um pagando o seu, isso a militância fez há muito tempo. Cada um pagando seu almoço, jantar, sua passagem, isso foi muito fortalecedor, muito, muito, muito. João Pessoa foi a mesma coisa. João Pessoa já teve almoço fornecido, já não hospedou ninguém nas suas casas, já foi num espaço cedido por alguma instituição local. Fomos aprendendo a fazer encontro com as experiências. Já no terceiro começou também o financiamento. O do Maranhão já foi uma ótima experiência de financiamentos. Então, esse daqui também nós fomos mais espertos. Apelou para uma instituição forte como o Centro Josué de Castro e, felizmente, ele acolheu na pessoa de Nanci. Foi muito importante Nanci ter acolhido. Comprou a nossa ideia, e ela fazia parte da diretoria e foi acolhida. Foi muito importante isso, muito! E mudou completamente... A diferença do oitavo para o primeiro foi grande. E assim foi. E aprendemos a buscar financiamentos, mudou o painel. No oitavo encontro já passamos a fazer visitas aos Estados [...] Fazer a campanha. Dizer como fazer a inscrição. Eu votei contra, não era preciso, existia fax [risos],

existia telefone, não precisava ir. Mas, fui voto vencido. Um companheiro foi para João Pessoa, da Paraíba para lá, Norte e Nordeste, e outro foi até o Rio, de Alagoas até o Rio. No Rio, já era para articular os palestrantes, já aumentamos o raio de pessoas para palestrar. Já trouxemos Lélia Gonzalez, se bem lembro. Não, não, já trouxemos Helena Teodósio, Carlos Hasenbalg... [...] E hoje, não faz mais parte do meio da gente. Já veio gente até de Caiena, porque já vinha antes mesmo visitar a gente. Caiena é muito perto do Maranhão, se identificam muito. Então, ele era casado com uma pessoa do Maranhão. Vinha para o Maranhão, de moto, vinha para Recife, porque Recife era uma referência de movimento e era mais perto do Maranhão que ele ir para Bahia. Então, ele veio. Foi muito bom esse oitavo encontro. E outras pessoas que não lembro mais, palestrantes. Veio alguém do Geledés também, Sueli Carneiro. Porque a gente queria fortalecer o discurso e de outras opiniões também, fora do MNU e dos movimentos daqui da região. Enriquecer o discurso. Então, teve essa estrutura. Os palestrantes ficavam em hotéis melhores, e a militância, como era acostumada até a ficar na casa das pessoas, eram alojadas em hotéis mais modestos. Na Sudene, no Sesc, espaços mais modestos, mas em alojamentos. O oitavo encontro ocorreu no âmbito da Universidade Rural. Participamos da organização eu, Marcos Pereira, Adelaide, a grande maioria... Marta Rosa, Lêu... Quase todo mundo deu a sua contribuição. Quem nem era movimento organizado participou: Lúcia dos Prazeres, Maria da Conceição, a irmã de Lúcia, Fátima Oliveira colaborou com a creche. Tivemos até creche. Então, isso era numa nova estrutura local que a gente criou para receber os companheiros e as companheiras [...] Não, ele encaminhava os projetos. O Centro Josué de Castro não tinha dinheiro para bancar, encaminhou e recebeu os projetos e repassava. A relação com a Prefeitura [do Recife] estava muito boa porque tinha Edla, que era uma pessoa que a gente podia contar. E já estávamos preparando o 20 de novembro com a Prefeitura.

O Movimento Negro do Recife

[...] [o Movimento Negro do Recife] era muito livre. Não tinha nem sequer presidência. Não teve diretoria, para dar esse compromisso de alguém levar nas costas. Mas, quando começou o MNU, tinha um coordenador. Porque a gente passou mais de dois anos discutindo ainda se queria se filiar ao MNU. Foi muita discussão: “Quer, não quer”. Porque tinha grupo sempre que não queria. Eu sempre queria ficar. Eu achava, particularmente, que era legal ficar, seguir um grupo. E, como eu, tinha outras pessoas que queriam. Isso aconteceu somente em 1984, se não me engano. Passou a ser MNU aqui.

[...] Nós começamos o Movimento Negro do Recife. E foi numa SBPC em Salvador, em 1981, que nós aqui do MNR sugerimos a discussão, aqui, interna. Eu afirmando que ia participar da SBPC: eu, Marcos Pereira e Irene Souza. E: “Que tal? ”, a proposição. “Que tal nós lançarmos a ideia do encontro Norte-Nordeste? ” Porque nós sabíamos que já Salvador, logo em 1978, na Bahia, tinha começado o Movimento Negro Unificado. E nós aqui, em 1979, mas não éramos MNU, e o grupo aceitou que nós propuséssemos sem maiores compromissos. “Vamos propor para poder aumentar.” Porque nesse encontro aqui em Recife, nesse movimento instalado no Recife, vieram sempre os companheiros da Paraíba para poder ouvir, trocar ideia e fazer, lá na Paraíba também, João Pessoa no caso, o movimento.

A transição do Movimento Negro do Recife para Movimento Negro Unificado

[...] Começamos o movimento em 1979 [...] O Movimento Negro do Recife passa a ser MNU em 1984. Não tenho bem certeza não [...] Ah, discussões, mais discussões. Foi muito bem pensado. Quando assumiu, comunicou à Nacional. E eu nem estava nesse período, eu tinha me afastado um pouco. Mas, Marcos estava, e eu sabia,

ficava vendo o processo de discussão. Daí para a frente, se tornou Movimento Negro do Recife. Em 1986, eu voltei e assumi também [...] Fiquei afastada do movimento de 1984 a 1986 [...] É, foi quase isso. Final de 1984. Ia uma vez perdida, mas não dizia que era não. “Tenho companheiros aqui, mas não sou militante.” Mas, em 1986, eu voltei. Depois, em 1989, eu me afastei de novo em definitivo. Até hoje. [...] O MNU é nacional. Então, a gente tem que ter uma coordenação nacional e uma coordenação local. Então, a coordenação local se comunica com todos esses [...] eu não participei nunca da coordenação, nunca fui da coordenação do MNU. Realmente, eu não sei. Mas, me lembro de algumas coordenações daqui. Uma vez Martha, outra vez Adelaide. Essas pessoas que eram a coordenação, que viajavam para os encontros. Tinha encontros semestrais e um nacional, um congresso nacional. Tinha encontros trimestrais ou semestrais das coordenações. Muito organizado o Movimento Negro Unificado. Nessa fase inicial, sobretudo. Hoje, eu não posso dizer como é que está. Mas, antes, começou muito organizado. À própria custa, ninguém era financiado por ninguém. A gente comprava a passagem de um companheiro que ia, e todo mundo pagava a passagem. Comprava à prestação.

[...] Quando nós começamos o movimento negro aqui, nos anos 1970... Em 1979, começamos. Em 1980 eu viajei para Salvador para conhecer o movimento lá e achei muito organizado. Nós éramos do Recife ainda, Movimento Negro do Recife, lá já era MNU. Eu achei muito organizado. Realmente, uma reunião muito organizada. Isso serviu até para informar aqui como era o processo. E fui a uma reunião em São Paulo. Nessa viagem, eu estava de férias, fui bater em São Paulo. Também fui a uma reunião lá na Boa Vista, assistir a uma reunião. Mas isso... Só com essa informação é pouca, dizer se era mais organizado que o daqui. Não sei, nem sei quem disse isso também, por que disse isso. Nós tivemos fases de organização muito boas.

Lindivaldo Júnior

[...] Aí, eu fui trabalhar no gabinete de João Paulo. Eu não me identifiquei muito com aquela história. Chegou período de eleição, e não achei massa não, e me saí. A assessoria parlamentar é uma coisa muito limitada, pelo menos na minha avaliação. A pessoa fica presa a um mandato e fica na perspectiva já da eleição. Você está trabalhando, você não está discutindo os projetos. Porque como a gente era da intelectualidade militante das ruas, então você não está discutindo os projetos. Você está discutindo a dinâmica de atuação no cotidiano da comunidade, a próxima liderança que vai trazer para dentro do mandato... essa história que estava sendo discutida. Aí, eu não gostei dessa história. Saí, e houve uma crise. Deu uma crise nessa história, com o núcleo do PT. Pô, eu era o único cara da comunidade que trabalhava no mandato de João Paulo. Então, foi um conflito muito grande. E eu saí, não me identifiquei, por quê? Aí, sim. Eu entrei, eu estava querendo participar do movimento negro, e o mandato discutia a questão da relação de classe. Então, não cabia eu ficar discutindo classe, se eu queria entender o porquê que na minha vida estava colocado o tempo todo a discussão racial. Para entender, eu tinha que entrar no movimento negro. Para entrar no movimento negro e ser orgânico, não cabia eu estar no mandato de João Paulo. Aí, eu saí do mandato, porque eu queria estar no movimento negro e voltar a trabalhar com criança em situação de rua. Fui trabalhar na Casa da Menina Mulher. Aí, sim. Eu trabalhava na Casa da Menina Mulher, fazia o grupo de crisma da igreja e estava me aproximando do pessoal do movimento negro. Uma amiga minha, Piedade, tinha entrado no MNU. Então, Piedade entra no MNU, Mônica Oliveira tinha entrado no MNU, que era também de pastoral, trabalhava na arquidiocese [...] Tinha entrado no MNU, Piedade tinha entrado no MNU. Espera aí, eu quero entrar no movimento negro. Eu fui paquerar o movimento negro terminando o

2º Grau, certo? Fiz o vestibular, passei para estudar na Rural, em mil novecentos e noventa e um. Minha primeira opção foi História, porque eu dava aula na crisma, certo? Eu dava aula na crisma. Então, era discussão histórica o tempo todo. O livro dos Pentateucos, não sei o quê, entendeu? Os livros históricos da Bíblia. A gente discutia como é que isso. Tinha toda uma discussão: o que é histórico, o que é religioso nessa história? Fui fazer um curso de História. Eu passei no curso de História, e no curso de História... Bom, no processo de vestibular eu já estava na organização do primeiro congresso... Do Encontro Nacional de Estudantes Negros... De Universitários Negros... Senun – *Seminário Nacional de Universitários Negros*. Eu já estava na organização do Senun quando eu passei no vestibular. Não foi nem por meio da universidade. Eu fui o único que passei no vestibular da minha escola naquele ano. Naquele ano foi massa, porque, em compensação, nos outros anos a escola bombou, o povo estudando para entrar na universidade. Foi muito legal isso.

[...] Aí, eu fui para o curso de História, fazia a organização do movimento estudantil universitário sem ter entrado na universidade. No ano que eu entrei na universidade, já estava articulando os negros lá, e entrei no MNU, para o núcleo de cultura que o MNU tinha. Aquilo que eu falei para você, que a gente sentava para discutir cultura dentro do MNU e pela participação do MNU nas várias coisas que vocês já sabem, sobretudo no Alafin Oyó e do livro *Negro e Cultura no Brasil*. A gente se reunia para estudar esse livro. Foi uma das coisas que marcou o grupo da gente. E o grupo de cultura é: eu, Mônica, Piedade, Zeca, entendeu? Tinha uma galera que fazia grupo de cultura no MNU.

Marcos Pereira

[...] Quando eu entrei no movimento, já havia tido o CECERNE, Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra, no Recife. Eu conheci

algumas pessoas que participaram, como Sylvio Ferreira e Edvaldo. Aí, tinha a Inaldete, Laurinete. Mas, quando eu comecei, isso foi em 1978, já tinha havido muitas brigas internas nesse movimento. Algumas bastante complicadas. Eu não estava muito a fim de conhecer as outras pessoas. Então, a gente passou a discutir esse movimento com o grupo que estava lá, que era Inaldete, Laurinete e pessoas novas que estavam chegando como eu, Adelaide. Em algum momento, a gente chegou a discutir que não era possível manter esse nome, CECERNE, até porque já tinha as divergências com o outro grupo que entendia que o movimento deveria ser acadêmico, deveria discutir com intelectuais negros. Existiam muito poucos intelectuais negros na época. A minha entrada, vi outra perspectiva de mobilização. Porque quando eu entrei no movimento negro, eu havia sido primeiro presidente da associação de moradores do Pacheco, bairro em que morei durante anos. Essa associação de moradores me deu um contato, experiência com muita gente das outras comunidades. Eu passei a ver, inclusive, que como negro não estava só e que, dentro da comunidade, mesmo tendo a plataforma comum, que eram as carências da comunidade por água, luz, escadarias, a fome, creche etc., existia também o problema da discriminação racial, da violência policial em cima dessas comunidades. Teve encontros nacionais na época, houve o da CONAM, que era encontro de movimentos de moradores do Brasil inteiro. Nós participamos desse encontro em São Paulo. Então, quando eu fui para o movimento negro, eu tinha essa visão de que deveríamos ir fazer a discussão primeiro com a própria população negra. Resgatar primeiro o povo negro para a discussão de sua própria questão existencial, questão específica. E as outras pessoas, um pequeno grupo, achavam que tinha que ser dentro das universidades, escolas, tinha que ser na classe média. Porque alguns que já eram da classe média, talvez, tivessem medo de entrar em favelas. Como eu já vinha da favela, eu não tinha nenhum problema com isso. Claro que eu repudiava um pouco esse recuo

ou essa reserva das pessoas em entrar em algum lugar simples, moradores simplesmente, e começar a conversar com as pessoas, a tomar uma cerveja, a participar de alguma roda de samba, fazer uma introdução de discussão, etc. Nós fizemos isso algumas vezes no movimento, mas, aí, começamos a fazer com o grupo que estava chegando. Mesmo sendo alguns intelectuais como Martha, Adelaide, Laurinete, que era do CECERNE e que tem, agora, 70 anos. Ela ficou no movimento. Em algum momento, a gente decidiu mudar e chamar Movimento Negro do Recife. [...] Eu não tinha vinculação com nenhum grupo político específico. Até porque PT não existia, não existia CUT. Existiam comunidades eclesiais de base. Lá no Pacheco, existiam dois padres franceses que faziam o trabalho excelente na comunidade. Apesar de eu não ser católico, eu ia normalmente para o terreiro de candomblé que tinha lá no Pacheco, terreiro de Paulinho, um terreiro muito bonito. Os padres sabiam que eu era morador de lá e sabiam que eu era frequentador do terreiro. Quando a gente começou a discutir a estruturação da associação de moradores do Pacheco, eles se ofereceram para ajudar nesse trabalho. Aí, a gente desenvolveu, realmente, um belo trabalho. Esses padres, na época, claro, ajudaram muito com a experiência deles – eu era ainda bastante inexperiente –, a afastar o oportunismo no movimento, porque nós queríamos fazer uma associação de moradores voltada para o interesse da comunidade. Mas, quando começou a discussão, apareceram outros grupos que achavam que tinham que ser vinculados, na época, aos partidos que existiam: MDB, MR8 etc. Já começou a briga a partir daí. Claro, como isso se dava indiretamente, as pessoas não iam assim: “Quero que o movimento se vincule ou se atrele a isso”. Eles tentavam destruir as lideranças locais para se afirmar como liderança e, aí, direcionar politicamente o movimento. Eu não percebia nada disso. Os padres, realmente, começaram a perceber esse tipo de manobra e a me alertar. E, aí, nós conseguimos controlar essa situação muito fácil. A nossa proposta era de simplesmente

melhorar a comunidade nessa associação. Os padres participaram de reuniões, por exemplo, dentro do terreiro de candomblé. Participaram de reuniões com um grupo de pessoas que já eram viciadas, em algumas partes da comunidade, mas que nós convidávamos para discutir a questão da moradia e a situação dos moradores, porque eram moradores de lá etc. Foi um trabalho bonito. Mas, realmente, eu tive a sorte, na época, de encontrar esses padres que eram da teologia da libertação. Eles abriam o espaço da missa na igreja para nós colocarmos as questões da comunidade. Nós fizemos uma campanha da água, por exemplo, porque todo mundo sofria com isso. Eu carregava água também, carreguei água de ganho. Vendia lata d'água. Um galão, com duas latas de 20 litros cada uma, e eu oferecia a quem queria. Ia para a fila, para o chafariz, enchia e levava nas casas. Era uma situação complicada porque tinha gente que não podia pagar essa água e passava bastante necessidade. No Pacheco, que é onde tem partes altas e baixas, nós começamos a fazer uma grande campanha pela questão do acesso básico à água. E os padres ajudaram muito.

[...] Entrei no movimento em 1978. Em 1979 eu estava no banco. Em 1979, em novembro de 1979, eu entrei no banco, e lá nós começamos a discutir essa questão de como apressar o fim da Ditadura Militar, e da formação da CUT. Praticamente da CUT e do PT, que ainda não existia uma discussão concreta. Começaram os ENCLATS (Encontros Estaduais das Classes Trabalhadoras), posteriormente, o CONCLATS, etc. Mas, aí, já era por dentro do banco. Quando eu comecei no banco, fui conhecendo várias pessoas que estavam engajadas no movimento político. Em paralelo a isso, eu estava no movimento negro e, a partir de 1984, passei a ser parte do Movimento Negro Unificado. [...] Nós conhecemos pessoas de outros estados. Entramos em contato com pessoas de São Paulo, de Salvador, do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul, que já tinham articulações do movimento negro lá. Pedimos material informativo, documentos

base do Movimento Negro Unificado. Aí, fizemos uma discussão no MNR, que era o Movimento Negro do Recife, de que era muito restrito, e essa luta não poderia se travar isoladamente. Que precisávamos ampliar. Como já existia um movimento cuja proposta era se unificar nacionalmente, unificando os vários grupos culturais, políticos, etc. na luta pela mudança da estrutura das relações raciais no Brasil, então, nós entendemos que o melhor caminho era virar uma seção do Movimento Negro Unificado. Isso foi uma decisão relativamente fácil, houve praticamente uma quase unanimidade. Na época, Inaldete, por exemplo, não quis permanecer. Ela entendia que deveria ser outra linha, então, saiu. Mas, aí, o grupo, que foi se agregando nesses anos, como Martha Rosa, Adelaide, Josafá, José Maria, Fortunato... Era muita gente, não consigo lembrar o nome de todo mundo. Eron... Sempre foram aparecendo novas pessoas. Chico, um companheiro do Banco do Brasil, que era também do movimento sindical... Essas pessoas entendiam que o caminho, realmente, era esse: se articular politicamente em nível de País e não em nível local. E o nome MNR, Movimento Negro do Recife, deixava a discussão da questão racial, no Estado, muito restrita. Não conseguiríamos ampliar tanto, já que era só Movimento Negro do Recife. [...] Esse MNR começa pouco depois. Eu acredito que ainda em 1980. Pouco depois que nós resolvemos não ser mais esse CECERNE (Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra). Porque se faz uma avaliação toda da história anterior. As discussões, por exemplo, do CECERNE, eram em casa, e nós queríamos um espaço mais público. E queria também um espaço de reuniões sistemáticas, onde pudessemos agregar novas pessoas. Então, na época, nós passamos a nos reunirmos no Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal, que era lá na Rua do Hospício.

[...] Nessa época, era muito incipiente a discussão da questão racial. Então, nós vivemos uma fase de vários anos de acúmulo de informações. De acúmulo de informações e de construção, que

nós chamamos de formação de quadros. Como é que nós fazíamos essa formação de quadros? Nós tematizamos a questão racial em seus diversos aspectos e, a cada reunião, a cada sábado, alguém era encarregado de apresentar esse tema, e, de conjunto, as pessoas sempre eram encarregadas de trazer outras novas. Então, fizemos um pequeno panfleto, desses que a Igreja faz: folhinhas dirigidas às pessoas afro-brasileiras. Fizemos poucos, e em máquina de datilografia, dividindo com diagramação própria, bastante artesanal. E, depois, tiramos cópias, cortamos e passamos a distribuir. Mas, aí, nessa época, as atividades que nós entendíamos como fundamentais eram as do auto-resgate. O auto-resgate significava, por exemplo, que nós deveríamos se compor como um grupo essencialmente de negros, ou seja, nós não proibíamos, mas não víamos com entusiasmo a entrada ou a vinda de brancos para as reuniões. Nessa época, como tinha vários movimentos em formação ou em ebulição, havia um combate mais ferrenho à Ditadura Militar, maiores questionamentos... depois, vem essa coisa de retorno de exilados, algumas pessoas que vieram da África, etc. Nós entendíamos que, para realmente nos construirmos ou nos constituirmos como um referencial, tínhamos primeiro que descobrir quem éramos. Aí, passamos por uma fase muito grande em processo que eu poderia chamar de psicanálise, nos analisando. E, aí, nessas análises, claro que nós fazíamos um tipo de descarga de todas as situações negativas que cada um havia vivido, como negros, que enfrentávamos no dia a dia, no local de trabalho, na vizinhança, na cidade, no centro da cidade. Então, nossas reuniões eram divididas assim: nós tínhamos um tema principal, por exemplo, um país africano, *apartheid* na África do Sul, para ser apresentado; ou a situação nos países africanos de língua portuguesa, uma vez Angola, depois Moçambique, Guiné Bissau, etc. Então, tinha esse tema. Tinha, naturalmente, essa parte de informes, que era dividida em duas: a parte de informes mesmo, do que estava havendo em âmbito nacional, porque nós pegávamos

as correspondências do MNU nos outros estados, matérias de jornais que tomávamos conhecimento, etc., fazia um resumo para levar, e tinha informes pessoais, o que alguém tinha vivido durante essa semana de discriminação ou de situação horrorosa, etc. Desse informe de questões pessoais, nós derivamos um tipo de auto treinamento de como enfrentar as situações de discriminação racial na rua. Como era para ter reagido diante da situação de discriminação que uma pessoa vivenciou ou como seria para reagir. Aí, passou a vir professores.

[...] Então, a partir de 1978, 1979, [quando cheguei nessas reuniões, era ainda o CECERNE] Na verdade, algumas pessoas se afastaram. Porque o grupo que estava lá reunido continuou quando eu cheguei. Só que ele continuou com algumas pessoas antigas, como Laurinete, Irene, e as outras que começaram a vir nessa época que eu cheguei. E, aí, esse grupo novo, porque, por exemplo, Inaldete afastou-se, Pedro Nepomuceno afastou-se, Sylvio Ferreira nunca apareceu, não cheguei a conhecê-lo no movimento. Não cheguei a conhecê-lo lá. Edvaldo Ramos não chegou. Frequentou uma ou duas reuniões, mas, depois, não apareceu mais. Pela nossa inexperiência inicial, naquela época, éramos... Eles chamavam de “bolo cru”. Eles achavam que a gente não tinha grandes acréscimos, não significava grandes acréscimos. E que essa coisa de trabalhar em favela, em presídio, era besteira. O caminho era o que eles achavam. E, aí, alguns, simplesmente, deixaram de frequentar as reuniões. Os outros continuaram nessas reuniões, entendeu? Então, não houve, na verdade, oficialmente, uma cisão, uma dissidência, dois grupos se formaram. Houve uma ausência... [...] No momento em que as pessoas começaram a se afastar, a gente ainda continuava como CECERNE. Mas, em algum momento, ainda foi feita essa discussão política que “Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra” era um nome que não achávamos moderno, nessa época. E achávamos que ele tinha um conteúdo muito limitado. Encerrava, nessa denominação, uma

proposta muito antiquada, porque não sabíamos o que era emancipação. Na época, já estávamos em contato com a discussão dos movimentos de libertação nacional no continente africano. Então, nós tínhamos o entendimento de que deveríamos marchar, começar a estruturar a nossa atividade para um movimento de libertação nacional do negro no Brasil, de libertação da nação negra, porque nos entendemos como nação. Naquela época, com aquela variação política que tínhamos, isso mudou um pouco de visão no que respeito a questão de libertação nacional. Mas, continuou como um movimento de libertação.

Martha Rosa

[...] Eu trabalhava no centro. Eu acho que eu recebi algum panfleto, um negócio de uma reunião que ia ter de negros, no DCE, sábado à tarde. Eu sempre gostei. Aí, eu disse: “Um dia eu vou nessa reunião”. Aí, fui. Depois desse dia, nunca mais eu deixei de ir. Eu lembro que eu fiz 15 anos já com o pessoal. A gente saiu de uma reunião, ia para algum canto. Às vezes era ali no Beco da Fome, alguma história daquelas. Eu disse: “Ah, eu estou fazendo 15 anos hoje” [...] Eu me lembro de Inaldete, claro. Eu não sei se Marcos Pereira já estava nessa época. Não lembro [...] Tinha o pessoal das reuniões, mas nem todo mundo era militante. E também tinha uma questão de faixa etária muito distante. Tinha pessoas totalmente formadas e tudo o mais como Sylvio Ferreira, Inaldete. E eu estava numa distância muito grande nesse sentido, na época. Agora não é, mas na época era. Então, eu acho que deve ter sido mais meu grupinho assim, a moçada mais jovem [...] Eu cheguei a participar das reuniões com Sylvio Ferreira. Não foi nesse momento, mas eu cheguei a participar de reuniões com ele. Mas é uma coisa assim, para mim, muito incipiente, porque eu não posso mensurar, na época, qual a condição que ele estava ali. Mas, eu cheguei a participar de algumas

reuniões em que ele estava presente. Inclusive, é do movimento que eu conheço ele. A minha lembrança dele é do movimento. [...] Não lembro o nome do grupo. Eu lembro que ia para a reunião. Porque também tinha assim, eu entrei.... Você vai entrando e depois é que você vai compreendendo um pouco as coisas. Entrava e tal, participava de tudo, mas estava vendo o que estava acontecendo.

Rosilene Rodrigues

Djumbay

[...] Não participamos, efetivamente, do Movimento Negro Unificado enquanto entidade. É quando Gilson, que também começa a participar do ensaio do afoxé – foi quem, em determinado momento, coordenou o Alafin Oyó –, nos convidou a participar da Djumbay. Por que é que a gente não organizava uma entidade que pudesse trabalhar a questão racial, mas em outra perspectiva, enquanto ONG? Porque, na verdade, se começava a discutir o que era ONG. Você não tinha, por exemplo, dentro do movimento negro, o que a gente chama de ONG. Você tinha o Movimento Negro Unificado, bem como as instituições ligadas a grupos culturais como afoxés, maracatus, mas não havia uma entidade. Aí, ele nos convidou, eu e minhas amigas: Irismar e Ana Maria. Dentro da área que a gente tinha de qualificação. As duas eram assistentes sociais, eu era economista doméstica, ele é professor de História, Geografia. Por que não organizamos uma entidade que pudesse fazer essa ponte com a questão racial, e que pudéssemos também começar a trabalhar as entidades culturais num sentido organizativo? Tipo, tirar estatuto. Por que é que elas não tinham estatuto? Por que elas não eram organizadas? Ninguém tinha sede. Mesmo o MNU sendo uma entidade anterior a Djumbay, eu acho, não possuía uma sede, ao contrário de nós, que tínhamos. Eu acho que nós fomos

uma das primeiras entidades, senão a primeira a, concretamente, ter uma sede. Fomos para dentro da Casa da Cultura. Fizemos uma discussão com o governo do Estado, na época, Jarbas Vasconcelos, em relação ao jornal. Porque, na verdade, o que iniciou foi o jornal. Nós costumávamos brincar, dizendo que a criatura deu, na verdade, vida ao criador. Porque o jornal é que faz com que nós nos institucionalizemos a Djumbay.

[...] Na verdade a entidade negra que eu sempre participei foi a Djumbay. Tinha, naquela época, eu e minhas amigas, nós compreendíamos essa discussão que o MNU trazia. Essa questão de que era a luta do racismo, que sempre foi o inimigo, aquilo contra o qual lutávamos, que era o combate ao racismo. Mas, a grande história era a forma desse combate. Nisso existia unidade, todos compreendíamos que precisávamos combater o racismo. Que era o racismo, o seu processo, que desencadeava a desigualdade, como ela se dava na escola, na família. Agora, a forma que nós utilizávamos, a estratégia utilizada, era que nós discordávamos. Discordávamos da seguinte forma: essa discussão de que o combate tinha que ser feito com os pretos, só os pretos (porque só os pretos sabiam, só os pretos viviam), a gente achava que não, que não tinha que ser só o que tinha a pele mais escura, que os que também não tinham pele escura também estavam nessa luta. E que esse processo de compreensão da sua dimensão racial, do seu assumir politicamente era algo que tinha que ficar com todos e todas. E até os que, até então, não se compreendiam enquanto pretos. E o que costumávamos dizer, e que brincamos ainda muito hoje, é que não eram eles os nossos inimigos. E até os brancos não eram os inimigos. Agora, se ele se travestisse de racista, aí sim. No sentido de que se a sua ação fosse racista. Se a sua atitude fosse racista. Se o racismo se expressasse, era esse o nosso real inimigo. Então, essa ideia de que, por exemplo, em algumas reuniões... Então, eu tinha, por exemplo, muitos companheiros, muitos amigos e amigas, que queriam

participar das reuniões do Movimento Negro Unificado e se sentiam, na verdade, colocados à parte. [...] Discriminados. Eu não diria que eles eram discriminados, mas eles não se encaixavam num padrão dos soldados, entende? E isso era uma coisa que incomodava muito. Então, o que acontecia? As pessoas se afastavam. E como nós, na Djumbay, eu, Irismar, Gilson, conseguíamos fazer esse trânsito de não só ir além ao Movimento Negro Unificado, as pessoas tendiam a nos buscar. A ir à entidade, saber como é que estava o processo, até a colocar as suas mágoas. E nós conseguíamos fazer essa conversa. Eu lembro que a Djumbay foi muito criticada inicialmente, primeiro porque essa coisa de ONG não era muito sério. ONG era aquele pessoal que se juntava para pegar o dinheiro. E, ainda por cima, nós éramos ONG que trabalhava com a questão racial. E, aí, era complicado. As pessoas não admitiam isso. Porque nós trabalhávamos com o Estado. Nós fazíamos uma interlocução no sentido de buscar apoios. Por exemplo, esse jornal, Djumbay, chegou às escolas. E ele chegou às escolas a partir de uma articulação da Djumbay. Hoje, não tem mais, mas para nós era um instrumento paradigmático. Porque ele falava das nossas coisas para um espaço que não tinha o acesso a essa informação. [...] O jornal *Djumbay* consistia no seguinte: nós precisávamos divulgar o que estava acontecendo, porque também as informações e discussões ficavam restritas ao grupo. Quando eu digo que eu, antes, não tinha um conhecimento nem entrosamento, não era só porque a minha vida ficava restrita a um determinado espaço territorial. Era porque também as coisas do movimento, como até hoje, ficam restritas a alguns lugares e espaços na cidade. Você não tem algo que torne público. Eu creio que hoje você tem uma dinâmica diferente, porque você tem o povo negro em todos os lugares, falando, divulgando suas ações. Antes, você não tinha. Então, o que é que acontecia? O grupo acreditava que era possível divulgarmos o que estava acontecendo na comunidade negra. Além de divulgar, queríamos

transformar isso num instrumento paradidático ou didático, dependendo da conversa que tivéssemos. E achávamos que esse também era um papel do Estado, que a discussão não podia ficar restrita a nós mesmos. Porque também não tínhamos recursos. Tivemos até dificuldade, o próprio afoxé Alafin Oyó teve dificuldade de fazer algumas conversas e ter um espaço. O Alafin Oyó, até hoje, eu acho que não tem sede. Então, ficava aquela coisa de articulação de um lugar, articulação de outro. Nós nos encontrávamos em alguns lugares públicos que ainda podia se fazer uma interlocução, uma conversa. Mas, não tínhamos um espaço nosso. E aí, no caso da Djumbay, achávamos que isso era uma coisa urgente para nós, que isso tinha que se dar. Entendíamos que a discussão racial tinha que ir além de nós. E que tinha que se contaminar também os espaços e instrumentos públicos. Eles tinham que falar dessa dimensão, tratar disso. Acho que Olinda foi um dos primeiros municípios a tratar essa questão, porque, na verdade, estava lá a sede do Alafin, as pessoas que estavam coordenando o Alafin eram profundamente ligadas também à questão do Movimento Negro Unificado. Mesmo compreendendo que o movimento fazia, na verdade, uma distinção nessa coisa cultural. O que era cultural e o que era político. Tanto é que, ainda hoje, nós fazemos essa distinção quando falamos das entidades. Eu comecei falando que tinha muitas entidades culturais, não é? A questão da cultura e da política. Existia uma distinção muito grande. Então, as pessoas iam para o Alafin porque era lá onde podíamos fazer, se expressar, dançar. E as pessoas até conversavam. Mas, não era um espaço político, no sentido que as pessoas entendem como político. Então, existia muito essa discussão. E a Djumbay avançou nisso. Avançou muito nessa questão. E ficávamos um pouco como se fossemos correntes diferentes, no caso, nós (Djumbay) e o MNU. Então, sempre fomos tratados dessa forma. E nós dizíamos: “Mas nós somos profissionais, queremos colocar aquilo que aprendemos como

profissional na pauta, com qualidade”. É quando nós trouxemos a discussão para a história de ter estatuto, ter CNPJ. Porque também não se tinha esse debate. Aí, a Djumbay trouxe e contribuiu para que muitas instituições, por exemplo, o Ilê de Egbá e o pessoal de capoeira pudessem também se organizar e ter espaços. E, principalmente, em instrumentos, em lugares públicos. Conversa com prefeito, conversa com governador, que essas pessoas sempre diziam: “Não, a gente não tem que conversar com essas pessoas não”. “A gente” é como se eles tivessem de um lado e nós estivéssemos de outro. E a gente não tem que se profissionalizar. A discussão era essa. Não tinha que ser profissional. Não tinha que colocar na militância, porque era ativista, não era profissional. Militante é militante, não tinha que misturar com coisa de profissional. Então, tinha muito, na época, essa discussão. E nós ficávamos desse outro lado, enquanto Djumbay. Eu acho que isso não impossibilitou que nós travássemos algumas conversas e discussões. Que nós também nos mantivéssemos enquanto pessoas que não eram inimigas. Eu acho que tivemos muito disso. E a Djumbay ficou na Casa da Cultura. Conseguimos fazer uma reforma. E é tão interessante, que é, na verdade, anos depois de nós que trazem o MNU para dentro da Casa da Cultura. E traz outras entidades, a exemplo da Associação de Capoeira. E, hoje, quando vemos estas entidades se organizando, procurando ter sede, CNPJ, fazendo uma interlocução com os governos de todas as instâncias, as pessoas se organizando pessoalmente e profissionalmente, ficamos muito feliz. Porque provamos que é possível esse caminho. E quando olhamos também, hoje, o Movimento Negro Unificado, a instituição e as pessoas, vemos que as pessoas que, antes, estavam dentro da instituição, que, hoje, não estão mais, mas que ainda se colocam como ativistas do Movimento Negro Unificado, essas pessoas estão se profissionalizando, não é? Estão trazendo a sua contribuição enquanto profissionais. E isso é que é a dinâmica do tempo, que vai

mostrando para nós. Eu acho que a Djumbay foi trazendo, precursora um pouco dessa estratégia diferente de tratar a questão racial e de trazê-la para outras agendas. Aí, nesse processo, nós ficamos. Eu, Irismar.... Aí, fomos crescendo também com a Djumbay. Crescendo pessoalmente, profissionalmente. E fomos amadurecendo o discurso da questão racial para dentro, por exemplo, da universidade. E Irismar, hoje, é assistente social de uma organização não governamental. E que também traz a discussão racial dentro da transversal do projeto da instituição. Ana Maria, Gilson e, aí, vai chegando outras pessoas. Na verdade, as pessoas que vão chegando à Djumbay são aquelas que, de alguma forma, vêm compor com esse discurso. Essas pessoas, muitas delas, não conseguiam trabalhar com o Movimento Negro Unificado, nesse sentido. Porque o discurso não batia. E, aí, se a gente for fazer uma leitura do próprio Movimento Negro Unificado, vamos observar que ele se renova também, mas não com a mesma velocidade.

Lepê Correia

[...] Tinha um jornal chamado *Tiçãõ*, parece, do movimento negro. Em 1978 eu soube que tinha esse grupo de escritores negros chamado *Quilombo hoje*. Eu fiquei louco por isso. Queria fazer no Recife, em 1979, 1980, eu queria fazer no Recife também essa história, juntar os escritores, quem escrevia poesias. Eu escrevia poesias há um bocado de tempo. Mas, aí, não deu certo. Foi quando a gente fez aqui no CECERNE. Começou a surgir o Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra, as primeiras reuniões, que eram no DCE, que era ali na Rua do Hospício, onde, hoje, é o Colégio Brasil, tem um negócio lá da Mc Donald's, sei lá, aquele negócio lá quase na esquina com a Sete de Setembro. Na Rua do Hospício com Conde da Boa Vista era o DCE da Federal. Ali ficava tocando os meninos. Passarinho, que hoje é percussionista, professor do Conservatório,

Repolho e Telmo Anun. Esses caras que tocavam bongô, se reuniam todos em Galo Preto, que é tio de Telmo. Aí, eu pude ver. Nesse tempo, é que a gente vai se orgulhar mais ainda de ser negro, se orgulhar de pertencer ao candomblé, de pertencer à umbanda. O CECERNE começa a fazer essas reuniões. Quando a gente faz o primeiro afoxé, que chega o famoso Ilê de África.

[...] De início, era o movimento negro, era um monte de negros reunidos. Depois, foi feita uma assembleia, se reuniu todo mundo e se votou. Parece que foi Sylvio Ferreira que trouxe esse nome: Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra, que foi combinado com o professor Hilton, Paulo Viana e Pedro Nepomuceno, esses mais velhos. Jorge Moraes.... Tinha umas lutas, discussões... Era o movimento negro, era o povo do movimento negro. Se tinha outro nome eu não me lembro. Eu só me lembro de CECERNE e, depois, MNR. Quando acabou CECERNE, MNR, Movimento Negro do Recife. Era um grupo que se reunia. Os negros se reuniam.... Aí, daqui a pouco, vem chegando João Ferreira. Depois, chegou o Abi Odum, trazendo as coisas de Solano Trindade, dizendo sobre Solano, do grupo dele, de Solano... Edvaldo Ramos que falava que Solano Trindade, junto com Ascenso Ferreira, Zé Vicente e o mulato lá, tinham feito o CCAB, o Centro de Cultura Afro-Brasileira, que Edvaldo Ramos foi quem herdou, o CCAB. Em nome disso tudo, dessa luta do Recife e de Pernambuco, se quis institucionalizar, criar. Eu não sei por que, mas eu recebi por muito tempo correspondências endereçadas ao CECERNE, que iam para minha casa, na Várzea. [...] Do pessoal do Rio, de São Paulo, que mandava para o CECERNE, para minha casa. Não encontravam os outros representantes. Para minha casa ia correspondência do CECERNE. Eu não sei se minha ex-mulher guardou algumas coisas lá que iam para a Várzea. Porque eu morava na Várzea, naquele tempo, quando esse CECERNE foi instituído. Então, foi fundado. Não tenho lembrança de outra coisa, não me lembro. Eu lembro que a gente fez, depois, o *I Encontro de Negros*

do Norte e Nordeste. O pessoal da Paraíba vinha para cá colaborar também. Vinha Vandinho, Ivanete, Tutu, Bagula. Esse pessoal, que era da Paraíba, vinha para cá também.

[...] Por exemplo, quando eu fiz *Rainha Matamba*, que eu digo (cantando): “Aprendi com a Matamba a jogar capoeira, viver candomblé, ser original tocar berimbau e dançar afoxé. Meu corpo não nasceu para a senzala, sou descendente do Alafin Oyó, Xangô. A liberdade é meu axé de fala Kawo Kabiecile Kawo”. Eu passei uns anos fora. Quando eu volto, encontro o povo cantando, tirou a síncopa, e encontrei o povo cantando (cantando): “Meu corpo não nasceu para a senzala, sou filho do Alafin Oyó, Xangô, ô ô”. Quem sou eu para mudar a voz do povo? Quando eu disse “sou descendente” do Alafin Oyó, Xangô, o povo diz: “Que descendente? Eu sou é filho”. Mas que coisa mais bonita. [...] Porque o original, quando eu fiz, é (cantando): “Sou descendente do Alafin Oyó, Xangô”. Quando eu voltei, o povo estava cantando: “Sou filho do Alafin Oyó, Xangô. E a liberdade é o meu axé de fala”. Eu digo: “Que maravilha quando cai no domínio público”. Aí, voltando, é isso aí. Eu só me lembro do CECERNE, Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra, que fazia debate, apresentação de rua, passava alguns filmes. Agora, discutia muito a questão da África do Sul, do *apartheid*. Eu lembro que tinha uma briga de Sylvio Ferreira com Jorge Moraes que era incrível. Sylvio Ferreira dizia (imita o Sylvio): “Não, porque Malcolm ‘Exe’...”. Jorge dizia: “Malcolm X! Que negócio de ‘Exe’”. Era briga dos dois. Que negócio sem pé e nem cabeça, porque um dizia que era Malcolm “Exe”... Sylvio Ferreira foi para os Estados Unidos e tal. E Jorge Moraes: “Que nada, é Malcolm X”. E tinha vezes que ficavam 10, 15 minutos brigando por causa disso. Uma das coisas que eu acho incrível no Movimento Negro do Recife foi, um dia, um cara, uma pessoa que se aproximou do Movimento Negro do Recife: Ariano Suassuna. O Movimento Negro não aceitou a voz de Ariano Suassuna. “Ele pode vir até aqui, tal, mas não tem voz aqui não. Não tem voz”.

Os embates entre as lideranças

[...] Sylvio Ferreira se retira do movimento, do CECERNE. Mas, assim porque tinham outras pessoas capazes de dirigir. Não igual a Sylvio. Que Sylvio Ferreira tem outra maneira de organizar e de ver, tem outra organização. Mas, tinham outras pessoas que tinham liderança. Lideranças que eram acatadas. Tinha Jorge, que era muito bem acatado, apesar de também ser um cara divergente em um bocado de pontos. Tinha Marcos Pereira, que chegou depois, mas que sabia conduzir as coisas ao modo dele. Vivia na luta com sindicato. Tinha Edvaldo, tinha esses caras que faziam grupos de organizar. Podiam não ter essa visão tão acentuada de que é um movimento como o Sylvio, que vinha dessa visão norte-americana de organização de movimentos já consolidados. Mas, como brasileiros acostumados aqui nas lutas, sim. Inclusive, porque tinha essas pessoas que já vinham das histórias da tradição religiosa, como Jorge, por exemplo. Jorge era um ogã de Xangô. Era noivo de Tereza França. Depois, casou com Tereza França.

A subida na Serra da Barriga

[...] Vinha para cá Luiz Orlando, que morreu ano retrasado [a entrevista foi feita em 2009]. Era amigo de Wanda Chase, vinha para cá. Veio Wilson, da Bahia, que era do Grupo Gay da Bahia. Veio para cá também trabalhar com a gente. Tinha Wilson, Luiz Orlando, um bocado de gente, o pessoal de lá da Paraíba. Aí, depois, começou a vir o pessoal de Maceió. Zezito Araújo, o movimento negro muito interessante. No tempo, Zezito ainda era estudante. E, depois, formou o movimento negro lá em Maceió. E nós íamos para lá. Foi quando nasceu o Memorial Zumbi, lá na UFAL. Lembro que nós fomos os primeiros a subir a Serra da Barriga. As mulheres foram todas bonitas, todas de sapato alto para a reunião da UFAL e foram passear na Serra da Barriga. Wanda Chase, Lélia Gonzalez, Beatriz

Nascimento. Essas mulheres todas que já estão no Orum. Naquele tempo, existia a Pró-Memória, que tinha como diretor Olímpio Serra. Eu lembro que a gente vai subindo, todo mundo com pedaços de pau na mão e facões, abrindo a picada. Passamos mais de duas horas para chegar lá em cima na Serra, empurrando as mulheres com sapatos na mão, aqueles vestidos longos. E vinham das reuniões lá da UFAL. Abdias do Nascimento mordeu-se, porque, de repente, a mesa estava lá composta, na UFAL, com um general. Não sei quem não tinha uma mulher. Abdias levantou-se: “Por que não tinha uma mulher naquela mesa?” E mandou se levantar, porque ali não era lugar do general. Mandou se levantar para dar lugar a Lélia Gonzalez. Foi aquela história toda. Depois, quis derrubar a estátua de Domingos Jorge Velho, que ficava em União dos Palmares. Queria derrubar a estátua. Tinha um restaurante que não queria nos receber. A gente ameaçou quebrar as portas de pedra [risos] lá na praia, em Maceió. Saía aquele grupo de negro assim. Eu, há três anos atrás, fiquei impressionado, porque o Exército vivia perseguindo Zezito Araújo. Eu fiquei muito contente, porque Zezito Araújo era assessor de Lessa, lá em Maceió, há 3, 4 anos. Eu pude presenciar. O governador não foi, e o Exército perfilando para Zezito passar [risos]. E o negão desfilando. Eu dizendo: “Olha lá, meu velho. Quem andou te perseguindo, hoje, tem que se perfilar a tua passagem”. Então, essa coisa que eu pude ver, fazer, subir aquela Serra, ver Mãe Ilda, que foi embora também. Mãe Ilda, mãe de vovô. Lá do Ilê, do Itôlu. Fazer o primeiro ritual na Serra da Barriga. Ilda, Estela, aquelas mulheres todas, as mais velhas. Fazerem um ritual para os ancestrais lá dentro do mato, na Serra da Barriga. Isso em 1982. [...] Quando as pessoas correram e foram lá dizer assim quando chegou... O rapaz correu, aí, disse: “Olhe, os netos de seu Zumbi estão aí. O que é que eles vão fazer com a gente?” [...] O medo. Pensando que a gente tinha ido expulsá-los da Serra da Barriga. O povo que tinha lá seus ranchos, suas coisas todas em cima da Serra. “Os netos de seu Zumbi

estão aí. ” [...] Os netos de Zumbi não foram para lá com intuito de botar ninguém para fora. Aí foi quando a gente viu como Zumbi e os negros eram inteligentes, todos. Construir um quilombo ali em cima. Eu estou lendo *Capitão Mouro*, estou vendo como foi decisiva a história do Capitão Mouro lá em cima, com o exército de Zumbi. Local estratégico. Como os cassanjes, que tinham lutado no grupo da rainha Zinga, eram estratégicos em matéria de luta, armação e visão de guerra. Lá de cima, que a gente olha assim, vê tudo. Eu tenho até um conto, chamado *Assoviando a visão*, que fala dessa história. Veja como a afirmação vai quando a gente funda o Memorial Zumbi, que hoje é a Fundação Palmares. Começou com o Memorial Zumbi, lá em Alagoas. Aí, você vai vendo que a gente vai aos encontros de negros de Norte e Nordeste que também vão se firmando, as organizações vão surgindo. Aí, vão surgindo no Recife outras organizações. Quando sai do CECERNE e vira MNR, o Movimento Negro do Recife, já com a turma um pouco mais jovem, vai por aí assim. Quando vira MNU, é quando a gente sai. A gente sai, eu, Wanda Chase e outros, a gente sai por discordância dessa história de ficar com essa carta de princípios regida por São Paulo. Outros porque queriam um trabalho mais efetivo, e a gente estava com discussões muito intelectuais. E a gente estava, o tempo todo, com discussões intelectuais. A gente queria trabalhos efetivos. Tipo assim, se você é enfermeira, você é marceneiro...

Sylvio Ferreira

Quando tudo começou

[...] Mas, há algo anterior ao DCE que você menciona que descobre que o início tinha sido as reuniões iniciais na casa de Inaldete, mas antes da casa de Inaldete, essas reuniões eram na minha casa, que na época era um apartamento em que eu morava na Rua Setúbal,

em Boa Viagem, no Edifício Rosa Feijó. E essa ação minha em relação ao que você está chamando de movimento negro em 1979, aconteceu da seguinte maneira: eu tinha participado no início de 1979 de um debate sobre preconceito e discriminação racial no Brasil, na Televisão Universitária. Eu participei desse debate, não imaginei nem que isso pudesse levar ao que acabou redundando. [...] Era professor universitário, em 1979 era professor; me formei em 1977, comecei a ensinar na universidade em 1º de março de 1978, com 25 anos. Então, em 1979, eu já era professor na universidade. Então, eu tendo participado desse debate no pleno da Universitária, logo em seguida ao debate, eu encontro, no centro da cidade, na Avenida Guararapes, uma pessoa que me aborda, que era um estudante da Universidade Federal de Pernambuco – eu já até o tinha visto por lá, mas não tinha contato nem aproximação com ele, mas o via no Centro de Filosofia e Ciências Humanas –, ele se aproxima de mim, me aborda, e pergunta se eu era a pessoa que tinha dado a entrevista no pleno da Universitária sobre preconceito e discriminação, eu disse que sim, ele disse: “Olhe, muito bom ter lhe encontrado, porque eu já ia lhe procurar na Universidade, eu assisti casualmente ao debate e eu ia lhe procurar”. Eu disse: “Sim”. Ele disse: “Sim, porque eu acabei de vir de São Paulo, eu faço parte da convergência socialista, e numa reunião que nós tivemos lá, eles colocaram como um ponto a questão do negro no Brasil etc.”. Eu sabia do trabalho da convergência, porque lia um jornal que eles publicavam, chamado *Versus Afro Latino América*, eu era leitor de *Versus*; acompanhei a guerra de descolonização em Portugal, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola, Samora Machel, Agostinho dos Santos... [...] Jonas Savimbi. Mas, enfim, ele disse que tinham dado a ele um material de discussão lá entre eles e que era uma plataforma da convergência socialista que eles gostariam que algo fosse levado adiante, e que ele não sabia a quem entregar aquilo, mas como coincidentemente, por acaso, ele tinha visto uma entrevista no canal onze que eu tinha participado,

ele ia me procurar, mas tendo me encontrado ele disse a sede da convergência, que era no Edifício Continental bem ao lado dos Correios Central. “Se você não tiver tempo, a gente pode subir lá, e eu posso colocar esse material agora em suas mãos.” Eu subi, apanhei o material que me foi entregue, levei para casa e fui lê-lo, e era um material onde se estimulava a luta e o combate à discriminação e ao preconceito. Fiquei com o material, mas pensei: “Com quem eu vou compartilhar isso?” De imediato, pensei no universo, que era o universo, e não vi quem pudesse; primeiro, eram poucos professores negros, muito poucos, e um ou outro não me pareceu suscetível. Pode parecer até exagero o que eu vou dizer, mas, na época, você pensar em lançar um movimento e pensar em contar com a adesão das pessoas, embora elas se olhassem no espelho e pudessem saber que eram negras, mas não queriam fazer disso uma revelação pública. Era muito difícil, muito raro. Nos momentos iniciais do movimento negro, a gente ia caçando pessoas na rua, e, às vezes, ia abordar as pessoas e elas diziam: “O que é que eu tenho a ver com isso?” Como se dissesse assim: “Eu não sou negro”. Então, era exatamente esse o clima. Então, esse cabra me deu o material, e eu fiquei pensando em como dar curso àquilo, em função da minha atenção para o problema que dizia respeito à minha adolescência, ao Ginásio Pernambucano, aos meus 15 anos quando comecei a ler revistas sobre o negro nos Estados Unidos. Lia muito uma revista chamada *Ebony*, que tratava de variedades, fiz tudo. Assisti aos primeiros filmes de Sidney Poitier com grande empolgação, vi a primeira vez um ator negro como ator principal de um filme, foi *Shaft*... Por aí. Aí, fui assistir, um dia, à noite, no Teatro do Parque, na Rua do Hospício, ao filme de Eisenstein, Sergei Eisenstein, *O Encouraçado Potemkin*, segundo as pessoas que conhecem russo, dizem que a pronúncia é “potionk”. Mas enfim, assisti ao filme, acabou o filme, já do lado de fora do teatro, parei para dar um tempo, para interagir com as pessoas que estavam por lá, pelo cinema, foi quando encontrei esse

meu amigo do Ginásio Pernambucano em que fizemos a atuação juntos: ele com uma faixa e eu com outra, e disse para ele que tinha um material, que gostaria de sentar com ele para a gente discutir etc. Ele foi a primeira pessoa a quem eu abordei.

[...] Aí nós nos reunimos no apartamento, marcamos um dia e nos reunimos no apartamento onde eu morava em Boa Viagem, na Rua Setúbal, edifício Rosa Feijó. Foi lá que nós nos reunimos as primeiras vezes, e, desde o início, assumimos o compromisso, um diante do outro, de cada vez tentar levar mais uma outra pessoa, etc. E na segunda reunião não cresceu absolutamente nada. Aí, depois, foi pingando assim, por conta talvez do local onde eu residia, Boa Viagem, que distava do centro da cidade onde a maioria das pessoas moravam, aí foi quando as reuniões foram transferidas para casa de Inaldete. [...] Isto ainda em 1979. E as reuniões eram aos sábados. Na minha casa foram no meio de semana, depois, houve uma reunião no sábado. Mas, na casa de Inaldete era regularmente aos sábados. A princípio não seria nem para ser exclusivamente lá, a ideia original era que corresse na casa de quem se dispusesse para não ficar centralizado na casa de uma só pessoa. Mas, Inaldete morava sozinha na época, e o apartamento onde ela morava, ali na Fernandes Vieira, era muito central para todo mundo, e ela tinha muito prazer que essas reuniões acontecessem na casa dela, e acabaram acontecendo lá durante alguns meses, antes que o movimento se tornasse público, o que ocorreu em novembro de 1979, quando a gente decide realizar a *I Semana da Consciência Negra*. [...] É que a gente vinha se reunindo para discutir essa documentação que foi entregue, mas não eram coisas que diziam respeito só a documentação não, sabe? Essa documentação, na verdade, foi o grande catalisador de tudo, mas não nos ativemos ou nos fixamos a ela. [...] Não, porque para colocar isso como uma questão de filiação, já era difícil encontrar negros que quisessem se reunir para tratar desse assunto, e se fosse estabelecer como um crivo a um grupo político,

aí se tornaria muito menor, mais reduzido. O que importava para a gente ali é que as pessoas, não importassem qual o credo delas, a religião, a motivação política, mas que elas encontrassem um sentido comum de experiência, que marchassem numa luta a partir de algo que estavam construindo ali, sem outros vínculos que pudessem ser à participação delas no movimento. Então, ficamos nos reunindo, discutindo, começamos a interagir, socializar, a pensar em maneiras de ir estimulando as pessoas para se agregar, mas as reuniões ainda se dando entre quatro paredes, e quando foi se aproximando alguns dias antes do dia 20 de Novembro, que tinha sido comemorado um ano antes no Brasil; no Brasil, digo Rio de Janeiro e São Paulo pelo menos a partir daquela manifestação que houve lá na escadaria do Teatro Municipal. Eu disse: “Essa data é uma boa ocasião para fazer o lançamento disso publicamente”. Foi quando decidimos, então, lançar o movimento, mas não imaginávamos a acolhida que tivemos entre a comunidade negra com relação a isso.

As três propostas

[...] Bom, quando a gente sai da casa de Inaldete, nós vamos para o espaço do Diretório Central dos Estudantes, acho que era na Rua do Hospício, no centro do Recife, e nossas reuniões aconteciam lá, nos sábados à tarde, foi aí quando tentou se amarrar, no sentido de o que seria aquilo, de institucionalizar, etc. Aí, foi quando se decidiu, foi discutido nessas reuniões. Não foram discussões fáceis, foram discussões muito difíceis, muito duras, até que, submetida à votação, uma das propostas foi aceita. A discussão era: a gente colocou três possibilidades. [...] Uma delas era fazer que algo que fosse extensão, uma parte integrante de atuação do Movimento Negro Unificado, no MNU, que já havia sido criado. Uma das possibilidades era ser isto, se constituir no MNU. A outra possibilidade era resgatar algo que nos anos 1930 teria sido tentado, [a proposta do

Edvaldo Ramos, que foi abortada. A recriação do Centro de Cultura Afro-brasileira]. Esse centro que foi criado nos anos 1930, segunda metade dos anos 1930. Foi Solano Trindade e Vicente, Vicente Lima. [...] Edvaldo Ramos levou à frente, porque não estou bem certo se ele sabia da existência desses centros, pressuponho até que soubesse, porque ele era próximo à família de Vicente, tinha relação com os filhos de Vicente, e um deles, advogado como ele. É possível que, através dos filhos, ele tivesse sabido, mas eu não sei se ele sabia disso por fontes históricas, mas, sabendo ou não, essa proposta foi posta na mesa, e que ele se fez defensor dela. [...] A terceira era criar algo que nem fosse o ontem. [...] Que surgisse da gente como uma coisa criada por nós mesmos, isso não quer dizer que fôssemos estabelecer linhas de corte ou de guerra, esse tipo de coisa, mas que dissesse respeito às nossas experiências, aos nossos passos nestas circunstâncias, que foi a proposta aceita. [...] Não se tinha um nome, o que se decidiu foi que seria esse o caminho. Isso foi posto em votação e o caminho é esse. E foi designada, então, uma comissão para dizer, numa reunião seguinte, o que é que isso poderia ser; na hora não foi escolhido algo, tendo-se o nome para dar a esse algo. [...] Pensou-se num caminho. Aí, se escolheu uma comissão, essa comissão, então, passou a se encontrar fora, quer dizer, no meio da semana para ficar pensando algo e levar como uma proposta pronta para uma reunião maior. O que foi feito foi levado e aprovado. [E o que é que foi aprovado – pergunta do entrevistador] Foi a criação de um Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra, chamado CECERNE. Exatamente isso. [Mas nem todos concordaram com a ideia] mas aí, quando foi levado para ser criado isso o fundamental já tinha sido aprovado, que era criar o algo novo, que não fosse nem um nem outro. Estamos em 1979, e o CECERNE começa a se reunir, portanto, no DCE. [...] Ele, quando surge as reuniões, tinha sido depois do 20 de Novembro, e já estava se reunindo no DCE. E em 1980 o CECERNE continua. Vou dizer para você o nome de três pessoas.

Uma, a comissão que ficou encarregada de tratar disso. Uma foi o jornalista Paulo Viana. [...] Porque tinha três possibilidades, alguém venceria, dois perderiam, então, quem foi pela vinculação ao MNU ou quem foi pela recriação do centro lá atrás, da década de 30, foram duas propostas derrotadas. Então, a proposta que não era ainda o CECERNE, mas que ia ser criada uma comissão para discutir e apresentar. Então, quem estava do lado do MNU não ficou satisfeito e quis forçar a entrada numa comissão que já tinha sido escolhida no próprio dia em que o caminho foi escolhido. Então, quem estava do lado, defendendo uma proposta que foi derrotada, quis participar.

O choque de gerações e a questão do CECERNE

[...] [Os integrantes do Balé Primitivo vão a público 8 dias depois e vão dizer que não tinham nada a ver em relação com essas vaiais, que estas eram, na verdade, perpetradas por um grupo de militantes identificados como Movimento Negro do Recife, o MNR – comentário de um dos entrevistadores]... Em 1980 formamos o CECERNE, mas ele existe por muito pouco tempo, é uma vida muito curta, muito breve, porque esse pessoal que não conseguiu aprovar a vinculação com o MNU depois desse breve tempo do CECERNE, então, criam o Movimento Negro do Recife e querem estabelecer uma autonomia em relação ao MNU. [Não queriam mais se ligar ao MNU – entrevistador] A princípio eles queriam, depois não querem mais. Mas, aí, eles já sofrem o impacto daquilo que tinha sido posto em discussão e aprovado, e que eles se mostraram contra, que era seguir um caminho próprio. Então, quando o CECERNE se extingue e eles criam o Movimento Negro do Recife, demonstram não querer ser o MNU de uma maneira geral, mas uma espécie de MNU do Recife. É como: eu não sigo mais aquele caminho do princípio geral, mas também não largo eles porque estou sendo MNU. Eram certas conturbações que eles tinham na cabeça, e um dos incômodos,

nunca escrevi sobre isso, não tem nenhum registro, depoimento meu sobre isso, mas uma das coisas que eu acho que incomodava essas pessoas que queriam ir, no sentido geral, pelo MNU ou pelo que foi feito lá atrás, com Vicente e com Solano, é que a proposta vitoriosa teve, entre outras pessoas, Paulo Viana e o professor Hilton de Paula Santos, que eram homens que, para todos nós, eram de uma outra época, entendeu? Sabe o que é que eu estou dizendo? Então, no fundo, o princípio, era uma luta em comum, mas houve um choque de gerações. É como se os mais jovens não quisessem ser guiados pelos mais velhos. Isso vale tanto no que diz respeito à proposta vitoriosa, da qual Paulo e eu participamos, como diz respeito à proposta de Edvaldo Ramos, de vir lá atrás com o negócio de Vicente. A idade de Edvaldo em relação àquelas pessoas também era, a distância etária era significativa, então, esse vínculo com o MNU e o mal-estar que causou, embora todos tivessem lá lutando por um princípio, uma causa comum, mas havia um desconforto no sentido que algo fosse trazido da dimensão de um novo e conduzido por pessoas de ontem, embora na proposta vitoriosa estivesse... Eu, na época não era velho ainda, tinha 26 anos, tivesse pessoas com 23 anos de idade participando dessa proposta vitoriosa, mas tinha o professor Hilton, que já era um homem de 60 e tantos anos, Paulo Viana que estava próximo disso, e que isso trazia desconforto. [...] Eu fui o primeiro presidente do CECERNE, eles me elegeram e eu fui o primeiro presidente. O CECERNE dura meses, muito pouco tempo. Eu acho. Não consigo precisar, mas em 1981 Abdias já estava lançando o livro dele aqui, *O Quilombismo*, que foi uma das razões que fez com que o CECERNE deixasse de existir... [...] No sentido de que ele catalisou o que já estava aqui como um caldeirão em chamas, e ele chega e tocou fogo. Eu digo tocou fogo no sentido de que a luta antes era sempre colocada com objetivo específico, mas que não se restringia a esse objetivo específico, porque existia uma questão que estava sendo também imposta, que era a questão da classe. Era uma

luta voltada para um objetivo racial sem desconsiderar em nenhum momento a questão da luta de classes. Mas aí, o MNU, vem depois e manda para o espaço a questão de classes e enfatiza a ideia de raça. Então, quando Abdias passa, que no ano seguinte vem lançar o livro, chega com um discurso que é essencialmente, exclusivamente racista, e que isso já estava tendo dificuldade aqui de conduzir as coisas nessa perspectiva de classes, porque o que era de se esperar é que: o que é que vai fazer com que essa sociedade avance? A gente lutar para que ela deixe de ser uma sociedade de classes. Certo ou errado, era a utopia que movia uma crença de que, pondo-se fim a uma sociedade de classes, poria fim à questão da discriminação e do preconceito; se conseguiria pela base, um princípio comum de relação entre as pessoas. [Em 1981, Abdias vem ao Recife e, em 1980, o CECERNE havia sido fundado] [...] há um choque de gerações. Mas, o curioso disso, que eu acho, é que o discurso que descambava para o MNU, era radicalmente racista. Então, não tinha uma moldura ideológica ou política maior que pudesse dar sustentação àquilo, a não ser o ódio estabelecido em nome de uma discriminação como forma reativa de comportamento sem ter sustentação maior. Aí, ficava uma coisa isolada, assim, como princípio de uma luta e que perdia, de certo modo, o sentido da fraternidade universal.

[...] Sim. Quando acaba o CECERNE, continuou se reunindo, se encontrando, e acharam por bem dar outro nome e adotar uma outra filosofia e prática política. Não vejo discrepância entre o que ela [Inaldete] diz e o que eu estou dizendo, não. Agora, que houve dificuldades, houve, mas você tem um conjunto de pessoas, o que é que você pode fazer, alguém dizer: é isso, e se vocês quiserem aceitem, senão, caíam fora. Você coloca três possibilidades, uma é escolhida; como é que pode ser escolhida se não houver maioria para escolher essa? Nem que seja a maioria de mais um, mas uma maioria optou por este caminho. [...] Ela não está dizendo nada diferente do que Inaldete disse, nem do que eu estou dizendo. O

CECERNE, no momento que é dissolvido, não foi nem dissolvido por um ato. Eu me afastei, à medida que eu me afasto, outras pessoas se afastam também. Não houve nenhum ato de dissolução formal, então, quando a gente se afasta, as pessoas, então, criam um algo novo que é o Movimento Negro do Recife, que dura pouco tempo. Depois, criam o MNU.

Thelma Chase

[...] Olha, primeiro que não nasceu como Movimento Negro Unificado. Era uma reunião de negros e negras. E essa polêmica não é de agora não, é antiga, porque depois... Eu não lembro quais eram os questionamentos que se tinha com relação ao Sylvio, porque desse grupo todo, o Sylvio ficou à parte. Eu não lembro detalhes disso porque existiam umas coisas que me incomodam até hoje. Eu tenho muito incômodo com briga entre negros, até hoje, eu tenho isso. Eu acho um absurdo. Aqui, a capoeira tem a mesma polêmica. E isso eu digo para os capoeiristas, o meu discurso é o mesmo. Então, começo a ter muito, e eu não lembro detalhes, realmente, eu não me lembro. Estou aqui em Salvador há quase 20 anos e, aí, realmente, eu não me lembro.

Fundação do CENPE

[...] Nesse meio termo, para fortalecer esses grupos, a gente começou a pensar em criar o Conselho de Entidades Negras de Pernambuco, para não ficar o Balé Arte Negra desenvolvendo uma ação só no maracatu. Que a gente tinha conseguido juntar, dentro do Córrego do Cotó, fazer grandes eventos, mas era o Balé Arte Negra puxando. Então, a gente chamou todas essas entidades que resolveram fazer essa parceria conosco... A gente criou, resolveu criar o Conselho de Entidades Negras de Pernambuco. E, como eu era

a pessoa que sempre estava à frente dessas ações, findou eu sendo indicada para ser a presidente do Conselho de Entidades Negras de Pernambuco. Faziam parte Maracatu Cruzeiro do Forte, Maracatu Leão Coroado, Afoxé Ilê de Egbá, Afoxé Odolu Pandá, Afro-Axé, de Roberto Santos e Axé da Lua, do Malu. [...] A gente passou a fazer as ações como Conselho de Entidades Negras de Pernambuco e, dentro dessas ações, a gente lançou um CD do Olodum, do Nação, que não foi só o lançamento, eram bem bacanas as ações. Bom, dentro dessa ação do Maracatu Leão Coroado, nós lançamos um livro sobre o Maracatu Leão Coroado, de Humberto Araújo. Muito bacana. Aquilo foi tudo dentro do Leão Coroado, tu não tens ideia da mão de obra que era, mesmo depois da relação com seu Luiz, de ele ter passado a ter mais confiança. Eu não sei qual era a história dele de pessoas, o que ele desconfiava, não sei bem, mas o Humberto foi e fez todo o trabalho, a gente fez o lançamento. Eu coloquei esse livro em várias livrarias, esse dinheiro todo era para o Leão Coroado e para o seu Luiz. Tinha uma entidade também do Conselho que era Grupo Cênico Liberdade, do Ivo Rodrigues e Walter Araújo.

[...] Wanda fez parte desse grupo que construiu o Movimento Negro Unificado, que era Wanda, Marcos, Inaldete, Sylvio Ferreira. Tinha Josafá, a mulher do Josafá, Adelaide, Martha. Não havia ainda o MNU. Wanda começou nessa, no momento dos encontros nas casas, depois, foi pedido o DCE e passou a ser lá no DCE. E depois é que começou a ter um “desencontrão” lá. Eu não sei como foi feito esse *link* aí viu. Eu tinha que bater essa bola com a Wanda. Porque eu já entrei quando essa coisa já estava caminhando um pouco, isso já estava caminhando. E, como eu tenho umas coisas, assim, na minha cabeça de muita praticidade, tanto é que eu disse: “Se não sair daqui e for para comunidade, eu estou fora”. Porque eu não entendia daquela forma mesmo e, na realidade, estou fora e continuei fazendo a militância porque eu me embrenhei dentro

das comunidades, e a gente fazia um baita de um trabalho. Mas, a gente conseguia enxergar resultados disso. Eu achava o MNU como um grupo de reuniões. Eu não sei qual era a dificuldade. [...] Eu queria mais. Eu não sei qual era a dificuldade. O Balé foi criado antes do CENPE. Antes do Conselho de Entidades Negras, o Balé Arte Negra de Pernambuco já existia. O CENPE passou a existir com a ação que a gente passou a desenvolver dentro da comunidade do seu Luiz de França. Porque, depois, o que aconteceu? Muitas ações passaram para a grade do Conselho de Entidades Negras de Pernambuco, inclusive o Balé Arte Negra. Eu não sei se é porque a gente achava que o Balé já estava pontuado no mercado, e a gente era... Toda a programação era inserida a partir do CENPE, porque existiam projetos, lá no Recife, de dança, Ciclo de Dança. Ciclo de Dança era um projeto respeitadíssimo que acontecia no Teatro Santa Isabel, que tinham várias oficinas, o Balé do TCA era convidado, o outro de Belo Horizonte. Depois de muita briga com Fred Salim, a gente conseguiu levar o Ciclo de Dança para as comunidades. Eu fui do MNU. Depois me afastei. Tanto é que viajava como delegada para as reuniões do *Encontro de Negros do Norte e Nordeste*. Mas, eu achava que não dava para ficar só nas reuniões, e isso era uma coisa que era colocada ali, literalmente. Eu taxava. Agora, hoje, eu até enxergo o seguinte, é o perfil de cada um. É claro que tinham resultados aquelas reuniões, só que não podia... [...] Além do MNU eu fui do Balé Arte Negra de Pernambuco e do Conselho de Entidades Negras de Pernambuco.

Walter Araújo

Conselho de Entidades Negras de Pernambuco

Eu não montei trabalho com o Balé. Eu não participei do Balé, certo? Mas eu participei do Conselho de Entidades Negras de Pernambuco,

que foi formado com pessoas do Balé, pessoas ligadas à cultura. Por isso, foi... aliás, foi o Conselho que recebeu essa doação da LBA. Agora que eu estou recordando. Inclusive, até uns tempos atrás, a gente ainda tinha as passagens de avião, as documentações. Nós tínhamos ainda, tempos atrás, guardados. A banda Olodum, nós trouxemos aqui para, com esse trabalho, valorizar o primeiro CD. CD não, disco da banda Olodum, que recebeu também um troco desses, porque a gente queria fazer um intercâmbio. Ela se apresentou no Cheiro do Povo, como se chamava antigamente. E coube ao Grupo Cênico e ao Balé fazer a ornamentação, procurar a estadia para o pessoal. Eles ficaram numa pousada ali perto do Carmo. E foi legal, lotou o Centro de Artes. Foi uma coisa, assim, que marcou.

[...] Porque eu queria [fazer] mais teatro e, lá, era a política em si da negritude. Não que não falasse da coisa que eu queria, mas eu queria mais ação, assim, com teatro, com dança. Aí, foi quando a gente começou a fazer o trabalho com Zumbi. Comecei a receber aulas com Zumbi. Eu não participei do Balé de Arte Negra, participei do Conselho de Entidade Negra, que era formado pelos grupos negros... Ilê de Egbá, Grupo Cênico, Cruzeiro do Forte, Afrodrilha, esse negócio de Roberto. Teve outro. O de Malu, Axé da Lua, participou também, o maracatu de Malu. A proposta do Conselho era levar, realmente, a propagação da cultura negra, da valorização do homem negro, da mulher negra dentro do Estado, está certo? Tivemos contato com o pessoal do Maranhão também. Vieram para aqui também com trabalho. A gente fazia intercâmbio. Mas só que a segunda parcela não veio. Houve alguma questão burocrática que a segunda parcela não chegou a vir para a gente. Então, não foi feito.

[...] Mas, depois, então, foi quando houve a dissidência que formou o Bacnaré. Mas eu não sei por que foi, e ficou o Balé de Arte Negra. O Ubiracy também teve uma influência nisso aí junto com Zumbi.

Wanda Chase

[...] Para mim, teve o novo do movimento organizado. O recifense é mais travado, conservador. Aí, eu senti uma diferença enorme na forma de viver e de ser do amazonense para o pernambucano. E, quando surge o CECERNE, a gente começou a ir: “Ah, é um grupo de negros”. Eu já tinha algumas amigas. Em segundo lugar, a gente vai se articulando com a comunidade, vai conhecendo as pessoas com quem a gente se afina politicamente, ideologicamente. Participei das primeiras reuniões no DCE da UFPE. No DCE, claro, foi lá que começou. Sei lá, acho que foi na casa do Sylvio, talvez. Mas, eu comecei a frequentar lá no DCE. Numa sala que a gente ocupava lá no DCE. Aí, começamos a ir porque, nem lembro quem foi que me chamou, quem foi a primeira pessoa que me deu a ideia de ir. Acho que não foi Lepê. Não lembro agora. Talvez a Thelma se recorde. E começamos a ir. Fomos achando interessante. Não tínhamos os mesmos problemas que grande parte das pessoas tinha, por conta de nossa infância ter sido muito rica racialmente. Mas, foi uma experiência muito legal em termos de cultura e emancipação da raça negra. Eu considero o Sylvio um líder. Ele tinha esse poder. Uma pessoa polêmica, como todos nós. Mas eu acho que foi um fato muito importante para o Recife. Ele ter começado com aquele trabalho, a gente começa a discutir nossa questão, olhar a cidade com outro olhar, ficar mais atento. Porque eu acho que grande parte dos negros fecha os olhos para a questão racial, prefere não enxergar. E, a partir daí nós começamos a abrir os olhos. Nós levávamos o Tito, que é meu sobrinho, para as reuniões. Ele era pequeno, garoto, 2 anos, 3 anos. E era muito interessante quando ele começou a falar. Quando ele queria ser ouvido em casa, que estava todo mundo falando, os amigos da gente, que ele fazia isso [risos]. Ele vivia no movimento. Foi muito enriquecedor. E Tito, uma vez, brincando com uma criança no interior, na casa de uma amiga da Thelma... Ele era gordinho. A

menina começou: “Ah, você é gordo”. Começou a colocar todos os defeitos nele. E daí ele não dava a mínima importância. Até que a menina falou: “Tu és negro”. Ele falou: “Eu, o JR é negro, a Inaldete é negra, o Sidney é negro”. Todos os militantes, amigos nossos que ele conhecia, foi dizendo. “Mainha é negra, tia Wanda é negra. Tia Wanda ainda pinta o cabelo de vermelho. ” Então, era uma experiência assim muito gratificante. Das pessoas que levavam os filhos, de a gente começar a se organizar. Aí, dali, surgiu. A gente foi para Serra da Barriga. No primeiro ano, a Fundação Pró-Memória fez aquele grande encontro na Serra da Barriga. Nós nos encontramos com negros do Amazonas ao Rio Grande do Sul, isso foi fantástico. Eu encontrei um amigo meu de infância, Nestor Nascimento. Foi preso na Ditadura. Que era um negro de Manaus.

[...] Então, foi muito legal aquele encontro que conseguimos fazer no Recife, depois, a gente fez em Campina Grande. E foi um crescimento. Depois, mudou para... Era CECERNE? Era ainda. Depois, Inaldete vinha muito aqui. E Luiz Orlando, que já morreu, ele era do cineclube, do Super-8, trabalhava na universidade. Aí, foi fundado o MNU aqui, e ele começou a ir. Nós nos conhecemos, ele começou a passar férias lá em casa, natal lá em casa. Começou a catequizar a gente para o MNU. Aí, a gente começou a discutir sobre isso. Houve muito racha com o Sylvio, muitas divergências... [...] Na época do CECERNE Inaldete participava. Marcos, que foi marido dela. [...] tinha muita divergência entre Sylvio e Inaldete. Não lembro alguma especificamente. Mas, porque o Sylvio era uma pessoa autoritária. Extremamente vaidoso. Não administrava a vaidade. Então, tinha muito racha. Muitas questões que a gente não fechava com ele. E era um intelectual. E o intelectual que chegava impondo os pontos de vista. Tinha muita divergência, a gente foi rachando, rachando, aí, acontece o MNU.

[...] Nós saímos do CECERNE. Não lembro em que circunstâncias, em que ano saímos do CECERNE. Mas, nós rachamos com Sylvio,

porque não dava mais. Não me recordo o momento em que sai do CECERNE. Eu não lembro nem em que circunstância. Se eu estava no MNR ou no MNU. Acho que nenhum dos dois. Quando a gente criou o Abibimã, eu e um ex-namorado meu, que era gaúcho, Luiz Augusto.

[...] O CECERNE foi primeiro. O CECERNE surgiu primeiro do que o MNR. O MNU surge quando Luiz Augusto começa a ir para lá. Inaldete vem para a SBPC. E a Bahia começa a ir para lá, e a gente começa a conversar, e aí acho que foi no racha. Um desses rachas aí. Aí, a gente assume o MNU. Eu fui da primeira diretoria do MNU. Eu, Inaldete e Marcos, eu acho. O Sylvio não estava mais com a gente não. Eu nem sei que fim ele levou. Laurinete, médica. Se for falar da Laurinete, tem que falar da Margarida Barbosa. Aquela que eu te falei, que é socióloga. Eu estive com ela agora em agosto. É socióloga, ela trabalhava com Pedro Eurico há muito tempo. Ela teve uma importância muito grande dentro do CECERNE. Ela já era amiga do Sylvio. Margarida Barbosa. A gente tinha muita história.

Zumbi Bahia

[...] Eu já era militante, fazia um ativismo social negro. [...] Lá na Bahia. E eu passei a entender. Porque até nessa época, havia muita radicalidade com o movimento social negro. Tipo assim: só é militante negro quem trabalha com aspectos políticos do negro ou aspectos sociais, político-sociais do negro. E aí, a gente vem, assim, discutindo, levando o embate, levando a discussão de que quem faz cultura, quem produz cultura, quem preserva cultura negra está fazendo também movimento negro. Então, com essa teoria, com essa tese, houve sim momentos de sentar com o pessoal do Movimento Negro Unificado e discutir isso. Mas, aí não aceitaram. Nem aqui no Recife, nem na Bahia. Até porque o Movimento Negro Unificado é uma nomenclatura que já vem de São Paulo. Então, eles queriam unificar em todo o Brasil e aí os estatutos, os regulamentos, todos

vinham de São Paulo. Então, aqui, como também na Bahia e em outros que adotaram, seguiam os mesmos caminhos, e, automaticamente, começamos a fazer um movimento independente do MNU. Então, esse movimento negro, de conscientização negra, de estudar as origens do negro e fazer um comparativo da vida atual com o negro, tudo isso eu fazia e fiz aqui no Recife e continuo fazendo lá em São Luís do Maranhão, onde moro atualmente. Nunca fui militante do MNU Participei de reuniões em eventos esporádicos.

CAPITULO II

Movimentos negros e cultura

Amauri Cunha

[...] Então, tem um momento específico de Olinda do surgimento dos afoxés, então os afoxés Alafin Oyó, Ilê de Egbá e Oxum Pandá passam a ser os catalizadores do movimento do ponto de vista da congruência, o ponto de encontro do povo. Então, o Centro de Arte Popular de Olinda foi uma grande referência nesse sentido, e isso também levou de tabela, a cultura nos levava a militância do movimento e era uma grande divergência que existia na época. Qual era o caminho do movimento negro? A militância institucional ou a militância pela cultura? Existiam duas vertentes: “Vamos educar o povo, não, mas a educação é cultura.” Era uma briga ferrenha. Então, existiam essas duas linhas no movimento. Uma que apostava na cultura como forma de, não de libertação propriamente dita, mas como uma forma de conscientização. Isso de fato funcionou porque acho que se nós formos avaliar hoje, a gente vê que surgiu muita coisa e muita coisa que estava adormecida se acordou de novo por conta disso. Então teve todo esse paralelo. E paralelo a isso, um pouquinho antes, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, o

movimento negro retoma, de certa forma, com a redemocratização, uma força maior do ponto de vista organizativo.

[...] A Terça Negra consolidou isso. Eu já tinha esse trabalho desde a história da rádio, quando eu caí, e os comícios que a gente subia em cima dos bancos para coordenar os comícios de Casa Amarela, aquelas coisas todas a chegar aonde chegou quando o Partido dos Trabalhadores passou a administrar a Prefeitura do Recife, através do hoje deputado federal João Paulo. Então, ali me consolidei profissionalmente e fez até com que eu me identificasse mais com a história do movimento negro porque também foi lá que, a partir de 2002, 2003, comecei trabalhando na pré-produção da abertura do Carnaval com Naná Vasconcelos. E aí sim foi quando eu conheci o candomblé, por incrível que pareça quem me levou para o candomblé foi o maracatu.

[...] Ia para os encontros e aos ensaios do Alafin Oyó e também com o evento promovido pela Djumbay, o Samba Axé, também no Centro de Arte em Olinda, que era um momento onde se encontrava o afoxé, samba e outros segmentos, que não era tão forte como os cantores. Assim, eram bandas específicas, mas tinha uns artistas que produziam na época. Só me lembro, da época, do Waldir Afonjá, uma grande referência nos anos 1980. Ele já tinha esse trabalho, mas era um momento também que a gente se encontrava. Dali para a colônia Z4 também, até porque fecharam as portas do Centro de Arte e o único local onde o movimento passou a se encontrar foi ali na colônia dos pescadores, e em alguns momentos o Ilê Egbá tomou conta. Em outros momentos, o Afoxé Alafin o fez. Hoje é o Preto Velho, a escola de samba Preto velho, no Alto da Sé, porque não tem outro espaço. O afoxé Alafin Oyó tem seu espaço próprio, aliás, não é nem próprio, é um galpão da Prefeitura Municipal de Olinda e que em determinado momento eles têm até dificuldade também de fazer esse trabalho lá, mas o Preto velho está sendo hoje um ponto de referência de encontros de afoxés em Olinda. Aí, volta e meia um

ou outro afoxé vai dormir, mas volta a se acordar. O Ogum Toperinã voltou e estava parado há algum tempo. Exatamente, está lá no Preto Velho, de vez em quando vai lá o Ilê de Egbá, o Alafin Oyó está sempre lá. Agora, o advento do Pátio de São Pedro com a retomada feita pela Prefeitura do Recife, por parte das forças políticas progressistas, realmente propiciou um maior desenvolvimento dessas agremiações, dessas entidades. Quando começou a Terça Negra, em 2002, só existia quatro afoxés. Tem mais de 30 hoje. Então, grupos percussivos... Só tínhamos referência de um, Centro Cultural Maria da Conceição, de Lúcia dos Prazeres. Era uma militância do movimento negro pelo caminho da cultura, da educação, mas era só lá no Morro da Conceição e que tem referência até hoje. Essa coisa dos espaços públicos, dos equipamentos públicos sendo disponível para cultura veio, de certa maneira, fortalecer e propiciou isso. A história do maracatu estava quase sem existir entre os anos 1980 e meados dos anos 1990. Vem o movimento Manguebeat dar aquela levanta-da, vem àquela coisa mais teatral do maracatu Nação Pernambuco, e tal, e aí os maracatus nação ressurgem. E uma coisa leva a outra, nunca deixaram de existir lógico, mas passaram a ter mais visibilidade, e hoje com a modernidade, com o advento de internet, você produz, qualquer pessoa hoje pode produzir a sua música, seu cd na sua casa, você pode fazer isso. Sempre foi muito difícil.

Samba reggae

[...] Ababalê, era a melhor banda de samba reggae que tinha, dos irmãos “MMM” Maurício, Marcelo, Mavilson e esqueci o outro, irmão de Mônica. Tudo no M. Vem tudo de uma família de tradição. Hoje são todos percussionistas renomados, mas tinha essa banda Ababalê que era um absurdo. Era a melhor de samba reggae na época, mas perduram até hoje. Nós temos a Obá Nijé, tem uma resistenciazinha, mas foi aquela coisa de momento. Como se fosse um

modismo. Ele, em certo tempo, se acabou. Os próprios grupos de samba reggae passaram a ter outra roupa, outra forma de se expressar, introduzir novos instrumentos. Acho que eu não tenho certeza, mas parece que o grande criador do samba reggae faleceu. Parece que sim... O mestre lá que criou a história, porque na verdade ele pegou aquela marcação do reggae e passou para a forma percussiva. Muito curioso isso... E vingou porque era anos 1990, início dos anos 1990, o samba reggae final dos anos 1980, início dos anos 1990, o samba reggae tocava no rádio a música do Olodum, Muzenza.

[...] Fez muito sucesso mesmo de tocar no rádio. Era um absurdo, isso foi muito bom porque levantou a autoestima do povo, aí surgiram os grupos tal e teve aquele momento que era samba reggae, afoxé, o samba foi um pouquinho esquecido naquele momento porque o samba reggae tomou frente das coisas, mas foi o momento.

[...] É porque também Pernambucano é barrista naturalmente. Mas, a militância do movimento negro, de certa maneira acalmou um pouco essa visão, porque se não iríamos dizer que afoxé também é baiano, uma vez que o mais antigo que temos no Brasil é afoxé Filhos de Gandhi, só que o afoxé é o candomblé da rua. O candomblé está onde? No Maranhão, Bahia, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, talvez não tenha essa coisa cultural que nós temos. Agora é uma coisa muito peculiar de Pernambuco, que sempre tem esse diferencial de ter coisas próprias. Aqui se produz muitas coisas de forma cultural, a gente pega o repente.... Se a gente pegar o *hip hop*, só muda o ritmo e se brincar até bate... O pandeiro lá, e aí a embolada fica parecendo com hip hop. Eu escuto maracatu Estrela Brilhante de Igarassu e lembro sabe de quê? De funk, do funk, eu me lembro de James Brown e digo mais, quem inventou o funk foi o maracatu, porque o maracatu existe há mais de 180 anos. James Brown nem existia, aquela forma dele tocar é o baque deles, a forma deles tocarem. Quando eu fui para uma festa de aniversário do maracatu Estrela Brilhante de Igarassu, descendo a ladeira do Morro

da Conceição, o povo descendo tudo igual parecia um baile funk, e daqui a pouco chegou um rapaz e começou a fazer aquele negócio de *break*. Pronto isso é funk. E é mesmo o funk. Quem inventou? Foi o maracatu. Eu digo isso a Naná [Naná Vasconcelos] e ele fica coçando a cabeça, mas ele é um grande mestre do *jazz*, ele sabe o que faz, mas ele também tem dúvidas também se foi esse baque que tinha há 180 anos, você botou aquela guitarrinha Motown, um tecladinho.... Acabou-se, é o funk. O que é peculiar mais ainda é que cada um tem sua forma de tocar.

Terça Negra

[...] Ela tem uma história no Bar do Didi ali, por trás dos Correios, ali, tem uma história por ali, acho que quem teria mais ciência de explicar um pouco mais da história seria o Movimento Negro Unificado, aquelas pessoas que militavam naquela época, mas vem do bar do Didi. Não era chamado também de Terça Negra. Era um momento às terças, onde tinha o afoxé chegando lá no lugar onde se tinha os grupos de pagode. Então, passou a ter essa diversidade de estilo afro brasileiro, tinha samba, afoxé, samba reggae.

[...] Voltando para a história da Terça Negra. Em 2004 eu substituí de vez o companheiro Aldo Loreto porque ele tinha certa dificuldade com o movimento, interpessoal. Ele tinha certa dificuldade. Na verdade, lá no Pátio de São Pedro a gente não faz só uma locução pela locução. A gente faz um trabalho de pré-produção, de articulação e, porque não dizer, um trabalho de relações públicas. Porque em muitos momentos a gente tem que administrar situações adversas, do ponto de vista de divergência de horário de apresentação, de vaidades pessoais, a gente tem que ficar lá o tempo todo fazendo aquele jogo de cintura para poder fazer acontecer o espetáculo, e são coisas de bastidores, ninguém vê isso. Muitas vezes teve momento ali de, por exemplo, de chegar dois maracatus e dizer: “A gente vai

subir”. A gente está olhando assim: “Vai subir?” “Vamos subir”. Aí, depois que um botava o pé no degrau, eles se tocavam: “Não vai dar não.” [Risos]. Entendeu? Então, vamos conversar, vamos pensar, vamos por aqui, assado, a gente vai fazendo acontecer as coisas ali.

[...] O MNU ainda hoje é o responsável pela grade artística da Terça Negra, é o companheiro Almir Miranda da Hora. Em alguns momentos eu interfiro na produção para efeito da realização, porque também se não for assim, não acontece. São coisas, são detalhes. Mas, por exemplo, você tem que muitas vezes checar se o ônibus está pegando a agremiação em tal lugar e tentar calcular o tempo da chegada deles para apresentação. Só que o MNU, nem a Prefeitura do Recife disponibiliza o telefone, por exemplo. Eu uso o meu e tem que ligar, tem que perguntar, se não, não acontece. Hoje até que está modificando um pouco, a Prefeitura tem dado certa assistência nesse sentido, mas, por exemplo, a gente não pode ligar para celular. Volto à estaca zero. Todo mundo hoje só tem celular. Como eu vou me comunicar com um grupo lá em Água Fria? Falar com o motorista do ônibus que está se deslocando de Olinda para Água Fria, para pegar um determinado grupo, para pode bater com a hora de chegada, que dê tempo de ele descer, botar o figurino e subir no palco. Complicado, né? Mas, a gente vem na medida do possível fazendo isso acontecer. Bons momentos horríveis, tem momento que a gente começa de 9h, 10h da noite, porque o grupo x deixou de última hora, resolveu não participar e teve que pegar outro não sei aonde e a toda essa, esses desencontros eles acontecem por justamente haver muitos momentos em que não existia uma dinâmica profissional consequente. Diferentemente de momentos sazonais, por exemplo, no Carnaval você paga uma agremiação ou um grupo pela apresentação, então, você pode cobrar profissionalmente. A Terça Negra, não é assim. A Terça Negra mesmo dispondo de uma verba específica para o projeto, não tem essa relação, essa dinâmica de relação profissional. Mesmo alguns grupos eventualmente tendo

retorno financeiro. Quando? A que tempo? Isso desestimula qualquer profissional, qualquer grupo cultural, é feito ali a muito custo de sangue e suor, porque não dizer?

[...] Quanto a isso nós conseguimos, de fato, fazer com que aquele espaço tivesse essa identificação e ela está mantida até hoje, aos trancos e barrancos, e com muita oposição, porque volta e meia deve estar agora rolando na internet mais uma carta de alguém insatisfeito dizendo que a Terça está derrubando a igreja do Pátio de São Pedro, porque caiu a grade semana passada. Aliás, o único evento que existe no Pátio é a Terça Negra? E outros eventos não contam? Aí rola aquela história do racismo institucional. Não tem para onde correr. Volta e meia a gente vai bater a questão da discriminação e aí o movimento negro tem que estar lá presente. Só que a gente está no momento sazonal superpositivo, próximo ao Carnaval. Mais uma vez o Pátio de São Pedro vai demonstrar a sua força, principalmente a cultura afro-brasileira dessa cidade, ela se reafirma e afirma naquele espaço que permanece toda terça feira.

[...] Tem momento lá, tem dois afoxés de Exu aqui, tem o Exu Lebará e Axé Ifá, e tem também um grupo percussivo de Olinda que também tem uma relação. Mas, o afoxé Axé Ifá, todas as vezes que tocam o pau come. Algumas vezes tem a polícia militar, outras não tem. Está tudo lá e se resolve lá mesmo. Outra coisa muito negativa que repercute a comunidade do movimento negro é o consumo de drogas. Aí só me pergunto: “Num lugar público que tem um evento gratuito onde é que não se consome droga? Só no Pátio de São Pedro, na Terça Negra? Será que no sábado mangue ninguém consome uma maconhazinha de leve? Espera aí, pelo amor de Deus?” E outra coisa curiosa mais ainda... O movimento, voltando agora para a questão do movimento negro, os segmentos se organizaram. Nós temos hoje a União dos Afoxés, a Associação dos Maracatus, mesmo com as dificuldades, Associação Pernambucana de Reggae. É um segmento mais organizado, tem mais de sessenta bandas de

reggae. Eles fazem o Natal do Reggae, o Pré-reggae, homenagem a Bob Marley, Peter Tosh, tendo como referência Rua da Moeda, Mercado da Boa Vista, eu trabalhei em todas elas. Nós fizemos um tributo a Bob Marley no Pátio de São Pedro num dia de domingo, sem nenhum suporte institucional do ponto de vista de segurança, e não teve nenhum incidente.

Abertura do Carnaval do Recife com os maracatus-nação

[...] Num primeiro momento, e pela coisa do conhecimento da história e da política foi que me levou para o trabalho de propiciar a inter-relação dos grupos. Era muito difícil, 2002, 2003, muito difícil. Eles ficaram arengando direto e minha função era evitar a briga, conversar com um com outro. Foi a partir daí que eu fui conhecendo os mestres de maracatu e frequentando as casas deles. Eu tive essa tranquilidade e também passei a aprender, aprendi a não torcer por nenhum. Para mim todos são maravilhosos, são tudo bom porque se você se identifica, passa a vestir uma camisa de um, você já passa a ter certa indisposição com outros. É muito complicada essa questão e eu consegui, de certa maneira, o carisma, o trabalho de Naná Vasconcelos de certa maneira pesou nessa coisa de juntar o pessoal e proporcionar a montagem do espetáculo. Aí, eu não vejo aquilo como um quebrador de tradição, foi um momento que inclusive deu certa dinâmica mais positiva, principalmente do ponto de vista dos recursos para os maracatus, porque a segunda gestão de João Paulo, de 2004 para cá, o cachê aumentou, os ensaios passaram também a serem retribuídos profissionalmente, financeiramente falando. Acho que foi muito positivo nesse aspecto. Fez com muitos se levantassem, passassem a ter mais instrumentos, figurinos mais trabalhados, elaborados. Outros continuam meio que fracos, assim no caminhar, mas de certa maneira, essa coisa proporcionou. Isso se consolidou, o que é melhor ainda, de uma maneira tal que

está até hoje. Muitas pessoas estão surgindo, eu particularmente não estou me envolvendo mais com a pré-produção, com essa coisa da articulação até porque ela já existe, hoje não é mais necessário nem essa coisa de cuidar, de ter que dialogar com todo mundo, fazer a relação pública, fazer com que todos se entendam tentar levar o discurso da união. Teve momento muito difícil, de em pleno ensaio, briga com Porto Rico e Estrela brilhante. Briga mesmo de tapa, baquetas e alfaias.

[...] Acho que os maracatus ganharam muito com isso. Cada um tem sua opinião. Lógico que a gente respeita. Sem sombra de dúvida proporcionou esse melhor aproveitamento e a longevidade dos maracatus. Tem mais é que se profissionalizar mesmo, correr atrás. Muitos viraram ponto de cultura, tem toda uma referência de trabalho que perpassa de forma... Eu diria... Perpassa de forma assim, foge, mas ao mesmo tempo da história cultural daqui, é aquela coisa do social, de fazer a juventude conhecer a cultura, a música, aprender profissão, de fazer os instrumentos, de tabela aparece isso, aquilo... O Leão Coroado está fazendo isso. O Cambinda Estrela, com mestre Ivaldo Marciano, faz isso muito bem, por sinal é o maracatu mais político da conscientização, mas, na sua grande maioria, não atinam ainda para essa coisa, é mais aquela coisa da tradição. Ou então se voltam para si.

Brivaldo

[...] O Araodé já existia em 1982. O pessoal ia desfilar em Recife, para depois ir desfilar em Olinda. A questão do surgimento do Afoxé Alafin Oyó foi por conta de uma divergência que aconteceu nessa questão de ir desfilar em Olinda ou desfilar em Recife primeiro. Eu não estava no momento, na hora da discussão. Eu só acompanhava. Na época, em 1981, eu acompanhava um bloco afro que tinha aqui dentro de Olinda, que nem sei se ainda existe. Se existe, não está

mais no contexto. Era o Embola Negro, de Walter. Eu sou daquela época. Antes de eu conhecer o afoxé Araodé, conheci o Embola Negro aqui. Eu morava aqui na Ilha do Maruim. Eu saía da Ilha do Maruim para ver o Carnaval aqui no centro. Eu não conheci o Walter pessoalmente. Eu conheci o Embola Negro. Aí foi que eu acompanhei. Eu disse: “Que ritmozinho!” Foi uma coisa que me chamou atenção em 1982. No Carnaval de 1983 eu ainda saí no Embola Negro, porque o Alafin foi fundado no dia três de março de 1983. Em 1986, salvo engano. Foi quando interessei pelo afoxé.

Alafin Oyó

Alafin Oyó era de povão. [...] O ensaio do Alafin Oyó era no Mercado da Ribeira. Era aberto ao público. O Alafin Oyó começou no Mercado da Ribeira. Então, o Mercado da Ribeira era um espaço aberto. E o Alafin Oyó estava começando a conquistar os seus associados. Então, na época dos ensaios do Alafin Oyó, no Mercado da Ribeira, ia todo tipo de gente. Branco, preto, amarelo, cafuzo, índio. Tinha tudo. Quando o Alafin saiu da Ribeira para ir ao Atlântico, aí o Alafin Oyó foi, eu acho, o único afoxé na época que tinha o corpo de associados. Que tinha o sócio simpatizante, que era aquele que pagava sua mensalidade, para quando chegasse no Carnaval dispor do direito a sua fantasia sem pagar nada, porque você pagava doze meses e recebia sua roupa. A gente não vendia roupa a associado. A gente não vendia roupa. Tinham os sócios fundadores e tinha o sócio alabê. Então, a gente tinha três categorias de sócio dentro do Alafin Oyó. Então, o Alafin Oyó tinha o sócio simpatizante, que eram aquelas pessoas que vinham simpatizando... Aí o Alafin começou a exigir que, para ser sócio, tinha que ser negro. Na época de Jorge Moraes não saía ninguém de cor branca.

[...] No [clube] Atlântico. Porque na Ribeira não podia fazer isso. Era aberta ao público, como é que você vai proibir uma pessoa que

goste do ritmo? Porque os sons do afoxé são muito contagiantes. E a gente estava tirando quem já passava direto para ir para o ensaio do sambão do Preto Velho. Quem ia para o sambão do Preto Velho, que chegava na Ribeira, e via o afoxé, já não ia mais para lá para a “coisa”. E, na época, ia muito para o sambão de Preto Velho. Foi através de duas pessoas que eram sócias do Alafin Oyó, que era Rinaldo e Walter, que é da Polícia Militar, e hoje trabalha com empresa de serviços gerais, o Walter e o Rinaldo Santos. Jogando bola aqui, dia de domingo na prainha, do Del Chifre. A gente jogava muita bola aqui na praia, dia de domingo. Aí ele: “Negão, tenho um negócio bom para a gente”. A gente já tocava uma macumba, candomblé junto. Que todos dois são iniciados como ogã. “Negão, eu tenho um negócio bom para a gente”. Eu não escutava nem falar no nome do Alafin. Minha questão no Carnaval era só estar no samba. E Embola Negro, só quando eu estava no Carnaval. Eu vinha para cá de noite, via o Embola Negro, acompanhava o Embola Negro. Ele passava por aqui, ia lá para a Igreja do Bonfim, ficava por ali. Ele disse: “Rapaz, tem um afoxé muito bom que está precisando de pessoas como tu”. “Pessoas como o quê?” “Pessoas que toquem e que cantem. Porque a gente está reformando o nosso quadro de alabê e tem um menino lá que canta, mas só tem ele que canta”. Aí eu digo: “Tá”. Ele: “Olha, vamos tal dia para lá?” Eu disse: “Mas rapaz, eu marquei com o pessoal lá no Preto Velho”. “Não, rapaz, a gente vai para o Alafin, é lá na Ribeira”. Aí a gente se encontrou. A gente marcou. Daí eu peguei, almocei. Quando foi um negócio de umas 3h, 3h30, 4h30 da tarde, eu passei. Aí, encontrei já eles dois lá. Aí, o Alafin entrou. Tinha um atabaque, um agogô. Não existia abê na época. Na época não tinha abê. Eram três atabaques, um tantã desse, que era de um menino que tocava, que a gente o chamava para trabalhar. Agogô tinha. Eu cheguei lá, o cara disse: “Olhe, esse cabra aqui, ele é um cabra arreitado, visse, para tocar”. Eu cheguei assim, o cara disse: “Tu é de onde?” “Eu sou da Ilha do Maruim”. “Tu toca o quê?” “Eu? Eu toco

ilú, atabaque, surdo, caixa, ripenique”. Aí, o cara disse: “O cabra aí tem uma bagagenzinha legal”. Qualquer coisa, revezava na época, porque tinha pouco instrumento. Como só tinha três instrumentos, aí os dois negões disseram: “Olha, tu vai subir na hora que a gente vai subir”. Na hora que Walter e Rinaldo for tocar, eles pegaram e me chamaram para tocar com eles. Eu toquei. Não era só sendo do Alafin Oyó. Eu toquei, fiquei por ali e tal. Comecei a escutar a musicazinha. Porque eu sou muito bom de ouvir. Escutei a música uma vez. O pessoal ensaiando, o cara lá cantando, eu escutando e tal. Até então eu não tinha escutado. Eu tinha uma percepção de música de afoxé porque o Embola Negro cantava. Mas, no Alafin Oyó, as músicas de afoxé já eram direcionadas ao pessoal que veio do Gandhi. O pessoal já tinha uma relação com quem era de Salvador. O pessoal começou a trazer o repertório de Salvador para a gente. Eu não tocava mais o repertório que cantava.

[...] O Embola Negro tocava ijexá. Mas, não tocava as músicas que o pessoal do MNU, que o pessoal do Alafin trouxera de repertório já.... Porque já tinha pego com o pessoal do Araodé. O movimento negro tinha um afoxé.... Não sei se era afoxé ou se era um samba.

[...] Axé Nagô. Os grandes mestres de dança eram tanto Ubiracy, como Zumbi Bahia. Essas pessoas, na época, foram quem criaram, no MNU, que esse pessoal fazia parte do MNU desde 1978, quando foi fundado. Dentro do MNU eles fundaram esse bloco. Eu não sei se era um afoxé. Mas, eu acho que era um afoxé. Não tenho certeza, mas tinha uma entidade festiva dentro do MNU que era... O pessoal já trazia músicas. (Cantando) “Aquele navio grande, que transportava o povo negro, era o navio negreiro que chegou da África”. Já tinha isso. O pessoal já estava pegando.

[...] Já trazia esse repertório de outro estado. Escutava alguém cantar e começou a introduzir dentro do repertório do Alafin Oyó. Como é a música: “Uma gaiola não é prisão para negro. Tem o segredo, não pode nos deter”. Essa música é de um colega do MNU que

é de São Luís do Maranhão. E o pessoal foi pegando assim. Onde tinha um movimento negro na época.... Eu me lembro do pessoal do MNU. Que a direção que fazia o Alafin Oyó era o pessoal do MNU.

[...] Na época que eu cheguei no Alafin Oyó, o afoxé era composto por Jorge Moraes, Pessoa, Jorge Riba, Inaldete Pinheiro, Vera Baroni. Eram essas pessoas que influenciaram o Alafin Oyó dentro de Olinda.

[...] Mas antes, o pessoal... A gente cantava músicas que vinham de outro estado. A gente cantava muita música da Bahia. Depois que começou a surgir dentro do Alafin Oyó, que começou a surgir dentro do corpo dos associados os poetas que compunham... Tinha Rogério Santos. Eu compus duas músicas para o Alafin Oyó, mas eu não era poeta. Eu me inspirei num enredo que teve para Solano Trindade, que foi uma homenagem que o Alafin fez a Solano Trindade. Mas, foi inspiração que veio de momento. Eu nunca tive cabeça para ser compositor. O orixá Xangô me inspirou na época, aí eu inspirei. Depois de Rogério teve o Lepê Correia, que também fez música para o Alafin Oyó. Teve Pessoa, que também na época fez música para o Alafin Oyó. Claudete, que também é da minha época, fez música para o Alafin Oyó. O Alafin Oyó chegou, na época em que eu fui presidente do afoxé Alafin Oyó... Depois de Martha Rosa, a gente tinha oitocentos sócios. Entre sócio fundador, sócio simpatizante e sócio alabê. Quando Jorge Moraes perde a eleição de presidente do Alafin Oyó para Lúcia Crispiniano, aí é que o Alafin tem a grande reviravolta. Porque até então, com Jorge Moraes, só tinha acesso ao ensaio do Alafin Oyó sócios. Sócio, e tinha que ser negro. Simpatizante, apenas se um sócio levasse, e ele tinha que se responsabilizar pelo que o simpatizante fez lá dentro do espaço. Aí era radical. Porque na época, a intenção de Jorge Moraes era fazer do Alafin Oyó o que é o Ilê Aiyê em Salvador. Porque o movimento negro do Estado de Pernambuco tem uma ligação muito forte com o Ilê Aiyê de Salvador. Com o Olodum tivemos uma relação

esporádica. Mas, com o Movimento Negro Unificado e o Ilê Aiyê de Salvador temos uma relação de irmandade. Por conta dessa influência que o pessoal tinha com o Ilê Aiyê era que Jorge Moraes, do afoxé Alafin Oyó na época, só aceitava que pessoas negras se associassem ao Alafin Oyó. Até para ter acesso ao espaço você só podia se fosse um convidado. Convidado de um associado. Porque, na época de Jorge Moraes não tinha bilheteria. O associado, quando chegasse, se estivesse em dia com a sua obrigação, recebia dois convites, que era o seu e de uma pessoa que você estava levando. Na época de Jorge Moraes a gente não cobrava bilheteria. Era dada senha para que o associado que estivesse em dias. Aí, o que acontece? O associado que tivesse filhos, o filho tinha entrada franca, como os meus. Esses meus três filhos mais velhos, eles iam pequenininhos. Eu ia para o ensaio do Alafin e depois ele ia. A mãe deles nunca... A gente se separou porque a mãe dele não é muito chegada a questão de afoxé. Mas a gente tinha essa questão. Quando Lúcia Crispiniano assume o Alafin Oyó, ela quebra tudo isso, porque ela não concordava que só negro tivesse espaço a isso. Ela achava que aquilo era espaço para que todo pessoal que gostasse de música e de candomblé tivesse acesso, mesmo que não fosse negro. Aí, é quando ela conquista um adepto de pessoas que estavam querendo isso do afoxé Alafin Oyó, quebrar essa barreira de só ser do Alafin quem era negro. Aí foi quando ela pegou, quebrou isso. Quer dizer, o associado já entrava sem pagar. Mas, quem não era sócio tinha que pagar bilheteria. É quando o Alafin cresce. [Apoiei Lúcia. Votei a favor dela] [...] Como é que eu falo de preconceito, como é que eu falo de Mandela, como é que eu falo de *apartheid*, se eu tenho um grupo que está fazendo um *apartheid*? É um discurso fútil. Como é que eu vou ler a história de Steve Biko... A gente tinha aula. A reunião do MNU era assim... Como é que a gente ia ler Malcolm X, falar de Mandela, que estava preso, só porque queria que dentro do seu país a maioria tivesse o mesmo acesso que a minoria branca tinha? Aí eu pego, chego no

Alafin Oyó, eu encontro um *apartheid*. Porque era um *apartheid*, ou não era um *apartheid*? Você fazer essa concepção de que só quem podia fazer parte do Alafin Oyó, na época, era negro, pessoa que tinha a cor da pele negra.... Aí, foi quando o Alafin toma um grande impulso de crescimento... O primeiro presidente do Alafin Oyó foi Jorge Moraes, que teve seu primeiro mandato em 1986, mas depois ele se reelege e ganha. Depois de Jorge vem Lúcia Crispiniano, que não termina o seu mandato... [...] Aí o que acontece? Com Lúcia Crispiniano.... Não é que expulsaram Lúcia. É que como o Alafin cresceu, começou a entrar dinheiro. Quando começou a entrar dinheiro, começou a ter as divergências dentro da entidade. Na época tinha uma pessoa que era tesoureira. Tinha a Lúcia, que era presidente... Inclusive, quem foi o primeiro vice-presidente de Lúcia foi o Lepê Correia, que depois ele pega, e se afasta. Ele pega, se afasta, deixa Lúcia só como presidente. Porque ele disse que tinha muita história na questão profissional. Ele estava deixando a faculdade. Tinha a questão de psicólogo, tinha que montar o escritório dele, tal. Aí foi a Lúcia Crispiniano. Por conta de questão financeira houve uma grande reunião dentro do comitê. Chama o tesoureiro para saber o dinheiro que estava entrando. Se cria toda um arsenal da questão financeira. Lúcia sai, e é formada uma junta governativa para preparar uma eleição para que a nova diretoria assuma a direção do afoxé Alafin Oyó.

[Falamos, então, da junta governativa...] [...] Da questão de prestação de conta, tem aquele todo alvoroço e tal. E Lúcia pega e sai do contexto do afoxé Alafin Oyó, mas deixa um bocado de associados a favor dela, não é? Por conta da pessoa que ela foi. Ela que fez mesmo a revolução dentro da própria entidade, porque até então era uma coisa fechada, só para negro e sócio, e para ser sócio tinha que ser negro, e Lúcia pega e dá toda essa viravolta, né? E ela com o discurso daquela questão de “não ao preconceito”, aí Lúcia disse: “Não, eu vou quebrar a barreira”. Aí, ela vai, quebra a barreira

e abre as portas do Atlântico para sócio e não sócio, mas só que quem não é sócio tem que pagar para entrar para ver os ensaios do Alafin Oyó, porque os ensaios eram no domingo no Atlântico, mas a grande festa do afoxé era no sábado, no mesmo Atlântico, não é? E quando Lúcia sai.... Aí, para ter essa transição de Lúcia para que outra direção assuma tem uma junta governativa, é quando entra Gilson, do Djumbay, que depois dessa confusão começou a fazer dentro do Atlântico aquele projeto samba-axé, que era uma interação com o pessoal de samba o pessoal de samba, a escola de samba de Pernambuco com o afro de Salvador, aí com o patrocínio da Pitú, da Bacardi, ele faz aquele projeto samba-axé, e aí aparecem novas caras na cena cultural negra. Esse pessoal se forma junta governativa de uso tal, aí entra Gilson, entra Saraí, que era das forças fundadoras do Alafin Oyó, que era esposa de Jorge Riba na época. Entram umas pessoas que eram um tipo de liderança, não é? Tem Rui, que o pai dele era do diretório do PT aqui no Umuarama, que depois o Rui pega e conhece uma gringa e vai morar na Suíça.... Daí esse pessoal todo fez parte dessa junta governativa, que com sua influência elege Martha Rosa como presidente do Alafin Oyó. A gente saiu de uma... A primeira presidente mulher do Alafin que foi Lúcia Crispiniano. E depois vem a nossa amiga que era do Movimento Negro Unificado, Martha Rosa. E com Martha Rosa logo assim começa a ter uma estrutura de organização política, não é? Porque, até então, dentro da entidade não se falava de formação política, partidária. Até então, a gente tinha aquela concepção de políticas contra o preconceito, contra a discriminação, mas não éramos ligados a nenhum partido político. Aí, chega Martha Rosa já com a questão de alinhamento, de propostas partidárias no afoxé Alafin Oyó. Martha Rosa era ligada ao PT, como o Júnior Afro, que é ligado ao PT, o pessoal todo que faz parte dessa conjuntura. Inclusive, esse pessoal era ligado também muito ao Sindicato dos Bancários na época. Que tinha um cara que era militante do MNU, Marcos

Pereira, que era bancário, e chegou até a presidência do Sindicato dos Bancários. E quem se juntou era MNU, Alafin Oyó e o sindicato dos bancários, e a gente fazia uma conjunção política. Minha questão no Alafin era política e cultural, meu negócio era tocar e cantar para o povo. E quando Martha Rosa assume... Ela dentro da entidade, aí é que a gente tem essa formação política e partidária dentro da entidade.

[...] Eu acho que isso não foi bom para a entidade. Porque quando a gente era uma entidade que não tinha ligação política com partido nenhum, tínhamos um espaço adquirido pelo prefeito, que era José Arnaldo Amaral na época, em 1982. José Arnaldo era secretário, mas, em 1986, Arnaldo foi prefeito de Olinda. Aí, em 1986 ele ainda pega o Alafin Oyó que era a única entidade de cunho cultural que chamava, que alavancava a questão de “o que se vê em Olinda?” Só a Sé, para comer uma tapioca, mas tinha o Alafin, onde? Na Ribeira. E naquela época a gente não tinha onde guardar instrumento, através de José Arnaldo que a gente chega no Atlântico, que ele pega e leva a gente para a sala para que a gente possa ter não somente nosso escritório. Mas, que lá também a gente faça nossos preceitos religiosos, que nossas obrigações eram feitas dentro de uma sala que José Arnaldo deu para a gente lá, que era o espaço que a gente tinha dentro do Atlântico.

[...] Com a abertura, cresceu o número de entidades negras em Olinda, não é? Tinha o Lamento Negro, Axé da Lua, de Malu, tinha o Serpente Negra, tinha o Semente Negra, tinha o pessoal do Senzala do Amaro Branco, Roberto Santos com o seu Afro-axé. Tinha Niniinho com a banda Irmão de África, tinha o pessoal daqui da Ilha do Maruim, que é do Axé de Quilú. Todo mundo reivindica um espaço que era do Alafin Oyó. Como o sistema é racista e preconceituoso, o pessoal se organizou enquanto associação que queriam fundar aí, para almejar o espaço que o Alafin Oyó tinha, que o pessoal também dizia que estávamos privilegiados. Aí, quando tem um ato público

nos Estados Unidos, que houve um evento aqui em Olinda, que queimaram a bandeira dos Estados Unidos...

[...] Aí, queimaram essa bandeira porque dentro do Alafin começou a ter aquelas coisas partidárias e tal, e tal... Aí, quando chega a Beth, né? Que hoje a Beth é da Oxum, é uma pessoa muito dentro do PT, é radical do PT, daquela questão do PCdoB e tal... E se cria um grande divisor de águas. De um lado o Alafin Oyó, do outro lado a Associação dos Blocos de Olinda, que queria utilizar o espaço que tinha o Alafin Oyó. Aí, o prefeito, que era racista e preconceituoso, por conta desse ato, já pega o Alafin Oyó e bota no canto da parede, não é? Já quer tirar o Alafin Oyó, já não quer o Alafin Oyó dentro do Atlântico. E consegue expulsar o Alafin Oyó. Com o apoio desses blocos, que eu falei todos, que queriam espaço no Atlântico e que não tinham suporte e som. Mas, o Alafin Oyó tinha o som. Não tinham bilheteria, e nós tínhamos bilheteria. Não tinham trabalho de bar, nós tínhamos trabalho de bar. Como é que esse pessoal ia fazer, como é que eles iriam conseguir alugar um som, como é que iriam querer fazer bilheteria, como é que queriam fazer serviço de bar se não tinham essa estrutura? Aí, Luiz Freire, como um grande estrategista, que a turma diz que ele é da questão de articular o Movimento Negro dentro de Olinda, ele pega, apoia a Associação dos Blocos Afros: “Não, vocês estão certos!”, aí pega e bota o quê? Bota Centro de Preservação para bater de frente com a gente.

[...] Uma semana era o Axé da Lua, outra era o Lamento Negro, uma semana era o Axé de Quilú, e outra era o Alafin Oyó. Revezava. Para não ficar na primeira semana, segunda semana.... Aí, revezava.... Quem estava na primeira do mês, estava na última. Aí a gente teve um grande embate com o nosso próprio povo. E que noventa por cento dos grupos que cresceram dentro de Olinda o fizeram através do afoxé Alafin Oyó, que teve pessoa como o Nininho, da banda Irmãos de África, que era percussão do Alafin Oyó. O pessoal do Lamento Negro, que vinha lá de Peixinhos, eram pessoas que

fizeram parte do “coisa”, era um pessoal que tocava samba-reggae. E que esse pessoal, quando o Alafin Oyó fazia evento, chamava estas pessoas porque tinha um pessoal de samba-reggae. E tem também a questão do projeto de Gilson, que era o samba-axé, que também era uma vez por mês. Aí, quer dizer então, todo mundo começou a criar esses grupozinhos de percussão e começaram a lutar pelo espaço que era nosso. E Luiz Freire pega e faz isso. Dá carta para que o grande movimento de samba-reggae de Olinda brigue com o Alafin Oyó pelo espaço e ele já queria botar a gente para fora. Aí, dá o suporte. Vai colocar a Fundação de Cultura da cidade de Olinda para assessorar as entidades que não tinham como sobreviver na questão do Atlântico. Ele faz isso e a gente perde o espaço que tinha, de uma vez por mês.

[...] O que a gente podia fazer? Tivemos que procurar outro espaço. Quisemos voltar para Ribeira. Aí, na Ribeira já não podia mais porque o prefeito impediu.

[...] A gente vai para o espaço que tem no Centro Social Luiz Freire. A gente tem uma aproximação para o pessoal ver que estávamos precisando de espaço. A gente começou a fazer ensaio lá no Centro Luiz Freire, ali na Rua da Pitombeira. Sabe onde é? A gente foi fazer ensaio lá. Mas, a gente já perdeu toda a conotação que tínhamos de cultura dentro de Olinda, que era que todo domingo o pessoal já sabia que o Alafin começava de 11h da manhã e ia até 4h da tarde, porque às 17h tinha o Cine Bajado dentro do Atlântico. E a gente quando terminava, varria o salão para deixar para o pessoal que viesse assistir o Cine Bajado, de 5h da tarde, tivesse acesso ao espaço. Mas, todo mundo sabia que de 5h a gente estava onde? No Atlântico. Aí todo mundo se reunia onde? Lá no bar do Aritana. E quem era o garçom do Aritana? Era a batata, que tomava conta do Bacalhau do Batata, que saía na quarta-feira. Ele era um grande mentor, era ele que servia a gente, mas tomava uma cana... Ele ia falar com o Alafin tomava axé de fala e queria voltar para trabalhar

e tinha aquela confusão com o dono do bar. Que o dono do bar ia servir o pessoal bêbado, porque ele tomava axé, que ele gostava de axé, mas tomava birita e misturava a birita com o axé de fala. Aí o pessoal chegava de rih no Aritana para tomar birita e não via o pessoal do Alafin. E o pessoal ia embora. Perdemos muito público por conta destes problemas todos. Onde foi que a gente começou a guardar nossos instrumentos? A gente começou a guardar os instrumentos dentro da Fundação de Cultura de Olinda, que era lá nos Quatro Cantos.

Os afoxés e a Noite dos Tambores Silenciosos

[...] Era a grande confraternização dos afoxés com os maracatus. Depois que o núcleo afro ficou responsável pela organização da história da Noite, foi que separaram. Tiraram a gente do contexto.

[...] Íamos todo ano. O povo gostava de ver afoxé e maracatu junto, tocando. Não sei se foi reivindicação do pessoal do maracatu. Não sei. Mas quando o núcleo afro assumiu, separou. Até Roberto Magalhães nós tínhamos esse espaço da Prefeitura para o maracatu, que era lindo. A gente junto. Raminho de Oxóssi, na época, rei do maracatu Nação Porto Rico, fazendo aquela celebração de meia-noite, junto com os afoxés e maracatus naquele grande palco. Porque antigamente não tinha palco, era no chão. Não tinha aquela questão de você subir por um lado, descer pelo outro, e a igreja não era tapada para a gente. A gente fazia na calçada da igreja todo o ato religioso. Depois que João Paulo assume, o núcleo afro que fica responsável pelo pólo afro, pega, divide afoxé de maracatu. Afoxé fica no domingo, com samba reggae, os blocos afros e deixa só o maracatu na segunda. A gente teve uma grande perda de conquista em relação a isso, eu acho. Porque quando a gente saiu daquele contexto de fazer uma grande celebração com os maracatus, teve muitas pessoas que diziam que tinham deixado de ir para aquela coisa porque a gente

não estava lá. E a gente fortalecia não somente a questão cultural, mas a questão religiosa de meia-noite.

Encontro de afoxés

[...] A Prefeitura pegou, deixou a gente no Pátio de São Pedro, no domingo, o encontro de afoxés. Começou com uma formatação. Hoje está disperso. Antigamente, nos primeiros dois anos, era uma coisa bonita, que a gente fazia uma celebração no pátio. Os afoxés mais antigos saíam em cortejo. Os mais novos iam atrás e tal, o carro de som. Quem subia primeiro era ele, depois a gente vinha. Mas, antes disso tinha toda a celebração com os babalorixás, com os vocalistas no grande palco. Todo mundo fazendo saudação para o orixá, para o ato religioso. Soltava fogos. Esse ano eu já estava fora do contexto. Eu não quis participar porque estava fazendo um trabalho profissional em outra parte do interior de Pernambuco. Esse ano o encontro de afoxés foi, segundo o que me contaram, uma negação. Porque não teve esse lado. Não teve o momento no Pátio de São Pedro, não teve aquele cortejo.

[...] Na questão da organização, não é porque cresceu o número de afoxés. A questão é de organizar mesmo. É falta de nos prestigar também. Quando você chega num espaço onde: “não, a programação aqui é da Prefeitura”. E o Carnaval, quem promove não é a Prefeitura? “Não, porque ali é caboclinho, bumba-meu-boi, a la ursa, não sei quê”. E aquele espaço ali a gente não pode utilizar esse ano. Foi todo mundo para lá, para o Pátio do Terço. Segundo o que eu escutei, eu não estava presente. Mas, o pessoal tinha parece que quinze ou vinte minutos de apresentação. Subiram, desceram e foram embora. Quer dizer, não teve o grande momento como tinha antigamente. Quando a gente saiu da Noite dos Tambores Silenciosos, eu acho que perdemos muita qualidade. A gente perdeu muito da visibilidade do que o encontro de afoxé e maracatu, todo mundo

junto. Se fosse hoje junto, mesmo que tivesse um número elevados de afoxés hoje.... Mas, até quando organiza... Você organiza uma festa. Do jeito que você organiza uma festa para cem, organiza para mil. O número de maracatus diminuiu ou aumentou na Noite dos Tambores Silenciosos? O mesmo número de maracatus não era. Então aumentou o número de maracatus. E não continuou? E porque não continuou a mesma coisa de se fazer uma questão religiosa de afoxés no Pátio de São Pedro? Então eu acho que foi uma falha das pessoas que faziam o Núcleo Afro de não ter essa sensibilidade. Dizer que não tinha dinheiro, porque para mim quando é para fazer coisa para negro, não tem dinheiro para nada, mas quando é para fazer coisa para a elite, aparece dinheiro de jorrada.

Do Alafin ao Obá Ayrá, passando pelo Oxum Pandá

[...] A gente fundou o Oxum Pandá junto com Genivaldo, que também já vem junto do Alafin Oyó, desgostoso com a proposta da postura da direção.

[...] Claudete também já estava... Eu, Claudete, Senhor Lúcio...

[...] João de Deus, Sandra Guerra, Renaldo, Walter. A gente saía lá de Olinda para dar aula de percussão lá no Barro, lá no Clube Centro Social Urbano, aquele lado de lá eu nem conhecia. A gente sai daqui de Olinda já para fazer ensaio do Oxum Pandá lá, na sexta-feira.

[...] Porque Dilma e Cléber também já tinham saído de dentro do Alafin. Todo mundo sai e aí a gente funda o Oxum Pandá, no dia primeiro de janeiro de 1995. A gente fica até 2000. Em 1998 nós fomos para Salvador comemorar 50 anos do Gandhi de Salvador. A gente conheceu um pessoal de Salvador. O pessoal levou a gente para fazer umas apresentações, em 1998, em Salvador.

[...] A gente está trabalhando na entidade de uma maneira equacionada, de uma maneira que o Oxum Pandá seja reconhecido como um dos grandes afoxés, porque naquela época em atividade

só tinha três afoxés: Araodé, Alafin Oyó e Oxum Pandá. A saída do Oxum Pandá foi por conta de divergências. A questão comercial pesou muito. Nós tínhamos um trabalho voltado para a comunidade, mas depois entram pessoas de outro contexto no Oxum Pandá. “A gente tem que gravar um CD, porque eu sou isso, eu trabalho com imprensa, eu tenho canal que posso gravar as músicas... Que eu canto, faço chover terra, areia, faço trovoar”.

[...] Quando essa figura chega no Oxum Pandá, reforma todo o contexto que nós estávamos criando para a entidade. Já quer utilizar a entidade de maneira comercial. Nessa época Claudete estava afastada por questão de trabalho, questão de família. Mas, quem estava lá era eu e Valéria, que fazia parte da banda Irmãos de África, na época a gente fazia o Alafin Oyó. Eu saio por conta disso, porque eu não sou comercial. A compositora foi que trouxe essa vocalista, essa pessoa que cantava músicas de Clara Nunes, que era afilhada de Clara Nunes, não sei quê. Dentro da entidade, eu fui preterido pelo presidente.

[...] Genivaldo Barbosa. Ele apoia esse povo e mais uma vez Brialvaldo é colocado de lado. Aí eu saio, porque eu tinha muito a dar. Como ainda tenho a dar. Eu saio do Oxum Pandá. Tem pessoas que já sabem, não sei se já contaram a história. Mas, todo mundo já sabe o que foi que aconteceu com o Oxum Pandá e as pessoas que chegaram e o presidente apoiou. De maneira que eu fiquei subordinado à essas pessoas que chegaram depois de mim, no Oxum Pandá, a fazer *backing* vocal. Olhe que eu era diretor de percussão e era o vocalista do Oxum Pandá na época.

[...] Não sou nem lembrado [para a gravação do primeiro CD]. Eu nem sou lembrado, e sequer tive participação. Mas, eu pego, saio e o povo de Airá me chama.

[...]É. Que era o afoxé Obá Airá, de mãe Abigail. O povo de Airá me chama. Estava sem vocalista, sem pessoas para fazer o afoxé voltar. Porque quem tinha passado por lá tinha enganado, utilizado

a entidade em benefício próprio. O pessoal estava afastado, tal e tal. Perguntaram se eu quero fazer um trabalho lá e tal, aí eu me dispus a sair mais uma vez de Olinda. Aí já não vou mais para o Barro, em Areias. Eu vou para o Vasco da Gama. Chego lá, sou bem recebido, mas lá é um afoxé de família. Enquanto Mãe Abigail estava boa de saúde, que ela dizia: “Não, quem vai tomar conta do afoxé é Brivaldo, o que Brivaldo fizer eu assino em baixo”. Começou a criar o ciúme no povo da casa. Dos filhos dos santos e dos netos. E dos filhos de Mãe Abigail em relação a Brivaldo, porque eles achavam que eu estava mandando mais do que a própria dona do afoxé. Eu comecei a ter problema com isso.

[...] Eles diziam que dona Abigail era dona do afoxé. Eu comecei a ter essa dificuldade porque quando você começa a dizer que o afoxé é seu, e não coloca nem a entidade religiosa como mentor principal, aí você já tem problemas. Enquanto o Oxum Pandá era do povo, tudo bem, mas quando o presidente começou a dizer que: “o meu afoxé é mais bonito, o meu afoxé não sei quê...” Aí compreende. Você já vê que essa relação não vai dar certo com as pessoas que estão lá para contribuir enquanto sociedade civil organizada, porque isso é um contexto de organização do povo negro. O que acontece com o maracatu também é uma forma de organização do povo negro. Porque você está lidando com uma comunidade. Mas, quando eu chego no afoxé e vejo essa coisa de: “A dona do afoxé é mãe Biga, não Brivaldo”. Que começou a criar problema. Eu ia fazer ensaio, o cara: “Eu vou ensaiar? Vou nada, Brivaldo não manda em mim”. Como eu fui uma pessoa muito grande, que já me tornaram, já tentaram me tornar pequeno diversas vezes, mas eu sou ao contrário. E não vou dizer aquele ditado inca que as pessoas dizem que quanto mais bate mais cresce não. Vou dizer isso não. Quanto mais as pessoas querem se desfazer de mim, mas o meu orixá me aumenta. Primeiramente é Olorum, que está todos os dias em minhas vidas. Eu acordo, agradeço o dia que vou ter. Quando eu vou dormir, agradeço

o dia que eu tive e que ele me dê proteção para encarar a luta que vou ter nesse nosso dia-a-dia. Primeiramente Olorum, segundo o Orixá que é Xangô, o santo justiceiro. Por conta das grandes injustiças que eu já sofri, eu já era para ter sumido do contexto cultural há muito tempo. Mas, graças a Deus eu tenho essa força que me conduz. Eu saio do Obá Airá de uma maneira saudável, em 2005.

[...] Quer dizer, mais uma vez eu sou tratado como indiferente na entidade que eu também fiz crescer. Mas, isso não me abalou em nada. Ao contrário. Pessoas que sabem da história de Brivaldo: “Mas tu não tens sorte, não é? Por onde tu passaste, depois que o pessoal ficou na mídia, te cortam”. “Mas é porque não chegou ainda o momento, minha gente. Não chegou o momento ainda”. Eu não tenho dinheiro para gravar um CD de música e deixar próprio assim, só minha voz, agora cantando todo mundo, que eu fiz. Eu queria ter um projeto onde eu pudesse utilizar desse meu grande potencial que eu tenho que é minha voz, que foi uma coisa que Deus me deu. Eu queria ter um apoio do FUNCULTURA, como o Lepê Correia teve, sabe...? Da FUNDARPE. Para que eu pudesse cantar e encantar os afoxés de Pernambuco, já que os afoxés por que eu passei nunca tiveram a mínima consideração de me convidar nem para ter participação especial, quanto mais me reconhecer como um dos autores.

Terça Negra, o surgimento

[...] E a Terça Negra surge de uma necessidade de colocar a cultura afro-pernambucana num palco onde tenha visibilidade. Porque maracatu, afoxé, coco, ciranda, samba-reggae e capoeira só aparecia no Carnaval. Não tinha espaço toda semana: “hoje eu vou escutar um afoxé”. Nesse afoxé vai ter espaço para maracatu, capoeira e coco. Afoxé, maracatu e samba-reggae. Afoxé, maracatu e uma ciranda. Cria-se um grande projeto dentro do Movimento Negro Unificado, a Terça Negra. É um projeto que já estava voltado para o Pátio de São

Pedro. Mas, na época o prefeito era Roberto Magalhães. E o acesso nos foi negado. Aí a gente vai para o pagode do Didi. A gente chega, senta, conversa com o Didi. O Didi diz: “Não, aqui na terça-feira é o point do meu pagode”. Mas, de segunda a sexta tem roda de samba lá, de pagode. Mas, ele abriu o terreiro dele. “Não, vocês trazem para cá, ocupa o espaço aí, não tem problema nenhum”. A Terça Negra surge na necessidade de colocar a cultura afro-pernambucana num point aonde tivesse visibilidade, aonde tivesse maracatus toda semana, um point para mostrar seu trabalho. Aonde capoeirista não tivesse que ficar em frente à Igreja do Carmo. O pessoal fazia aquela roda para o as pessoas verem que a resistência do povo também surgiu com o pessoal de capoeira, que são os guardiões da nossa história. Surge dessa proposta de valorização de quem faz realmente a cultura afro-pernambucana. E como é que a gente chega ao Pátio de São Pedro? A gente chega ao Pátio de São Pedro porque junto do movimento tinham pessoas que são de partidos. A gente tem que mudar a história política do Recife, colocar alguém que tivesse uma identidade e que valorizasse a cultura, mesmo entre aspas, mesmo esporadicamente. Mas, que tivesse uma sensibilidade. A gente marcou uma reunião com o então candidato João Paulo, propondo a ele uma secretaria para que a gente pudesse discutir as nossas temáticas, as nossas questões dentro da Prefeitura. Mais uma vez a gente foi enganado, porque a proposta era para que a gente fizesse uma secretaria de negros e negras. Mas, dentro da estrutura disseram a gente uma vez que não era possível criar uma secretaria. Aí deram a gente um núcleo afro. E o núcleo afro que ia interligar todas as questões culturais e políticas negras junto a Prefeitura. Então, o núcleo afro também surge como interlocutor entre a sociedade civil organizada e o poder público. Mas, antes de a gente ganhar o Pátio de São Pedro tivemos que militar. Como o MNU não pode levantar nenhuma bandeira política, aí dentro do MNU tinha a brigada de Zumbi, que também tinha dentro do movimento [...]. Então tinha dois GTS

dentro da coisa que poderia fazer essa interlocução partidária sem colocar o nome do MNU como bandeira, ficar segurando a bandeira. Mas, o pessoal do Zumbi, da brigada Zumbi, foi para a rua fazer campanha para João Paulo. Porque ele garantiu que era uma secretaria. A gente vai fazer campanha e João Paulo ganha a eleição. A gente sem ser remunerado, por conta do que ele nos prometeu. Ele disse que se fosse eleito nós iríamos para o Pátio do Terço. Mas, nós não queríamos o Pátio do Terço, e sim o Pátio de São Pedro, um espaço que dê visibilidade. Pátio do Terço é outra história. A história do Pátio do Terço é o encontro dos Tambores Silenciosos. A gente não quer mexer naquilo ali. Mas, para conquistar o Pátio de São Pedro tivemos que suar a camisa para o espaço que a Prefeitura nos garantiu. A Terça Negra surgiu nesse momento. Em 2010 vai fazer 10 anos de Terça Negra. [...] Já teve tudo para estar independente. Porque sempre digo: “rapaz, o que mais tem é projeto da Petrobrás, vamos pegar esse projeto da Terça Negra e vamos levar para captar esse recurso, para a gente não ficar dependente de um espaço que não é nosso, e que as pessoas utilizam como se o projeto fosse deles”. Aí dentro do projeto da Terça Negra Brivaldo cria polêmica também por que, pela maneira como é conduzido o projeto, porque “o projeto é nosso”. O projeto da Terça Negra não é da Prefeitura do Recife, o projeto da Terça Negra é do Movimento Negro Unificado de Pernambuco. E por conta disso eu fui afastado do palco. Eu coordenava o palco, a grade. [...] Porque eu acho que o MNU não pode ter parceria com o governo. Não pode ter convênio nem estadual nem federal. A gente pode buscar apoio. Porque parceiro é coisa muito íntima. Para ser parceiro meu, eu tenho que conhecer muito. Até que ponto você vai defender o seu projeto. Não é o meu projeto. Porque às vezes você quer dizer que é o meu parceiro para me utilizar de uma forma que eu vou ficar sempre em segundo plano e você sempre na mídia, dizendo que é você que faz essa história acontecer. Então, por conta desse meu discurso, de dizer que a Terça é nossa... Nossa eu digo, do Movimento Negro

Unificado e do povo negro. Pessoal de maracatu, pessoal de afoxé, de samba reggae. Eu digo que a Terça é nossa por esse sentido. E por dizer que a Terça é nossa eu fui tirado do palco e perseguido. Junto com o núcleo afro mandou uma carta pedindo meu afastamento do palco. No dia que eu cheguei para fazer locução a Prefeitura já tinha contratado duas pessoas para fazer locução, me impediram de subir no palco, me proibiram de subir no palco. Bati de frente.

Claudete Ribeiro

Terça Negra

[...] A Terça Negra também é uma das coisas que nasceram para ser um, vamos dizer, elemento de transformação. Um lugar onde os negros se encontrassem e que pudessem mostrar realmente seu trabalho dentro da conjuntura negra mesmo. E onde as pessoas se encontrassem também para discutir a relação político-social de uma forma geral, onde os negros tivessem um lugar social que pudessem ir sem nenhuma, vamos dizer assim... Sem nenhum problema à parte. Mas, porém, contudo, todavia, passou a ser apenas a Terça que é hoje. Infelizmente, passa pelos anais da mídia de uma forma feia. A gente vê esse programa de Cardinot dizendo que a Terça Negra é um antro de drogas e viciados. Eu acho que está faltando cabeça para o nosso povo. Eu acho que, hoje, o povo que está assim trabalhando essas coisas, esses movimentos, estão muito mais interessados em manter seus empregos, na realidade. Isso me preocupa com a qualidade, sabe... Com a qualidade desse trabalho. Porque quando nós fazíamos as coisas, de certo que fazíamos por um ideal, mas também pensamos que a coisa podia ficar bastante séria ao ponto de podermos transformar isso numa vida melhor mesmo, numa ascensão realmente. Mas, não da forma que a coisa foi conduzida. É interessante entender que as ideologias na cabeça de determinadas

peças não conseguem andar junto com o crescimento social, financeiro. Ideologia é ideologia. “Ah, se eu for por aqui, eu vou perder aqui. Então, é melhor eu vim por aqui, porque aí eu mantenho meu cargo. Então vou esquecer um pouquinho...” Mas, naquela época, não. Aquela época já foi. E, se você bate na mesma tecla, você é atrasado. Mas, as pessoas esquecem o seguinte, hoje nós temos um Ministério da Cultura. Que maravilha! Nós temos Pontos de Cultura. De onde será que surgiram essas ideias? Eu não acredito que surgiu da cabeça de um ministro. Eu acho que essas ideias que, hoje, o País absorve de crescimento cultural, cresceram das massas, das nossas ideias. Hoje, nós temos assessores, ministros, gerentes, doutores. As faculdades fazendo aí seus doutorados em cima de quê, quando se trata de Sociologia, quando se trata de Educação? Em cima da cultura e da cultura popular, da cultura negra mesmo. Todos os dias, as pessoas de cultura estão sendo chamados para dar um depoimento a um estudante de universidade que está fazendo um trabalho para concluir os seus estudos. E esses trabalhos vão parar na mão de alguém que transforma isso em recursos financeiros. E a negrada continua pobre. O movimento continua pobre, os afoxés continuam pobres. E um monte de gente ganhando em cima. E a cultura sobrevivendo, e os afoxés sobrevivendo. E, aí, eu te pergunto: o que é a Terça Negra? Sinceramente, eu não sei te dizer o que é a Terça Negra. No nosso propósito era esse. Mas, hoje, as pessoas querem manter as suas necessidades primárias e pessoais ao invés de brigar por uma coisa bem mais consistente.

Edilson Fernandes

O balé Primitivo

[...] Nunca houve uma conversa para dizer “O grupo começou assim”, um histórico... O que a gente ouvia falar era o seguinte: que

Ferreira, que era o cara da poesia, que declamava inclusive em *Um Lance de Liberdade*, que era o espetáculo, com Ubiracy Ferreira e Zumbi Bahia, que estava chegando da Bahia para ministrar umas aulas de capoeira e maculelê, acabaram se unindo e construindo esse grupo. Então, é isso que a gente sabe. Havia um trabalho, me parece que muito forte, de Ubiracy Ferreira no Sesi, e também me parece no Sesc, e um trabalho de Ferreira no teatro, e um pouco aí talvez para tratar das poesias de Solano Trindade, e o trabalho de Zumbi na capoeira, porque eu acho que Zumbi veio para o Recife e quando chegou aqui, as primeiras aulas de capoeira ele ministrou lá no Sesi. É um pouco assim, Sesi e Sesc, é o pouco do que eu sei. E que foi assim... Agora, o que é que eu penso que aconteceu de fato? Aconteceu isso, mas do ponto de vista da dança propriamente que eu via muito forte, era o trabalho com Zumbi. Era muito forte, assim, o movimento nas técnicas da dança, a forma que ele se impunha também, nas coreografias.... Então eu vi um trabalho muito mais forte dele, porque ele tocava e cantava. E Ubiracy Ferreira dançava muito e cantava também, mas tinha uma participação.... Assim, ele ministrava aulas, mas não me lembro dele fechar a coreografia, de montar a coreografia.... Então, na minha cabeça eu vejo muito assim: o Zumbi fechava as coreografias, amarrava os gestos e era mais presente, além de mais intransigente e mandão.

[...] Presente assim... Ele nunca faltava a um ensaio. Estava sempre nos ensaios. O Ubiracy faltava a um ou outro, ou às vezes ficava no ensaio, mas ficava fazendo outro trabalho. Ficava pegando as roupas para ver a textura, ficava no ensaio às vezes tocando um instrumento ou outro, às vezes ensaiava à parte as suas coreografias, na verdade seus solos, para o teatro [...]. Então, eu me lembro de Ubiracy muito mais dando aula, mas logo em seguida fazendo o trabalho dele, ensaiando. E Zumbi não dava aula, tocava para a gente dançar, volta e meia sugeria um movimento ou outro, um passo ou outro, [...] não só nos ensaios, mas nos espetáculos, na

busca por apresentação, na captação de recurso... Eu via, eu me lembro disso, dessas coisas que Zumbi fazia e nas cobranças dele que não eram poucas, que ele cobrava mesmo. Ele não aliviava na frente de ninguém, era um cara durão, tanto é que ele não admitia que ninguém o chamasse de Zumbi... Um dia, eu logo no início, né, chamava “Ô, Zumba” e ele “Não, eu sou mestre. Mestre Zumbi Bahia. Para você, eu sou mestre”. Daí ele se impunha assim. Eu estava no teatro e neste havia uma liberdade e tal, então Zumbi... “Eu sou mestre.”

[...] Não, Zumbi não tinha esse problema... Essas coisas, ele não tinha, não. Quem tinha isso era o Ubiracy. Se ele visse você cabisbaixo, “Vem cá. O que é que você tá sentindo? Qual o seu problema? Toma aqui um dinheiro... Passa lá em casa pra comer.” O Ubiracy tinha essas coisas. Zumbi, não. Zumbi... Pra você ter uma ideia, tem uma passagem quando eu decidi, mas decidi mesmo assim: “Eu vou ser profissional disso aqui, não por mim, mas para mostrar ao grupo, especialmente a Zumbi Bahia – eu nunca disse a ele, obviamente – que eu sou capaz”, porque nós tínhamos feito uma apresentação em Timbaúba... E outra apresentação eu acho que foi no Teatro do Parque... Não, no Coque e em Timbaúba, e aí gerou um recurso, cachê pra todo mundo, e logo em seguida nós fomos fazer uma apresentação na Academia Santa Gertrudes, lá em cima, lá no Alto da Sé. Então, estava marcada a apresentação para as 14h, mais ou menos. Não, 12h. Nessa época já tinha saído lá do Cabo, me mudado para Linha do Tiro. Aí, fui de Linha do Tiro pra Olinda a pé, porque eu andava muito a pé. Não tinha dinheiro, né? Fui pra lá... Aí cheguei cedo, que eu chegava cedo aos lugares. Cheguei, subi até o Alto da Sé, não vi ninguém do grupo, aí imaginei: “Ah, o pessoal deve estar lá embaixo, na praia”, até porque tinha um careca que morava na Ilha do Maruim, tinha uns colegas que sempre iam lá no Del Chifre. [...] Aí eu descí, quando eu cheguei lá de fato, eles já estavam subindo, aí eu subi de novo. Ou seja, a gente fez a

apresentação... Aí a apresentação não começou 12h, foi 14h, 15h da tarde, eu sem almoço, ninguém tinha almoçado... Terminou a apresentação, aí ele deu o cachê pra nós, pra todo mundo ali mesmo, na rua. Aí, olhei pra ele assim e disse: “Mestre, e o meu?”, e ele: “O seu, não, Você é aprendiz ainda. Você é menor, é aprendiz ainda”. Aquilo me deu uma dor muito grande... Isso foi forte pra mim, que eu chorei na hora assim... Eu fiz o trabalho, ensaiava todas as coreografias, eu já tinha um solo no grupo e em tão pouco tempo eu desenvolvi muito rapidamente. “E agora?” Eu sem passagem para voltar, com fome... Ah, assim mesmo.

[...] Porque aí íamos mesmo ao teatro, nas comunidades... E eu não vejo assim, não foi um momento: “Nesse dia eu disse ‘eu sou negro’”. Agora, eu lembro as primeiras vezes que eu disse em bom tom... Bom tom, assim, alto mesmo... Num tom bem agressivo, até. Foi quando eu fui para a universidade ser professor lá. Isso eu disse em bom tom mesmo, porque eu percebia que meus alunos, que ficavam em Uberlândia, mas tinham vergonha de dizer que eram de Itumbiara, de cidadezinha do interior de Minas. Parecia alguma coisa depreciativa e eu dizia: “Você tem de dizer qual o lugar que você veio, o que você é e tudo o mais. Eu sou negro, por exemplo”. Aí, pronto. Teve dias que eu falei poemas... Que eu dava aula de dança lá, então eu tinha certa liberdade para ler poemas, fazer dança-teatro...

[...] Não. Todos os negros, não. Pelo contrário, vejo que muitos negros são meus inimigos. Talvez não declarados.

[...] Eu via assim, meus inimigos, porque eles reconhecem um potencial em mim, um potencial muito grande. Uma capacidade de fazer muitas coisas, porque aí não é só o negro, é o branco também. Pelo potencial, eu sei... “Ah, esse aí pode ser meu rival”, ou então: “Esse que pode me exterminar”, entendeu? “Então vou construir antes a derrocada dele.”. Por exemplo, no próprio Balé Primitivo de Arte Negra eu tive muitos inimigos. Eu poderia dizer que o

Pixilinga foi um deles. E não era meu concorrente, na verdade, na dança não era assim. Mas, não ele. Muito mais um cara chamado Sérgio, eu acho. Eu acho que ele era funcionário do Sesi, que dizia: “Não, esse cara fala poema muito ruim e tal... E quando ele fala, as veias aparecem... Tem nada a ver...”. Então esse... Talvez por ele não ter a habilidade na dança que eu tinha. Na época, eu achava que tinha, hoje já tenho certeza, pois eu dançava muito com ele. Tinha um vídeo que hoje eu assisto, eu me vejo, mas não me reconheço pela *performance* da dança, pela força da dança. Então ficou uma coisa assim que... Agora, se você me perguntar se eu gostava da dança, não. Então, eu voltando aí um pouco, eu entrei na dança por conta do desafio, né? Esse desafio é também mais insistentemente por conta do desafio da minha mãe, que ela dizia para eu trabalhar em outro lugar... Primeiro, para eu trabalhar: “Você tem que trabalhar”.

O fim do Balé Primitivo

[...] Eu acho que ele acabou por discórdia mesmo, né? Divergências entre o Zumbi e o Ubiracy. Acho que isso aí foi o fim do grupo. Ruim pros dois, ruim para muita gente, mas pessoalmente para mim, foi excelente. Porque culminou com a morte da minha avó, em abril de 1985, com a dissolução de um namoro que eu tinha em 1984, que é a minha atual esposa. Ela acabou o namoro comigo, passei um tempo no Rio de Janeiro, voltei e casei com ela... Eu disse “E agora vou fazer o que aqui?”. E também, meu pai disse: “Olha, eu acho que esse negócio que tu faz não vai dar certo aqui, não”. Então, não o que ele disse, mas a forma que ele disse, eu entendi: “Olha, eu quero me livrar de você. Vai pro Rio de Janeiro que vai ser melhor que qualquer outro lugar”. Como a gente já estava vindo na turnê, eu disse: “Agora eu vou pra lá mesmo”. Aí, recebi um convite para passar duas semanas no Rio de Janeiro e eu fiquei.

Mas eu acho que o grupo fez muito bem. A dissolução dele, para mim, foi ótima. Na época eu não achava muito isso. Eu fui fazer terapia para tratar isso, pois eu só sabia dançar em grupo, não sabia dançar sozinho. Embora eu fosse solista, tinha um grupo: no lado, atrás, na frente.... Então, eu tinha um grupo. Depois que fui pro Rio de Janeiro, fui convidado para alguma coisa para dançar, mas não era meu grupo. E essas coreografias não são as minhas, esses movimentos não são meus.

Noite dos Tambores Silenciosos

[...] Ah, muita emoção. Muita emoção mesmo... Ver ali, naquele momento, vários tambores tocando... E na medida em que ia passando, por causa de mudar de um pro outro, né? Construindo assim... Enfim, uma onda intransponível. E nós do afoxé éramos pouca coisa ali. Na verdade, a primeira vez que a gente foi lá, rapaz... A primeira vez, a gente fez o tambor. Depois, os tambores foram embora rapidinho e a gente ficou lá, porque a gente ficou em frente da igreja, no pátio do Terço. E foi saindo um, saindo outro, saindo outro, saindo outro e a gente se viu sozinho. E eu senti que nós que trabalhávamos só com atabaque, talvez, estando lá ou não, não ia fazer diferença. Porque eu não escutava atabaque, só escutava os tambores do maracatu. Não conseguia escutar o atabaque, só o tambor, alfaia, mais nada. E aí, eu vejo o seguinte: pela posição que a gente estava ocupando no cenário artístico-cultural de Pernambuco, pela proeminência do grupo já naquele momento... Em 1982, em fevereiro, então nós estávamos nos preparando para ir para o Paraguai, eu acho. Primeira vez, uma viagem internacional. Teve uma repercussão, todo domingo a gente ia para o programa de Paulo Marques. No outro domingo, Jota Ferreira, não sei a sequência, mas a gente ia. Então, sentíamos que tínhamos de ser bem tratados, mas ali não, todo mundo é igual. O Maracatu já era uma força.

Edvaldo Ramos

Noite dos Tambores silenciosos

[...] Então, eu fixei no Pátio do Terço. Aí, Ivaldo, eu vi, em mais de uma oportunidade, Dona Santa passar com o maracatu, parar na frente da casa de Sinhá e Iaiá; e Sinhá e Iaiá, então, dançarem na calçada, o maracatu com elas. Teve uma oportunidade até de que foram retirados os móveis para corredor. Como nas casas da época. Então, ficou a sala, que não é grande, mas a sala limpa, sem móveis, e as três dançaram maracatu na sala, descalças, veja bem... Então, por motivos que vocês dois conhecem, aquele pedaço ali, está na história em razão de coisas da negritude. E o maracatu, e os maracatus passavam ali todos, passavam ali para fazer o cumprimento a Sinhá e Iaiá, e depois iam para a Praça da República que era a comissão organizadora onde eles disputavam. Então, o que nos foi passado na época é que essas agremiações, maracatu, esses maracatus, passavam ali pela importância que tinha o Pátio do Terço na presença, no princípio da presença do negro aqui no Recife, aquele pedaço. Aí, então ficou na compreensão deles essa obrigação. Eu posso dizer o que vi.... Não via muitos, mas o que eu faço relato e faço questão de realçar é o caso de ter Sinhá e Iaiá, isso antes da Noite dos Tambores. Aí, então, vocês me perguntam o porquê ali no Pátio do Terço. Eu entendo, não me foi dito, ninguém fez uma assembleia, uma reunião, dá palpite, faz a ata, não. Mas, pelas coisas que eu vi, acredito que era praticamente um corredor natural, em razão das velhas Sinhá e Iaiá.

[...] Os maracatus iam chegando e continuavam batendo, iam chegando mais. E não dá para de helicóptero baixar tudo à meia-noite, né? Aí, chegam alguns às 20h, 20h40, 21h e vai chegando, vão ficando e ficam batendo, sem parar (ou ficavam, nós estamos falando da época do Paulo Viana). E, porque inclusive eles vinham a pé, não era de caminhão, a Prefeitura não dava os ônibus. Não, não tinha essa história não, eles vinham a pé. Então, quando chegava à meia-noite

todos silenciavam, aí tinha um elemento estranho que foi trazido por Paulo Viana, tem um componente estranho que hoje, se eu fosse rever a história, talvez eu colocasse, analisasse, chegasse a uma conclusão certa ou a outra conclusão, veja bem. Aí, nessa época, de cima de um determinado plano, havia um toque de um lamento de um clarim e, nessa altura, todas as luzes se apagavam, todas. Entendeu? Todas.

[...] Tudo, apagava tudo ali, todas apagavam. Pois bem, aquela história, como você sabe existe uma chave de cada casa. Aí, eles apresentavam a encenação, que era o Lamento Negro, um poema que foi feito por ele [...] os maracatus tudo silenciavam, só que tocando, tocando [...] um negócio sério. Era o tal que usava o tal termo do ensurdecedor. Mas quando dava meia-noite, aí, precisava, aí, eu digo talvez eu, se fosse criar... Aí, tocava essa corneta, clarim, não sei, corneta mesmo e todos paravam. Aí, entrava aquele grupo que você vê.

[...] Teatro Equipe. [...] Então, cantavam o lamento e encenavam. Agora, um detalhe, qual é a data? Mil novecentos e sessenta e pouco, né? Mil novecentos e sessenta e pouco (dois, três, quatro, cinco), os motivos são os mais diversos, mas você não tinha uma quantidade de negros no cinema grande, no teatro grande, ficam juntos, você não tinha. Então o Paulo, nessa altura não tinha o movimento negro ainda, que fosse já da década de 1970. Pois bem, então, não tinha junção. Não estou defendendo, eu estou apenas lembrando que aí aquele pessoal, depois quando apareceu o movimento negro, começaram a criticar porque o pessoal do Teatro Equipe era caracterizado. Se pintavam, está entendendo? Só que, na época, nós não tínhamos nenhum.... Agora, nós temos até escolas de samba só de negros, nós temos um batuque bom como o Batuque Badia, né?

Escolas de samba pernambucanas

[...] Eu não sou político porque eu tenho o pecado de julgar sem pensar, aí, não bate... Então, eu vou começar pela história do samba.

Eu fui presidente da União das Escolas de Samba de Pernambuco durante 14 anos.

[...] A Unespe. Então, eu via... Isso eu não sei se ainda aconteceu. Quando chegava ao Carnaval, começavam a presentear fulano e beltrano com o lugar de julgador [...] subia ladeira, descia, entrava em córrego. Está entendendo? Conversando com o pessoal no meio, aquele pessoal que fazia o samba, chegado lá tinha pessoas que não possuíam nenhuma relação com o meio e que davam cada disparate. Foi quando eu comecei a escrever um capítulo...

[...] Como se julga uma escola de samba. Eu volto a falar no Ivan. Porque é uma coisa, você é jornalista, ela é jornalista. Mas, nós dependemos do cara que manda no jornal, dele dar espaço ou não, se a sua matéria é importante ou não. Se ele visualiza que vai ter um público dirigido àquela matéria. Aí eu comecei. Capítulo tal, capítulo tal. Por esse motivo, porque eu, como presidente da União das Escolas de Samba, mestre, via que muitas vezes as pessoas que tinham sido premiadas com o lugar de julgador não entendiam nada. Entre essas minhas idas e vindas... Teve um dia que eu participei de um julgamento, um ano em que o camarada saiu com um carro e com quatro caras dentro, e a gente... Não na hora, mas depois, sabia que eu ia sempre a Raminho, lá em Jardim Brasil. O cara ficou na esquina esperando. Foi nesse dia [risos]... Os santos das igrejas católicas e do candomblé sabem [risos]. Eu fiquei sem saber. Só soube depois que pessoas [...] dos que estavam no carro. Essa tal de escola que queria me matar, me convidou depois. Mesmo presidente, mesmos diretores. Deram-me deus então um título e me consideraram conselheiro da escola. Tem nada escondido, foi a Império do Samba, da Imbiribeira.

Ivo Rodrigues

[...] Eu participei, Grupo de Teatro Boage, Grupo Cheguei Agora, Cheguei Agora... Um, dois, três, quatro, cinco grupos, quer dizer,

grupos para atuar, para trabalhar, para contribuir, foram cinco grupos, assim quer dizer, diretamente, porque eu não falo da Associação de Teatro, nem do Movimento de Teatro Popular de Pernambuco, nem do Conselho de Entidades Negras de Pernambuco, e ainda tem o Movimento Negro Unificado que a gente vai para discutir... Eu vejo assim que é uma coisa não diretamente, é uma coisa que depende de um contingente, depende de uma coletividade, a gente colocar e... Colocar o nosso pensamento e ser aceito pela coletividade é muito complicado, ainda tem o Cambinda Estrela, para completar a situação.

[...] Nós fazíamos as caminhadas do 20 de novembro, nós fazíamos os projetos negando o 13 de maio. A gente sempre fazia ações nessas duas datas, negava o 13 de maio e enaltecia o 20 de novembro como uma referência nossa desde aquela época. Portanto, a gente ia para o Pátio de São Pedro e fazia uma grande concentração, é onde a gente trazia também, eu me lembro de que a gente trouxe, eu tenho gravado em algum lugar fita e vhs, e eu vou passar para cd, um momento desses onde estavam Zumbi, Dito, Roberto e Malu fazendo essa ação lá no Pátio de São Pedro, e isso, eu acho, na década de 1980. A gente estava fazendo um trabalho de negar o treze de maio e várias pessoas falam nessa fita, eu me lembro de que o balé se apresentou, além do grupo Cênico e a Galeria do Ritmo, que também vieram nessa ação lá no Pátio de São Pedro. Fazíamos essas ações, mas não era, eu acho, diferente dessas ações que o pessoal está acostumado a fazer hoje, que a gente tinha um discurso e uma ação política. Não era só para se divertir, só para dançar, tinha um caráter diferente. A vinda do Olodum, para cá, a primeira vez que o Olodum veio para aqui, foi para o clube Atlântico, foi naquela data que estava nesse cartaz aí, foi num desses momentos negando o 13 de maio, e a gente fez e ali já era um ponto de referência. Aí, teve A senzala, teve o grupo Cênico, grupo de capoeira, também teve esse grupo do Cleonice Veras. Eles fizeram

um número lá dentro da programação e eu sei que a gente está, fazia de cunho mais político, mais é para dizer por que a gente estava fazendo aquilo, qual é o sentido de a gente levar as manifestações negras para lá, para discutir, falar sobre elas, tínhamos essa preocupação. Diferente de hoje em dia, tínhamos mais liberdade de fazer as coisas, hoje em dia a gente vê que está atrelado ao governo, está atrelado a isso, que não pode dizer isso, que não pode falar isso. Parece que pessoal fica com medo de dizer, de fazer o que sente e fica atrelado ao poder, ao governo, e não faz o trabalho bem feito. Aí, fica muito complicado trabalhar dessa forma.... É o que eu tenho visto na caminhada que eu presenciei do 20 de novembro; e em outros momentos, como o dia da intolerância religiosa, que precisa de uma estrutura governamental para colocar na rua, aí fica complicado para as pessoas dizerem o que sentem, é isso que a gente quer? Eu não quero isso, eu quero muito mais, quero muito mais do que aquilo que eles oferecem.

[...] Eu participei do Ilê de Egbá em alguns momentos, e isso já é uma relação que extrapola a questão do Conselho de Entidades Negras de Pernambuco, onde por estar ali junto, isso sempre ocorria, vamos dizer por ajudar os grupos e tal, eu participei do Ilê de Egbá em diversos momentos, por ficar em Casa Amarela, é uma distância também meio que acidentada, mas participei. Participei do Leão Coroado também, de vez em quando estava lá nos ensaios, conversando com seu Luiz de França e isso já também numa relação que extrapolava a questão do Conselho, que o Leão Coroado fazia parte do Conselho de Entidades Negras, era o outro Maracatu que falei. Participe de vários grupos, Nação de Luanda, Ilê de Egbá, Alafin Oyó, eu também participei, diversos anos juntamente com Augusta, Grinalva, na época de... Foi de Lucia não, foi antes, aquele que morreu.... Qual é nome dele... Jorge, esposo de Tereza.... Que é professora da secretaria de educação de Olinda, Jorge Morais, ele já morreu, Marthinha também do MNU, Martha Rosa que também foi liderança

do movimento negro. Eu participei de alguns momentos dessa fase do Alafin Oyó. O Axé Nagô foi o primeiro afoxé, feito junto com o tata Raminho de Oxóssi, que na época era Povo de Ode, hoje já tem outro nome, se eu não me engano, participei também desse afoxé, ali, juntamente com Roberto Santos. O grupo decidiu participar do afoxé e tudo mundo estava lá e época de Carnaval estava lá para sair junto com o Afoxé o Grupo Cênico Liberdade.

[...] Eu acho que seja o resgate, porque o primeiro afoxé era na verdade um bloco afro, algumas pessoas acharam por bem o Carnaval marcar presença dessa cultura negra, marcar presença, aí resolvemos formar o afoxé, como era o nome do primeiro afoxé, Ilê de África. Depois, num outro momento se transformou em afoxé, que eu me lembro de que eu participei desse momento que é o Axé Nagô. O Axé Nagô foi constituído por três entidades: Grupo Cênico Liberdade, Movimento Negro Unificado, e terreiro Tata Raminho de Oxóssi. Foram essas três entidades que iniciaram esse processo aqui em Olinda, de colocar um afoxé na rua, de colocar uma ação da rua para marcar presença registrar essa cultura aqui também em Olinda, eu acho que especificamente em Olinda, não foi nem no Recife. Foi aqui em Olinda que essa iniciativa se deu.

Terça Negra

[...] Eu participei com o Grupo Cênico Liberdade, quando as Terças Negras eram no pagode do Didi, ali atrás dos Correios, atrás da Secretaria de Educação. Eu achava também um momento de estar, de fomentar, de colocar a nossa mensagem, a nossa indignação com o sistema, porque nosso trabalho é todo nesta perspectiva. Tanto no Grupo Cênico como no Ifá-Rhadha, é calcada nessa questão. A gente não admite, não está satisfeito com esse sistema que está aí, que nos maltrata e discrimina, então nós aproveitávamos as Terças Negras para dizer isso, a gente dizia muito bem nas nossas intervenções.

Quando passou para o Pátio de São Pedro, ele perde um pouco o seu sentido. Porque fica atrelado ao sistema e ao governo e parece que só é para diversão. Eu não vejo assim, um ponto forte, essa questão de colocar as nossas necessidades, carências, as nossas deficiências, em função também das políticas públicas que não chegam para a gente. É isso que tem que ser denunciado, é isso que tem que ser colocado. Por mais que se faça ainda não atingiu a camada que está lá no fim, aquelas camadas mais paupérrimas ainda não se conseguiu atender. Propiciar uma educação boa, moradia decente, qualidade de vida que a gente vê que ainda está invisível, essas políticas estão invisíveis para esse contingente de pessoas.

Grupo de Teatro Ifá-Rhadha de Arte Negra

[...] É uma coisa boa, prazerosa, que a gente precisa avaliar sempre, avaliar constantemente para poder crescer e ter forças, ter empoderamento, ter a necessidade orgânica de colocar frente a frente, tese a tese, as nossas necessidades. Eu vejo o Ifá-Rhadha nisso, se forma, que vai se formando, que vai se consolidando. Muito embora uns fiquem no meio do caminho e outros prosseguem, mas eu vejo o Ifá-Rhadha como uma necessidade urgente, e necessária de estar em vários locais, levando o que a gente leva, porque a desinformação é muito grande nessas camadas. Eu falo camadas, nessas periferias, comunidades que não têm acesso à comunicação. Uma comunicação correta das coisas, eu vejo de fundamentar a importância que está dentro da comunidade, levando essas questões que às vezes a gente fica assim observando as reações das pessoas e aí percebemos que elas desconhecem, não veem a situação por aquele ângulo e a gente parece que desperta isso nas pessoas. Eu me sinto muito gratificado de estar aqui onde estou, fazendo o trabalho, muito embora com muita dificuldade e muita necessidade de aprender mais com essa população, com essa adolescência, essas pessoas que não têm

acesso às informações que ficam falando besteira, ficam falando coisas que desconhece.

[...] O Ifá-Rhadha significa resistência. Eu vejo resistência por que talvez seja uma continuidade do trabalho que desenvolvemos com o grupo Cênico. Talvez por conta disso surgisse a necessidade de colocar resistência. Resistência não morre, ela fica ali resistindo. Ela fica fomentando outras coisas por caminhos diversos, por outras vias. As pessoas não entenderam, talvez também por falta de informação ou desinformação, pessoas só cometeram bobagem no grupo por conta das informações mesmo. Elas não querem buscar essas informações no sentido de dar o domínio, esclarecer dúvidas que têm dentro das pessoas, por quê? Por conta desse sistema que não oferece nada que não dá nada, que não liberta, só escraviza mais ainda.

[...] Pegando o que eu falei agora é a questão da continuidade do Grupo Cênico Liberdade, aí a ideia veio para o Ifá-Rhadha de forma de resistir, não abater, não ruir, não acabar, não sei. É, em momentos atrás eu vejo nas agendas culturais que o Grupo Cênico não se restringiu ao Embola Negro: É uma vertente que existia dentro do grupo Cênico, no Carnaval, para marcar, eu não falei dessa coisa, marcar a resistência, território, onde o pessoal fala muito lá no Cambinda Estrela. A gente montou um bloco afro também que se chama Embola Nêgo. Era um boneco com cinco metros de altura, cinco metros por conta do... Ele meio corpo e a gente seguiu o raciocínio dos bonecos gigantes de Olinda; não tinha negro, a gente botou um negro não é, a gente botou um negro para estar marcando aqui e aí ficou, ficou como se fosse o Grupo Cênico fosse uma coisa e o Embola Nêgo outra. Mas, só que não era. Durante o ano todinho, tinha ações que relacionavam com o momento. São João tinha o acorda povo, Carnaval tinha o Embola Nêgo e, paralelamente, tinham as apresentações teatrais, que a gente ia e tal, tinha ação e a gente ia criar mais coisa se tivesse, quer dizer se a gente tivesse continuado juntos; eu, Vera, Walter, se tivéssemos continuado juntos,

foram os únicos que ficaram daquela época não é, mas a gente teria criado mais momentos, mas o destino não quis.

[...] Nos separamos... 2000... Em 2001 não é? Quando em 2002 surgiu o Ifá-Rhadha de Arte Negra [...] Nós apresentamos [muitos espetáculos], apresentamos Negra Resistência, Exaltação a Negritude, que é o espetáculo que estamos apresentando enquanto o outro não fica pronto. Tem outro também, deixa eu ver se lembro... E o que a gente está preparando está quase pronto finalizado, que é o Mercado de Liberdade, que a temática como sempre é a negritude, que a gente vai levando informações é por isso que a gente fala muito do desconhecimento das pessoas e você está lá informando, sendo presente. Queria fazer muito mais coisas, mas as outras pessoas também têm que aprender a fazer e querer fazer, gostar de fazer, ter o prazer de fazer.

Inaldete Pinheiro

Noite dos Tambores Silenciosos

[...] Paulo Viana frequentou o Movimento Negro do Recife. Conheci o auto. Foi isso que me levou ao Pátio do Terço, aonde ele fazia o auto. Não cheguei a entrevistá-lo, não gravei nada dele [...] Foi através dele que eu comecei a frequentar. Hoje eu não frequento mais. Mas, a partir dali foi que eu comecei a frequentar, em 1980. Em 1979 nós começamos, ele começou a participar nas primeiras reuniões do DCE, aí, comunicou desse auto que ele fazia e, no Carnaval de 1980, eu fui [...] Não lembro quais, mas tinha muito maracatu. Era bem menor, bem menor que hoje... Insignificante, nem parece a grandeza de hoje. Eram poucos maracatus. Lembro assim, com certeza, o Leão Coroado. O Estrela Brilhante de Igarassu vinha. Encanto do Pina, parece. Barco Virado na capa. Daí a gente vê o nível. Não sabia o que estava fazendo. O Elefante, ainda com Dona

Madalena. Daqui a pouco... Ela em pé ainda. Daqui a pouco no jipe. Aí, no governo Jarbas, meu compadre, padrinho de meu filho, estava na direção [...] Zé Popó. Estava na Prefeitura, aliás, preocupado porque os afoxés queriam participar. Nessa época, já tinha os afoxés querendo participar. E ele: “Por favor, não permita. Por favor, não permita”. Não conseguimos. Dois anos seguidos. Eu não sei quem era essa liderança que queria. Ele nunca me disse, nem eu fui atrás, mas já queriam participar...

[...] Aí, compadre: “Não permita, não permita que os afoxés participem”. Dois anos depois eles estavam participando, aí, eu deixei de participar. [...] Porque não era deles, achava que aquele espaço era dos maracatus. Eu achava que era dos maracatus, que não dava para misturar. Antes conseguiram, não sei quem foi que cedeu. Não foi na Prefeitura que cedeu.

Lindivaldo Júnior

[...] Não, a gente não viveu isso não, porque a construção que a gente fazia da discussão sobre negritude não regionalizava. Eu acho que existem coisas que têm identidades regionais porque é natural que se tenha. Mas, do ponto de vista racial, aquilo que um indivíduo negro fizer aqui no Recife, e se um cara criar um negócio desses lá em Minas tem a mesma validade. Essa discussão a gente fazia. Porque qual é a questão? O que está importando aí... Eu não vou saber se a minha origem, a minha herança... Não dava para saber se ele veio de Luanda, está entendendo? Ou se foi uma coisa de Nigéria, mais acima, ou do outro lado, se foi Zimbábue. De onde foi que veio cada um desses negros? Portanto, se a gente veio de vários lugares, em cada um dos lugares do Brasil, essa coisa da diáspora, tinha a possibilidade da criatividade negra estar parecida ou idêntica, aqui ou em qualquer lugar do Brasil. E aí eu tenho outra história legal nesse negócio aqui. O debate era: a importância dos blocos afros e

dos afoxés. Salvador, Rio de Janeiro, no momento em que a gente vivia. Sobretudo, porque o afoxé, no caso daqui, tinha uma característica muito legal, no caso do Alafin, que era fazer essa discussão política mesmo, de apresentar um tema que buscasse a história da população negra. Então, tinha esse negócio. A gente não viveu isso, porque era o afoxé como movimento de resistência. E tudo o que os negros faziam como movimento de resistência. A gente já fazia esse debate. O maracatu está identificado como um movimento de resistência negra.

[...] Nessa discussão do MNU, na minha época, não. Não tinha isso não. Não tinha essa contraposição não. Tinham diferenças do afoxé daqui para o de lá. E tinha uma coisa superimportante, para a gente do MNU, que foi a explosão do samba-reggae. Isso para a gente era importante, porque a coisa da resistência do samba-reggae, do Olodum, do Ilê, do Muzenza mexeu, porque isso trouxe um debate para as pessoas. Isso para a gente não cabia, porque a gente viveu uma relação de irmandade. Pernambuco e Bahia, em termos de Movimento Negro Unificado, tinham muita proximidade. Muita relação de amizade, de cuidado, de gente que ia para lá, voltava, à noite numa sala discutindo, fazendo debate até altas horas.

[...] Não, a gente vivia samba-reggae, todo mundo fez samba-reggae aqui. Não teve esse negócio que era da Bahia não. A gente fazia uma discussão de que o que é de negro aqui é em qualquer lugar. Então, o samba-reggae aparecia aqui como uma possibilidade de se fazer música negra, de fazer música de protesto, de uma coisa da juventude que tinha visto essa coisa maravilhosa. O afoxé, quando surge aqui... O Raminho de Oxóssi – pelo menos ele conta isso – quando foi fazer o afoxé, ele disse: “É, o afoxé é uma coisa que tem na Bahia, mas eu vou fazer aqui também”. Porque ele diz que na África tem esse movimento, que não é uma coisa que a Bahia é dona não. “É da África”, ele diz. Por causa do orixá, da relação com o orixá. Então, o movimento negro vai beber nessa fonte de Raminho

do Oxóssi, que não faz grandes debates políticos, mas tem essa fala. Então, quando aqueles pequenos grupos surgem, a liderança espiritual, e o grande nome de referência nessa história era Raminho do Oxóssi, que não estava no meio do debate, fazendo debate político. Era uma coisa de identidade negra mesmo, tinha debate sobre isso. O movimento negro vai atrás dessa história para usar essa coisa como espaço de vivência aqui e ali, como método de conquista para discussão política, mas muito como um espaço de vivência da cultura negra. E, aí, muito legal essa coisa do tambor, que facilita a comunicação entre a comunidade. Isso era importante fazer.

A construção da Marcha Zumbi em Pernambuco

[...] A minha avaliação: o movimento negro estava assim... Como qualquer movimento, há os altos e baixos. Então, qual era a grande vantagem do MNU? Era ter um debate nacional e o mesmo existir. Não era apenas dizer: “Somos uma entidade nacional ou temos uma articulação nacional”. Não, existe um debate. Desde a questão, essa discussão sobre a esquerda branca é muito forte. A discussão do neoliberalismo também. O que estava colocado era que a gente precisava ter um enfrentamento da nossa relação com o Estado, mostrar publicamente que era necessário fazer uma discussão mais ampla sobre a questão racial, para fora das paredes da discussão do movimento. O jornal era insuficiente, precisava-se de uma coisa que marcasse. Então, essa história da Marcha Zumbi, se eu não estiver enganado, Edson Cardoso é a grande figura dessa proposta. Então, ele era um dos coordenadores do MNU. Ele havia sido uma das figuras-chaves do PT no ponto de vista racial. Ele tinha sido assessor de Paulo Paim, toda uma história da inserção dele na câmara dos deputados. Isso dava o... Professor, jornalista.... Dava um outro olhar, trazia um novo olhar mais profundo para a gente. Era necessário que houvesse uma intervenção significativa, não só no debate,

mas nas coisas públicas a fazer. Então, para comemorar os 300 anos de Zumbi tinha que fazer uma marcha. Qual é, na minha avaliação, o grande acerto da Marcha? É conseguir fazer a discussão mais ampla possível no campo do movimento negro em cada uma das cidades. A discussão feita nacionalmente era – a gente ajudou muito nesse debate –, eram os grupos culturais que precisavam estar dentro dessa história. Eu acho que era uma coisa que não passava só por nós de Pernambuco. Era uma coisa que estava muito no Brasil: Salvador, Minas. Aí, a gente aqui fez uma discussão que conseguiu trazer... Eu acho também que o MNU tinha o poder de trazer as pessoas ao redor dele, do movimento. E trouxe muita gente, porque existiam alguns fóruns também aqui. A gente conseguiu aglutinar pessoas de várias forças em torno do movimento negro. Inclusive, a gente estabeleceu uma boa relação com o pessoal da CUT. Quer dizer, existiu uma discussão racial, tinha um conflito ideológico, mas a gente conseguiu se articular. A gente fazia as reuniões da Marcha no sindicato dos metalúrgicos. Era muito legal. Era no tempo que eu acho que os metalúrgicos estavam em reforma, a sede dos metalúrgicos. Era uma casinha ali na rua... Maciel Pinheiro, é aqui... Rua do Aragão. Um espaçozinho na Rua do Aragão onde se fazia as reuniões. Com isso, a gente conseguiu articular muita gente. Nós saímos daqui com três ônibus para a Marcha. Foi no governo Arraes. A gente fez um ato aqui, prévio. A gente fez atos prévios aqui. Boas discussões de governo. Eu lembro que a reunião com o velho Arraes foi engraçada demais, porque ele não concordava com a gente. Não concordava. Ele disse, textualmente, que não ia entrar no debate: “Não vou entrar nesse debate, mas vou ajudar”. Ele não concordava, porque a gente estava discutindo exatamente essa história do espaço do negro, da identidade racial, dessa coisa do negro que a gente já discutia aqui e do racismo brasileiro, do modelo, do espaço, de oportunidade. A gente racializava cada uma das situações da sociedade. Então, o cara que vem de uma esquerda mais clássica, fica difícil

compreender. Só que todo mundo ali era negro. Muito difícil entender. Vai demorar para entender essas coisas. Então, ele disse que não concordava: “Não, não concordo, mas vou contribuir”. Na verdade, o que ele dizia era um pouco de que não concorda, mas sabe que existe o racismo [...] Ninguém pode dizer isso dele: concordava com a existência do racismo. Mas, não foi profunda a conversa. O fato é que não concorda, mas a luta é legítima, vamos dizer assim: “A luta é legítima, então eu vou ajudar”. Aí, me deu três ônibus para a gente ir a Brasília – eu aposto que é mais do que o governo dá hoje ao movimento. Tem aí uma conferência... O governo vai dar o ônibus para a *Conferência Nacional de Igualdade Racial*, no tempo como hoje, que se gasta quase mais viajando de ônibus para Brasília, o povo vai de ônibus. Não sei se vai mudar essa realidade, o governo promete. Três ônibus para a gente ir para Brasília, ajuda de custo, faixa para a gente fazer ato, carro de som para fazer ato. A gente conseguiu muita coisa, fez uma boa de uma campanha aqui dentro, com os sindicatos, para comida e dinheiro. A gente viajou com dinheiro na mão. Foi uma coisa muito séria o que a gente fez. Eu coordenei um ônibus. A gente fez três ônibus: um ônibus da coordenação geral... Para ser mais exato, então... A coordenação geral da Marcha era de Piedade e de Zé de Oliveira. José de Oliveira vinha das relações partidárias. Então, das relações partidárias, dos grupos de partidos, ele representaria... Ele representava esse segmento da CUT, dos partidos políticos, PT, PCDOB, que estavam envolvidos na Marcha, e Piedade, que representava o movimento negro. Então, eles eram dois coordenadores em pé de igualdade geral, só decidia se o outro aceitasse. A gente tinha um coletivo de coordenadores da Marcha. Então, a gente conseguiu ônibus, dinheiro.... Eu coordenei o ônibus do movimento negro. Piedade foi antes para Brasília, para coordenação nacional da Marcha, passou uma semana anterior. Eu coordenei um ônibus, Zé Oliveira coordenou outro ônibus e Vicente Sabaré o outro ônibus. Por quê? Porque a gente tinha uma

articulação tão forte aqui no Pina, que foi um ônibus só para este bairro, outro para o movimento sindical e partidos do movimento sindical, partidos em geral e um ônibus do movimento negro, que basicamente só tinha o MNU dentro. Eu coordenei o ônibus do movimento negro. E nós fomos, foi maravilhoso. A gente levou o ônibus do Pina, que era responsável pelos grupos culturais. O povo levou instrumentos de maracatu, roupa de rei e de rainha. E foi legal. Lá, nós encontramos gente de outros Estados que fizeram a mesma coisa. Então, todo aquele documento da Marcha, a gente ajudou na discussão nacional. O documento da Marcha circulou aqui, houve grandes debates a partir daquele documento, que foi entregue a Fernando Henrique na época. Então, a construção da Marcha foi um negócio muito bacana aqui, muito sério. Teve um determinado momento dos acordos feitos em reunião.... Que para fazer, para ir para essa caminhada em Brasília, de que um companheiro não cumpriu e foi chato. Quando a gente decide na reunião quem fala, discussão, “blá-blá-blá”. Quem tiver a melhor oratória daquele período vai falar no carro de som. Só falava em carro de som se estivesse discutindo em coletivo. Só escrevia se estivesse no coletivo, entendeu? O jornal não era na mão de qualquer pessoa. Então, tudo estava pensado. Então, teve um companheiro que se aproveitou que na reunião estava rolando um grande conflito, e o cara simplesmente pegou o carro de som e foi embora, falar. O carro de som ia para o Cabo, para falar da Marcha com a população, e ele pegou o carro de som e foi para o Cabo, falar em nome da gente sem ter sido escolhido para falar [...] Estava andando por aí, em algum lugar. Depois, quando voltou... Voltou não, a gente foi atrás dele. A gente achou, tirou do carro de som, substituiu e pronto, o pau comeu. Depois, chegou numa reunião chapado, no dia... Na reunião chapado. Teve duas coisas que era da disciplina da gente lá. Então, estava decidido que não ia. E quem coordenava o ônibus que ele estava era eu: “Não vai, não vai, não vai”. Então, ele quis chamar uma reunião extraordinária, aí eu

disse: “Não vai participar de uma reunião extraordinária nossa embriagado, não participa. Primeira votação, não participa da reunião”. Ficou de longe, de fora. O grupo se reuniu e decidiu quem votava que a pessoa fosse. E perdeu. Não foi, ficou de mala e cuia debaixo do ônibus, não foi para Brasília, para a Marcha. Então, quer dizer, estou dizendo isso porque a gente discutia para fazer as coisas, ninguém está à toa nesse negócio, entendeu? Bom, eu não sei se nessa época eu era da coordenação, mas a gente fez uma coordenação também muito legal, uma das coordenações do MNU, que era um colegiado. Cirilo, Cristina de tal, eu, Piedade, Olívia.... Eram nove pessoas, enfim.

Jornal Negritude e os embates internos do MNU pernambucano

[...] Leu (Alzenide Simões) era uma das figuras-chave no jornal do MNU. Leu não era jornalista, quem era jornalista era Mônica. Leu era da área de História, era estudante de História na época. Leu era a figura-chave no jornal. Estava muito à frente do jornal com Mônica, e as matérias, cada um escrevia. A coordenação definia a pauta e encomendava para um militante escrever. A gente, se quisesse, tinha que escrever. Eu escrevi uma na viagem a respeito de Conceição das Crioulas. Foi muito legal. Eu acho que eu tenho em algum lugar esse jornal, esse eu acho que eu tenho, a matéria que eu escrevi. Foi muito bacana. E aí, cada um escrevia. Tinha um trecho reservado para a questão de gênero. A gente discutia muito essa questão das mulheres [...] A gente mesmo se cotizava e, de vez em quando, conseguia apoio dos sindicatos. Teve um momento que se conseguiu um pequeno projeto com ONG para sustentar, para fazer um ou dois. Porque Mônica tinha a experiência de trabalhar em ONG e de elaboração de projeto. Então, a gente conseguiu fazer um nesse campo aí. Mas, era a gente, tudo era a gente. [...] Eu acho que o jornal parou por causa de falta de grana mesmo. E porque eu acho

também que essa coisa do MNU era um movimento de juventude negra. Então, a gente sabe como funciona isso. Ele tinha a ver também com o momento da vida das pessoas, depois as pessoas têm que trabalhar muito, têm que sobreviver, sustentar família. Às vezes, tem um conflito, e o cara não dá conta, se afasta, não dá conta daquele conflito. São vários os motivos de um movimento... Agora, eu acho que a questão da sustentabilidade era um negócio muito grave no movimento, porque você precisa... Até quando dá para sustentar uma coisa como essa, um troço desses, entendeu? Até quando você vai para uma reunião só com uma passagem? Tem um momento na sua vida que você não tem a segurança de ir só com uma passagem. Na juventude tem muito isso, você vai: “Quero nem saber como é que eu vou voltar, eu sei que eu vou”. Então, eu fiz muito isso, só que teve um momento que não dava mais para segurar essa onda. Agora, a gente, basicamente, viu alguns conflitos do primeiro, foi parcela do movimento... Políticas muito fortes. Parcela do MNU, na época, precisava dedicar-se à vida, à família, aos filhos, os que tinham tido filhos. Os companheiros nossos tinham filhos, mas não tinham terminado a universidade. Então, tinha que terminar a universidade, ter filho, sustentar, segurar a onda do filho, estudar e trabalhar. Então, não há tempo para fazer militância. Então, eu acho que isso mexeu muito com o grupo. Mexeu muito com o grupo, essa realidade. Do outro lado, também existiu uma disputa interna muito grande em termos de formas de pensamento, porque tinha uma história da presença dos militantes da esquerda, dos ditos militantes da esquerda dentro do movimento negro. Isso pesava. E tinha umas discussões mesmo. Enfim, um determinado momento teve um embate ideológico muito forte. Então, o rompimento era fatal. Por exemplo: quando eu fui da direção do MNU, que terminou o meu mandato, a gente teve grandes problemas financeiros. Inclusive porque algumas pessoas nossas tinham decidido se dedicar a estudar: Martha Rosa, Cristina. Cirilo estava trabalhando em outro

lugar que não dava para atuar... Então, teve umas coisas que ficou meio difícil. Meio perdido quando a gente assumiu. Nessa relação, quando a gente fez a eleição, a última eleição que eu participei do MNU, eu não ia ser direção, porque o trabalho estava me consumindo. Então, a gente queria Regis como coordenador. Regis era lá de Paulista, estudava comigo na universidade. Bom, enfim, Regis seria o coordenador, tal. Teve um grupo, mas teve outro grupo. A gente fez uma chapa que ninguém era tão ligado a partido, tinha uma proximidade. E outra chapa que tinha gente de sindicato e de partido. Essa outra chapa não vingou também, ficou uma coisa mais em torno desse grupo partidário que queria dominar o MNU no ponto de vista do Partido dos Trabalhadores. Eles fizeram uma campanha para a não eleição de Reginaldo. Desqualificava a chapa. Dizia que era uma chapa de homossexuais (isso tem nome, né?). Eles criaram uma cena muito ruim. Eles vieram com carro, com um monte de gente para a hora da votação. Os meninos faziam a votação. Tinha assembleia o dia todo. O último ponto de discussão era a eleição da nova direção. No ponto da eleição da direção, chegaram carros com um monte de gente para votar. Filiados com fichas de filiação mesmo. As fichas estavam lá, estavam com a data certa da filiação. Então, nós retiramos a chapa, a nossa chapa. Eu também não era mais do meio. Mas, a nossa chapa desistiu porque não concordava com esse modelo. De lá para cá, não conheço nenhum momento de discussão grande do MNU.

Homofobias e machismos no MNU

[...] Quando assumem, eles assumiram com Vicente Sabaré. Assumiram com o discurso que precisavam tirar os *gays* e as *lésbicas* do MNU. Foi assim que eles assumiram. Isso aí eu não tenho a menor dúvida. Fico tranquilo em dizer isso. Eles sabem disso e eles diziam que iam reconstruir o movimento que a gente tinha acabado.

Enfim, eles seguiram e nenhum da gente quis participar, nenhum. Quem era *gay* ou lésbica, ou quem não era, mas que tinha uma luta militante... Que isso não estava na pauta, que nós não tínhamos essa discussão da sexualidade na nossa pauta. Se as pessoas eram *gays* ou lésbicas, não interessava. Isso não estava na pauta, na nossa pauta. Nem mesmo como afirmação. Só em alguns momentos em que houve umas discussões, umas situações em que eu me coloquei nacionalmente, que o movimento negro era muito machista, homofóbico, que necessitava de uma discussão específica, de uma reivindicação no Congresso Nacional. Foi quando a gente teve apoio da figura de Hamilton Borges, que era um militante da Bahia, uma figura maravilhosa, na Bahia, mas ele era de Minas. Foi no Congresso que a gente conseguiu fazer algumas discussões sexuais. Mas, a gente não tinha esse debate aqui. As pessoas eram por que eram, e estavam juntas e todo mundo sabia. Isso não estava na pauta política. Embora a gente achasse necessário, porque a gente tinha uma convivência legal nossa, mas a gente queria avançar no ponto de vista de uma discussão maior. Mas eles... Era tão necessário que a gente tivesse feito um debate maior antes, que isso era natural para nosso movimento... [...] Tinham esses, que se pautaram nesse tema, e para mim foi muito difícil, para mim era impossível, praticamente impossível fazer militância com eles.

A articulação do Núcleo Afro na Secretaria de Cultura da Cidade do Recife

[...] Aí, a gente fez o Carnaval, eu chamei Leu para discutir, para vir trabalhar comigo, para fazer o pólo afro, e nós relacionamos os militantes de movimento negro que tinham uma relação com a área da cultura para trabalhar no Carnaval, no pólo afro que a gente estava criando. Aí, foi o grupo mesmo, Vera, ligada ao grupo de cultura. Saiu pegando pessoas que eram dos grupos de cultura ligadas ao

movimento negro, porque a gente discutia cultura no movimento negro. Consultamos várias pessoas. Teve gente que não queria, que estava meio assim. Aí, a gente fez o trabalho. Teve um embrião dessa discussão. Puxa, não podia ter um órgão semelhante à Fundação Palmares no âmbito do município, não é? Era uma discussão que a gente fez sem grandes pretensões. Aí, eu cheguei lá na sala, Madalena estava comentando que a câmara estava... A Prefeitura ia mandar para câmara uma reforma administrativa para criação da Secretaria de Cultura. Aí, eu disse isso que eu e Leu tínhamos conversado, e que o movimento já tinha falado isso em outros momentos. Madalena disse: “Vai falar com ele”. Eu disse: “É mesmo”. Fui lá para o gabinete. Eu disse para ele... Roberto Peixe. Eu disse: “Olha, o que a gente estava conversando ali no departamento é que você deveria propor a criação de um centro de cultura afro-brasileira”. Aí, ele ficou: “É”, Peixe. Eu: “É aí onde a gente vai poder dar conta dessa coisa, porque está uma lacuna aí da cultura negra no Recife”. Então, ele: “Faz uma proposta”. Eu disse: “Faço. Agora, a gente tem que fazer uma reunião com o movimento”. Ele disse: “Só que eu tenho que entregar amanhã à gestão”. Eu: “Amanhã?” Aí eu fiquei doido. Quando eu saí, Madalena não estava mais. Eu liguei para Madalena, a gente discutiu pelo telefone. Liguei para Leu, Marcos e Mônica. Saí ligando para as pessoas: “O que acha disso?”. “Puxa, o cara tem que entregar amanhã essa proposta!” [...] Claro. É. “O que vocês acham? Como é que eu vou pôr esse negócio?” Aí alguém disse: “Amanhã a gente conversa, eu te ajudo”. A gente ficou. Escrevemos... Eu esbocei a proposta do que seria. E eu fui para a reunião com Peixe. Passamos horas discutindo. Aí, ele levou a proposta do Centro de Cultura Afro-brasileira. A gente tinha toda a história. Ele levou, o governo discutiu a proposta e mandou para a câmara o Núcleo de Cultura Afro-brasileira, que era um setor do Departamento de Formação Cultural. A gente ficou com ódio, não é? [...] Pronto, então, não deu para discutir com o movimento. Agora, a gente vai falar,

consultar as pessoas. Então, eu visitei um monte de gente. Tinha gente que queria conversar, tinha gente que não queria. Tinha gente que ficou com ciúme. Tinha gente que achava que eu estava conversando porque eu queria arranjar um emprego para a pessoa. Eu fiz várias consultas a Lúcia dos Prazeres, Papai Manoel, Mônica, Nado, todo o pessoal do Alafin. Muitas consultas de ideias. Para formatar o que seriam as primeiras atividades. Inaldete... Visitamos muita gente. E qual era o problema? Era uma célula dentro de Departamento de Formação Cultural. Tinha que fazer dessa cédula uma coisa que funcionasse. Na verdade, do ponto de vista de distribuição das pessoas, de militantes dentro do governo, tem as cotas. É na conta de quem que fulano está? Então, tem isso. Eu estava na conta, ou na cota do próprio prefeito João Paulo. Porque, como eu disse a vocês, eu tinha trabalhado com ele há muito tempo, ele era meu vizinho lá no Ibura. Então, ele tinha me conhecido dessa história. Eu tinha saído do gabinete de João Paulo porque eu quis sair. Saí, porque eu queria entrar no movimento negro. Então, ele não conheceu outra pessoa mais comprometida com o movimento negro do que eu. [...] Mais *light*, seria mais tranquilo para ele porque tinha uma relação de confiança. Aí, não ia pegar... E não faria grandes debates. Aí, os debates foram se dando com o acontecimento da gestão. Por quê? Porque não tinha no plano de ação do governo uma questão racial a ser comprometida, entendeu? Não tinha. Então, a gente foi por dentro. Quando eu entrei, aí, eu descobri que Vera Barone estava dentro do governo. A gente se encontrou. Pedro Cavalcanti era do setor de negros e negras do PT, estava próximo do pessoal desse setor do PT. Fátima Oliveira, da Educação. Ela era uma militante do PT de Olinda. Tinha uma discussão racial dentro do PT de Olinda que ela fazia. Miranete Arruda estudava a coisa da anemia falciforme. Era curiosa nessa... Curiosa (aspas), porque ela é médica, tinha interesse nessa área. E Inaldete trabalhava na Saúde. Então, a gente tinha um grupo dentro. A gente precisava pensar que política ia ser. Então, eu vim

da experiência de governo lá de Camaragibe. Vera também veio. Ela era adjunta de Saúde lá. A gente trabalhou junto lá em algumas coisas, lá em Saúde, lá em Camaragibe. A gente juntou essas experiências para discutir o governo, como é que a gente ia trabalhar a questão racial dentro. Cada um no seu lugar, era como cada um iria fazer. Essa história do Núcleo foi uma oportunidade, o fato de a gente ficar responsável pela programação do Carnaval e pegar a parte da cultura negra no Carnaval também foi muito legal. A gente foi... A partir disso, tinha uma questão também colocada lá, que era uma discussão muito forte sobre maracatu. A gente já vinha... Eu vinha de um debate de maracatu como movimento de resistência negra. Lá tinha uma pesquisa, a partir de história oral, feita por Carmem e Madalena e duas figuras, estagiárias de Antropologia, que fizeram uma pesquisa que eles passaram horas escutando lideranças de maracatu. Acho que vocês já viram essa pesquisa, esse material, um material muito legal. Elas estavam fazendo uma discussão sobre maracatu. Porque existia essa questão de que: se o movimento mangue estava resgatando ou não, e o que era resgate. Então, a gente pegou, trouxe a discussão do movimento negro para dentro dessa história. Nós fizemos uma grande discussão sobre maracatu, durante muito tempo, com os técnicos da cultura. Foi muito tempo de discussão. Foi muito tempo (aspas, né?). Foi de, pelo menos, de junho a dezembro, a novembro. Porque a gente já decidiu que ia fazer... Que o primeiro trabalho iria ser uma exposição sobre maracatu. O que a gente tinha era o discurso dessas técnicas de lá. A gente tinha que mesclar as ideias que estavam colocadas, para... O governo tinha que concordar com o que a gente mesclasse ali. A gente discutia a questão sobre ancestralidade, tal. Muita questão espiritual na nossa mesa de debate. A gente discutia praticamente todos os dias esse tema. Foi barra pesada. Barra pesada porque a gente fez muita discussão sobre espiritualidade. Muita. Isso influenciou muita coisa, aflorou minhas questões espirituais na mesa de debate.

Era um negócio barra, forte demais. E a gente conseguiu formatar um modelo. Chegamos a um consenso entre nós que maracatu configurava uma forma de resistência de movimento negro. Então, a gente contratou uma pessoa que tivesse experiência de pensar a exposição, e... Vamos fazer a exposição. Escrevemos folder, tal. E provocar o debate sobre maracatu como espaço de resistência. E botar quem para fazer o debate? Quem do maracatu? Porque a gente vai botar quem estuda, militante, quem estuda, mas quem faz. Porque as discussões que as meninas faziam no departamento... Não era só da gente, uma coisa que a gente concordava... Era que para fazer qualquer debate de tema, era necessário que tivesse quem realiza.

A Noite dos Tambores Silenciosos e seu novo formato

[...] Então, veja bem, o que aconteceu com os Tambores? Quando a gente assumiu, e eu chamei Leu, ia ter uma reunião com maracatus para a gente decidir que ia tirar afoxés da Noite dos Tambores. O governo decidiu isso. Porque havia uma queixa dos maracatus. E como mais tradicionalmente, há mais tempo, eram os maracatus que faziam, então, se tinha uma queixa, a gente tinha que tirar. Vamos fazer outra noite. [...] Criou várias demandas. Então, veja bem, a gente fez duas coisas. A gente fez uma reunião com os maracatus para dizer: “A gente vai tirar e quer saber se é isso mesmo que vocês querem, porque com a fala de seu Roberto, o governo decidiu, quer confirmar com vocês.... Mas, tem outra questão, que quem está à frente da celebração é Dito de Oxóssi. A gente quer saber o que é que o grupo acha”. Eu, Leu e Manoelzinho Constantino, que eu não sabia fazer nada das coisas de organização de Carnaval, e Manoel Constantino conhecia tudo dentro. A outra foi a que teve Leu. Aí, a história da meia-noite... Porque eu, Júnior, ia para os Tambores, igual a todo mundo – Manoelzinho ia mais para dentro dos Tambores –, ficava lá longe, só esperando passar, curtindo, tomando todas

as cervejas do mundo. Mas, a gente ia sempre para os Tambores. Dos Tambores para as escolas de samba, era a agenda da gente, militância do movimento negro, minha segunda-feira era essa. Os meus outros dias eram Banhistas do Pina. Então, a gente queria ouvir o que eles queriam. Aí, eu disse o seguinte: “Tem que ser um babalorixá, não sei o quê...”, cada um que tivesse um discurso. Aí, esse rapaz, Dito do afoxé. Disseram: “Tem que ser o mais antigo”. Até então, eu não tinha me dado conta que, na verdade, depois, a gente descobriu que Dito de Oxóssi tinha substituído Raminho de Oxóssi quando este adoeceu. Eu não sei de que tempo Raminho começa, mas de qualquer forma, Dito estava substituindo Raminho. Ele tinha adoecido, depois, ele foi para a África. Então, ele passou um tempo ausente. Aí, a gente não tinha se tocado disso, mas era isso. Eles disseram: “Quem é?” Mas, Raminho ainda estava aqui, em terra. Eles continuavam porque um pouco... E, aí, a gente perguntou... [...] Aí, a gente perguntou, e eles disseram: “Saíram três nomes para convidar”. Eles achavam que o Dito era muito novo para continuar. Então, eles disseram: Raminho, Paulo Preto e Papai Manoel. Então, a gente fez uma votação. Não chegou a ser uma votação. Então, surgiram três nomes. “Qual desses três nomes a gente vai procurar?” Eu sei que acabou sendo unanimidade. Raminho de Oxóssi foi unanimidade entre todos eles. Gente que nem gostava dele, mas que disse: “Não, tem que ser ele, porque ele é de lá, da história do Pátio do Terço”. E eu fui responsável para ir à casa de Raminho para dar essa notícia de que as pessoas tinham escolhido ele e convidá-lo para ir para lá. Então, eu não conhecia Raminho de Oxóssi. Conheci no dia que eu fui lá para convidá-lo.... Falamos por telefone, marquei, fui lá conversar com ele sobre isso, sobre essa história dos Tambores Silenciosos, dizer a ele como a gente fez e que as pessoas escolheram ele. Aí, ele disse que na realidade, tinha deixado Dito, que ia substituir. Do ponto de vista pessoal, quando eu cheguei lá eu senti a presença do meu orixá. Antes de eu conversar

sobre trabalho, que era o que eu ia falar com ele, já fui ficando como filho da casa. Então, foi uma coisa meio surpreendente para mim. Eu não tinha jamais pensado nisso. Aí, ele cuidou de mim espiritualmente, e a gente foi conversar sobre a história. [...] Aí, a gente foi fazer uma reunião com os afoxés. A gente chamou o Oxum Pandá, Alafin, Ilê de Egbá e mais uma outra pessoa que dizia que tinha um afoxé. Enfim, reunimos os três afoxés que estavam na história. Foi quando eu chamei Leu. Leu veio para se reunir comigo e com os afoxés para dar essa notícia de que os maracatus tinham decidido, a gente tinha acatado o pedido dos maracatus de que... Obviamente, você sabe, que Dito de Oxóssi ficou meu inimigo durante 2 ou 3 anos. Era um inferno. Mas, eu podia fazer o quê? Acatei. Foi um inferno na minha vida. Mas, quem acalmou ele foi o próprio Raminho de Oxóssi. Dois ou três anos não, menos, porque, logo depois, eu tive que fazer o santo lá na mesma casa que ele. Então, ele, quando eu fui, estava lá ajeitando as coisas. Foi e ajudou nas minhas coisas. Ele ficou com muita raiva, muita raiva. Foi uma ira maior do planeta. Sei lá o que estava na cabeça dele ali. Sim, na reunião dos maracatus, a gente também foi dar outra notícia: que eu tinha descoberto, eu e Manoelzinho, que existia uma hierarquia. [os maracatus recebiam cachês diferenciados] Então, a gente avaliou, do ponto de vista dos Tambores Silenciosos. Se os Tambores Silenciosos era a única festa que tinha só uma característica, então, nos Tambores Silenciosos não existia grande nem pequeno, o valor seria o mesmo. E a gente ia igualar esse valor pelo montante de quem ganhou mais no Carnaval anterior. Aumentou uma besteirinha e... E, aí, eu tive também outros inimigos. Desde aí. Foi, Porto Rico. Então, foi grave. De alguns não, só do Porto Rico. O Porto Rico era o maracatu que ganhava mais, e seu Teté era de outro maracatu que ganhava menos, o Gato Preto. Seu Teté, naquele ano, não tinha nem recebido o dinheiro, segundo ele. Tinha essa história de que alguns maracatus não receberam. Então, a gente igualou e fomos dar essa notícia para eles:

que a gente tinha tomado essas decisões e que nós queríamos, com ele, criar uma noite dos afoxés. Porque tira de lá, e na outra noite seria uma segunda Noite dos Tambores Silenciosos.

Os maracatus e a Abertura do Carnaval do Recife

[...] O processo de Abertura do Carnaval foi o seguinte: a gente fez uma discussão porque era... A gente fazia uma discussão de formatos da programação. No segundo ano, a gente tinha que fazer um bom formato. Era público que a gente tinha que fazer, porque existiam várias ideias de grandes orquestras, mas a gente queria uma coisa que desse a força do batuque no Carnaval do Recife. Tinha que mostrar a força do batuque. É, mas havia uma divergência, porque só quem discutiu isso foi eu, Maurício e Marcelo. Então, eu não concordava com isso. Eu digo: “Olhe, definitivamente, eu não acho isso e até o povo que faz movimento manguê também não acha isso (que fez, né?)”. Agora... Minha gente, os maracatus sempre existiram. Bom, enfim, a gente pegou, e fomos mostrar que existe um batuque de maracatu na cidade. Eles disseram que: “Está bom, será que a gente consegue juntar um monte de batuqueiros para fazer um rufar de tambores na passagem da chave?” Era só isso: um rufar de tambores para passar a chave da cidade. Acho que Marcelo: “Acho que consegue. A gente tem que juntar. Fala com todo mundo e junta”. Acho que foi Marcelo que falou que Naná Vasconcelos era uma figura muito importante que estava fora da cidade, sem saber nem se estava no Brasil. Por que quem era que ia ficar à frente? “Vamos escolher um mestre.” “Minha gente, escolher um mestre vai ser confusão.” Aí, a gente foi listando os grandes percussionistas que a gente tinha. Aí, Marcelo falou de Naná, que estava fora do País e que tinha sido escolhido, eleito (o cara pernambucano) o melhor percussionista do mundo. “Puxa, esse é o cara.” Aí, beleza, vamos ligar. Eu descobri o telefone de Naná. Fiquei com essa tarefa e liguei

para perguntar se ele topava, se a gente conseguisse juntar os mestres de maracatu, o batuque, se ele topava fazer. Aí, eu disse a ele que o pouco que a gente tinha pensado era um rufar de tambores. Só que alguém tinha que dar o comando dessa história. Aí, puxa, ele ficou doido. E, a gente foi fazer a reunião com os mestres. A primeira reunião foi linda. Só que a gente fez duas reuniões: a reunião com os dirigentes, com os presidentes. Por que, qual era a lógica da gente? Era que: a gente fez um cálculo que dava tanto por batuqueiro e tanto para o mestre. A gente chamou as direções e colocou. Porque a gente estava fazendo isso, porque queria valorizar, sair da lógica do batuqueiro cachaceiro. A gente queria valorizar esse batuque e essas figuras que o fazem. Então, precisava pagar essas pessoas, era uma discussão que a gente fazia. “A gente ia brigar pelo dinheiro e vocês têm que garantir que vão fazer esse pagamento aos batuqueiros, porque os caras não têm dinheiro, a reclamação é essa.” Era o valor do percussionista pernambucano que a gente estava discutindo. A discussão foi boa. O compromisso foi trazer os mestres dos maracatus reunidos na mesa, lá no 6º andar, e a gente foi discutir como fazer. Eles cantaram loas. Foi um processo muito bonito, a gente devia ter filmado aquele momento, o público da sala chorou, teve gente que se emocionou. [...] Mestre Toinho bateu e cantou, seu Roberto levantou e cantou uma... Foi lindo, foi lindo demais. [...] Na parede, estava aquele folder da exposição de maracatu. A barra dela era só as letras: “maracatu”. Era repetido “maracatu, maracatu” até o fim do folder. Aí, Naná e mestre Roberto, acho que mais alguém, ficou (cantando): “Tu, tu, maracatu”. “Isso dá uma música, está vendo isso aqui? Tudo é música, isso aqui é o baque do maracatu. Imagine isso aqui...” Eles ficaram discutindo percussão. Deu uma hora que Naná saiu, não sei quem saiu, e o pessoal lá: “Puxa, que momento histórico”. Cada um foi dizendo que era um momento histórico e tal. Surgiu aí. Aí, a gente assumiu essa história e fizemos a discussão da afirmação. Na reunião geral do Carnaval, foi quando eu coloquei:

“Minha gente, isso aí tem uma outra história. Nós vamos fazer disso aí um espetáculo, obviamente, mas isso aí vai se configurar uma grande afirmação negra no Carnaval”. Aí: “Olha para isso!”. A gente fez uma discussão da ação afirmativa. Peixe assumiu a Abertura do Carnaval como secretário de Cultura, como uma ação afirmativa. A gente foi trabalhando isso como ação de afirmação de identidade negra e da importância do baque do maracatu. As ialorixás vieram depois, quando Dona Ivanise chegou lá e disse: “Eu sou líder religiosa, eu não vou ficar de fora desse negócio não. Nunca vi ninguém abrir o Carnaval sem religião!”. Aí, traz as ialorixás. A gente não vai dar nada às ialorixás: “Puxa, vamos dar um buquê de flores”. Aí, flores para elas. Aí, as coisas foram crescendo até ganhar visibilidade, foi matéria nacional, internacional (com uma revista japonesa), e, com isso, o povo de gestão estratégica pediu para a gente incorporar um convidado ou uns convidados nacionais para cantar com o maracatu.

Marcos Pereira

Movimento Negro Unificado e Maracatu Leão Coroado

[...] Naturalmente, com essa redescoberta, a gente entendia que era necessário estar sim em contato com as diversas formas de manifestação cultural negra. Então, ir para a escola de samba era uma espécie de compromisso e de contato com a comunidade e com uma manifestação cultural negra. Ir para os maracatus a mesma coisa, ir para os terreiros de candomblé também. Agora, nossa linha, enquanto ação, era de levar para essas pessoas de maracatu ou de candomblé, de escola de samba, de coco, ciranda etc., era de levar uma reflexão política. Até porque estas pessoas também eram vítimas das impossibilidades de fazer essas culturas. A gente sabe que, durante muito tempo, essas coisas viviam nos guetos, restritas a pequenos grupos. Então, a gente ia lá. Fizemos, por exemplo, um

trabalho com o Leão Coroado nesse sentido, mas para discutir a perspectiva política de como a gente colocar o Estado também em nosso benefício, em nosso favor. [...] Cronologicamente, eu não tenho condição de situar exatamente quando. Mas, nós fizemos exatamente a discussão, no movimento negro, do maracatu como uma expressão conhecida de candomblé de rua etc., ele era um dos grandes instrumentos em Pernambuco, o principal instrumento de reunião e preservação da identidade negra. E, como tal, um instrumento de luta e resistência. Porque tinha sobrevivido até ali um instrumento de resistência. Resistência também política. Camuflada, culturalmente, pelos atabaques, mas movimento de resistência política, já que ia para as ruas, saudando ou não a princesa Isabel. Ia para as ruas com grupos ligados às comunidades negras, terreiros de candomblé e todo um ritual. Então a gente tomou conhecimento do seguinte: seu Luiz de França tinha muitos problemas, o maracatu Leão Coroado estava, praticamente, sem existir. Naquela época, a gente tinha feito um levantamento dos vários maracatus existentes no Recife. Tivemos um contato inicial com o Elefante, mas, aí, a gente achou muito complicado o trabalho com o Elefante e fomos conversar com seu Luiz de França. [...] Na época, parece que tinha uma pessoa que achava que a gente podia aparecer e desenvolver esse trabalho. Mas, era um trabalho de apoiar eles, entendeu? Apoiar eles para quando chegar a época de o Carnaval ganhar uma subvenção da Prefeitura e pegar uma parte e, depois, colocar o maracatu na rua, etc. Não seria um trabalho de recompor a identidade do maracatu, de fazer alguns registros que foram feitos com as pessoas da época e de envolver a comunidade no trabalho. Era assim no Elefante: vocês vêm e, quando chegar à época do Carnaval, arrumam mais gente para sair com algumas alas. Nós não queríamos isso. Nós queríamos um trabalho fundamentado. Se a gente tivesse a discussão, por exemplo, de quem era o dono do maracatu, de que tal linha não dava. Algumas questões, por exemplo, que a gente tentou mudar de

princesa Isabel, dessa saudação à princesa Isabel e tudo mais. Mas, seu Luiz, claro, não tinha condições de fazer. Mas, tinha uma consciência fantástica, uma pessoa realmente maravilhosa. Mas, aí, a gente decidiu que o trabalho ideal a ser desenvolvido era com o maracatu Leão Coroado. [...] Não com o Elefante. Aí, foi para o Leão Coroado. Foi um grupo. Fui eu, Martinha, Adelaide, de novo, que estava lá, Zeca, e... Deixe-me ver mais... Lêu também foi. Augusto Batata também estava nesse grupo. Era um grupo. Aí, a gente fez uma reunião com seu Luiz, a gente disse: “Seu Luiz, a gente quer primeiro a recuperação”. Porque não tinha nada praticamente. “A gente quer ver a recuperação, quer ver como fazer os instrumentos e tudo o mais. Mas, a gente não tem dinheiro. A gente tem que ver como fazer rifas, se tem a possibilidade de falar com algum órgão público para dar apoio, etc.” E, aí, apareceu Raul Lody, um cara de Funarte que já escreveu muita coisa sobre candomblé e tudo o mais. Ele é uma pessoa que tem uma contribuição importante, um trabalho de acúmulo muito desenvolvido nessa área. Bom, Raul Lody na época, parece que se dispôs a arrumar alguma grana para a gente fazer algumas coisas. E outras coisas a gente fazia cota, porque todo mundo trabalhava no movimento negro e levava. Por exemplo: a gente começou a ver o seguinte, não tinha muito batuqueiro na época que a gente chegou. O Leão estava... Só tinha uma pequena estrutura lá.... Estava praticamente inexistente. Então, a gente começou com seu Luiz fazendo levantamento: “Olhe, o que precisa para a gente fazer o Leão bonito para a gente aparecer na passarela um dia?”. Ele ia dizendo as coisas porque ele já tinha a experiência de toda a vida nesse maracatu. A mesma coisa em relação aos instrumentos, em relação aos batuqueiros. “Seu Luiz, olhe, a gente quer botar mulher também como batuqueiro.” “Mas, não pode, porque nunca houve isso no maracatu. Mulher é para ser rainha, baiana etc.” “Não, mas a gente entende que não é assim. Tem que abrir o espaço porque as mulheres, hoje, estão em todas as atividades. A gente é

um grupo democrático do movimento negro, e o movimento negro votou que tem que ter mulheres também como batuqueiras.” Ele disse: “Não, mas tudo bem”. Então, Adelaide ficou trabalhando como tesoureira. Ela tinha um controle administrativo dos recursos que a gente arrumava com rifa, com bingo e com cotas das pessoas. [...] Como batuqueiras, ele achou meio estranho. Ele não disse que iria ser proibida e nem que era contra. Ele não disse. Ele só disse: “Mas, mulher não é para ser baiana?” Ele fez comentários mais... Assim, a clareza e a abertura desse senhor é impressionante. Porque ele, com aquela idade, conversava com a gente. E nunca houve grandes dificuldades em implementar as propostas. A gente fazia reuniões normalmente com ele, com uma ou duas pessoas de lá da comunidade. [...] Tinham dois senhores também que eram excelentes batuqueiros. O pessoal ensinou a nós do movimento negro e: “Olhe, como é que o maracatu pode funcionar e a gente atrair pessoas para a gente realmente se envolver e valorizarem esse maracatu? A gente tem que botar algumas coisas para o pessoal, para os batuqueiros virem, se não tem dinheiro, se não tem nada, então...”. “Mas o que é?” “Cachaça” Então, a gente começou a levar algumas garrafas de cachaça. E comprava tira-gosto. As mulheres já levavam pronto de casa. Adelaide e Martinha levavam alguns pratinhos com tira-gosto. Começava alguns batuqueiros e, depois, o pessoal começou a chegar. Martinha e Lêu ficaram realmente como batuqueiras no maracatu. Foram as primeiras mulheres que saíram como batuqueiras de maracatu na cidade do Recife, porque antes não tinha. E, depois, nós entendemos que já tínhamos terminado essa missão no maracatu Leão Coroado. Aí, começou a rolar uma briga de dinheiro. Como o maracatu, teve um pequeno apoio da Funarte.... Aí, apareceu realmente bonito, ainda com pouca gente. Eu saí, Batata, Martinha, Lêu, etc. Mas, nós saímos bem legal, foi uma atmosfera muito positiva. E as pessoas velhas do maracatu, os batuqueiros, tinham uma relação de afinidade muito boa com a gente. Mas, aí, depois

disso, começou, para ir ao próximo ano de novo, trabalhar e tudo mais, começou a haver uma certa briga por grana, por dinheiro. [...] Com várias pessoas de dentro do maracatu. Com relação a Adelaide, por exemplo, porque Adelaide, era quem recebia. Foi feito um documento e tudo o mais. Ela recebia a grana e queria investir tudo no maracatu. Então, ela queria comprar roupas e ver as necessidades para que o maracatu saísse realmente bonito. Então, alguém disse para ela que tinha que reservar alguma parte da grana para comprar alguma casa, porque não podia ser só para isso essa grana. Ela disse que não era bem assim. Começou, nas reuniões, essas pressões... Aí, no MNU: “Então, a missão da gente terminou, a gente repassa tudo. Vocês continuem, a gente aposta que dê certo, vá para frente”. [...] Dois anos, dois carnavais. Foi muito bom, um trabalho muito bonito que foi feito nesse maracatu. E, depois disso, o maracatu começou a reaparecer. Hoje, virou moda, está muito bom, tem “n” atabaques. Na época que a gente estava nesse trabalho, já apareceu Helder, lá do Pina. Queria também que a gente fosse fazer um pouco, participar de algum trabalho lá. Mas, aí, a gente tinha o entendimento de que como os grupos já estavam começando a se organizar por si e eles sabem muito melhor fazer porque é o ramo de especialidades deles, a gente entendeu que era importante a gente se ocupar com outras coisas, questões mais políticas.

Noite do Cafuné

[...] Um dos objetivos da Noite do Cafuné era arrecadar dinheiro para o movimento. A gente não tinha grana. Nós precisávamos de grana, mas é claro que com isso a gente aproveitava e dava visibilidade. E não só isso, a gente juntava os grupos negros valorizando a atividade cultural que eles faziam. Então, a estrutura da Noite do Cafuné, sempre foi uma série de apresentações musicais, teatrais e culturais. Não tinha nada de falação. Tinha uma abertura simplesmente,

uma pessoa que dizia: “Está aberta a Noite do Cafuné. Bem-vindo”. Sem nenhum tipo de discurso. Realmente, a gente não queria fazer nesses dias da festa. Mas, aí, as organizações culturais falavam. Então, a gente tinha uma apresentação de afoxé, de samba, maracatu, maculelê. E, aí, tinha dança solo de alguém, algum dançarino negro, que era legal, importante. Tinha alguma apresentação de poesia, um desfile de penteados. Essa questão de ressaltar a nossa estética era muito importante para nós, mas a gente sabia que a estrutura tinha que existir, levando a sério, naturalmente, a exposição das organizações culturais negras. Aconteceu uma vez no Pina e várias vezes no Centro de Arte Popular de Olinda, no Atlântico. A primeira, inclusive, foi lá. E, aí, era assim, a gente trabalhava. Todo mundo tinha que arregaçar as mangas, carregar grades de cerveja, limpar os banheiros, fazer a comida. Então, tinha uma comida africana, geralmente caldo de mancara, bobó, vatapá. Essas comidas da culinária africana ou afro-brasileira. Tinha uma bebida africana, que é axé de fala. A gente começou a fazer lá e que era com abacaxi, rapadura e aguardente de cabeça. E a gente vendia cerveja. O maior lucro, a gente fazia com as outras coisas, naturalmente. A cerveja dava pouco lucro, sempre dava pouco lucro.

Samba reggae em Pernambuco

[Essa época era de ascensão de um movimento bastante marginal em relação à mídia, o samba-reggae]. [...] Olhe, Muzenza, por exemplo. O Muzenza, a gente teve uma experiência muito boa também lá na Bahia, porque o Muzenza, para nós, se encaixava muito com o nosso perfil. Era um grupo radical. As pessoas muito firmes do que queriam, muito soberanas, um ego superelevado. Então, para a gente, essa atmosfera, esse contato com o pessoal do Muzenza era muito bom. [...] Não tenho mais o disco do Muzenza. Acho que eu tenho do Ilê Aiyê, depois, da dissidência do Olodum e tudo mais.

Do Muzenza eu não sei, eu acho que eu tenho alguma coisa em vinil também. Mas, tinha um cara de São Paulo chamado Lumumba. Ele era músico. Ele veio para esse congresso afro-brasileiro lá da Joaquim Nabuco e lançou um compacto, um pequenininho, vinil, com duas músicas. Depois, ele ajudou a gente a fazer o hino do MNU também. E fez essa música que está no disco dele eu acho: “Ser negro ou não ser somente negro, se sentir milhões de negros, todos filhos de Oxalá”. É uma música que sempre marcou gerações e que a gente continuou cantando também nos encontros dos antigos participantes do MNU.

Afoxés em Pernambuco

[...] Veja bem, nós tínhamos feito esse afoxé, o primeiro Ilê de África, porque a gente entendia que era preciso uma manifestação cultural pública que não apenas reunisse as pessoas negras, mas que constituísse também um espaço de discussão ou de pensar essa cultura, o porquê dessa manifestação cultural. E, aí, a proposta inicial, antes do maracatu Leão Coroado, foi a de organizar um afoxé. E, aí, foi esse afoxé, o primeiro, Ilê de África. Nós passamos a nos reunir nos Quatro Cantos, no Mercado da Ribeira. É outro capítulo por si só da história do Mercado da Ribeira em si, não é? Mas, passou a se reunir lá e fundou, com Jorge Moraes, Tereza, Inaldete, Adelaide das Neves etc., esse afoxé Ilê de África, que depois virou Alafin. Bom, o Alafin é herdeiro desse Ilê de África. E, aí, em algum momento, a gente vê o seguinte: as manifestações culturais afro-brasileiras têm a mesma matriz, que é o continente africano, e vão se diferenciando de local para local, mas com muitos pontos em comum. Começamos a ler, pesquisar sobre maracatu, só tinha esse livro de Guerra-Peixe. [...] Eu acho que não lemos outros por que não encontramos na época, não foi porque a gente discriminou assim, previamente. Não apareceu como proposta alguém que tenha pensado. Como eu nunca fui

ligado a pesquisador cultural em si, nunca me preocupei também em estar atrás de fontes. Mas, além desse livro, a gente começou a conversar com gente de maracatu, com seu Luiz, com essa mãe Elda. Com várias pessoas. A gente viu o seguinte: tem um ponto muito comum entre a história de maracatu em Pernambuco e a história de afoxé na Bahia que é essa de garantir uma festa profana, uma festa pública, uma manifestação pública dos filhos e filhas de santo ou de pessoas ligadas a um ou outro terreiro. Na Bahia, os afoxés sofreram muita violência policial e tudo mais. Tinham que ter autorização, etc. E os maracatus, inicialmente, aqui, também. E a gente também começava a perceber que nessa discussão de guerras dos malês, a influência de determinadas regiões da África tem um peso maior aqui, outro peso... Na Bahia, já são outros grupos que têm esse peso e essa influência. No Maranhão também, no Rio de Janeiro também. Em função disso, a gente viu o seguinte: é necessário que a gente comece a se dedicar ou a dar maior peso... Já tem afoxé, o afoxé é legal, é uma manifestação que, como modismo, começou a concentrar muita gente. Mas, a nossa tradição, o nosso peso aqui no Estado de Pernambuco é justamente o de pessoas que vieram do Congo, de certas regiões de Angola e que deram vida ou pariram o maracatu. Por isso que a gente começou a se aproximar do maracatu e a tentar resgatar para dar visibilidade do mundo cultural pernambucano. Porque quando a gente começou a fazer essa discussão e essa comparação de pontos comuns, a gente viu que tinham vários maracatus, tinham aparecido e sumido. Sempre viviam assim no abandono. E a gente colocou que isso é a mesma coisa, uma forma de discriminação. O afoxé da Bahia porque tem mais negros, maior capacidade de luta, uma organização mais amadurecida etc., resistiu muito com os Filhos de Gandhi. Tem uma visibilidade maior. Os nossos maracatus estavam totalmente sumidos. Estão na mesma vertente de valor e de importância para a identidade cultural do negro no Brasil. Mas, a gente tinha primeiro o samba,

que, a partir do Rio de Janeiro, virou essa coisa de samba brasileiro, e não de samba do negro. E, depois, o afoxé. Estava faltando fazer esse resgate público com mais força do maracatu. Essa reflexão a gente fez dentro do movimento negro e decidi fazer esse trabalho junto ao Leão Coroado. Bom, o resultado está aí.... Eu tenho um livro, que eu ganhei de aniversário, de 1956, em alemão, onde tem uma das raras fotos de Dona Santa.

Paulo Viana e a Noite dos Tambores Silenciosos

[...] Cheguei a conhecer. Não concordava com a forma dele fazer a Noite dos Tambores Silenciosos. Ele era jornalista. A primeira Noite dos Tambores que nós tomamos conhecimento tinha uma peça teatral. Ele pegava várias pessoas brancas e pintava de negro para fazer essa peça teatral. E o movimento negro, no segundo ano, eu acho, fez um protesto que acabou e não houve essa Noite dos Tambores Silenciosos, porque a gente colocava, naquela época, que não precisava, ele não precisava mentir, dizendo que no Estado de Pernambuco não tinha negros e por isso os brancos tinham que pintar a cara de preto para ir representar negros em palanque. Os negros podiam se representar sozinhos. Aí, teve polícia, teve um clima de tensão lá no Pátio do Terço, mas não houve a Noite. E, depois, foi se transformando... Porque perguntaram também: “Mas, o que é que vocês acham? O que é que vocês querem?”. Aí, a gente disse: “Nós entendemos que isso tem que ser feito pelas organizações negras”. E, depois, ele se retirou também de cena, se retirou dessa Noite dos Tambores Silenciosos. Mas, é esse tipo de visão em que você tem que pegar as pessoas bonitinhas no conceito deles, limpinhas e sabidinhas para botar. E negros não eram. Negros e negras não eram, não se enquadravam nesse conceito. Então, não podiam fazer a peça. E ainda mais tinha essa coisa assimilacionista de louvação à princesa Isabel. Então, o começo dessa Noite dos Tambores foi algo

muito troncho, lá no Pátio do Terço. Depois ficou boa ou está agora. [...] Há dois anos eu fui à Noite. Tinha muita gente. Mas, assim, esse encontro de maracatus, de afoxés, etc., todo mundo se reunindo num espaço só eu achei bonito.

Martha Rosa

O MNU e o Maracatu Leão Coroado

[...] Eu sentia muito a história de valorização de expressões da cultura negra. Nesse sentido, o maracatu era o máximo do que existe da negritude pernambucana. E o Leão Coroado, na época o mais antigo, já que, na época, o Elefante estava, se não me engano, no museu. Estava num processo ainda de sair do museu, alguma coisa assim. Então, foi a ideia de a gente ir dar essa força a um espaço da cultura negra aqui em Pernambuco. [...] Lembro do Sr. Luiz de França sempre presente. Ele sempre estava lá muito forte, muito rigoroso com o fazer do maracatu. A gente desfilava no maracatu e se apresentava em várias comunidades. A gente desfilava com a roupa e, se a gente estivesse sentado, ele reclamava: “Que cansaço é esse? Para amassar a roupa? Daqui a pouco vai se apresentar de novo com a roupa toda amassada”. Era a maior canseira, a gente tinha que ir de apresentação em apresentação assim... Não podia ficar em qualquer canto, sentar não, porque ia amassar a roupa e a gente ia se apresentar... Sempre rigoroso nesse sentido. Eu participei de todos os ensaios tocando. Nós não sabíamos que ia... Tanto é que eu nem fiz a roupa da baiana, que minhas amigas estavam fazendo para esperar, né? Mas, só que ele não era de muitas conversas e quem era eu para perguntar... Até que um dia, na hora de definir... Parece aquela história de definir um time: “Você, pega aquele instrumento”. Foi o código para: eu estou dentro, eu vou tocar. [...] Eu saí tocando uma alfaia. Não é daquela grandona... [...] Até os ensaios

ele deixava numa boa, mas não estava definido que eu ia tocar. Até que chegasse ao limite da véspera de Carnaval, aí na hora de definir quem vai tocar o quê, não sei o quê, ele disse: “Você pega esse, você pega esse, sua roupa, não sei o quê”. Aí, foi que eu disse: “Agora sim”. Mas, se ele não tivesse dito isso, não teria nada certo que eu não ia tocar, porque o fato de tocar no ensaio não quer dizer nada. Nunca teve nenhuma mulher tocando. Pelo menos não lá. Tanto é que no ano em que eu saí, só eu saí tocando como mulher no Leão. Não sei se em outro. Mas no Leão... [...] Comigo ele foi legal. Ele também não jogava flores nem nada. Nem tratava assim nem assado. Não tinha nenhuma excepcionalidade. Eu estava fazendo só minha obrigação. E ele também não disse que eu não estava legal para tocar, nada disso. Eu cheguei lá ensaiando direitinho. Todo dia ia lá, ensaiava arduamente. Quando foi no dia de escalar a seleção dele, ele me colocou e acabou. [...] Ele dava “pitaco” em tudo. Passava e: “Isso está folgado. Tem que fazer tal coisa”. Ele ficava circulando nesse sentido. Eu sempre o vi se movimentando em todos os sentidos. Mas, era também muito de agir. Ensinar mesmo... Eu acho que ele acaba tendo, pelo menos comigo, uma relação que: está tocando, já está bom demais. Porque tinha o pessoal de base dele. Com esse pessoal é que ele jogava duro. [...] É porque eu também não sei se eu reconheceria hoje, porque a gente ia para lá ensaiar. Já havia os batuqueiros ensaiando. Eles tinham uma relação legal com a gente. Tomava alguma coisinha, brincava. Mas, depois dali, a gente não saía junto, não tinha uma sociabilidade maior do que aquela. Então, a gente passou muito tempo se vendo e tudo o mais. Mas, hoje, de vez em quando... No Carnaval agora, desse ano, que eu fiquei fotografando maracatus, encontrei vários deles, que eu não sabia o nome, mas que ele me identificou, eu identifiquei ele. Eles estão muito espalhados, eu vejo que hoje eles estão muito espalhados em vários maracatus. De vez em quando eu encontro eles e: “Eita! Essa é da época de Luiz de França, quando a gente estava lá”. Eles

lembram. Mas, eu acho que eles não sabem meu nome nem eu sei o nome deles. [...] Desfilei no ano de 1986. Em 1987 eu não desfilei. Foi quando nasceu minha filha. Também desfilei em 1988. Não foram também tantos anos assim... Acho que foram 2, 3 anos, no máximo. E também lembrando que o maracatu era uma frente do movimento. Todo mundo ia, mas tinha muita gente que não ia, porque tinha outras tarefas para fazer também naquele mesmo período. [...] Deliberou que ia atuar. Acontece isso não só com essa ação. Acontece isso em outras ações também. Pelo menos não sei em outros movimentos, mas no MNU acontecia... De deixar algumas ações no meio do caminho por ela ter se transformado inviável por alguma questão. Depois que acaba o Carnaval, há uma desmobilização. O próprio maracatu tinha uma desmobilização, pelo menos na época tinha, depois do fim do Carnaval. Também não tem ensaio. Como é que a gente vai para o ensaio se não tem o ensaio? A gente ia para o ensaio e, a partir do ensaio, colaborava com o que era possível dentro do que estava posto lá. Mas, não tinha mais o ensaio. Isso acontece daqui a um ano, um mês, dois, três, quatro. Entendeu? A gente continuou mantendo relação. Quando tinha festa, a gente chamava. Sempre que tinha alguma coisa, a gente estava lá. Mas, perde essa questão mais sistemática. Aí, vai perdendo. Não foi uma coisa deliberada. Realmente não foi.

O MNU e o Afoxé Alafin Oyó

[...] Durante, pelo menos o que eu me lembro da época que eu coordenava, antes e depois, o Alafin, era um centro. Então, domingo à tarde era um ponto de encontro. Todo mundo assim, a negrada da cidade dava uma passada no Alafin, para ver um, para ver outro, tomar uma cervejinha, para conversar, para dançar. Então, circulava o pessoal do MNU, circulava a turma de Olinda, a moçada de Olinda, de capoeira, de moradores, de grupos de dança que eram envolvidos,

de outros grupos, outros afoxés, outros grupos de terreiro. Acabou sendo um polo que atraía pessoas que tinham alguma identidade com a questão da negritude. Por causa da música, por causa do balanço, o pessoal estava indo. Não tinha um público, esse ou aquele. Então, para mim, foi tranquilo. Tivemos alguns enfrentamentos. Às vezes, a gente ia tocar na Ribeira, aí, a Sodeca reclamava por causa do som. A Sodeca é a Sociedade de Defesa da Cidade Alta, não é? E a gente tinha um enfrentamento por causa do horário, rápido tinha que acabar. Espaço, brigamos por espaço, porque não tinha espaço para ensaiar. [...] Não tínhamos sede. Ensaiávamos no antigo Forró Cheiro do Povo, ali no Clube Atlântico. Teve uma época que ensaiamos na Ribeira, né? A gente circulava um pouco nesse sentido. [...] Na realidade, era o presidente e a diretoria. Diretoria bastante grande, muitas pessoas. Tesoureiro, conselho fiscal, chefe de patrimônio... Vários cargos conforme manda o estatuto. Éramos uma sociedade civil organizada [...] Essas pessoas tinham que cumprir aquela função que estava ali determinada. Para além daquela função, às vezes, a gente criava outras operacionais, como o coordenador de alabês, o cara que toca. A organização dos eventos do bar, a gente elegia um grupo de pessoas responsáveis pelo bar, que teve uma época que a gente tinha um bar. Teve uma época que a gente tinha que organizar o espaço. Então, a gente ia organizando conforme a necessidade. Além de ter o duro que era... O estatuto, que por sinal é desse jeito mesmo, tinha presidente, tinha a secretária, que ela fazia o papel, tesoureira, das finanças, do patrimônio, que cuidava do som. [...] Sobrevivíamos das mensalidades dos sócios. Teve uma época que nós chegamos a ter seiscentos sócios. E a gente fez uma campanha de refiliação. As pessoas se refiliaram. E pagavam mensalidade, recebiam carta em casa: “Pague sua mensalidade, disso depende o Alafin”. Fazia campanhas mesmo. E as pessoas iam pagando de certa forma. Se você pagasse, no Carnaval você estava garantido, não faltava mais nada da sua fantasia. E se você tivesse

uma filha pequena, uma criança, também aquela criança receberia a fantasia, já estava comprada, e, durante o ensaio, você também não pagava. Mas, as outras pessoas pagavam e era ensaio todo dia, todo final de semana, todo domingo. E tinha um bar do ensaio também, que era uma loucura. Por muito tempo a gente administrou isso, que foi manter o ensaio junto com o bar. Vendendo cerveja, não sei o quê. A comida não, a gente sempre arrumava quem fizesse, mas tinha que ter. [...] Acarajé... Vendia lá. Mantinha assim. Era muito difícil, porque não era uma época do Carnaval dos chamados projetos. Isso não existia. Vivia realmente na pindaíba. Cada coisa que você ia fazer necessitava pensar nela antes do tempo. E as festas, tinham tantos associados, e os associados entravam de graça, então, acaba não tendo muita grana. Era uma época também que você podia tocar o alabê sem pagar ou senão dando passagem, alimentação, ajudando uma contribuição pequena. As pessoas tocavam porque queriam tocar. Os diretores e todo mundo que trabalhava lá, trabalhava também de forma voluntária. Ninguém era pago para trabalhar. [...] Tocava agogô. Mas, quando era no Carnaval, às vezes, tocava mais. [...] O afoxé desfilava no domingo, sábado e terça-feira em Olinda. E, às vezes, participávamos de alguma coisa no centro. Mas, o sagrado mesmo, o certo mesmo era sábado e terça-feira em Olinda.

Rosilene Rodrigues

[...] Dentro da universidade, nós começamos a construir um grupo de amigos. Aquela coisa de você começar a se situar e formar grupos. Na verdade, eu tive algumas dificuldades de formar grupos. Eu acho que eu passei uns quatro semestres, quando eu entrei na universidade, para conseguir formar um grupo. Eu chegava à universidade, sentava na primeira cadeira, assistia a todas as aulas e não tinha uma relação com as pessoas. Eu acho que, depois do 4º semestre, eu comecei... Ainda naquele tempo, você tinha todo um

seriado. Então, todo mundo acompanhava, todo mundo ia se conhecendo a cada semestre. Hoje, você entra na universidade, no outro semestre você já está com outra turma de um curso diferente. Mas, pelo menos quando eu fiz a universidade, a gente tinha essa estratégia. Aí, eu fui conhecendo outras meninas negras que tinham na minha sala. Irismar, Ana Maria... Na verdade, Ana Maria mora em Olinda, ali em Peixinhos. Irismar morava no Ibura. Elas iam muito à festa do Alafin Oyó, que ficava em Olinda... era, na época, início dos anos 1980... Eu tinha 19 anos. [...] Elas iam dia de domingo para a festa que o Alafin sempre provocava, e os ensaios. Eu não conhecia, porque essa coisa de morar no bairro, como eu no Jiquiá, distante de Olinda, distante de onde as coisas aconteciam. Eu morava numa vila. Então, as coisas eram muito fechadas ali. Quando eu chego à universidade, é que esse espaço se amplia para mim. Aí, as meninas diziam: “Mas rapaz, é muito massa, Rose. Toca afóxé, toca samba e tem algumas coisas para conversar sobre as questões raciais”. Na verdade, a gente formava grupos lá. Porque o ensaio do Alafin era o ensaio do Alafin. Se passava alguns informes, mas era nas laterais que as pessoas se juntavam para conversar sobre o que estava acontecendo, sobre o que não estava acontecendo. Onde a gente podia participar de outras coisas. E, aí, eu disse: “Tá, eu vou”. Era um domingo, a gente foi. Era ali no Clube Atlântico, ali no Carmo. Aí, eu fui com essas minhas amigas. A gente conheceu outras pessoas. Aquela coisa, éramos todas mulheres. Nós éramos cinco mulheres. São três irmãs: Irismar, Iara e Irani, Ana Maria. Irismar e Ana Maria são assistentes sociais. Ambas estudavam na Universidade Católica e faziam alguns cursos na Universidade Rural. A universidade oferecia cursos de verão, como aluno especial. Então, elas faziam um pouco esse trânsito. E as outras duas não faziam universidade. E a gente foi e, lá, nós conhecemos outras pessoas. Conhecemos Lêu, Martha Rosa, Alafin, Inaldete Pinheiro. A gente começou a tomar pé, na verdade, do que tinha na cidade em relação

ao movimento negro. Na verdade, as grandes reuniões que aconteciam no DCE, eu, pessoalmente, não participei de muitas delas. Na verdade, eu entro no movimento negro a partir dos ensaios do afoxé Alafin Oyó. Eu não fiz essa militância anterior, como por exemplo, a militância da própria Martha, da Inaldete, que se encontravam no DCE. Eu não participei desse processo. Ainda hoje, o Lepê costuma brincar comigo, que ele diz assim, que eu vou chegando nas coisas e nos lugares e, daqui a pouco, eu estou lá e todo mundo pensa que eu sempre estive [risos]. Eu acho que não tem um “por acaso”, mas tem um momento. Aquele era o meu momento. Até porque, mesmo minha família tendo características negras, somos todos de características negras, não havia uma discussão sobre a questão racial. Não se falava dessa questão no sentido de se discutir as desigualdades, os preconceitos, se alguém viveu, se não viveu. Então, era um retrato, um pouco, dessa sociedade de uma pseudo-tranquilidade em relação à questão racial. Eu não comento dos meus preconceitos vividos. Você também não comenta dos seus. A gente vai vivendo, achando que estamos em pé de igualdade.

O Fórum de Entidades Negras

[...] Por exemplo, o Fórum de Entidades Negras, era sempre eu que representava o Djumbay. E a Djumbay... Durante muito tempo, as reuniões eram feitas na sede da Djumbay. [...] Ele surgiu exatamente dessa ideia de que tinham entidades negras surgindo, acontecendo, e a gente não conseguia fazer uma conversa nacionalmente. Pernambuco não conseguia fazer essa conversa nacionalmente. Pernambuco faz uma conversa muito partida. Recife, Olinda, o lugar em que você está, você faz essa conversa nacional, dependendo da tua articulação. Não existe, na verdade, uma coisa que agregue, que a gente possa dizer: Pernambuco. Entende? E no Fórum, durante um tempo, a gente conseguiu. E nós começamos a discutir história

de CNPJ, estatuto, da importância de estarmos juntos, de nos articularmos. Porque... o que é que está acontecendo nacionalmente, e nós não temos representação? Era uma coisa solta. Era Djumbay, MNU. Quando se tinha uma conversa nacionalmente, eram as pessoas, não era algo que fosse coletivo. E, aí, por que é que a gente não se juntava e articulava o Fórum? E, aí veio o Ilê de Egbá, veio o pessoal do MNU. Ele veio em algumas reuniões, mas não deu continuidade. E, na verdade, quem deu foi muito mais o pessoal dos afoxés, dos maracatus. Não todos, como a gente tem a quantidade de hoje. A gente tinha muito pouco na época. Veio o pessoal que era do Partido dos Trabalhadores, mas que estava discutindo a questão racial. Então, a gente começou a fazer uma conversa. E militantes, que não estavam mais em nenhuma entidade, mas que estavam querendo saber o que estava acontecendo na cidade. Aí, a gente vê a necessidade de criar um fórum. [...] Eu me lembro do maracatu do Sr. Luiz de França. [...] Porque tem uma coisa muito interessante na história do maracatu. Os maracatus sempre aconteciam dentro da sua comunidade. E não é que era suficiente, mas eles ficavam restritos a esse espaço. Poucas eram as pessoas que saíam dos maracatus para se articular, participar de fóruns. Hoje, você tem associação, você vê o povo querendo fazer sua federação, você vê o povo se organizar nem que seja para ir para Prefeitura para se apresentar. Mas, você não tinha isso naquela época. Então, você tinha o seu Luiz de França, que ele tinha toda uma história, e como ele era referência. Então, a gente conseguia ir até lá, dizer para ele da importância... Daquela forma. Porque ele era uma pessoa muito reservada. A vida dele era a vida do maracatu. Mas, a gente tinha o maracatu. A gente tinha muito mais afoxé porque as pessoas eram mais jovens. Então, eles queriam outras coisas. A gente tinha o Alafin Oyó, a gente tinha o Ilê de Egbá. A gente tinha o pessoal que vinha do Pina. Tinha um afoxé e tinha o maracatu de Dona Elda que vinha, às vezes, também, mas uma coisa mais solta. A gente tinha também muito ativista,

principalmente, novos. O pessoal que, como eu disse, queria participar, mas por alguma razão não conseguiu participar. Havia além de nós que fazíamos a Djumbay, Lepê Correia, a própria Inal-de-te Pinheiro, Piedade Marques. Havia também Lêu, uma pessoa de dentro do MNU, que ela tinha uma presença importante, participava da coordenação do MNU. Mas, ela também vinha. A gente tinha o pessoal... Graciete, Glaucia, que são irmãs de Gilson, mas, hoje, elas são ativistas e, na ocasião, elas vieram trabalhar com a gente. E, aí, a gente tinha Dado, ele era do afoxé Ilê de Egbá. Ele tem, hoje, um afoxé, mas ele era do afoxé Ilê de Egbá. Havia também Brivaldo. Então, você tinha esse pessoal que chegava e que vinha fazer essa discussão. Não só enquanto entidades, mas ativistas também. Que era essa a compreensão que tínhamos. Que também tinha lugar no Fórum para essas pessoas, indiferente de estarem em entidades ou não. A gente conseguiu fazer essa conversa. E aí, conseguimos fazer algumas interlocuções e participações nacionais enquanto fórum. Mas aí, no processo, as pessoas foram procurando outros momentos para elas, se reorganizando, fazendo outras participações, e o Fórum foi se desfazendo.

Djumbay e o Projeto Samba-Axé

[...] Cabelo Pixaim. Frequentei. Eu até propus para o menino do afoxé Alafin Oyó, Fabiano, que ele fizesse a Noite do Cabelo Pixaim, voltasse a fazer a Noite do Cabelo Pixaim, porque eu acho que era um dos grandes momentos em que a gente agregava outras pessoas, negros da cidade toda. E que as pessoas ficavam felizes de botar o seu cabelo à mostra. A sua beleza, as roupas. Porque não tinha espaço nessa cidade, às vezes, para ser criativo até. Eu acho que aquelas festas conseguiram, pelo menos para mim, ser esse espaço, onde... É como você chegar... É o mesmo sentimento que eu tive quando cheguei ao Pelourinho. Eu estava em casa. O mesmo sentimento.

Eu estava em casa, entre os meus. Então, eu fiquei muito à vontade, muito feliz. Porque eu não era exceção, eu era a regra. Eu acho que esses momentos lá foram muito importantes para isso. E o projeto cultural Samba-Axé surge porque queríamos continuar tendo uns espaços onde pudéssemos ter a cultura negra. Seja o samba, afoxé ou o maracatu lá no lugar que pudéssemos ir, se confraternizar, se divertir e ter informações. Porque, no momento não tínhamos mais os ensaios do Alafin Oyó. Estavam diminuindo. Não estavam acontecendo mais, e não haviam mais espaços na cidade para isso. Uma coisa que também tentamos dar foi qualidade profissional a esses momentos. Porque muitas vezes íamos para as festas... Como a gente, o movimento não tinha dinheiro, aí: “Contrata o som”. O som era de péssima qualidade. Tinha hora que alguém... dava um não sei quê lá no microfone, ninguém conseguia falar, ninguém ouvia. Bebida, comida, tudo era: fulano trouxe um sarapatel de sua casa, entendeu? A gente tentou fazer um momento desses, que fosse de forma profissional. Que a gente tivesse um som de qualidade, que a gente tivesse um bar legal, que a gente tivesse os grupos ganhando dinheiro. E que a gente podia também extrapolar o Estado. Por isso que teve um momento também que o Samba-Axé se nacionalizou. Porque a gente trouxe atrações de Salvador, do Maranhão. Então, a gente tentou com esse povo. E a gente começou a perceber que um público que não ia para essas festas do Alafin, não sei o quê, começou a vir para o Samba-Axé. [...] O Samba-Axé funcionava lá no Clube Atlântico, em Olinda. Ele era uma vez por mês. A gente trouxe o Ilê Aiyê, trouxe um grupo do Maranhão, trouxe o Muzenza, que hoje você nem tem mais, eu acho, de Salvador. [...] A gente trouxe o Muzenza. Agora, uma coisa, de novo, mesmo a gente pensando em algo profissional, a gente não tinha recursos. Isso [risos]. E a gente tem um problema sério, porque a bilheteria não pagou o suficiente. Os meninos tiveram que ficar aqui. Ficaram na casa de Baccaro uma semana. Até a gente conseguir dinheiro para o pessoal voltar

para Salvador, foi um caos. Porque, exatamente, a gente tinha uma ansiedade, vontade de profissionalizar aquilo, mas a gente não tinha recursos. Era a bilheteria que tinha que pagar essas coisas. Porque a gente não tinha dinheiro, a Djumbay. Mas, a gente começou a ver as pessoas chegarem. Aquilo que a gente tinha pensado que era para acontecer aconteceu. Era possível acontecer de novo. Aquilo que a gente projetava como se fosse uma coisa que as pessoas diziam: “Ah, aquilo é mais um lugar para o pessoal sair dançando”. Mas, aquilo não é um lugar que discute a questão racial, que, de novo, tinha que discutir daquela maneira, forte e pura, com gente falando no microfone meia hora sobre isso. Quando você podia estar discutindo, as pessoas chegando. Quando as pessoas chegassem, elas identificariam nesse espaço todas essas coisas. E isso era uma maneira de se discutir politicamente a questão racial. Mas, a gente não conseguiu, a gente não teve condições de segurar o Samba-Axé por muito tempo. Aí, começou a se avolumar dívida, não é? Quando você começa a juntar dívida, juntar dívida, e você não paga [risos]... Eu, pessoalmente, fui uma das pessoas que disse: “Vai andar mais não, vai parar por aqui”. Gilson é a pessoa que é insistente. Ele é aquela pessoa que se brincar, fica lá: “Mas vai dar, mas vai dar, mas vai dar”. Acredita profundamente. E eu acho que essa foi uma das coisas que nós discordamos. É uma das coisas que a gente discorda, da forma administrativa. Eu acho que a administração deve ser de outra forma. E Gilson não. Então, a gente tinha discussões enormes dentro da Djumbay. Mas, a gente viu que não dava mais. A gente não tinha condições financeiras. Aí, você não pagou o dinheiro da bilheteria, não pagou tudo. Aí, você deixa para o próximo. Aí, no próximo, você não consegue pagar tudo. Aí, você deixa para o próximo. [...] O afoxé Filhos de Gandhi teve um público grande, enorme. E nós levamos para aquele clube muita gente. Nós superlotávamos. E você tinha gente da cidade toda. Gente que nunca tinha participado de nenhuma festa que tratasse da questão racial. Tinha gente chegando lá. E

a gente fez um burburinho. Aí, às vezes, o burburinho começou, e o povo a dizer: “Está se enchendo de dinheiro [risos]. O povo está se enchendo de dinheiro e não quer pagar”. Mas, não era isso. Era que a gente... era dinheiro, mas não suficiente para pagar todas aquelas coisas. Exatamente, por ser profissional é mais caro.

Lepê Correia

Noite dos Tambores Silenciosos

[...] Mas, aí, participar das reuniões de movimento negro foi muito importante porque tinha umas pessoas que traziam discussões sérias, como Jorge Moraes, que foi muito importante no movimento negro em Pernambuco. Sylvio Ferreira, Laurinete, professor Hilton... Principalmente, Paulo Viana quando... Aquela história da Noite dos Tambores Silenciosos teve muita discussão porque pintava alguns atores do Teatro Equipe para fazer a Noite dos Tambores Silenciosos. Mas, foi muito importante. Naquele tempo, existia realmente a Noite dos Tambores Silenciosos. Não era coisa para inglês ver. Desculpe, eu sou meio radical com determinadas coisas. Os maracatus iam para lá. Era uma homenagem a todos aqueles que tombaram na luta contra a escravidão. Esses primeiros ancestrais bantos, esses caras do maracatu, do coco... Eu lembro que as primeiras filmagens, eu trabalhava na tv Universitária como estudante de Comunicação. No tempo, José Mário Austregésilo era o diretor da tv Universitária. Nós filmamos as primeiras Noites dos Tambores Silenciosos ainda naquele clima dos maracatus que iam para frente da Igreja do Terço. Meia-noite deixavam os estandartes lá na frente da Igreja. Todo mundo a pé. Eram os maracatus chegando e encostando. Quando dava meia-noite, o mais velho dava o apito, fazia trinar o apito. Meia-noite fazia aquele silêncio. Quando ele trinava o apito, todos os tambores tocavam de uma vez só (imita tambores).

Parecia que ia cair o Pátio do Terço. Aquilo era uma coisa bela. O teatro entrava, fazia aquelas coisas todas. Faz tempo isso. É saudosismo. Hoje, é espetáculo para inglês ver. Não gosto. Não vou lá, não me interessa.

As vaias ao Teatro Equipe, na Noite dos Tambores Silenciosos

[...] No ano de 1982, o jornal *Diário da Noite* dá a notícia de um grande conflito que ocorre na Noite dos Tambores Silenciosos. O *Diário da Noite* dá a notícia que militantes do Balé Primitivo vaiaram os atores do Teatro Equipe. [...] Daí vem o Balé Primitivo de Arte Negra, concomitante, ao Ilê de África, com o Zumbi Bahia, que chega por aqui com essa história do Balé Primitivo de Arte Negra. Juntou-se com Ubiracy para fazer e que, depois do racha, ficou Balé de Arte Negra e Balé de Cultura Negra. Balé de Arte Negra e Balé de Cultura Negra. Então, se vaiou porque, de repente, aparecem pessoas pintadas de negro... Mas vaiou... Era todo mundo do movimento negro. Não é só o pessoal do Balé Primitivo. Porque todo mundo ficou vaiando. Era a história dos brancos que estavam lá, daquele povo branco que estava pintado. Não se queria mais isso. [...] [No outro dia, no mesmo *Diário da Noite*, Zumbi vai aos jornais dizer que aquelas vaias foram de militantes do movimento negro e não dos integrantes do Balé Primitivo]. Não, eu não lembro a matéria escrita, mas que deu uns conflitos com Zumbi. Porque foi todo mundo que vaiou, não foi apenas o pessoal do Balé Primitivo... Foi o pessoal do movimento negro, mas o pessoal do Balé de Arte Negra também... Tinha um bocado de gente que era do movimento negro, que frequentava. Então, de repente, também tinha uma questão de que era uma briga de poder. O Balé Primitivo de Arte Negra queria tomar o espaço para si. Também dar essa notícia seria se isentar de determinadas... De ser mal visto pelo grande público, pelas forças das prefeituras etc. e tal. Essas coisas todas.

A fundação do Ilê de África, do Axé Nagô e do Alafin Oyó

[...] Eu disse para mim mesmo que eu não ia fazer música que não tivesse algo que tratasse disso e que não ensinasse, que não fosse referente. E, aí, como eu lhe disse, a gente fez o Ilê de África. Eu me lembro, sentamos todos para fazer o Ilê de África. E, depois, do Ilê de África, que desfilou pela primeira vez no Recife um cortejo negro de Carnaval, grande, só de negros. Bonito. Ah, o Carnaval do Recife. Depois, a gente fundou... Quando houve umas dissensões, Zumbi, tal. Que Zumbi era quem conduzia o Ilê de África, o Balé de Arte Negra na frente fazendo as medidas todas. Jorge Moraes, sempre Jorge Moraes... Nós fundamos o Axé Nagô, que era do povo de Xangô. Eu lembro que a primeira música que eu fiz para o afoxé foi para o Axé Nagô, que foi (cantando): “Natividade negra, fortaleza de Xangô. É festa quando chega, está chegando o Axé Nagô. Força Negra reunida, Obá, Zumbi quem mandou, é negritude, é a vida, negra vida, axé nagô. Axé, axé nagô. Axé, axé nagô”. Aí, Jorge Riba trouxe outra música, que era (cantando): “Axé, oyá. Axé. Axé babá, afoxé, axé nagô”. Então, a gente saía pela rua cantando essa história. Saía o Axé Nagô, que durou pouco tempo também. Que houve dessa história uma dissensão, porque Jorge Moraes, por ele e pelo grosso da tropa, só saíam negros nesse afoxé. Nessa história toda, tinha um babalorixá que queria colocar algumas pessoas brancas, inclusive alguns estrangeiros que queriam entrar por ali, tal. Não se aceitou, aí, houve um racha. [...] Raminho de Oxóssi. Houve um racha, e Raminho de Oxóssi cria o Povo de Odé. E Jorge Moraes, junto conosco, Marcos Pereira, a gente cria, na Ribeira, o Alafin Oyó, do Axé Nagô. Do Axé Nagô nasce o Alafin Oyó. A mãe de Zito é quem toma conta, ela é ialorixá. Não sei aonde anda Zito, mas a mãe de Zito é quem toma conta disso. Nasceu o Alafin Oyó na Ribeira. Inclusive, aquela música que eu fiz é “ouvi o agogô num repique”. Quer dizer, um agogô repicando. Não sei quem canta “ouvi o agogô

e o repique”. Quer dizer, não tem repique. Repique é negócio de escola de samba. Não tem repique no afoxé. Então, ele diz: “Ouvi o agogô num repique e o som do atabaque tocando ijexá”. Eu me animei e disse (cantando): “É agora, minha preta, está na hora, o Alafin já vem. É a cultura que vem descendo a ladeira, despertou lá na Ribeira pela força de Xangô. Oni é erê, ô omo, afojá, pelas benções de Oxalá, Alafin eu sou”. Quando eu fiz essa música, foi para ter essa referência de onde nasceu o Alafin Oyó. Antes disso, eu tinha feito um samba de roda que diz (cantando): “Efigênia, minha preta dengosa, deixa de prosa para cima de mim. Não vou para feira nem com você nem com ninguém. Você sabe que hoje tem ensaio no Alafin. O meu domingo não foi feito para trabalho. Deixo logo de atrapalho, deixo a feira para depois. Depois do ensaio, na casa de Saraí, tem moqueca de siri, tem almoço para nós dois, preta Efigênia”. Dava uma importância para os ensaios do Alafin, que eram no domingo, impreterivelmente, às 10 horas da manhã. Até o final da tarde, no Clube Atlântico Olindense.

Os concursos de música do afoxé Alafin Oyó e a questão das autorias

[...] As referências culturais que nós tínhamos era o quê? Orixá, afoxé da Bahia. Inclusive, muitas músicas cantadas no Ilê de África foram músicas que foram importadas. Músicas trazidas de lá para cá. Foi quando decidimos fazer também aqui. Por exemplo, quando eu comecei a fazer as músicas do Alafin Oyó. No *I Festival de Música do Alafin Oyó*, foi quando eu disse: “Eu vou fazer uma música para ganhar o Festival”. E fiz *Rainha Matamba*, que ganhou o 1º lugar do Festival. E, depois, todo mundo também foi fazendo. Teve música que nem teve nada a ver [risos] e que ganhou também. Que música era essa, não é? Por exemplo, *Bri Bri, ama Lucinha*. Quer dizer, coisas desse tipo assim, que eu [risos] gostaria que fossem músicas

mais contundentes. Eu não estou dizendo que não é. Foram quatro festivais de música do Alafin. [...] Eram anuais. Depois, parou. Depois, retomaram. Fazia de 2 em 2 anos e tal. Retomaram. O ano passado teve. Eu não sei a qualidade, porque deveria ter disco desses festivais. Mas, a gente continua com esse erro clamoroso que é não fazer registro. É clamoroso para nós do movimento negro em Pernambuco não fazer registro. Tem muitas coisas que ficam na cabeça e se perdem. Porque tem coisas, por exemplo, que minha memória... Se você não vai puxando por aí, eu me esqueci. Tem coisas que eu faço questão de ficar escrevendo. Boto logo um papel lá dentro, fico lá escrevendo para não perder. Porque a gente tem essa mania de não fazer esse registro das coisas da gente aqui. Não sei se as pessoas têm, mas eu tenho acho que uns dois livretinhos com músicas de festival. Fora os nossos companheiros que foram ser evangélicos, que tinham músicas belíssimas e que abandonaram, jogaram para lá. Nós tínhamos um compositor fantástico, chamado Rogério. Mas, que entrou para Casa da Benção e não quis mais saber disso. E as músicas de Rogério? [...] Um cara que fazia músicas bonitas danadas. E, aí, essas músicas se perderam. O marido de Claudete e Claudete, que fez músicas maravilhosas... Um dia desses, estava lá, botaram música de Claudete dizendo que era minha. E, aí, Pessoa ainda foi chato com Claudete. “Rapaz, essa música é minha e tal.” Aí, ela veio perguntar a mim se eu intercederia, o que é que eu dizia disso se tivesse que provar, se assinava alguma coisa. Eu disse: “Claudete, eu assino e ainda digo mais: desconheço a minha autoria dessa música”. Porque eu só quero o que é meu primeiro, mamãe me ensinou assim. Ela fala com Pessoa, e Pessoa: “Você vá se queixar onde quiser”, segundo eu ouvi. Poxa, isso não se faz. E músicas minhas, por exemplo, eu me ofereci um dia. Eu disse: “Olha, eu canto de graça, porque é o Alafin”. Um dia, eu cheguei no ônibus, o cara disse assim para mim: “Lepê, o Alafin vai gravar uma música, vai gravar um disco”. Eu digo: “É?”.

“É.” Eu disse: “Que música é?”. “É uma que diz assim: (canta sem letra) Afonjá, pela benção de Oxalá.” Eu digo: “Oxente, de quem é essa música?”. “Disseram que é de um cara aí que é crente. Ele não quer mais. Estão gravando aí.” Eu disse: “Quem é que está fazendo esse disco?”. “Não. É fulaninho, do Alafin, junto com a Secretaria de Justiça.” Eu digo: “Então, diga ao pessoal da Secretaria de Justiça, com os fulaninhos, que se gravarem essa música sem minha autorização, eu vou botar a Secretaria da Justiça na justiça”. Essa música é minha.

Sylvio Ferreira

Atuar nos maracatus, em vez de preteri-los em favor dos afoxés

[...] [No lugar de se aproximar, de fundar o afoxé, aproximar-se dos maracatus. Estava decididamente propondo uma atuação dentro dos maracatus] desde a época do CECERNE. Isso porque não fazia parte da nossa tradição. Se você tem uma cultura aqui, que é, nós achamos, é riquíssima, e se ela não tinha valor social nenhum, esses maracatus estavam definhando e continuariam a se extinguir; por que não voltar a atuação para os maracatus e ter que trazer algo que não necessariamente fazia parte aqui da cultura pernambucana, mas está mais ligada à cultura baiana, e apostar energias e forças em algo que teria que ser criado como novo na cultura pernambucana, quando a gente tinha uma coisa bastante próxima a nós e devia ser olhada e valorizada. Era isso. [...] Esse artigo, quando foi escrito eu já tinha me afastado, mas na época que eu estava lá essa discussão já estava posta, porque isso era... Foi criado esse tal desse CECERNE, mas a gente pensava em teatro, pensava em danças, como capoeira ou danças de outra ordem. Então, tinha atividades culturais várias. E o que é que se pôs na época? De a gente retomar o maracatu; todo mundo queria, mas quando chega na hora do

“pega para capar”, aí, começaram a trazer essa questão do afoxé. O que eu digo nesse artigo, e não mudo o que eu penso sobre o assunto, é o seguinte: como eram profissionais liberais, sair na rua, no maracatu era um objeto que não dava valor nem *status* social para as pessoas. Embora elas estivessem muito interessadas na cultura negra, o viés de classe de cada uma delas, como classe média, tornava essa associação de vida pública e o cortejo no meio da rua, elas iriam carregar um valor social que elas não queriam, elas tinham e queriam o valor social que tinham, não queriam o valor social do maracatu. Elas vão para o afoxé porque é uma coisa mais assim: ninguém nunca viu um afoxé aqui, embora haja menção do afoxé no livro de Guerra-Peixe, mas enfim, ninguém nunca tinha visto um afoxé aqui, então, se traz um afoxé para cá, coisa que nunca viu, aí, isso pode ser agregado ao *status* social de classe média de cada um. O maracatu não dava esse valor. Você está entendendo o que eu estou dizendo? Então, o que eles mais queriam era valorização da cultura negra, mas na hora “H” de se definir por ela, em termos de maracatu, eles encontraram um ponto de fuga para ir ao afoxé, porque se esse cortejo fosse para rua com negros de classe média, o valor social deles ia se reduzir, poderia ser objeto de vergonha. [...] Quando eles dizem deliberar para atuar no interior dos maracatus, a nossa experiência do CECERNE estava nos maracatus, estava nos xangôs, onde houvesse essas coisas assim, a gente estava indo lá. Não houve uma deliberação disso, mas isso foi posto e se tornou uma prática tão comum entre nós, que se houvesse um toque no terreiro X, Y ou Z, a gente estava lá no toque. Então, a gente estava lá não era só para estar lá, era para interagir com as pessoas e propor alguma coisa. [...] Isso era feito, mas não era a população negra pela população negra, era pela cultura como forma de resistência, e, se uma cultura vem atravessando séculos, tem tudo para ser extinta e ainda resiste, dá vida e os caras estão botando o cortejo na rua, isso tem uma força inesgotável, senão eles teriam sumido do mapa,

teriam sido varridos. Esse artigo que eu escrevi sobre o maracatu e o afoxé, o que ele diz em realidade é o seguinte: que os negros daqui, que tanto apreciavam, valorizavam, exaltavam a cultura negra, na hora de se aproximar dela efetivamente naquele momento para assumir um compromisso com o maracatu, encarnando-o e desfilando no meio da rua, eles pulam fora e vão pelo caminho do afoxé. Aí, você diz: é algo contra o afoxé? Em princípio, nada. O que é que eu tinha contra o afoxé? Mas, era questão de: se você investe sua energia aqui, você vai gastar dinheiro para colocar no meio da rua um afoxé? Eu disse: “Gasta esse dinheiro, e vamos colocar na rua o maracatu!”

Thelma Chase

Balé de Arte Negra

[...] Essa é a história do Balé Arte Negra. Então, o Balé Arte Negra rodava nas comunidades com essas ações. Um ano, nós fizemos um projeto, o Balé Arte Negra fez um projeto para LBA. E foi aprovado esse projeto, e a gente fez ele para o Norte e Nordeste. Então, nós... Não tinha só grupos lá do Recife, tinha, aqui, o Olodum, projeto *Rufar dos Tambores* que, hoje, é a Escola Criativa Olodum, quando o Neguinho do Samba ainda era o mestre, que eu conhecia por conta da militância, e ele participou desse projeto. Nós encaxamos, para ter um suporte financeiro, o pessoal do Maranhão, o pessoal do Pará, do CEDENPA, e nós escolhemos alguns grupos do Recife inclusive maracatus, porque, como eu era produtora, eu visitava muitos maracatus e percebia as dificuldades que eles tinham. Nessas visitas, fiz a pesquisa e encaixei. O projeto foi aprovado, fui lá com seu Luiz de França e disse a ele: “Seu Luiz, aquela conversa que eu tive com o senhor, que estávamos apresentando um projeto. Esse projeto foi aprovado”.

Afoxés e movimento negro pernambucano

[...] Ah, teve. Afoxé Ilê de África. E eu tive uma participação ali. Participei porque era via Movimento Negro Unificado. A relação do movimento negro, das pessoas do movimento negro, eu tenho quase certeza que era mais com afoxés do que com maracatus. Salvador, Recife sempre teve uma relação muito forte com a Bahia. Aí, com certeza, essa referência de afoxés daqui interferiu ou ajudou, contribuiu para o Afoxé Ilê de África ter sido o Afoxé Ilê de África. Inclusive com a participação do Zumbi, eu ainda não tinha nenhuma ligação com ele. Zumbi era casado com a Socorro, uma menina, uma branca, Socorro lá de Olinda, professora até e era do Balé Primitivo. Estava num conflito lá, mas ainda era do Balé do Primitivo e tinha um conhecimento muito grande. Tanto é que a mãe dele foi para o afoxé, ela foi na saída do afoxé. A mãe dele era Ialorixá, Iáíá. E eu tive outra história, agora que eu estou lembrada. Nós criamos um bloco de Carnaval, Quilombo Axé, e esse bloco saiu no Carnaval. Era o CENPE, não foi o Balé, foi o CENPE. Quilombo Axé. Só que era uma coisa muito trabalhosa, muito, muito, muito. Ave Maria, Deus me guarde. Não, não era o CENPE, era o Balé Arte Negra, porque eu fazia festas. Eu fazia festa na sede de um dos sindicatos, eu acho que era dos bancários, não sei onde era... Com Marcos Pereira, presidente. Ave Maria. Deus me livre. Eu fazia festa o ano todo para poder arrecadar grana para ajudar na história, mas foi uma mão de obra que, no outro ano, ele disse: “Estou fora, não tenho a menor condição”. Então, com relação aos afoxés, eu tenho quase certeza... Tanto é que, na época, o Raminho era muito consultado. O Raminho, o pai de santo, Raminho de Oxóssi, foi muito consultado porque, na época, o Ilê de Egbá ainda não estava... O Dito, se o Dito estava inserido, não estava como Ilê de Egbá, estava como Dito. Eu acho que o Dito nem estava. E eu não saí. Óbvio que eu não sairia. O afoxé tem toda uma religiosidade. Foi levado. É, mas foi levado. Na época, foi

levado dessa forma, saiu. Aqui, o Gandhi faz todos os rituais ou os outros afoxés daqui também que eu vejo.

Walter Araújo

Zumbi Bahia e a formação dos afoxés.

Zumbi Bahia é uma pessoa que eu acho que ele foi o primeiro a trazer, assim... a deflagrar a cultura negra no nosso Estado. Começou o primeiro bloco afro que foi o Axé Nagô, que foi feito pelo Ilê de África. Aliás, o primeiro bloco foi o Ilê de África, feito pelo Balé. A primeira casa a ter o bloco afro foi a roça de Tata Raminho de Oxóssi. Cada ala representava um bloco e, daí, se fazia um bloco maior: a ala africana, a ala das nações e as alas realmente dos orixás; e fazia o bloco. Depois, então, houve uma discussão que eu acho que não foi discussão, só foi uma vantagem, decidiu-se formar o Axé Nagô. Na época, era Wanda Chase, que era do movimento negro, e formou-se o Axé Nagô. Esse Axé Nagô foi feito e também registrado, quer dizer, sedimentado na casa de Raminho de Oxóssi e, daí do Axé Nagô, surgiu depois o... meu Deus, surgiu um outro trabalho com Jorge, que era um médico que fazia parte do movimento negro. Ele fazia acupuntura. E teve um outro bloco que foi feito no... nesse tempo, era Forró Cheiro do Povo em Olinda, onde, hoje, é junto do cinema, ali no Carmo. E, daí, formou-se o grupo. Esse grupo que eu disse que o Espinheiro também trabalhou, o Pessoa, um afoxé que eu não recordo o nome agora. O Alafin Oyó. Surgiu daí o Alafin, disso daí. Mas antes desse período do Alafin, surgiu o de Raminho que foi o primeiro afoxé, o de Raminho. Eu acho que é Povo de Odé. Aí, depois, passou a ser Ara Odé, mas começou com Povo de Odé. Depois, foi quando surgiu o Alafin, que Jorge levou algumas coisas do Ará Odé para o Centro de Arte. Inclusive, fomos até contrário, porque ele sedimentou no portão do Centro de Arte aquilo que seria da

religiosidade. Então, fomos contra porque a casa onde tinha religiosidade era casa de Raminho que a gente conhecia. E, daí, o Ará Odé continuou, depois do Ará Odé, Dito também estava com Raminho, e lá vai aquele negócio. Surgiu o Ilê de Egbá, lá no Alto José do Pinho, através de Dito. Hoje, continua também o Ilê de Egbá. O Ará Odé também continua, e é assim que a gente vê a história do afoxé, eu acho.

O Zumbi Bahia parece que foi uma pessoa importantíssima, para o movimento da cultura, assim na linha também da religiosidade. Tanto ele fazia... ele não botava a luta da capoeira, ele fazia a dança da capoeira, porque, daí, ele trazia para os espetáculos. E foi um precursor desses espetáculos afros, em que ele via muito a figura masculina para o embelezamento e desmistificação

Grupo Cênico Liberdade

O Grupo Cênico foi formado a partir de uma necessidade. Eu fui chamado para dar umas aulas para o pessoal que eram recreadores num galpão no Embrião. Daí, depois dessa formação, dessas aulas, sentiu-se a necessidade de continuar o grupamento e, daí, surgiu o Grupo Cênico que não surgiu com a característica de grupo negro... Não, surgiu já com a característica de grupo negro, quer dizer, eu já estava trabalhando com Zumbi, e surgiu a necessidade de montar, porque também as pessoas negras eram marginalizadas na comunidade. E nós montamos o Grupo Cênico Liberdade. Depois, formamos a sigla Grupo Cênico Liberdade Comunidade Negra da Vila do Embrião, porque nós queríamos mostrar que na Vila do Embrião tinha valores. Aí, colocamos sempre Vila do Embrião, porque o pessoal não gostava de chamar Vila do Embrião, porque foram casas dadas àquelas pessoas menos favorecidas da Ilha de João de Barros. É isso. Aí, surgiu o Grupo Cênico. Nós discutíamos a problemática da comunidade. Em cima disso aí, nós montamos os trabalhos.

Pessoas da comunidade participavam do grupo de dois até quarenta, cinquenta, sessenta, no grupo, não é? E, daí, a gente começou a montar trabalhos, o grupo começou a crescer e foi bom.

Wanda Chase

Abibimã

[...] Abibimã era um grupo de teatro. A gente lia muito sobre Solano e a experiência do Abdias no Teatro Experimental do Negro, com a Ruth de Souza e com outros negros. E trabalho com motorista, com empregada doméstica, com vários trabalhadores. A gente achou interessante. E a gente buscava, porque, naquela época, se discutia muito assim: “Vai falar sobre questão racial? As pessoas estão com fome, estão na favela, e tem um monte de gente branca também na favela, na mesma situação”. E, aí, o Luís Augusto, já era escritor. Escrevia algumas coisas. Aí, a gente criou a Abibimã. As pessoas foram chegando, e nós ensaiávamos... Acho que a gente chegou a ensaiar lá na Casa da Cultura. Não sei como a gente pegou uma sala na Casa da Cultura. Nós chegamos a apresentar esse trabalho lá no CECOSNE, eu acho que no Marista também. O Abibimã não tinha ligações com o MNU. O Abibimã foi anterior ao MNU. E acabou morrendo, porque Luis Augusto foi embora para o Rio Grande. Eu não tive pulso para continuar. E foi embora de repente... Eu lembro uma pessoa, que era uma empregada doméstica, Maria, que morava lá em Casa Amarela. Trabalhávamos com pessoas comuns. [...] E tinha uma Maria, talvez ela ainda exista lá. Uma Maria, uma senhora que era compositora, uma senhora já de idade. Ela foi do CECERNE e ela também foi da Abibimã.

[...] Eram mais coisas assim, voltadas para o cotidiano. A gente fazia pequenas esquetes aqui: mostrava a pessoa chegando ao trabalho, você não pode, não tem mais vaga... A pessoa telefonava,

tudo bem, se inscrevia, mandava ficha, quando chegava lá... Aquela cena que a gente já conhecia e que, nessa época, era muito forte. Nos classificados ainda saía: “boa aparência”. Então, eram temas, assim, do cotidiano que a gente trabalhava. Juntava as experiências das pessoas. Era uma coisa muito intuitiva. Depois, inclusive, todo mundo tem, ao mesmo tempo, várias ideias. Foi assim que o Bando do Teatro Olodum começou. Nem conheciam a gente. Marco Meireles começou com o Bando aqui no Pelourinho. As pessoas traziam suas experiências, foi montando o texto. Era assim que a gente trabalhava. E intercalava com poemas de Solano, com músicas do Solano Trindade, com poemas do Solano Trindade, com músicas do Ilê Aiyê, de movimento e tal, muitas falavam sobre a questão racial. Nem eu tinha nenhuma afinidade com o teatro, nem ele. Mas foi uma forma que a gente achou de levar em algumas escolas.

Zumbi Bahia

O surgimento, a montagem do Balé Primitivo

[...] Bom, porque foram dois grupos na verdade, que eu tive participação na criação: um foi o Balé Primitivo de Arte Negra e o outro foi o Balé Arte Negra de Pernambuco. Esse primeiro eu tive assim, com muita honra de trabalhar... Sempre foi naquela região da zona norte, naquela região onde a minha escola estava presente e apoiava, porque às vezes deixava, nos dias de domingo, fazer o treinamento. Então, eu tive o professor Edilson, que hoje é pró-reitor de extensão dessa universidade (UFPE); na época, eu dava aula também no Sesi de Casa Amarela e nos dias de sábado e domingo – eu dava aula de capoeira normalmente durante a semana –, e nos sábados e domingos a gente solicitou o espaço para ensaiar o balé. Então tinha Bereguedê, Paulinho, Tonho Pipoca, que hoje é mestre, Moacir Pedro, que hoje é mestre Moacir Pedro. Tivemos também algumas

intervenções com o mestre, hoje atual mestre Meia-Noite do Daruê Malungo. [...] Meia-Noite foi um dos que estavam nas primeiras oficinas que eu estava aplicando, lá em Casa Forte. Tanto ele como Branca Luana, como Marcos Silê. Então, eles começaram... Eu comecei a fazer uma transferência que em momentos, era do passo do frevo para a capoeira e em outros momentos era da capoeira para o passo do frevo. Então, eu comecei a fazer isso, e, como eu contava assim, com as habilidades já adquiridas do passo de frevo do Meia-Noite, do Branca Luana também, que logo em seguida foram convidados para participar do Balé Popular do Recife, Madureira, então eu comecei a trabalhar. Naquele momento em que eu trabalhava com Antônio Carlos Nóbrega, fazendo o trabalho do Mateus, com as pantomimas do Mateus, com as técnicas da capoeira, então, foi dando esse embasamento. E aí, quando eu parti para formar esse grupo do Balé Primitivo, ele percorreu um caminho. E aí, teve gente, às vezes, que conheceu o Balé Primitivo e o Balé de Arte Negra lá em São Luís do Maranhão, e aí diz assim: “Zumbi, vamos montar um balé primitivo?” Mas, por que um balé primitivo? Porque, na época, estava havendo uma Mercedes Batista, é o nome da professora que levou o estilo de dança afro, via a dança dos orixás. Então, diz assim: “Por que você não monta um balé?” Eles assistiram, tiveram a oportunidade de assistir quando nós viajamos para Belém do Pará num congresso, num encontro de negros do Norte e Nordeste, e eu digo para eles: “Olha, o Balé Primitivo, tanto quanto o Balé de Arte Negra, foi um balé que teve uma iniciação, teve um projeto de formação, embora não estava escrito”. Mas, quem deu todas as possibilidades foi a capoeira. A capoeira foi o carro-chefe, a partir dela começamos a quebrar preconceitos. A partir da capoeira, a gente começa a envolver e perceber que as possibilidades corporais poderiam ser ampliadas se caso fizessemos outros estilos de movimentos de ascendência africana. No caso, no balé, também estive na criação Ubiracy Ferreira, ele esteve também envolvido porque também aplicava

aula no SESI do Vasco da Gama. [...] O trabalho de Ubiracy dentro do Balé Primitivo era o complemento que eu precisava para trabalhar os corpos e a questão também dos figurinos. Como ele era bom figurinista, tinha a percepção, então, usando outras técnicas de teatro, tudo isso, foi moldando os meninos que já vinham com capoeira e maculelê, e foi dando outras técnicas para eles. Esse foi o primeiro momento. [...] No momento, o Balé Primitivo tinha apenas uma garota. Era Fátima... A maioria eram homens, masculinos, e tinha uma garota. No Balé Arte Negra só tinham homens dançando. E, a recepção foi assim, um tanto quanto de rejeição. Agora, a gente aproveitou para iniciar num dos festivais de dança que tinha aqui. Não sei se ainda tem, é o Ciclo de Dança do Recife. E nós fizemos a inscrição, a princípio, um quadro, e mais adiante tinha Paulo Baixinho, que era um desses produtores culturais daqui do Recife, e ele comprou a ideia e montamos o espetáculo no Teatro Santa Isabel. Eu acho que não deu nem para tirar a produção. Depois, criamos outra estratégia. Vender o espetáculo, apresentar no Teatro do Parque e fornecer as cortesias a escolas, onde havia grupos formados nas escolas e que não precisavam pagar porque o espetáculo já estava pago. E dessa forma, a gente começou a formar plateias. E vendíamos o espetáculo para a Prefeitura, para FUNDARPE, e aí nós já trazíamos as pessoas. Como eu trabalhava no SESI, conseguia até o ônibus desta instituição para trazer o pessoal de Casa Amarela para assistir. Então, foi assim que conseguimos a ter uma repercussão. Quando abriu um edital na Funarte, a gente inscreveu. Eu lembro que fui a Caruaru falar com Luísa Maciel no centro de artesanato, e fiquei sabendo que ela era a representante das manifestações culturais do Norte e Nordeste para um festival no Paraguai. Falamos com ela, e ela disse: “Olha, o festival lhe dá hospedagem e alimentação quando o grupo chegar a Assunção. A passagem, vocês têm que correr atrás”. E a gente fez isso. Saímos daqui, num ônibus, e, os quatro dias de viagem, fazendo comida no meio do caminho, porque nós

não conseguimos dinheiro para a alimentação durante a viagem. E a gente chegou até lá. Apresentamos esse trabalho do Balé Primitivo e, no último dia, nós ficamos sabendo que o balé tinha sido contemplado com um troféu de menção honrosa e que convidariam o grupo para, no próximo ano, estar presente. Nós voltamos, passamos a divulgar isso, e, já no outro ano já foi mais fácil, mas no primeiro foi muito difícil. A gente fazendo pedágio para conseguir algum dinheiro para o custeio da viagem e com muita dificuldade. E, aí, é aquele gosto de missão cumprida, que tudo se encerra no momento em que você é reconhecido. E, nesse momento do troféu *Recuerdos de Ipacaráí*, foi realmente uma lavagem por tudo o que a gente tinha passado. Foi muito bacana. E no outro ano a gente retorna, dessa vez com um pouco mais de dignidade. [...] Fomos ao Rio de Janeiro. Num dos editais da Funarte, nós participamos e aí mandamos fotografias e tudo o mais, o dossiê do trabalho e, até então, a única referência de dança afro no Brasil era só lá de Salvador. Eles não acreditaram que aqui, no Recife, tinha um grupo de dança afro. Quando muito, eles respeitavam a professora Marlene Silva, lá de Belo Horizonte, que tinha uma academia com cursos de dança afro-brasileira. E, a professora Mercedes Batista, consagrada como a rainha da dança afro-brasileira no Rio de Janeiro. Então, depois de um ano a gente mandando material, eles vieram num ciclo de dança que eles patrocinaram aqui. Fred Salim parece que era quem organizava esses encontros, e eles vieram assistir, e aí assistiu a gente aqui. E, a partir daí, eles se apaixonaram com o trabalho. E aí começaram a promover apresentações em teatros, como o Glauce Rocha, o Teatro do Liceu no Rio de Janeiro, e outros em São Paulo também.

O Balé de Arte Negra

[...] Então, com a Dança Negra na Praça nós fomos para as praças. Nessas andanças nós conhecemos Antônio Pompeu, um ator de

grandes filmes, inclusive um intitulado *Quilombo*, de Cacá Diegues... [...] Ele fez um convite para participar de um espetáculo, de um festival chamado *Quizomba*, lá no Rio de Janeiro, no Circo Voador. Aí, a gente ficou animado, todo grupo, quando a gente falou para o grupo, ficaram animados de ir para o Rio de Janeiro. Esse grupo nunca tinha ido ao Rio de Janeiro. O Balé Primitivo já tinha ido ao Rio, São Paulo, mas o Balé de Arte Negra não tinha. A gente ficou animado e tal... Faltando assim, uns 10 dias para a gente viajar, telefonamos pedindo: “Olha, já colocaram, já está tudo certo as passagens, hospedagem e tal”. “Olha, nós temos uma coisa que não é muito boa para falar com vocês. Não é, não é uma pessoa só, são várias pessoas que compõem a comissão organizadora, e a comissão resolveu não trazer vocês para esse festival.” Aquilo ali foi uma água fria: “Mas, por que e tal, não estava tudo certo e tal”. E, depois de muito insistir, me disseram que o pessoal optou por um grupo da Bahia. Tá, nesse momento, Recife não tinha tradição de grupo afro, naquela área de Rio, São Paulo. E aí o que acontece, a gente fez um desafio para eles. Vamos fazer o seguinte: “A gente consegue aqui as passagens de ida e volta do grupo. Vocês nos garantem alimentação e a hospedagem. E antes, tinha um cachê. A gente dispensa o cachê se vocês não gostarem. Agora, se vocês gostarem, vocês pagam o cachê”. E eles toparam isso. Eles toparam até porque eles já sabiam, no imaginário deles, como é que Recife não tinha essa tradição de dança afro, a tradição de dança afro-brasileira era Rio de Janeiro e Bahia, principalmente a Bahia. Então, eles não acreditaram e nós fomos. Acho até que eles disseram: “Vamos botar eles logo no primeiro dia, porque aí a gente despacha eles e vão logo embora e não espera nem terminar o evento...” E aí, até hoje a gente tem essa consciência de que se a gente se apresentasse imediato no primeiro dia, era menos custo de alimentação e hospedagem porque a gente vinha logo embora. E aí eu cheguei para turma e disse assim: “A gente precisa marcar o palco”. “Ah, tudo bem, 3 horas da tarde a gente libera aqui

para vocês marcarem o palco.” Cheguei, chamei o pessoal e disse: “Olha, pessoal, é o seguinte, a gente vai fingir que está marcando o palco. A gente vai apenas marcar pontos estratégicos de entrada e saída, e a gente não vai nem... a gente vai apenas andar no palco”. Botei o pessoal só andando. Eles ficaram sem entender, só tem isso? Aí à noite, anunciaram a gente. O que acontece? Quando a gente parou, terminou o espetáculo, o Circo Voador tem assim, um primeiro andar, um primeiro andar, tem a parte debaixo, a gente apresentou na parte de baixo e tem o primeiro andar. As pessoas começaram a pular, não é nem buscar escadaria. Pulavam para vir abraçar a gente no palco. Chorando. Aí, quando eles perceberam isso... Aí o Balé de Arte Negra vai fechar o festival na terça-feira. Então foi... [...] Sucesso. A relação já mudou. Porque quando a gente chegou, olhavam a gente assim, por cima do ombro, aí já foi convidando a gente para ir tomar banho de piscina, tá entendendo? Comer churrasco lá pela Barra da Tijuca. Por aí vai. Então, a gente começou a criar um respeito com o trabalho. A gente começou a desenvolver um trabalho que nem Salvador tinha conseguido, porque houve um trabalho lá, Odundê, um trabalho em Salvador na Bahia que era formado por ONGs, mas não tinha essa essência da capoeira. Tinham de dança contemporânea e tudo, mas eles não tinham a essência da capoeira. Então, tornou-se algo diferenciado, porque a capoeira deu esse tom diferente, da maneira de dançar. E aí a gente começou a trabalhar com Ogum, o deus da guerra, o deus da agricultura, e outra: sem o Ogum paramentado, conforme era natural nas danças afro. Então, o Ogum enquanto guerreiro, o Ogum enquanto a sua essência, a sua existência, os seus domínios. Então, o trabalho foi por aí.

Fundação do Ilê de África, o primeiro afoxé do Recife

[...] Eu participei e intensamente, por quê? Porque na época, eu aplicava uma oficina de dança afro lá no SESC Santo Amaro. Era dia

de domingo, pela manhã, por isso mesmo eu só ia almoçar às 3 horas da tarde. Então, na época, eu conheci um dos membros antigos do Teatro Experimental do Negro, que tinha o comando de Solano Trindade, João Batista Ferreira. Ele começou a trabalhar a questão.... Nós começamos a utilizar as poesias de Solano Trindade para aquele trabalho de estimular a leitura e a discussão referente ao negro. Então, João Batista Ferreira também atuava como ator nesse momento, declamando as poesias de Solano Trindade. Aí, num momento em que eu aplicava a aula, quando encerravam as aulas daquele curso, eu emendava com o treinamento do balé, na época, o Balé Primitivo. Aí, um dia, João Batista diz assim: “Zumbi” – ele ficou olhando as pessoas dançando –, “Zumbi, se a gente montasse um afoxé?” Eu disse: “Rapaz, num é mesmo que você tá falando? Porque nós já temos o principal que são os dançarinos que estão aí, só é a gente organizar”. Aí, ele: “E agora, como é que vai ficar? Cadê os atabaques para o afoxé?” Eu disse: “Vamos procurar um terreiro de candomblé e fazer a associação, faz uma parceria que eles cedem o atabaque”. E aí me indicaram Tata Raminho de Oxóssi onde eu fui e conversei com ele e disse: “Nós queremos montar um afoxé, só não temos os atabaques, os instrumentos, agogô, não temos nada”. Ele: “Rapaz, isso aí, aqui tem”. Então, como não dava tempo de fazer os ensaios todas as vezes lá no ginásio do SESC, nós passamos a fazer ensaio lá no terreiro de Tata Raminho, porque os instrumentos já estavam lá. No momento só tinha um atabaque. O afoxé foi denominado de Ilê de África, e nós o inauguramos em Olinda. Não sei dizer a data exatamente, mas com certeza os jornais ainda registram o lançamento desse afoxé. Aí, de repente, passamos também a fazer alguns ensaios no Clube Atlântico, não é? E que depois, também só saiu um ano. Depois, já foi Alafin Oyó, aí já veio o Tata Raminho, já veio o Dito de Oxóssi, com o Ilê de Egbá. E aí, o Tata Raminho já montou outro e depois veio o Oxum Pandá e tantos outros. Havia os que diziam que afoxé não é coisa de Pernambuco. [...] Sempre tinha

alguém que dizia isso. A dimensão da cultura, para os africanos, não tem fim. Não tem um elemento limite. Mestre Pastinha já dizia: “Capoeira não tem início nem tem fim, é inconcebível ao mais sábio dos mestres”. E, com base nessa filosofia, eu comecei essa propagação da capoeira, e tudo que veio através da capoeira tinha essa filosofia. Então, por exemplo, o afoxé não tinha limite. Tanto é que foi chamado de Casa de África. Ora, a África é um continente, 53 países, 2.019 línguas faladas, 32 milhões de quilômetros quadrados de extensão superficial, e aí? Cada um com uma cultura e idioma diferente. Foi isso que eu pensei em montar. Por isso se chamou Ilê de África, Casa de África. Então, cada um podia não ter uma roupa específica, padronizada. Não. Se cada um representa sua cultura, sinta o que você gostaria de usar, você sendo um africano. Então botava a roupa e ia. Talvez, um dos mais democráticos afoxés que Recife já teve foi esse Ilê de África, porque se você chegasse com um instrumento, você tocava. Não era preciso ter um instrumento específico do bloco. Ah, eu estou aqui com esse agogô. Ah, eu estou aqui com esse tamborim. Vamos! Está entendendo? Então, talvez foi o único, porque, depois daí, já veio roupas padronizadas, todo mundo tem que se vestir com o mesmo uniforme e tal. Então, quer dizer, no afoxé Ilê de África, o mais democrático desse Recife, cada um ia ao seu modo. Teve gente que foi de lençol, lembrando Gandhi, aí botou sua roupa lá, botou seu lençol, fazendo suas amarrações, lembrando os Filhos de Gandhi lá de Salvador, outro lembrava a figura do Gandhi. E assim foi. [...] Só saiu um Carnaval. E em um ano só. Por quê? Eu utilizei aquele afoxé como conclusão do curso de dança afro que estava acontecendo. Muito embora, hoje, a internet lança histórico desse afoxé de maneira distorcida, sem informação precisa de como aconteceu. Inclusive, muitos até negam meu nome nesse processo. Mas, a enciclopédia universal, temos de saber, ter as fontes, e por isso mesmo eu agradeço bastante à Universidade Federal de Pernambuco por ter oportunizado minha presença e voz

para poder falar esta versão, porque, na lei, as leis dizem que todo o culpado ou todo o condenado tem direito a defesa. [...] Todo o réu tem direito a defesa. E depois assim, já em São Luís eu olhando essas coisas, de invenções, de histórias, aí, rapaz, eu tenho que em muitas das vezes até ocultar os direitos autorais. Tem uma música... Porque depois do afoxé Ilê de África, já por volta de 1985, 1986, veio o Quilombo Axé, que foi um bloco também criado por nós. Com um pessoal do Balé Arte Negra, então nós fundamos o Quilombo Axé. (Cantando): “Chegando, tocando o atabaque no asfalto, lá vem. É o Ilê de África, tem, tem, tem, tem negro dançando, muita preta também. Vem aí, cante comigo, mas só cante em nagô. Não tenha preconceito, dê valor a essa cor, e derê e derê ô. Dê valor a essa cor, derê, derê ô, dê valor a essa cor”. Essa foi uma das que a gente compôs, do Ilê de África.

[...] Aí, a gente estabeleceu um dia para ensaiar além do domingo, ensaiar um dia lá no terreiro. Aí, Raminho comprou a ideia também e, aí, a gente começou a fazer o ensaio. Aí, foi juntando... “Qual o nome que nós vamos dar a esse afoxé?” Aí, eu pensei e disse: “Ilê de África”. Por que Ilê de África? Porque a casa de África não é de uma tribo só, não é de um grupo étnico só, a casa de África é de várias etnias, é de vários grupos e várias Áfricas, essa que é a verdade. Então, a ideia era um grupo, uma manifestação que agregasse várias Áfricas. E a roupa? Qual é o modelo? Não, vai de acordo com a sua etnia, com a sua identidade na verdade. Não seria etnia, mas a sua identidade. Então, aí, as pessoas começaram a pesquisar e cada um veio com uma roupa que seria mais conveniente. Quem achou que tinha que vir com um lençol amarrado veio, quem achou que deveria fazer outra específica também veio. Não, nesse momento, a gente não determinou: “A roupa, vai ser todo mundo igual aqui”. Deste processo fizeram parte Jorge Ribas, muitas pessoas do Movimento Negro Unificado, que estava na efervescência, Thelma Chase, Wanda Chase, Inaldete Pinheiro. [...] Foi nesse processo que

eu conheci as irmãs Chase. [...] Foi a partir do momento que a gente começou com essa ideia de fazer afoxé e, aí, tinha os ensaios e tudo, aproveitava o domingo lá de manhã e fazia o ensaio do afoxé. Aí, quando o pessoal do MNU se aproximou, veio também Wanda, Thelma, e eu passo a ter uma relação com a Thelma. No final, passamos a morar juntos e tudo. E vieram outras pessoas, quer dizer, de repente, era uma manifestação inusitada, porque, até então, o maracatu era o rei nessa história do Carnaval. Então, algo de novo estava surgindo. Aí, o pessoal de Olinda veio também, e aí, um foi falando para outro e foi juntando. Aí, não podia ter um nome mais bem sugestivo do que esse Ilê de África, casa de África. Ilê, casa, casa de África. Seria o ideal como nomenclatura e também para essa agregação. Aí, vem Dito de Oxóssi através de Raminho, porque era filho de santo de Raminho. Então, através de Raminho, os filhos de santo de Raminho vêm porque Raminho também veio, não é? E, aí, foi todo mundo, as manifestações, as pessoas que faziam parte de manifestações afro-brasileiras sentiram também estimuladas a participar. Aí: “Vem gingando, tocando atabaque no asfalto. É o Ilê de África, tem, tem, tem. Tem negro dançando, muita preta também. Venha e cante comigo, mas só cante em nagô, não tenha preconceito. Dê valor a essa cor. Derê, derê, dereô. Dê valor a essa cor”. Fui eu quem compôs esta música e ensaiei os músicos, pois o pessoal lá não conhecia o ijexá. [...] Não tinha essa habilidade. Aí, eu pensei, quer dizer, poucos também que do terreiro do Tata Raminho que já tocava ijexá para Oxum e para outros orixás, aí, também ajuda nesse processo. Aí, tem aquelas figuras tradicionais de Olinda que também passaram lá e fizeram parte, e esse foi assim o caminho para que os outros afoxés fossem criados... logo após o Ilê de África veio o Alafin Oyó, e deste vieram outras dissidências, Oxum Pandá e outros. Tem o que Fábio Gomes comanda. [...] Aí eu, juntando esse povo todo aí, eu disse assim (cantando): “Irmão, irmão assumo sua raça, assumo sua cor. Esta beleza negra Olorum quem criou. Vem

para o quilombo axé cantar em nagô. Todos unidos num só pensamento, defendendo as origens nesse Carnaval, nesse palco colossal para denunciar o racismo e contra o *apartheid* brasileiro, 13 de maio não é dia de negro, 13 de maio não é dia de negro, 13 de maio não é dia de negro, 13 de maio não é dia de negro”. E, aí, a gente começou a cantar numa passeata que veio fazendo lá do Derby em direção à Praça da Independência ou a Praça do Carmo. Porque a história diz que Zumbi dos Palmares, a cabeça dele foi exposta lá. E essa música, já ouvi pessoas dizerem que é de domínio público. E eu pensava que alguma obra de domínio público seria a partir do momento que não houvesse ou, pelo menos, desconhecesse a autoria, ou porque foi criado numa época tão distante que é difícil identificar quem criou. [...] Como também esse afoxé já teve autoria de muita gente, o Tata Raminho diz que é dele. Inclusive tem artigos, matérias na internet dizendo que o criador do Afoxé Ilê de África foi Tata Raminho.

Racismos e experiências vividas

Amauri Cunha

[...] Voltando ao *dreadlocks*, foram 20 anos carregando um fardo de discriminação muito pesado ao ponto de sentar no ônibus e alguém não se sentar ao seu lado, de... Teve momento mesmo que eu perdi oportunidades profissionais por conta da aparência, mas como também eu era muito perseverante no que eu queria ser, eu não abria mão também. Eu dizia assim: “Vou ser é assim, quem quiser que me aceite.” Mas, isso de certa maneira também me proporcionou chegar aonde cheguei do ponto de vista de acumular conhecimento, de ter meu estilo profissional, a forma de fazer as coisas me levou um pouco a isso. Não me arrependo não.

Brivaldo

[...] Cheguei como convidado, fui recebido pelos meus irmãos com um carinho tremendo, me torno sócio logo na outra semana, que tinha reunião de diretoria e associados na quarta-feira, eu chego no

domingo e na quarta-feira já sou convidado pela direção do afoxé Alafin Oyó para ser sócio, para ser parte do quadro de associados da entidade. E que nos ensaios que a gente fazia no Atlântico, que a gente sai da Ribeira e vai para um espaço fechado, que é o Clube Atlântico, que é o antigo forró Cheiro do Povo, em Olinda, aí é realmente onde a gente faz o nosso grande quilombo crescer. Porque foi aí que o Alafin começou a fazer seus ensaios num espaço fechado onde a gente poderia controlar a entrada e a saída de pessoas que na época eram nossos convidados, mas a gente formou dentro do antigo forró Cheiro do Povo, a gente formou um quilombo dentro de Pernambuco. E dentro do Alafin, como eu disse para você, eu fui tudo o que eu quis ser dentro do Alafin Oyó. Eu fui convidado, eu fui sócio, eu fui alabê, eu fui vocalista e fui presidente da entidade. Então, a minha história dentro do afoxé Alafin Oyó, eu fiz com que ela crescesse e que eu tivesse um reconhecimento não somente do pessoal da diretoria, da entidade, mas daquelas pessoas que iam para lá para escutar músicas de afoxé, músicas profanas realmente.

[...] Mas hoje eu não me lembro dessa música porque eu tive uma questão muito séria, psicológica, quis realmente partir para a agressão porque eu fui agredido. O pessoal cantando, o pessoal ainda respondendo o refrão da minha música e o “cabra” atrás cantando a música dele. O pessoal não sabia cantar direito porque não se estudou muito a música dele no ensaio porque ele não era o vocalista. E ele só trouxe a música dele no dia do... Passou pelo processo, não é? A eliminatória e tal... Mas, a música eu já cantava antes da eliminatória, eu já tinha preparado a música para o povo cantar, mesmo se não fosse premiada. O povo já ia cantar porque era música que já cantava no ensaio. Aí, pronto. Eu sofro esse preconceito porque eu tinha me envolvido com mulher branca, na época você não podia. Você tinha que ser negro até no seu pensamento. E que o discurso que a gente aprendia quando ia para as reuniões do MNU era coisa que a gente tinha que acabar contra o preconceito, contra

o *apartheid* na África do Sul, que Mandela foi preso pela minoria branca... E, dentro do Alafin, eu sofro esse preconceito. Mas, isso são polêmicas que se criaram.

Claudete Ribeiro

[...] Cabo Gato, Ponte Preta [comunidades da periferia de Olinda]. Daí, nós fundamos aqui em Olinda. O Pró-Menor já existia, mas trouxemos para Olinda o Pró-Menor. Foi muito interessante porque, daí, se fundou também o Movimento de Defesa dos Favelados, que era o MDF, na época. E o MDF tomou uma conotação nacional. Nascia o MDF Nacional, que era o Movimento de Defesa dos Favelados. [...] Era 1983, 1984... Era isso mesmo, 1983, 1984.

[...] Na Rua da Glória [a sede], exatamente. Então, daí, eu conheci o pessoal do MNU, através de Marcos Serpa, que disse: “Olhe, você é a cara do Movimento Negro”. Eu estava coordenando o MDF, junto como Almir e Ademir. E eles me fizeram esse convite. E eu fui conhecer o MNU lá na Síntese, na Livraria Síntese. Quando eu cheguei lá todo mundo ficou olhando de lado, porque eu não era preta. Eu tinha que ser preta. Então, todo mundo ficou me olhando de lado. Chegou lá, tinha cada gente bonita, maravilhosa... Eu fiquei me sentindo feia. Todo mundo olhava para você assim, como: “O que é que essa amarela está fazendo aqui? Essa mulher não é negra”. Mas, assim, fui muito bem recebida. Olhares à parte, não é? Fui muito bem recebida, tal. Foi onde eu conheci o Marcos Pereira, que era esposo de Inaldete. Conheci Pessoa, Olívia. Conheci Marcelo. Saí conhecendo um monte de gente. Augusta.... Saí conhecendo todo mundo, Saraí, Jorge Riba...

[...] Daí, gente, o que me acontece? Teve uma festa lá, e nós vamos. Chega lá, eles começam a cantar juntos. Aí, Jorge Riba olha para mim: “Por que você não vai para o Alafin? A gente está formando um afoxé. A gente se encontra na Ribeira”. Eles já estavam na

Ribeira, já fazia acho que um ano mais ou menos. Eu sei que eles já estavam se juntando. E nós fomos. Quando eu chego à Ribeira, está lá o pessoal todo naquele ritual que eu já conhecia de ler e tal, mas não tinha visto ainda. E conheci o axé de fala. Estava um frio nesse dia! De tremer o queixo! O axé de fala daquela época era uma coisa extraordinária. Hoje, o pessoal faz chá de fala e diz que é axé de fala. Mas, antigamente, o pessoal fazia todo um ritual. Eu aprendi a fazer o axé de fala. Para quem sabe, é segredo. Mas assim... E foi indo, não é? E o Alafin foi crescendo, foi tomando uma conotação bonita na Ribeira. As tardes no Alafin Oyó eram uma coisa, assim, encantadora. E Olinda foi tomando conta. E Alafin tomando conta de Olinda, até que os vizinhos começaram a se incomodar.

[...] Tomou uma proporção tão grande que não passava carro mais, as pessoas não podiam mais jantar, as pessoas não podiam mais conversar. Porque era uma prévia de Ceroula. Todo o domingo tinha uma prévia. Vocês entendem o que é prévia de Ceroula, não é? O Alafin Oyó era todos os domingos uma prévia de Ceroula. Quando se dizia que ia ter arrastão, nas ruas de Olinda, do Alafin Oyó, acabou. Não tinha mais nada em Olinda a não ser o arrastão do Alafin Oyó. Isso politicamente foi muito bom, por quê? Porque, hoje, é bonito ser negão, não é? Está na moda ser negão. É bonito ser do candomblé. Mas, naquela época, nós éramos um bando de negros vagabundos, desocupados, que não tinham o que fazer. Macumbeiro, desordeiro, de tudo isso nós éramos xingados. Trançar cabelo era motivo de chacota em todo lugar. Andar de branco? Não ande com aquilo ali porque aquilo ali, aquela mulher ali é de afoxé, aquilo ali não serve para você. Aquele cara ali é pilantra. Ele é de afoxé, é músico, não serve para você. Esse tipo de coisa. Empregar? Jamais. Empregar esse povo não pode, não é? Esse povo é de afoxé e esse povo é um povo perigoso. Era essa a conotação que nós tínhamos em toda a cidade. Mas como essa galera estava na época e estava inscrito que eles tinham que ser assim, que nós tínhamos que ser

assim, o movimento foi crescendo. E foi crescendo politicamente, porque, paralelo a isso, o MNU vinha fazendo o seu trabalho. Radicalmente ou não, foram pessoas bravias que abriram muitos leques para muita coisa. O pessoal que trabalhava com música abriu espaço para o reggae. Porque o reggae era um movimento que existia tacinho, mas que precisava de um paralelo. Acho que todos esses movimentos que hoje existem aí, precisavam de alguém que tomasse coragem e que as pessoas comesçassem a frequentar uns aos outros, como, por exemplo, o maracatu. O maracatu era uma resistência, sempre foi uma resistência, mas dentro de suas áreas. Nunca para sair dela. Então, quando fizemos a primeira Festa do Cabelo Pixaim.

[...] Ah, eu acho que desde que eu nasci. Eu era a revolução da minha casa [risos]. Nunca gostei de alisar cabelo. Eu tinha pavor quando a minha mãe... Nunca ia alisar cabelo. É interessante falar dessa história do alisar cabelo porque as pessoas entendem de uma forma assim... Para mim, mudar de visual é uma coisa natural. Eu posso mudar de visual a qualquer hora. Eu posso até chegar e pintar o meu cabelo de amarelo. Tudo bem, vai ficar meio estranho, mas eu estou afim e vou fazer. Isso não vai tirar de forma nenhuma minha identidade. Mas, na época, ela dizia que meu cabelo era ruim queria que eu passasse uma banha para ele ficar bom. E eu dizia: “Mas meu cabelo não é ruim, ruim é aquilo que não presta, e meu cabelo presta, é meu”. Então, era uma briga danada dentro de casa porque eu não queria passar aquela “bixiguenta” daquela banha azul. Aquela banha azul era triste.

[...] Uma tal de Guarniere, num pote azul. Meu amigo, preste atenção que era uma dor de cabeça. Quem não se dava com ela jogava no cabelo e caíam aquelas patacas. E o ferimento ficava lá na cabeça, entendeu? Eu tinha os cabelos muito grandes. Meus cabelos eram grandões, esses bolões assim naturais. E eu fui morar... Na realidade, eu passei anos morando com uma tia. E eu fui de volta para casa de minha mãe. Quando eu cheguei lá, o pessoal não queria

pentear o meu cabelo porque ele era muito cheio. Era uma tonelada de cabelo que era um horror. E eu era bem magrinha. Dava um trabalho danado para pentear. Minha mãe: “Eu vou cortar esse cabelo”. Aí, pá, corta meu cabelo, coloca banha. Pronto, acabou. Isso tinha uns 8 anos. “Não, não, não.” E lá vai. E passa, e eu não queria e deixei. Como criança, pelo menos nessa época, não se dominava, passaram um óleo no meu cabelo. Que coisa horrorosa! Meu cabelo ficou parecendo um porco-espinho. Olhe, eu chorava demais. Daí eu disse... Bati o pé: “Agora não. Agora, ninguém vai mais passar banha no meu cabelo, vai ficar menino mesmo, pode raspar que vai ficar menino”. Feriu tudinho. Aí, foi ficando *black*. Eu fui crescendo e não queria... E fui me vestindo diferente. E comecei a ensinar com 10 anos. Comecei a comprar meus brincos, minhas pulseiras. O pessoal dizia: “Olha, a *hippie*”. Sempre teve uma conotação errada dos *hippies*, não é? Porque o *hippie* deve ter sido muito legal na época deles, que era uma revolução. Da minha idade para cá, dos meus 10, 12 anos, o *hippie* era a decadência do movimento. Foi a decadência do movimento. Então, o *hippie* começou a mendigar na sociedade. Então, eu ficava muito danada da vida quando eu usava meu cabelo muito *black*, aos 12 anos, aos 15 anos, e o pessoal dizia: “Ah, Dona Nen, você é mãe daquela menininha que participa assim do movimento tal, não é? Aquela ‘*hippiezinha*’”. Eu ficava muito chateada. E minha mãe: “Corte esse cabelo”. “Não, mãe, eu não vou cortar.” Eu comecei a me entender como mulher negra quando tive meu primeiro namorado. Foi um choque para mim. O primeiro namorado que eu tive, a mãe dele disse assim: “Você não vai namorar com aquela negra”. Aí eu: “Eu sabia que eu era negra, só não tinha certeza”.

Edilson Fernandes

[...] Sim, algumas vezes a gente falava um pouco, assim, da nossa postura. Nós somos um grupo de dança, um grupo de dança

africana que pouca gente, aliás, ninguém conhecia, só homens dançando.... Nós tínhamos que ter uma postura desde a chegada do teatro, até a saída, para que nós não sofrêssemos algum tipo de preconceito além do que normalmente a gente entendia que no dia-a-dia sofríamos. Então, teve uma passagem, na ocasião dos 50 anos do Casa-Grande & Senzala, no Rio, no Clube Português... Nós fomos fazer o ensaio lá e fomos proibidos de entrar, porque quem estava ensaiando lá era Geninha da Rosa Borges com o grupo de teatro, e o porteiro não deixou a gente entrar. Quer dizer, o que a gente ia fazer ali? Que depois a gente entrou. Outra questão, que aí o comportamento do grupo era de silêncio, não foi um comportamento de revide. O acerto no grupo era: na hora da dança a gente mostra realmente a força que temos. Então, revidar para o porteiro? O porteiro é mais um, é mais uma crítica. Outra coisa, nas viagens ninguém pega nem uma toalha de lugar nenhum para levar na bolsa porque é bonita... Então a gente tinha esse tipo de ensinamento e quem dava era o Ubiracy; ele geralmente se preocupava mais com isso. “Ah, se for para o aeroporto e tal...”, a gente nunca viajou de avião no Balé Primitivo, eu, pelo menos, nunca. Então, mesmo na rodoviária, em qualquer situação, alguém pede um pacote pra você trazer, você não traz. Você diz que não pode e tal. Então, evite sempre esse tipo de coisa. Enfim.... Então é esse o nível da discussão.

Edvaldo Ramos

[...] Uma coisa eu posso dizer, o Clube Náutico Capibaribe só veio colocar negro por necessidade. Eu não sei dizer se todos os diretores, vendo o Náutico jogar, se na hora de abraçar, se vão abraçar os negros... Agora, Sport e Santa Cruz... Inclusive, voltando para Recife, chamavam o Santa Cruz de clube de negros. Já ouviu essa terminologia? O Sport dividia, tinha branco, negro, amarelo, verde, chinês. Falei desse argentino agora... E o Santa Cruz era time de

negros. E tinha brancos também. Mas, tinha mais negros. Agora, em nível nacional, eu não sei dizer nada. Só sei desse fato isolado de Barbosa. Mais que isso eu não sei.

[...] Santa Cruz era conhecido como Poeira. Caminhe na analogia. E a poeira está onde? Nos morros, nos arrabaldes. E onde é que está o nosso maior grupo? Nos morros. O Santa Cruz tinha, até pouco tempo atrás, um campo de treino em Dois Unidos, que era o Ninho das Cobras. Quer dizer, muita gente que ia para a peneira, a meninada, para ver se dava um jeito.

[...] Aí, foi que eu ensinei a minha madrastra a escrever, que é para poder então ela receber no escritório da usina o dinheiro do meu pai. Porque ele não estava o dia todo em casa. Ele ia nesses lugares todinhos. [...] Eu ensinei ela, de noite, com candeeiro, pegando na mão, não sei o quê. Daí, o que acontece? Dali em diante, eu fiquei somente ali subjugado. Mas, com 14 anos, eu achei que eu queria mais alguma coisa. Fui passar jogo de bicho. Passei 5 anos no jogo de bicho. Foi quando eu, passando jogo de bicho, pude, parece que era Banca Pontual. Uma banca que não existe mais. Era uma comercial que não existe mais. Mas, era uma banca organizada. Estudei de graça também no Liceu, à noite. Depois de passar jogo de bicho, ainda existe esse lugar. Mas, tudo isso em nível de complementação do meu estudo, porque, quando o meu pai pediu para a minha madrastra colocar eu e o irmão da minha idade, filho dela (não era negro), na escola... Era escola particular. Foi a primeira semana, na segunda a Dona Débora, a professora, mandou chamá-la. Disse: “Olhe, a senhora botou junto”, “Ah, está certo, coisa e tal, a senhora chamou, eu estou aqui...”. Ela disse: “Olhe, é o seguinte, eu vim avisar à senhora que a partir dessa semana...”. “Aí, esse seu filho mais escurinho [risos] vai ficar em tal classe, e esse outro branquinho vai ficar na classe que começou mesmo.” A mulher deu um baile: “Por quê?” “É porque tudo o que a gente pergunta esse seu filho escurinho responde.” [Risos]. “E o outro não pode?” “Não pode,

porque, se botar, ele não vai... O branquinho não vai assimilar porque ele não tem preparo.” A mulher rodou a baiana.

[...] Fui. Fui proposto. Não cheguei a ir, não. Fui proposto [risos]. A mulher rodou a baiana: “Não pode, porque na minha casa eu criei igual, o que um veste o outro veste, o que um come o outro come, não admito... não sei o quê”. “Olhe, a senhora vai desculpar, porque nisso aqui eu tenho obrigações.” Aí, ela disse o órgão, não sei se era Secretaria de Educação. “Ele vai atrapalhar, esse pessoal dessa classe não vai...” Aí, tirou os dois.

[...] Tirou. Por quê? Não queria o filho dela na classe mais inferior, e o filho do marido na classe superior. Moral da história: ficaram os dois sem estudo. Aí, foi quando eu fui passar jogo de bicho e foi quando eu estudei de graça no Liceu. Foi quando, então com uma carteira profissional, eu pude estudar no Senac, Escola Modelo do Senac. Depois fiz o curso de Secretariado do Senac. O tempo está passando... Quando eu fiz... Depois que eu terminei o curso de secretariado do Senac, foi que eu assumi o emprego no Sindicato dos Jornalistas. Isso em 1957, dezembro de 1957.

Ivo Rodrigues

Discriminação se relaciona com preconceito? Eu acho que sim, constantemente eu vejo a atitude das pessoas, seus olhares e suas reações. Constantemente eu tenho essa impressão que as pessoas estão me olhando. Está havendo um tipo de preconceito, de discriminação, por andar assim ou assado, eu vejo dessa forma. Não, eu acho que talvez mais para trás não fosse tanto por que talvez eu não ligasse ou observasse; ligasse não tanto, observasse para que os outros estivessem comentando, para que os outros estivessem observando. Hoje em dia, talvez eu veja que eles estão comentando; eu.... Fica aí que eu já estou em outra, nessas discussões não, fica com vocês que eu vou para outros, não me interessa se é para denegrir,

se é para menosprezar as pessoas, não é comigo; eu vejo dessa forma. Quando as pessoas se deparam na rua; aí, começam a cochichar e isso eu acho que é um tipo de discriminar de “preconceituar”. Eu acho que sim, constantemente. Atualmente, eu acho que vejo isso. Muito embora eu não dê a importância, não é que diante da minha cabeça, diante da minha formação, por meio desses movimentos todos, é uma coisa superada essas coisas e que comentem e deixem de comentar, para mim não faz diferença.

Inaldete Pinheiro

[...] Isso me fortalecia muito, porque, com essa afirmação, eu tinha consciência da negritude. E, com a negação social das pessoas “elas não são negras”, eu percebia que era isso. Eu era atuante na Igreja Católica. Todas as mães de minha cidade permitiam que as filhas andassem comigo e com minhas irmãs... Todas as famílias de minha cidade. Mas, na primeira briguinta com minhas colegas: “Sua negra”. Minha cidade era racista. Tão racista que não gostava que meu pai nos chamasse de “minhas negras”. Alimentava o racismo comum na sociedade brasileira. Apesar de tudo isso, éramos assim, as negras de alma branca. Porque todas nós, éramos quatro, tínhamos a confiança de ir com todas as meninas e as moças para o clube social da cidade. Isso era um privilégio que muita gente não tinha. Não sei se um privilégio, mas... Isso eu tinha consciência. Que nós tínhamos essa atenção na cidade, porque nós éramos umas “negras de alma branca”. Para a sociedade, nós éramos umas negras de destaque. E meu pai não era grande assim... Não era um alto funcionário da Base Aérea. O nível de meu pai era o de muitos funcionários na cidade. No entanto, como eu tinha essa habilidade de... Era comunicativa.... Não sei se porque eu era católica, porque só via como uma boa menina [risos]. Mas, minhas irmãs também. Um exemplo: tinha um senhor branco, a família branca, branca mesmo, que elas

só saíam com eles, com o pai e a mãe. As duas moças só saíam com o pai e a mãe. Fora eles dois, eram minhas duas irmãs que saíam com elas. Só. Na cidade, só minhas duas irmãs. Mais velhas do que eu. Só, que tinham esse direito de sair com elas. A contradição da cidade. Mas, eu lembro perfeitamente o que aconteceu comigo no grupo escolar, mais de uma vez. Na discordância, era a “negra”. O nome “a negra”. “Foi a negra.” [...] Sim. Lembro um grande amigo meu, Luiz Pereira, grande amigo. Ele, mestiço claro... Houve uma festa do milho. Ele foi lá no quadro e botou: campanha anti-Inaldete. Um grande amigo meu... Eu não podia ser rainha do milho. Se um amigo faz isso, o que os outros não fazem? Eu ia enfrentar Luiz? Não, só compreendi que era o racismo, não é? No clube social, eu dançava com algumas pessoas, mas não era aquela de tirar para dançar. Mas, outros não tiravam, apesar de ser essa “negra que todo mundo queria estar conversando”.

Lindivaldo Júnior

[...] Anos 1980. Fazia 2º Grau já, fazia 1º ano. Eu não sei se.... É, anos 1980. E estudavam comigo Hermelinda, Lili, que é do Jordão, que namorava com Carlos. Carlos era um professor de inglês, um negão, da Várzea, que era do MNU. Então, Lili trazia as informações do MNU para a gente. Lili chocava a escola com o cabelo, porque ela só usava o cabelo bem pixaim [...] Era do pitó. As meninas usavam cabelo pitó no movimento. Com a presença de Lili tinha umas provocações, porque Lili dizia que não é por acaso que a gente é maltratado. Que tinha diferença com a gente na relação com a coordenação. Lili bem preta, eu não, então os meninos diziam: “Tem problema contigo não, Júnior, tem problema não. Tu és mais claro. Tem problema contigo não”. Aí, a gente, um grupo, começou a desconfiar que, de fato, Lili tinha razão, porque Lili mudou de horário por causa dessa coordenadora. Então, a mulher mudou de horário. Também chegou

junto da gente. Era racismo puro. Então, a gente criou um grupo de amigos para a farra e para peitar essa figura, tirar onda mesmo. Aí, as meninas começaram a usar os cabelos só pixaim. Era uma onda, porque a gente tirava muita onda com essa mulher. Eu era de grupo de jovens nessa época, lá no Ibura, e participava dessa articulação da luta da... não sei se era o lixo que estavam querendo colocar no Ibura. Ia para as reuniões, tinha a comissão de luta do Ibura. Participava dessas reuniões, participava dessa discussão.

[...] E o meu pai, estudando na FAFIRE, já tinha uma outra discussão. Porque eu acho que tinha um professor negro da FAFIRE. Não me lembro nem o nome dele. Mas, o meu pai falava muito sobre isso. Mas, aí o debate aparece em casa, entendeu? A gente vivia na escola, eu conhecia Lili. Essa discussão da escola, a participação do grupo de jovens e o meu pai experimentando os conhecimentos dele com a gente lá na Sociologia. Aí, o tempo todo o papo fluía muito, muito. Eu querendo saber. Eu me lembro bem do ano de 1988. Eu me lembro dessa questão racial, eu me lembro bem de 1988. Porque a gente ganhou... eu não estudava na escola pública do município, mas a gente ganhou... eu era um jovem de 18 anos talvez. A gente ganhou um caderninho, que eu tenho ele até hoje, dos 100 anos da Abolição. E que no grupo de jovens... que a gente já era... Abolição, pré-abolição, isso foi motivo de discussão. Então, começou a discutir a... teve uma Campanha da Fraternidade que tratava um pouco desse tema. Bom, enfim, eu acho que essa coisa foi se misturando... Conjunto de informações daquela época [...] É, 1988 também. Eu ganhei uma camisa, uma batinha do MNU, de um cara, que era seminarista, do Ibura, trouxe. Era... “Olhe, eu ganhei isso aqui, eu me lembrei de você.” Dezesete anos. Aí, eu ganhei uma camisa do MNU e peguei um material, um texto de Inaldete, que tinha essa coisa da escola pública, descobrindo-se negra. Pequenos textos, tal... um negócio superlegal. Então, teve essa relação do Santos Dumont com essa minha amiga, quando eu entrei no MNU,

depois tinha essa história do grupo de jovens que discutia essa coisa de cultura popular. A gente discutia a questão da classe social que a gente pertencia, tal. Mas aí nesse meio da classe social, já tinha o grupo dos negros nessa história. Já tinha os pretos. Aí, tranquilo, já tem nome para dizer... Eu, Bete, lá de Dois Carneiros, Ligia, que já faleceu, lá de Jabotão. Tinha um grupinho. Ronaldo, de Tejipió. Um grupo. Aí, a gente foi se encontrando, se encontrando como jovens negros que participavam da igreja. E todo mundo, de alguma forma, participava de alguma coisa de candomblé. Essa relação na época de D. Helder não era conflituosa. E a história do respeito, da ligação com o candomblé. De buscar identificação de conta, de orixá. Não era conflituoso na época de D. Helder. Era coisa que fluía naturalmente, e todo mundo buscava entender essa história.

Marcos Pereira

[...] Em 1978 eu passei no vestibular da UNICAP. No 2º período, eu passei lá. Morava lá no Pacheco nessa época, lá em Tejipió, em uma comunidade que, na época, já era bastante carente. A área onde nós morávamos era de desova dos cadáveres do esquadrão da morte. A entrada, nessa época, do bairro, quando eu estava com 22, 23 de idade, a entrada era praticamente controlada. Dessa época, por exemplo, eu fui abordado e humilhado diversas vezes pela Polícia Militar, mesmo eles sabendo que eu era morador do bairro, que eu trabalhava e estudava. Como não tinha ônibus entrando na minha comunidade, eu descia na estrada e ia a pé para minha casa. Sempre fui vítima dessas abordagens humilhantes que a polícia só sabe fazer com negros, na verdade.

[...] Desde o começo comecei a me identificar como homem negro, menino negro. [...] Minha mãe trabalhava como empregada doméstica, e eu era bem criança. Acho que foi logo depois que o meu pai morreu, entre os 6 e 7 anos. Ela me levava às vezes, e os filhos

da patroa dela faziam piadas: “Olha o escurinho, o saci...” Quando criança. E minha mãe já chamava atenção... Como meu pai, visivelmente, era negro. Ela é negra, mas tem a pele um pouco mais... Essa mistura que tem no Brasil, que se chama falsamente de morena. Ela dizia: “Olhe, você não admita que ninguém lhe humilhe pela cor, que lhe maltrate. Quando você estiver maior, que arrumar uma namorada, arrume uma namorada negra, porque se você arrumar uma namorada branca, na primeira briga que você tiver ou no primeiro contato com a família dela, eles vão começar a lhe agredir pela cor. Então, é melhor você ficar distante”. Então, quando criança, a minha mãe já dava muitos toques. Ela saiu dessa casa, trabalhou depois como garçõete, porque ela não aguentou a humilhação e as piadas que as crianças da patroa faziam a meu respeito. Inclusive eu não conseguia brincar com essas pessoas, porque elas ficavam, naturalmente, rindo e sempre com esses comentários incluindo a minha condição racial na época. Então, desde essa época, eu sempre tive muita convicção de que nós não somos apenas diferentes na sociedade brasileira, mas nós somos discriminados mesmo. Isso continuou, naturalmente, me acompanhado na vida. Quando eu fui morar no Pacheco, eu me juntei com outras pessoas, mas, aí, eu já tinha 18... Juntei-me com outras pessoas negras. Nós já discutíamos muito. Porque eu conheci pessoas que foram do movimento de marinheiros do Rio de Janeiro. Vários foram caçados naquela época. Teve um movimento de marinheiros: trabalhadores dos navios que eram negros em sua maioria. E alguns moravam lá no Pacheco, especialmente uma família. A gente tinha uma relação de amizade e discutia muito. Ele contava muitas experiências dele, também como negro, o que ouvia, o que deixava de ouvir, etc. Em vários momentos da minha vida, as pessoas ao meu redor sempre chamaram a minha atenção de que eu sou negro e de que isso é negativo. Só que minha mãe, em casa, sempre colocava: “Olhe, eu não vou com você em tal lugar porque eu não admito que alguém faça algum tipo de

comentário”. Eu tenho uma parte da família... A parte da família da minha mãe, por exemplo, tinha pessoas que achavam que, por nós sermos mais pretos na família, nós não pertencíamos a mesma. Minha mãe rompeu um pouco com essa parte da família dela durante muitos anos por conta dessa situação, porque tinha ouvido comentários. Então, essa coisa dentro da nossa família, a questão racial, sempre foi pauta, porque ela vinha de fora para dentro. Vinha, às vezes, na forma de agressão, na forma de comentário. Isso culminou, naturalmente, com a entrada no movimento negro e a atuação realmente política.

Congresso Afro-Brasileiro e Noite do Cafuné

[...] Nós fomos nesse congresso para protestar, certo? E dizer que foi exatamente nesse congresso que começou a sede da festa Noites do Cafuné, que a gente fazia lá no Centro de Arte Popular em Olinda. Esse congresso foi chamado pela Fundação Joaquim Nabuco. O senhor Gilberto Freyre ainda estava vivo, apareceu lá para fazer uma pequena cena. Acho que o filho... Sim, tenho que agora abrir um parêntese aqui. Um dos problemas que nós tivemos em relação ao CECERNE era exatamente esse: que tinha uma das pessoas, não lembro se era Sylvio ou Edvaldo, ou só Sylvio, que defendia uma linha de um bom relacionamento, de uma boa política com a Fundação Joaquim Nabuco. Era essa a visão paternalista. E defendia até que a gente tinha que ler *Casa Grande & Senzala*. Eu até acho que a gente tem que ler somente para confirmar que não presta, e fundamentar a argumentação contra. Acho que tem que ler só por isso. Mas, não ler como conhecimento útil para a gente. Não sei se Sylvio Ferreira e Edvaldo, ou só um deles, defendia uma linha de bom relacionamento ou um pouco de ver essa coisa do mito da democracia racial. E nós não defendíamos isso. Nós éramos radicalmente contra e continuamos contra essa visão, porque ela camufla essa

problemática vivida pela população afro-brasileira. Nesse Congresso Afro-brasileiro, que foi convocado lá na Fundação Joaquim Nabuco, nós tiramos no MNU a resolução de que nós deveríamos participar e entregar... Entregamos um panfleto, na época, exatamente sobre isso. O mito da democracia racial é realmente um mito, não tem democracia racial. E que Gilberto Freyre, naturalmente, só defendia isso porque ele sempre foi da classe aristocrática. Ele nunca viveu na pele o que é ser negro no Brasil. Então, ele não estava autorizado nem a falar. Naquela época, nós éramos radicais a esse ponto de não admitir até que uma pessoa que não era negra escrevesse ou falasse sobre a questão, porque já vinha ele, Artur Ramos, Nina Rodrigues, Sílvio Romero e todo esse povo que sempre contribuiu para distorcer de uma maneira brutal a situação do povo negro no Brasil. Então, isso, para nós, não era escola, apesar de a gente ter lido várias vezes algumas dessas obras para fazer melhor a discussão interna no movimento negro, e para poder inclusive fundamentar o nosso posicionamento contrário a essas visões. Nesse congresso nós fomos lá, entregamos um panfleto, um manifesto e fizemos a nossa propaganda para a primeira Noite do Cafuné [...] Foi ótima. Porque o povo veio do Rio, de São Paulo, do Brasil todo para esse congresso. Era um pessoal mais intelectual, mas tinha gente negra que, simplesmente, ouviu que estava acontecendo um congresso afro e estavam interessadas. As pessoas não vieram por uma identidade com Gilberto Freyre. A receptividade do nosso panfleto foi tão excelente que, na Noite do Cafuné, que já era no encerramento desse congresso, tinha uma participação massiva dos visitantes desse congresso na Noite do Cafuné [...] Não sei se 1984 ou 1985. Mas, eu sei que isso foi uma coisa, para nós, impressionante porque a gente encontrou praticamente todo mundo que estava participando, com exceção, naturalmente, do pessoal de Pernambuco. Mas, o pessoal do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Sergipe, da Bahia, estava todo mundo lá... e, depois, conversando com a gente e trocando ideias

sobre a questão racial. E eu acho também que isso ajudou muito a aprofundar melhor nossos esclarecimentos de por que a gente era contra a visão de Gilberto Freyre. Eu não lembro também se foi nessa época que ele escreveu algum artigo dizendo que eu tinha um discurso muito raivoso e que ele tinha visto a minha foto, e que eu não era um negro, um negro legítimo.

Martha Rosa

[...] Eu me compreendia como uma mulher negra. Na minha casa, a gente sempre soube que éramos negros, mas isso não quer dizer você valorizar isso. Mas, sempre tinha aquela coisa de: “Você é negro. Fizeram isso com a gente porque a gente é negro”. Tinha bem esse conhecimento [...] Eu lembro de várias que aconteceram na minha vida por questão de preconceito, mas nenhuma marcante. Mas, assim, eu me lembro de ter ido fazer o cabelo... Porque assim, eu nunca gostei de espichar o cabelo. Mas, a pressão social, coisa e tal, jovem. Aí, vamos supor, você vai, esse cabelo está muito feio, aí você vai. Quando chega lá... Quando sai do cabeleireiro, quando sai do salão, alguém diz: “Ah, como você está legal”. A cabeleireira diz: “Você tinha que ver como ela entrou aqui”. Quer dizer, na época eu já pensava: “Pôxa, que mulher grossa”. Dizendo que estava horrível. Eu me lembro de que quando eu chegava à escola, que eu estava com o cabelo natural, no outro dia eu dava escova, alguma coisa, todo mundo: “Ah, como você está melhor”. Lembro na escola, da infância. [...] Tinha apelido assim, por exemplo, eu e muitas meninas negras usávamos o cabelinho com dois pitozinhos. E tinha um boneco Topo Gigio, era um inferno, ele tinha uma orelha muito grande e parecia os pitozinhos da gente. Toda hora: “Topo Gigio! Topo Gigio!”, por conta do modelo do cabelo. Mas, aquele era o modelo que a nossa família, na época, entendia que combinava com o nosso cabelo. E aparece esse tal desse Topo Gigio só para encher o saco.

Então: “Topo Gigio!”. Então, isso era chato. Essas coisas que tinha na escola sempre. Mas, não tinha muitas outras. Quando eu cortava o cabelo, sempre tinha que cortar o cabelo muito curtinho. Porque, às vezes, a família não estava com tempo, minha mãe trabalhando. Cabelo muito grande: “Corta”. Aí, todo mundo já tira onda. Um brincadeirinhas. Era uma realidade minha. [...] Eu conversava mais com minhas irmãs. Elas cuidavam um pouco dessa parte. Mas, eu quero crer que também se criava uma estrutura de responder a isso de alguma forma. Então, não tinha uma conversa, mas tinha já uma norma estabelecida, que era de não levar tudo para casa, mas também não enfrentar até o limite. Então, tu vê o que é que tu fazes. Tu também não podes acatar tudo que estão dizendo. Mas, tu também não podes brigar ao limite. Então, um pouco isso assim. Eu me lembro de uma vez que eu briguei com uma menina. Eu sempre era muito danada na escola. Mas, eu briguei com a menina, quando foi na hora, eu ia empurrar ela, alguma coisa dessas. Então, na hora, ela estava usando óculos. Na hora, caíram todas as fichas assim: “Se eu quebrar esses óculos... Ela é uma menina branca. Daqui que eu vá explicar que eu não espanquei essa menina...” Então, foi um dia que eu fiquei muito irritada porque ela me xingou, e eu já ia xingar ela, empurrar ela lá para longe. E a menina estava de óculos. Então, esse conhecimento do racismo que já estava estabelecido assim, sem ter nenhuma conversa, mas estava dito assim: “Não ia se dar bem nesse caso, ia sobrar para você”. Então, lá em casa era um pouco assim. Não é que teve uma conversa assim, mas era um pouco isso.

[...] Quando eu fiquei adolescente, já consegui romper com esse negócio de espichar o cabelo. Então, eu só espichava na minha adolescência. Mas, foi uma época que as amiguinhas, todo mundo, a família, dizendo: “Está feio, está feio”. Aí eu cedia. Mas, depois que caía aquela banha, eu não renovava. Eu cheguei ao movimento negro já com o cabelo natural. Então, não foi dentro do movimento negro que eu vivenciei essa experiência, eu já tinha rompido com

isso. Fiquei com meu cabelo natural, não gostava. Doía. Também era muito incômodo. [...] Adoro ler. Sempre gostei. Mesmo antes de fazer História eu sempre gostei de ler. As leituras que me levaram à identidade não foram no curso de História. Quando eu cheguei no curso de História, já estava na militância e já tinha tido, realmente, leituras que ajudaram a construir minha identidade dentro de casa. [...] Eu me lembro de alguns livros marcantes, como *Formato Negro*, de Neusa Santos. Foi um livro importante, assim como as leituras que fazíamos dentro do MNU, a exemplo de “*O Que é Racismo?*”, de Joel Rufino dos Santos. Estas leituras me chamavam muito a atenção. Porque era como se desse um respaldo, dentro do que a sociedade quer, de tudo aquilo que eu acreditava. Então, você ler Clóvis Moura, sobre os vários quilombos, as revoltas, a participação do negro nos movimentos políticos. Então, isso tudo fortalecia muito a questão da identidade. Foram coisas que me marcaram [...] Fanon já depois, sobretudo, *Peles Negras, Máscaras Brancas*, do qual gostei muito. *Autobiografia de Malcolm X*, também gostei muito. Li na época já no movimento negro. Eu sempre estava lendo alguma coisa que indicasse. Na realidade, eu tive que combinar leituras da universidade com as do movimento negro que, na realidade, eram livros distintos. Os livros que a gente lia lá não passavam aqui. E os livros que passavam aqui ajudavam a compreensão de lá, mas nem sempre.

Rosilene Rodrigues

[...] Quando eu estudei no Colégio Municipal Pedro Augusto, as minhas amigas eram duas meninas. Elas eram irmãs, moravam em Olinda. Elas são mulheres que a sociedade classifica como brancas. Além de brancas, de uma classe social diferente da minha. Como nós éramos muito amigas, as três, então, eu ia para a casa delas. Eu lembro que quando a gente terminou no Colégio Municipal Pedro Augusto, nos preparamos para o vestibular. Eu passei e ela não. Eu

me lembro de, ainda hoje, que eu cheguei na casa dela... Os pais estavam numa situação de separação, divórcio, de confusão. O pai dela era aquela figura que eu, quando ia lá, nunca encontrava. E, nesse dia, eu encontrei. Ele reclamando com ela porque tinha pago o cursinho, não tinha passado no vestibular, a irmã dela também não tinha passado. Uma terceira irmã que ela tinha, que era mais velha que ela, estava na universidade particular. Aí, teve uma hora que ele disse assim: “Olha aí, até sua amiga Rose passou”. E, naquele momento, eu não entendi qual era a dimensão do “até Rose”. Eu achei estranho, mas a relação era a mesma. E, depois que eu comecei a participar dos ensaios, de fazer uma conversa com minhas amigas, aí sim, a gente começou a ler, a escrever, a perceber-se. Uma coisa interessante é que, mesmo com a leitura, com a discussão, com o olhar diferente que eu comecei a ter, foi a partir de um cabeleireiro... Porque aí, como nesse processo eu era magra... Hoje, eu não sou mais uma mulher magra. Mas, eu era o que se dizia de magérrima. Eu tinha, para você imaginar... Eu tenho 1,80 metro. Eu tinha 10 quilos a menos do que eu deveria ter. Então, eu era magra, magérrima. E aí, nesse processo, o pessoal disse: “Por que você não faz um curso de manequim?” No estágio que eu fazia na LBA, o pessoal dava a maior força: “Rose, vai fazer, você é tão elegante, tão bonita”. Eu disse: “Tá, eu acho até que eu vou fazer”. E fui fazer exatamente em Boa Viagem, que era o único lugar na cidade que ainda tinha curso de manequim. Aí, o rapaz me convidou para fazer a *I Nordeste Fashion Show*, no Recife. Era eu e umas quatro mulheres negras. Porque quem estava fazendo essa *Nordeste Fashion Show* era o pessoal de São Paulo. Então, quando eles chegaram aqui, eles disseram: “Eu quero mulheres negras. Por que não tem manequins negras?” Aí, ele escolheu eu e mais quatro amigas. Eu tinha que fazer um corte no cabelo. Na época, era aquele corte que ficava todo picadinho o cabelo, tinha um rabicho. Quando eu cheguei ao salão do cabeleireiro, meu cabelo estava massageado, porque eu ainda

fazia o tratamento de alisamento no cabelo. Ele olhou para mim e disse: “Rose, seu cabelo é tão bonito, você é uma mulher tão bonita, por que é que você massageia seu cabelo?” “Olhe, eu massageio porque eu aprendi, principalmente com minhas irmãs.” Porque eu sou a caçula.... Elas ficavam no meu pé o tempo todo. Então, eu era aquela pessoa que elas cuidavam. Cuidar significa também alisar o cabelo, andar sempre arrumadinha, com o cabelo arrumadinho. Então, elas faziam mesmo, em cima de mim, uma história. Aí, ele disse: “Mas você não precisa usar um cabelo desses, seu cabelo é tão bonito. Seu cabelo é pixaim, é uma característica de mulher negra. Eu vou cortar o seu cabelo, vou tirar todo o massageado do seu cabelo. Vou cortar e vai ficar uma coisa bonita porque vai aproveitar essa beleza do seu rosto”. E, aí, ele cortou o cabelo todinho e deixou um rabisco. Foi o único fio que ele ainda deixou massageado, porque tinha que ser comprido para dar o mesmo... Era isso que o pessoal do manequim queria. E quando eu saí daquele salão, ele completou, fez uma maquiagem, me ensinou a usar maquiagem, que tipo de maquiagem era legal para minha pele. Fez várias coisas. Eu disse assim: “Como é que eu vou aparecer com essa cara para ir para universidade, para ir para o trabalho?” Foi difícil, porque eu não tenho carro. Foi de ônibus, todo mundo olhava. As pessoas sempre olhavam muito, porque eu sou muito alta, um pouco acima da média. As pessoas sempre chamavam à atenção. Isso foi no ônibus, todo mundo olhando. Mas, também tinha aquela coisa: todo mundo olhando, mas era como se fosse, assim, aquela coisa de manequim. Que o manequim pode ser diferente, pode usar alguma coisa diferente. Que as pessoas não se assustam, porque é uma característica desse profissional. Quando eu cheguei em casa, meu Deus, foi uma tragédia, porque as minhas irmãs [risos]: “Tirou o cabelo... Como é que vai fazer agora? Não pode mais nem alisar”. Porque não tinha mais cabelo, estava muito curto mesmo. “Sim, mas eu não quero mais alisar o cabelo”, eu disse a elas. “Eu não quero mais alisar o

cabelo. Eu quero meu cabelo assim. Ele vai crescer, e eu não vou mais alisar o cabelo a partir de hoje. Portanto, podem se preparar, porque eu não vou alisar mais.” Aí, eu não alisei mais o cabelo. Isso vai se juntando a toda uma gama de situações que eu vou começando a perceber com um outro olhar, que era o meu cotidiano. Mas, eu não conseguia perceber o nível do que o racismo, na verdade, estava provocando na minha vida e na vida das pessoas que estavam ao meu redor. Aí, é quando eu venho perceber que aquele “até Rose passou” era um elemento racial. Rose, uma mulher negra, pobre passou no vestibular. Que não fez cursinho, não tinha o dinheiro para pagar, mas chegou lá na universidade. Por exemplo, quando eu venho perceber algumas situações que eu tinha vivido na própria Legião Brasileira da Assistência. Como eu tive a sorte de trabalhar com uma nutricionista, uma profissional de primeira. Eu aprendi muito com ela. Eu acho que a minha característica hoje, a minha posição profissional, a forma que eu trabalho, eu acho que eu aprendi muito com ela, a forma que ela trabalhava, a seriedade, a capacidade de produção, de percepção das coisas. Aí, tinha ela e várias outras assistentes sociais. Eu trabalhei muito com assistente social e psicóloga. Elas diziam... Tinha uma, que ela dizia assim: “Rose, você não é preta”. Quando a discussão era uma questão racial, se colocava, por exemplo: “A gente é de uma comunidade. A comunidade...”. Principalmente, porque eu trabalhava com merenda. Então, era eu a responsável por entregar as merendas nas creches da LBA, nas assistências. Então, quando a gente voltava tinha sempre uma novidade nas creches. Tinha um volume grande de crianças. Quando elas vivenciavam alguma coisa de preconceito, a gente voltava para tratar isso com a assistente social. Era quando eu começava a colocar: “Nós, mulheres negras vivemos isso...”. As pessoas diziam: “Mas Rose, você não é negra”. Aí, eu dizia: “Por que eu não sou negra?” “Olhe, Rose, seus lábios nem são tão grossos. Seu nariz não é tão achatado. Seu cabelo balança.” Na época, eu não estava mais

alisando o cabelo, mas meu cabelo era como ele é ainda hoje, é crespo. Então, eu penteava, fazia vários penteados no cabelo. Deixava ele tipo *black*, como ele está aqui agora. “É, Rose, mas seu cabelo não é crespo. Olhe, olhe, seu cabelo é fino. É fino mesmo e cresce.” Porque a gente sabe que um cabelo pixaim cresce até 12 centímetros. Aí, eu dizia: “Não, mas eu sou uma mulher negra”. E eu começava a pensar por que é a dificuldade dela em me aceitar enquanto uma mulher negra. E, aí, eu compreendi. Eu, hoje, compreendo. Depois de alguns anos, eu compreendo a posição dela. Ela gostava, era minha amiga, mas tinha que ter algo que justificasse também essa amizade, esse gostar. Então, ela não compreendia a dimensão disso que era para mim. Mas eu acho que essa dimensão, ela foi sendo construída, realmente, nesse processo. Aí, a gente começou a participar das reuniões. Eu não me incluí, por exemplo, na discussão de participação dentro do Movimento Negro Unificado, porque eu compreendi a questão racial... E, aí, naquele momento político, para o MNU, existia, na verdade, ainda aquela discussão da coisa da pele. Da cor da pele escura, do cabelo pixaim, que você tinha que assumir o seu cabelo pixaim.

[...] Olhe, nos espaços do Alafin ou de festas ou de reuniões era sempre, para mim, como se fosse um sentimento de liberdade. Porque, por exemplo, eu não sentia sobre mim aqueles olhares de reprovação, como se tudo que estivesse sobre mim fosse algo ou feio, ou indesejado, ou você podia estar melhor. Então, esse sentimento me acompanhou durante muito tempo na minha vida. Antes de compreender isso, o sentimento era de incômodo. Sabe quando você não está bem locado, que você está deslocado? Era esse sentimento. E eu sempre dizia que era porque eu era muito alta, muito grande. Como eu era mais magra, então, eu parecia mais alta. E eu era uma pessoa meio... Sabe alguém que não acha o seu lugar? Eu era curvada. Ou seja, eu tentava me esconder. Como eu não podia, eu era muito comprida, eu me curvava. Então, eu tinha que estar

muito parecida, muito igual. E eu entendo isso hoje como o que aconteceu com os homens e mulheres negros que viveram o processo de escravidão. O escravo, o processo de escravidão, ele não te permite aparecer. Ele não permite que tu apareças nos espaços. Por isso que se botava uma roupa de uma cor só nesses homens e nessas mulheres, escondiam tudo o que era possível se perceber. E era esse o meu sentimento. Eu tinha que estar muito igual a todo mundo. As roupas, os cabelos. E, aí, a história da altura, da situação de você estar enquanto pessoa era a coisa da “curvação” mesmo. E quando eu estava nesses espaços, onde você tinha um conjunto de homens e mulheres que também estavam naquele momento com a mesma forma que você, você percebia que o teu traje, a tua forma de ser não era o diferente. Era o igual. Isso te dá liberdade de ser. Esses espaços propiciaram que eu alterasse o meu visual. Eu comecei a usar mais colorido, eu comecei a usar amarrações. Porque as pessoas me impulsionaram a isso. As pessoas estavam assim. Eu queria também estar assim. E isso foi muito importante. Enquanto que Recife... Eu sempre tive um sentimento do Recife de uma coisa meio de opressão para a população negra. Eu sempre percebia que era em relação a mim e a outras pessoas negras. E eu vejo isso hoje mais ainda, nos ônibus, nas ruas. As pessoas negras, a gente sempre está querendo se encaixar dentro de alguns padrões para que a gente seja pelo menos mais um. Eu sempre tive esse sentimento em relação a Recife. Eu sempre tive. Hoje, esse sentimento não me atinge mais. Não me magoa. Não me traz para baixo. Porque, hoje, eu confronto ele, é diferente. Antes, eu me escondia dele. Hoje, eu confronto ele. E, de alguma forma, eu confronto sem, exatamente, as pessoas terem que se sentir agredidas. As pessoas veem como algo.... É como se fosse da minha natureza, como se eu sempre tivesse sido assim. Entende? Eu acho que tem essas coisas que eu acho legal. Porque da mesma forma que as pessoas olham como se fosse uma coisa diferente, elas não se sentem agredidas com isso.

Porque de alguma forma elas veem... Claro que a gente não pode dizer que é todo mundo, mas elas veem como algo bonito. Mesmo sendo diferente não é algo que me incomoda, que eu acho feio, que está desorganizado. É como se fosse um conjunto. Agora, eu acho que isso eu consegui exatamente na coisa do processo, da compreensão. Eu não me visto porque preto se veste assim. Meu cabelo não é assim por que... Não, ele está assim porque eu gosto e eu valorizo ele. E, aí, as pessoas quando veem, mesmo algumas que discordam porque se sentem incomodadas, às vezes, não se colocam, porque o conjunto, eu diria que, é bonito de se ver. Então, eu acho que tem muito essa coisa. Hoje, eu acho interessante quando as pessoas colocam. Tem as pessoas que acham que se sentem agredidas. E, aí, algumas voltam à agressão. Ainda hoje as pessoas fazem isso. Duas semanas atrás eu estava ali na parada de ônibus, na Conde da Boa Vista, aí, passou um ônibus. Parou ali naquela parada. Tinha um homem na frente. Aí, ele disse: “Olha o cabelo dela”. Assim, bem alto. Aí, eu olhei para ele e disse: “Sim, e você não tem, posso fazer nada”. Ele era careca. Aí, todo mundo riu e ele ficou... Ele ficou assim porque ele não esperava que eu dissesse alguma coisa. Alguns anos atrás se ele tivesse dito isso eu tinha morrido. Eu tinha morrido. Como eu já entrei no ônibus, e um menino... Eu entrei, e ele ficou rindo com o outro. Fez um cochicho e ficou rindo. Não tive dúvida, fui lá e: “Diga”. “Não, não estou falando nada não.” “Não disse que você estava falando nada. Algum problema?” Aí, ele disse: “Não, nenhum problema, não falei nada do seu cabelo”. Aí, eu disse: “Ah, o problema é o cabelo? É meu e eu uso como eu quiser”. Também eu só disse isso para ele. Com certeza, alguns anos atrás, eu não diria, eu tinha morrido. Se eu pudesse, eu tinha descido do ônibus. É isso que Recife faz com a gente. Ele sempre nos incomoda. Aí, se você for para São Paulo, se você for para o Rio de Janeiro, é uma multidão. E essa multidão está se lixando se o teu cabelo está para cima, para baixo, está colado, está vermelho. E se tu fores para Salvador, ele é

bonito. É simples. Porque tem muito mais bonito que o teu. Tem gente que tem mais beleza ainda do que o teu. Eu acho que isso é uma coisa legal que o pertencimento faz com você. Que eu vejo... Por exemplo, eu saí sábado agora. Sexta e sábado foi a conferência regional. E aí num grupo que eu estava tinha vários jovens negros. E é lindo ver jovens negros com toda a sua beleza da juventude. Na minha juventude, naquela idade, meu Deus! Eu era zero, vírgula, zero, zero para o que eles são hoje. Não é só a beleza, da expressão da beleza, do aproveitamento da sua beleza negra. Mas, é o sentimento de pertencimento que eles têm que a gente vê alguns jovens negros ter. Eu acho que isso que Recife está deixando de fazer com essas pessoas dessa geração.

Lepê Correia

[...] Isso foi muito ruim, porque eu lembro que no dia que eu requisi-tei o meu nome... Eu trabalhava na Secretaria de Cultura de Olin-da. Fui lanchar e tossi na rua. O cara vinha num carro, parou o carro e disse: “Ei, Negro Pelé!”. Eu olhei para ele e falei: “Meu nome é Severino”. Ele, literalmente, olhou para mim e disse: “Você é Negro Pelé e acabou-se”. Puxou o revólver dos “quartos” e me deu um tiro. Quer dizer, o indivíduo nem para ter nome ele tem direito. [...] Eu dei um pulo de lado, pegou na parede, bem perto de mim assim. Ele entrou no carro e foi embora. Lembro que alguém disse: “Seu Pau-lo...”, chamou meu pai e disse: “Seu Paulo, deram um tiro em Lepê”. Aí, meu pai, balançando na ponta do pé, como ficava, olhou assim e disse: “Para fazer medo, foi?”. E todo mundo ficou assustado porque seu Paulo ficou daquele jeito. Quando disseram que deram um tiro em Lepê, ele riu e disse: “Para fazer medo, foi?” “Não, seu Paulo, deram um tiro nele.” Ele disse: “O senhor ainda fica tranquilo?” Ele disse: “Sim, eu ainda estou batendo com as pestanas. Enquanto eu estiver batendo com as pestanas, ninguém pega meu filho”.

Sylvio Ferreira

[...] Mas, da minha história, de forma bastante relativa, porque em relação a essa questão do negro, que eu me senti capturado muito cedo, foi pela luta pelos direitos do negro, pela luta dos direitos civis do negro nos Estados Unidos. Então, aquilo ali, eu acompanhei por uma razão particular, não só porque o assunto era na mídia, embora estar na mídia naquela época não significava o acesso que a gente tem hoje, tão imediato, tão constante. Era um acesso muito mais restrito à informação de uma maneira geral, fundamentalmente era o rádio, depois a televisão, mas de uma forma ainda precária. Mas, o que me colocou lá, o que me catapultou para acompanhar aquilo tudo foi o fato de que eu comecei a estudar Inglês muito cedo, numa época em que poucas pessoas.... Quer dizer, não eram poucas, mas não era comum se estudar Inglês, era uma coisa assim excepcional o fato de falar outra língua como Inglês. Era excepcionalidade, não era o que se deveria esperar de todos, nem um padrão médio de se esperar das pessoas, então, eram poucas pessoas na realidade.

[...] Quando eu digo direitos humanos, eu não digo direitos civis, porque *civil rights* lá está muito associado à luta de Martin Luther King, embora signifique coisas muito mais amplas em termos de todas as lutas que se estabeleceram, não apenas a luta encabeçada por Martin Luther King. Malcolm X estava dentro, também, dessas lutas, que era um personagem que teve uma importância muito grande; Malcolm X, Angela Davis, enfim, aquelas figuras todas, e que propriamente poderiam não estar associadas de forma direta, mas que eram figuras internacionais e que chamavam muita atenção. Uma delas é Mohamed Ali, que foi uma pessoa que eu tinha e que tenho ainda hoje uma admiração enorme, extraordinária, como atleta, como boxeador e pelas posições políticas que ele tomou naquela época, entre outras coisas de ter pago o preço de ter tido o seu cinturão cassado por recusar-se a lutar no Vietnã. E, uma frase em

particular que ele disse na época, ele dizia: “Os vietnamitas nunca me fizeram mal, por que eu vou lutar contra eles? Quem me faz mal são as pessoas que vivem aqui me discriminando porque eu sou negro e discriminam os negros”, e segundo se diz, é que ele teria jogado o cinturão dele lá na ponte do Brooklin. Mas, enfim, essa foi uma figura muito “emblemática” de todo aquele tempo, de toda aquela época, e o mundo em convulsão. Eu me lembro vivamente, por exemplo, em 1963, acho que 21 de novembro de 1963, do assassinato de Kennedy. Eu estava jogando bola de gude com meus amigos, na casa de um deles, quando o rádio anunciou a notícia em edição extraordinária, na época o Repórter Esso, o assassinato de Kennedy.

[...] [Sofri discriminações de forma] Indireta, de forma direta não, muito velada, a não ser acidentes isolados, mas alguns deles até já, de algum modo, crescido; mas a questão não era nem propriamente uma questão pessoal, porque, você veja que o mundo começa a mudar em termos dos anos 1960, e a moda era das pessoas de cabelo grande; quem tinha cabelo pixaim não tinha nenhum sucesso nesse mundo, não tinha chances.

[...] [Lembro de uma moda que no dia 13 de maio de 1960 os negros iriam virar macacos] mas, isso eu achava até divertido. Eu cantava a música como as pessoas, em geral, cantavam. Não sei se era de Nelson Ferreira. Dizem que em 1960 negros vão virar macaco, mas isso não era tomado como uma questão pessoal, nem fazia eu, naquela época, ter um juízo de valor crítico sobre uma melodia dessa ordem, comprava ela... Não, nunca me magoou, não, e até onde sei, devo ter cantado a música como qualquer pessoa cantava, negro ou não negro, era um sucesso de Carnaval, não se tinha uma dor ou um sofrimento, nem se achava... O que talvez seja a pior dor é a dor de você não ter consciência que está sendo atacado, enfim, e viver uma alegria dentro disso, mas não foi vivido como dor. Mas, havia um mal-estar, e esse mal-estar era o de se ter chances ou não

se ter chances, e que a pessoa que era negra ou se tomava como tal sabia quais eram suas chances. Eu, durante algum tempo na minha vida – tempo, digo: lá para trás, quando ainda pensava o que é que eu iria fazer quando acabasse meus estudos secundários, etc. –, eu passei um tempo na minha vida achando que eu deveria fazer uma carreira diplomática e entrar para o Itamaraty e fui desaconselhado por muitas pessoas a não fazer porque eu era preto, não tinha chances, o Itamaraty não aceitava negros. Então, as pessoas não estavam me desestimulando, elas estavam dizendo o que era realidade, então, dessa maneira que você vai percebendo que seus espaços na sociedade, em termos de movimentação, podem estar restritos. Essa é uma lembrança que eu tenho de algo que eu achava que poderia seguir por ali, quando comecei a pensar em definir uma atividade profissional, e: “Não, ali não pode, ali não se aceita negros”. Mas, eu acho que só nos anos 1970 é que começou a abrir, no Itamaraty, a possibilidade efetiva de ter algum negro nos seus quadros, mas era um tabu muito grande no Itamaraty.

Thelma Chase

[...] Só que a minha mãe nos educou com uma educação bem ao molde inglês, independente da religião. Então, antigamente, esses brinquedos populares, todos eram discriminados. Você brincar no boi não tinha valor nenhum, era como antigamente, você via... Eu tenho uma amiga aqui que quando eu pinto meu cabelo de várias cores ela diz assim: “Já vai sair o maracatu?” Que, antigamente, quando as pessoas me viam muito colorida lá no Recife, eu ouvia muito isso: “Parece maracatu”. Então, era muito marginalizado. Então, a mamãe e o papai... o nosso objetivo era estudar, porque eles tinham muita consciência da negritude e das dificuldades que o negro tinha. [...] Dessa forma: você já nasceu negro, então, você tem que ser educado e você tem que estudar. Era esse o texto que eu

não aguentava mais. No movimento negro, o pessoal se abria. Eu dizia a vida toda: “Já são negros, então, não pode vacilar”. E aí, a gente via. Via porque, antigamente, os bois brincavam na rua. Lá em Manaus, se montavam os currais, e os ensaios aconteciam nos currais. Corre Campo tinha o curral dele, e isso era dentro de um bairro chamado Cachoeirinha que, até hoje, é a sede do Corre Campo. Então, eles brincavam ali no ensaio e, depois, ele saía pelas casas. Antes, alguém do boi fazia contato contigo: “O boi pode brincar hoje aqui na frente da tua casa?”. “Pode.” “Qual a contribuição que você pode dar?” Então, o boi era sustentado a partir dessas contribuições durante os ensaios até o dia da apresentação. Você dava a grana, juntava os vizinhos da rua e dava um lanche, um mungunzá, uns filhoses, uma comida lá da terra. Quando esses bois brincavam na nossa vizinhança, a gente enxergava, e eu já ficava fascinada com isso. Eu e a Wanda, principalmente. Na apresentação do boi, que lá em Manaus tem até hoje um evento chamado Festival Folclórico, em que se apresentam. São 3 dias com todas essas manifestações populares e, independente do festival, o ritual, o auto do boi, ele acontece na íntegra. O boi foge porque ele vai ser perseguido, o homem se desespera, esconde ele numa casa, mas os caras que vêm para matar, matam para ter a buchada, que é com o bucho do boi, com a língua do boi, não sei o quê. E a gente via a agonia do boi sendo escondido numa casa e outros que perseguiam, que eu nem me lembro mais, para encontrar o boi para matar. E a gente via, acompanhava aquela brincadeira, que era fascinante.

[...] Quando eu cheguei ao Recife, fiz o concurso para Fundação Guararapes e passei e trabalhei em várias escolas. Depois, trabalhei muito com aluno especial, na Brasilit mesmo, todas as turmas. Todos os alunos que estavam fora da faixa, que não conseguiam se alfabetizar, era eu que trabalhava. Isso começou de uma forma, assim, interessante e impressionante. A primeira turma que a diretora me chamou, a orientadora pedagógica me ofereceu, eu disse “tá”.

A primeira ação que fiz foi chamar os pais para perguntar qual era a dificuldade daquelas crianças, como é que elas enxergavam aquilo e, por incrível que pareça, a maioria era problema racial. Todos os alunos negros tinham um apelido, e esse apelido era chamado pela professora. E uma das mães que botava tapioca no terminal de ônibus lá de Brasilit disse: “Olha...”, o filho dela bem nêgão mesmo. Ela disse: “Olhe, chamam meu filho, da professora aos colegas, de Mussum”. Na época, Mussum era o auge. Ela disse: “Eu até queria ser mãe do Mussum, porque se eu fosse, com certeza, não teria as dificuldades que eu tenho. Só que eu não sou a mãe do Mussum e, quando eles chamam o meu filho de Mussum, eles não chamam achando que é o artista da televisão”. Dando valor, ela queria me dizer, entendeu? Está bom. Quando eu comecei a fazer o trabalho com as crianças, uma das ações que eu pedi... Comecei bem tranquila e, um dia, eu disse: “Vou falar de raça com essa turma”. Pedi para eles trazerem um espelho, cada um e eu também e, quando eles se olhavam no espelho, eu dizia: “Me diga o que é que você está enxergando, quais são as características”. E eles começavam a dizer. E aí, eu ia sinalizando qual era a raça de cada um, de acordo com a característica, dentro de uma outra conversa, dando o valor devido para falar de raça, cada um tem uma... Uma semana depois, eu fui chamada pela direção da Fundação Guararapes porque a escola fez uma denúncia, na verdade, a diretora e a orientadora, que eu estava fazendo movimento negro dentro da sala de aula. Por azar, a coordenadora da minha escola era negra e não sabia ou não queria saber. Ela era o que a gente chama de sarará, pele clara, cabelo pixaim e amarelo, e ela alisava, e o olho verde, que era a mesma característica bacana. E me chamou. Eu coloquei: “Qual foi a ação?”. Primeiro, coloquei que eu tinha sido convidada para trabalhar com uma turma de alunos especiais que não conseguiam se alfabetizar. Eu tinha feito uma reunião, e os pais tinham sinalizado isso e isso. E eu, agora, depois de tantos meses, comecei a trabalhar raça dentro da grade e,

para trabalhar, eu pedi que eles levassem um espelho. Eu não sabia que a reunião era por conta disso, se eu tivesse eu tinha levado o espelho para ela. Mas, eu disse a ela. Eu disse: “Se você estivesse dentro da sala de aula, você também, com certeza, me diria que é negra”. Ela disse: “Eu?” Eu digo: “Sim, você é negra. Aí, você vai dizer, vai continuar alegando que eu estou fazendo movimento negro porque tu és o que, na minha terra, a gente chama de cabra, negro da pele clara, do cabelo pixaim amarelo. Teu cabelo não aparece porque tu alisas, mas tu és negra”. A diretora era gorda, e eu disse: “Graça, o dia que tu tiveres problema porque as pessoas, em vez de te chamar pelo nome, passarem a te chamar por apelido de baleia, de não sei o quê, eu quero saber qual é a postura que tu vais ter, porque tu és gorda. Alguém tem alguma dúvida? Mas tu tens nome”.

[...] O único passo que a gente deu foi o seguinte: como eles entendiam dessa coisa da dificuldade que o negro tinha, que era visto como dificuldade. A mamãe alisava o cabelo, levava a gente para salão para alisar o cabelo porque ela dizia... Ela tratava, quando a gente questionava, ela tratava como uma coisa da aparência: “Você tem que ter boa aparência”. A gente não entendia direito. A única coisa que eu entendia era o seguinte: aquilo me incomodava, aquela história que não era a minha, aquela mão de obra também que não... Quando a gente botou o pé fora de Manaus, a primeira providência que foi tomada foi deixar o cabelo natural. Primeiro. E, eu quando ia a Manaus, isso era pancada. Mamãe achava que aquilo, que aquela estética podia atrapalhar a vida da gente porque.... Imagina como ela não enxergava isso. A gente tinha que estudar, tinha que ser o mais educado e, dentro da igreja, Igreja Batista, a gente lá em Manaus. Lá nas igrejas, a gente tem os hinos, que são do hinário, e tem os cânticos pequenininhos que se chama de coro, corinho, e um desses corinhos era (cantando): “Ó, ó, ó, nunca esquecerei. Ó, ó, ó, nunca esquecerei. Ó, ó, ó, nunca esquecerei, eu nunca esquecerei o que Cristo fez por mim. Criou os belos passarinhos, ele fez por

mim. Criou rios e flores, ele...”. Os pequenos, adolescentes da sala, a gente usava na época... era adolescente, a mamãe dividia o cabelo no meio e fazia trança, na ponta da trança uns laços, bacana. Eles, quando chegavam na hora desse corinho eles cantavam: “Ó, ó, ó, nêga do pitó”. Dentro da igreja. Eu largava. Aí, já sabe, o pau cantava porque eu saía na mão, eu pegava cipó, eu batia. Só que, quando a professora da igreja chamava mamãe para falar, ela só dizia da minha reação. E aí, quando eu dizia para mamãe: “Eles estavam cantando nêga do pitó”. Que, quando mamãe, ultimamente, antes de morrer veio aqui passar umas férias. “A senhora se lembra da nêga do pitó, né?” Ela começava a rir. “Mamãe, a senhora está lembrada que me chamavam e a senhora me batia.” Está entendendo bem? Só que a mamãe já via a história, a religião é uma coisa que... A gente sabe que o poder é muito grande, né? Ela massacra um pouco, você vai para a igreja. Então, você tem que ter também outro comportamento. Todo mundo que está ali é assado, cozido cru, mas, dentro da igreja, já rolava isso. Eu acho que, com a gente crescendo, a mamãe disse: “Vou mudar mesmo a estética”. Wanda era muito cuidada com a mamãe e botava uns turbantes. “Thelma toma. Bota.” “Boto nada. Não boto não porque mamãe sabe o que tem embaixo. Eu não vou botar não, vou deixar meu cabelo.” Aí, foi a única coisa. Mas, no mais, a gente já veio descoladíssimo. [...] Na verdade, meu avô era negro, minha avó não era. A avó Helena, avó Evelyn. Mas, o meu avô, meu pai e a família toda do meu pai. E meu pai, torneiro mecânico, negro, torneiro mecânico, que era uma profissão de pessoas pobres, inclusive. Nós fomos educados muito bem e com uma vida relativamente boa, porque os nossos avós tinham uma grande contribuição nessa nossa educação financeira, houve muita ajuda. A mamãe criou, educava cinco filhos, não trabalhava. E o meu pai no trabalho. Ele tinha uma oficina de torneiro mecânico e, depois... Mas, meus avós davam uma contribuição, ajudavam nisso, ajudaram muito. [...] Olha, como negra, me sinto discriminada até hoje.

Isso acontece até hoje. Só para tu teres ideia, lá no Recife, a Wanda era assessora de comunicação da... Além de trabalhar lá na Globo, lá é Globo Nordeste, a Wanda era assessora de comunicação de uma associação de hospitais, que não sei se ainda existe. Um dia, foi uma pessoa procurar a Wanda na Associação, procurar a jornalista Wanda Chase. “Diga.” “Eu quero falar com a Wanda Chase.” “Não, mas pode dizer.” “Não. Quero a Wanda Chase.” “Sou eu.” Então, a figura que chegou achava que a pessoa, aquela negra que estava ali não podia ser a Wanda Chase. O Júnior quando nasceu, a família do pai do Júnior, todos são negros, mas o Amaro não é sarará. Mas, os irmãos eram, quando pequenos, negros, sarará, negros do cabelo amarelo, e o Júnior quando nasceu, era muito claro, bem claro e cabelo amarelo. Eu, na época, fazia pesquisa de campo pela FAFIRE, eu morava na Conde da Boa Vista e eu fazia um negócio de umas pesquisas lá. A gente trabalhava muito com isso. Quando eu chegava da pesquisa, dava banho no Júnior e ia para faculdade para entregar e ia com o Júnior no carrinho. Quando eu chegava, da entrada até a coordenação, o povo ia me encontrando e perguntando: “É filho de que professor? É filho de que funcionário?” [...] Não podia ser meu filho. Rapaz... Você era a empregada, a babá... No Recife. Isso aconteceu aqui também. Um dia, eu num restaurante do Feijão, é o *point* na negritude aqui. Uma figura falando, vendo a aparência, ele disse: “O que é que Globo não faz, hein? Até dar nome artístico dá”. Eu disse: “Você está falando de quem?”. “Dessa jornalista aí.” “Que nome é?” “Esse Chase não é dela. Isso aí não é nome, não é nome dela.” Eu disse: “Meu amigo, eu vou te dizer uma coisa, eu sou irmã da Wanda, o nosso nome, o sobrenome é Chase, é ‘Chas’. A gente é que já, na corruptela, já transformou em Chase. E nossos avós eram...”. Quer dizer, lá no Recife tinha um bar, Bar do Neco, que era ali na Cruz Cabugá, nós éramos muito amigos daquela família, primeira família amiga, até eles fizeram parte do movimento negro. Delma fez parte, Dilma, Pepe teve um relacionamento, que era um

ator negro muito articulado. Marcos sabe, todo o movimento negro sabe quem é também, e aconteceu a mesma coisa, o cara vendo a Wanda no vídeo e disse: “O nome dela não é esse”. E, enfim.

Wanda Chase

[...] Em Manaus. E, nessa escola, os casos de racismo conosco eram enormes. Uma coisa assim bem forte. Tinha um corinho, que nós somos evangélicos... E tinha um coro... E era um colégio batista. Tinha um coro que dizia assim, antes das aulas... Sou batista. Antes das aulas nós fazíamos... Tinha um culto que se cantava o hino da escola, o hino do Amazonas, o hino da América. (Cantando) “Deus salve a América, terra de amor, lindos campos, florestas”. [Risos]. E um culto. E, nesse culto, tinha um corinho que era assim (cantando): “Ó, eu nunca esquecerei, eu nunca esquecerei o que Cristo fez por mim”. As crianças fizeram uma paródia (cantando): “Ó, negra do pito. Ó, negra do pitó”, que era conosco. Porque a gente usava trança, que mamãe amarrava, fazia os pitós com laço. Então, quando essas crianças cantavam isso para gente, a minha irmã, a Thelma, já levava dentro de uma maletinha, que eles diziam que era maleta de parteira.... Ainda tinha mais, nós usávamos sapato Vulcabrás, que era mais duradouro, chove muito em Manaus, são 6 meses de muita chuva e 6 meses de muito sol. Então, eles chamavam a gente de sapato de homem. Papai comprava aquele sapato porque era mais resistente. Quando os meninos começavam a cantar essa música, a Thelma tirava um pedaço de pau, de madeira, da bolsa, batia nos meninos. Era uma história por conta da coisa. Então, os meninos discriminavam muito a gente. Mas a gente reagia. Para a gente, tanto faz, tanto fazia, não dava a mínima importância. Teve uma professora que chamou o meu irmão de filho do cão, entendeu? E a Thelma, naquela época, era uma adolescente, uma criança, foi tomar satisfações com a professora.

Religião e identidade

Xangô/Candomblé e Jurema

Amauri Cunha

[...] Eu convivia com candomblé e não sabia porque era tudo proibido. O quintal da casa do meu avô batia com o quintal do terreiro do Outeiro, no Alto Santa Isabel. Eu via o peji e dizia: “Ali mora o diabo!” [Risos] e era a casa de Exu, nada demais. Somente o orixá da comunicação, nada demais. Em suma, uma coisa foi levando a outra.

[...] Eram só os *dreads* mesmo porque para ser rastafári você não pode tomar álcool, para começo de assunto e você não pode se alimentar de proteína animal. O rastafári que fizer isso, ele não é, ele só tem discurso. [...] É um negócio muito complicado isso, mas em suma a gente vai descobrindo aos poucos, fui conhecendo a história. E, a partir daí, isso culturalmente também me levou ao meu trabalho profissional porque eu produzi muita coisa na área desse segmento musical. Então os artistas de Casa Amarela, uma boa parte, eu fiz as capas dos discos dele, cheguei ao ponto de fazer capa de disco para uma pessoa que, pelo menos no Nordeste, teve uma ascensão muito grande em termos de sucesso e de vendas que foi o Edson Gomes. Eu participei da equipe de produção gráfica do Edson

Gomes no disco chamado Resgate Fatal. Aí já foi em meados dos anos 1990. De tabela, uma coisa foi levando à outra, então a militância foi se transformando por aí. E paralelo a isso, um pouquinho antes, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, o movimento negro, é retomado, de certa forma, com a redemocratização, uma força maior do ponto de vista organizativo.

[...] Quem me levou para o candomblé foi o maracatu. A partir do momento que eu passei a entrar na casa dos maracatus, na casa entre aspas. A casa sim, porque todo maracatu de nação tem uma relação religiosa.

[...] Veja só, aí já é algo mais filosófico dentro do contexto da religião. No candomblé, nada é por acaso. O tempo no candomblé é o orixá. Tudo é muito relativo e cada um tem o seu tempo. Você demora um pouco a entender isso. Quando você passa a entender que cultuar o candomblé é cultuar a família, a comunidade, mesmo aquela que existiu 5.000 anos atrás. Aí é que você quebra os dogmas.

[...] Foi. É isso que eu estou querendo dizer por que o paralelo que estou querendo traçar é que nada é por acaso e uma coisa vai levando à outra. Por exemplo, eu me descobri no candomblé de 2 anos para cá e minha relação é com o orixá da comunicação, eu sempre estive onde? Nada é por acaso. Só que o tempo é que é uma coisa muito relativa. O que é o tempo? O tempo que vivemos hoje, 2011, foi institucionalizado pela Igreja Católica e antes não conta não?

[...] Aí, teve o Terço do Reggae, o povo chegava lá, montava um palco móvel, e tome reggae.

[...] Foi um evento que aconteceu até pegar fogo no prédio do Pátio do Terço, e demolir tudo e cair tudo, e acabou. Por incrível que pareça, o incidente que teve lá, o sinistro do prédio lá que pegou fogo, interferiu na continuidade desse projeto. Quem pode falar com precisão é Lindinalvo Júnior que é hoje é assessor lá da secretaria de cultura da Prefeitura do Recife. Ele foi um dos mentores desse Terço do Reggae. Porque, na verdade, a grande referência do Pátio

do Terço com relação ao movimento negro é mais uma vez, eu vou ter que voltar atrás com a questão da religiosidade... As tias do Terço, Iaiá, Sinhá, Badia, seu Raminho de Oxóssi que é um grande sacerdote que tem, vamos dizer assim, uma grande responsabilidade pela continuidade do candomblé aqui no Recife. Ele vem de lá. Tudo vem dali, o movimento surgiu das bandas dali pra cá. Paralelo a isso o Sítio de Pai Adão, só que o sítio por essa coisa da postura de cada local. O sítio como era nagô, como ele é nagô, é uma coisa mais fechada, nunca foi muito aberta como é a nação das tias do Pátio do Terço, que é Nação Jeje. Tem uma postura mais progressista do ponto de vista de liberar as informações, até porque não são todas informações que podem chegar ao ouvido de todo mundo. Mas, foi a partir dali, por conta disso, essa retomada do Pátio do Terço em cima dos tambores, ela proporcionou um pouco essa coisa do meu trabalho.

Brivaldo

[...] Minha mãe era de candomblé. O que ela tinha era de nascença. Minha mãe era filha de Oxum com Xangô. Ela tinha um caboclo muito bom, que era o Caboclo Canindé. E tinha um mestre muito bom que era o mestre Mané Roxinho. Ela tinha também a pombagira cigana. Por conta da questão financeira, por conta da minha mãe não aceitar que qualquer pessoa colocasse a mão na cabeça dela, a minha mãe foi passada. Teve uma época que... Era 1983... No Natal de dois mil e... 1982. No Natal de 1982 minha mãe já tinha recebido um recado da Oxum. E tinha que ser feita. Esse recado não foi, bem dizer, em novembro. Minha mãe recebeu esse recado no mês de julho, que era o mês de Oxum. Oxum estava cobrando para ser feita. Segundo Oxum, minha mãe já tinha passado da época de realmente assumir a patente dela dentro do candomblé. Por conta disso, no Natal de 1982, minha mãe teve um entupimento da veia aorta. Esse entupimento causou a minha mãe que ela teve que se internar. A

minha mãe se internou. Ela teve de se internar antes do Natal. Mas, como ela pediu que passasse o final de ano com a família, na primeira semana útil de 1983. Em janeiro de 1983. Passou uma semana. O dia nove de janeiro de 1983 caiu no dia de domingo. Quando a gente chegou lá para visitar minha mãe, minha mãe estava morta. Tinha falecido. No dia nove de janeiro de 1983. Quando a minha mãe faleceu, num domingo... Eu tinha uma prima, que ela já faleceu, ela era ialorixá. Nesse tempo, ela morava em Alberto Maia, minha prima. Minha mãe foi para lá no mês de julho. Quando chegou lá, no mês de julho, a Oxum desceu e disse, deu o recado que devia ser feita ainda naquela lua. Que se passasse daquela lua, se não fosse feito, ela ia levar a cabeça da minha mãe. Até então, a gente da família não sabia, porque minha mãe não disse nada para a gente. A minha prima lá em Alberto Maia, que tinha um terreiro de candomblé lá, um barracão, aí ela foi lá e fez uma oferenda a Oxum. Ela fez um doce com coco e com mamão. Ela ofereceu a Oxum para que se acalmasse. Mas, Oxum disse, no ano de 1982, se minha mãe não fizesse a obrigação para ela que tinha de ser feita, na mudança da lua minha mãe ia falecer. E foi o que aconteceu. Minha mãe... Eu nunca vi uma pessoa que partiu dessa vida para outra de uma maneira tão acesa, com um semblante tão aceso. Na hora que a gente chegou lá no hospital, na pedra do hospital, porque ela já tinha falecido. Minha mãe faleceu eram 13h30. Ela se acordou cedo, tomou banho, trocou de roupa. Minha avó, que era viva na época, tinha levado o radinho dela, que minha mãe era muito extrovertida, gostava muito de dançar. Minha mãe era uma negra alta, bonita, com os olhos assim... Uma negra autêntica. Ela acordou cedo, tomou café, tomou banho, foi dançar. “Hoje vocês vão ver meus netos, vão conhecer meus filhos”. Porque ia todo mundo, não é? Era a primeira visita que ela teria, no domingo. Ela se internou na segunda-feira, no domingo faleceu.

[...] Através de minha mãe, tive os primeiros conhecimentos da religião [...] porque era ela quem levava a gente para o candomblé.

Tinha o achogam... Hoje eu tenho uma patente dentro da religião. Eu faço parte do Abassá Omim Axé de Dandalunda, que é uma Nação Angola. A gente tem como mentor espiritual pai Moacir de Angola, que fica situado na Rua Madri, número 110, lá no Ipsep. Mas, antes disso... Eu estou com 52 anos de idade, mas com 7 anos de idade a minha mãe já levava a gente para o candomblé. [...].

[...] O meu pai era ogã também. Meu pai é filho de Ogum. E meu pai também era ogã. [...] Aí é que está o grande problema. Ela não tinha. Porque ela [minha mãe] não confiava a cabeça dela na mão de qualquer pessoa. Por isso que teve a cobrança da Oxum, por isso que teve a cobrança de Xangô. Porque ela ia a todos os terreiros de candomblé aos quais ela era convidada. Minha mãe tinha um potencial muito bom. Potencial de cantar. Mesmo não sendo feita, minha mãe abria e fechava um terreiro... Um toque nagô. [...].

Eu fui feito com 12 anos de idade. Eu lavei a minha mão como ogã. A minha primeira obrigação como ogã eu dei com 12 anos de idade. Foi lá no terreiro de Mãe Lindaurea. Hoje ela é falecida. Era filha de santo de Raminho de Oxóssi. Era lá na Rua da Periquita. Também era por trás da rua onde eu morava, lá no Cordeiro também. Era Rua da Periquita. Lá tinha um terreiro de candomblé. Dona Lindaurea, que a turma a chamava de Baiana. Eu não fiz o santo. Eu dei obrigação, aguarde de mão e para ter o preceito dentro do candomblé como ogã. Foi a minha primeira obrigação, foi como lavagem. Minha primeira obrigação como pejigã, foi com 18 anos. Aí, foi quando eu comecei a ter... Porque dentro do candomblé tem diversas patentes. Tem o ogã abê, que é o ogã que só toca. Tem o ogã pejigã, que auxilia tanto a ialorixá quanto o babalorixá nos preceitos religiosos do axé da casa. E que a gente tem, através do conhecimento, todas as condições de abrir e de fechar um toque. [...].

A minha mãe era mais [envolvida com a religião], porque meu pai era meio arredio. Meu pai era meio boêmio. Meu pai, na época, gostava da boemia. Ele ia para toque, mas só quando participava...

Era ogã da casa. Ele ia realmente quanto tinha toque grande. Ele não ia como minha mãe. Minha mãe ia para as reuniões de preto velho, para reuniões onde tinha o caboclo. Como eu coloquei a você, o caboclo da minha mãe, Canindé, tinha uma influência muito boa dentro da Jurema. E tinha o mestre Manoel Roxinho, que é o mestre que... Hoje eu acho que ele já subiu. Difícil as pessoas que recebem esse mestre. E tinha uma pombajira cigana que era uma coisa encantadora. A minha mãe era mais envolvida que meu pai na questão. Meu pai era mais boêmio. Eu tenho nove irmãos. Oito irmãos, nove comigo. O meu irmão mais velho, que está hoje no Rio de Janeiro, também é ogã. Eu sou o segundo da família que também sou ogã. O terceiro é ogã. Os homens todos são parte. Eu tenho o mais novo, que é um babalorixá. Fez uma casa de santo lá no Jordão. Jordão de Baixo, lá no Ibura.

[...] Veja bem, bem o seguinte: o afoxé é um candomblé de rua que os negros antigamente saíam, através da sua musicalidade. Que o nome foi afoxé depois, na realidade o nome chamava charanga. E esse ritmo, os descendentes de escravos e escravas faziam muito esse cortejo pelo Carnaval. E essas charangas geralmente homenageavam um orixá, uma entidade religiosa. Essas charangas surgiram principalmente em Salvador, mas foram compostas para que os negros, em pleno Carnaval, saíssem reverenciando seus orixás de maneira profana. E o afoxé tem que ter o seu guardião, que é o seu orixá protetor, e junto com esse orixá, tem que ter o exu, porque sem exu o afoxé não vai para a rua. E tem que ter uma pessoa de conhecimento, de patente dentro da religião para fazer a manutenção do axé do afoxé para ele sair à rua. O afoxé é composto pelo orixá, que é o patrono, pelo exu que vai abrir os nossos caminhos na avenida, pelo babalorixá, o sacerdote, ou um pejiigã, que tem a patente dentro do candomblé, que é quem pode fazer todo o conceito religioso, que jogue para saber se realmente o exu quer que a gente saia naquele Carnaval, o jogo que vai dizer o que é que a gente vai

comprar para fazer a grande celebração religiosa para depois a gente sair às ruas, e depois é composta pela direção. E essa direção dentro do afoxé hoje não existe mais. Dentro do afoxé hoje não tem essa concepção. Mas, o Alafin Oyó tinha o seu conceito religioso, que eram as pessoas que tinham algum entendimento, alguma patente dentro do candomblé que fazia parte da entidade, e esse pessoal se reunia para jogar, para cortar, para fazer todo o lado religioso. Essas pessoas estavam junto da direção, que era o presidente, o vice-presidente, primeiro secretário, segundo secretário, tesoureiro, segundo tesoureiro e as três pessoas que vão fazer parte do conselho fiscal, que é para fiscalizar o trabalho que a direção está fazendo, ou bom ou ruim.

Claudete Ribeiro

[...] Eu sou do candomblé. Eu sou filha de Oyá com Xangô [...] Essas coisas a gente não descobre. É interessante, a gente já vem com isso. A nossa infância, tudo que o que vivemos, parece incrível. Essas coisas que nos acontecem, mesmo quando você não é um membro de um terreiro, mas que traz na sua essência... E você está muito próximo disso na tua educação. Você vai descobrindo isso com o passar do tempo. Que as coisas vão acontecendo. Você vê, sonha e sente. É uma coisa quase que inexplicável. É de dentro de você mesmo. É uma força que vem da natureza mesmo e faz parte de você, como se você tivesse e entendesse que é um elemento da natureza.

[...] Tem esse momento. Agora, comigo foi interessante assim. Porque eu já sabia, eu tinha esse dom, eu sempre me reservei a não participar, porque eu sempre me achei muito irresponsável. E eu sempre achei que quando se trata do nosso ori, quando se trata da nossa religião, da religiosidade e daquilo que ela pregava, daquilo que a minha bisavó e avó pregavam, de sério. Eu sempre achei que eu não estava preparada. Eu digo: “Eu não estou preparada”. E eu

sempre dizia, conversando com a natureza e com as coisas que ela me deixou, eu sempre dizia: “Eu não estou preparada. Não é uma peraltice, é que eu não estou preparada”. Quando eu me senti realmente preparada para assumir essa responsabilidade, foi quando eu disse: “Agora, eu vou, se der tempo, agora eu vou”.

[...] Tenho vínculos com a jurema, com certeza. E eu vou te dizer uma coisa. As pessoas, hoje, muitos falam um pouquinho dessa questão... As pessoas, hoje, levam a nossa religião muito no modismo. Entende? Às vezes, frequentam um terreiro de candomblé... Eu me identifiquei na casa que eu frequento porque eu vejo que lá as coisas não são como em muitos lugares. As pessoas trabalham muito a questão da vaidade. Uma pessoa de candomblé, que tem a natureza e que incorpora, tem que incorporar, no meu entender, naquilo que eu aprendi, a evolução do espiritual e para o bem-estar da matéria. E, hoje, eu, às vezes, fico me perguntando, quem é juremeiro? Como as pessoas levam na brincadeira a questão da espiritualidade. E, assim, os guias que eu sei que trago em mim e que eles me trazem como matéria, não precisam estar incorporando o tempo todo, porque, se o espírito incorpora o tempo todo ali naquela matéria, como é que esta vai evoluir? Então, eu só tive a honra de receber os meus guias uma vez até agora. E não mais do que isso. E me sinto muito bem por isso, e sei que quando tiver necessidade ele vem. Entendes? Às vezes, eu fico olhando as pessoas praticarem determinadas coisas. Deu um espirro, o mestre vem. Deu outro espirro, a mestra vem. Deu espirro, a cigana vem.

[...] Vamos voltar à questão de gênero. Foi uma luta. Saraí, que é uma grande amiga, que o diga, junto com as meninas Das Neves e Augusta. Era o time que queria tocar no Alafin. Era eu, Augusta, Das Neves e Saraí. E a gente ia lá e... Sabe? Pegava mesmo no instrumento e tal. E disseram que eu não podia tocar instrumento de couro. Também, até então, eu não tinha pesquisado nada. Eu sabia que existiam ialorixás, mulheres que tocavam ilus, isso aí eu sabia.

Mas, aqueles homens eram tão conhecedores da história que eu não me atrevia a contestar sem que eu tivesse uma prova contundente que eu estava certa e que ele estava errado. Então, o que foi que eu fiz? Peguei e comprei um tantan. Pronto, eu posso não pegar no de vocês, mas o farei no meu. Acabou. Comprei um tantanzinho para mim. Levava o meu tantan para tocar no Alafin. Aí, foi que foi a história, por que... O pessoal dizia que os instrumentos eram “curiados” e que mulher não pegava porque menstruava, porque não sei quê. Eu digo: “Ah, tudo bem. Não pode pegar nos do Alafin, não é?”. “Não, no do Alafin não pode não.” “Ah, então, beleza. Eu vou levar o meu. Porque eu não posso pegar num instrumento de couro que é o meu? Então, eu vou levar o meu. Não está escrito em lugar nenhum que eu não posso pegar o meu, subir no palco e tocar.” Já começou a arengar por aí, não é. Então, algumas pessoas já passaram a levar os seus instrumentos. Pronto, aí, as meninas já chegavam com seu próprio *abê*. Alguém já chegou com seu próprio *abê*. Acabou.

Edilson Fernandes

[...] Eu acreditava no espiritismo. Minha mãe era espírita. Mesa branca. Ela recebia uma entidade [...]. Então, essa entidade sempre aconselhou a gente muito, né? E até hoje acredito. Teve uma vez que num desses momentos do meu desamor com minha ex-namorado que é minha atual mulher... Chorando e tal, ele disse para mim assim: “Nêgo, essa mulher um dia vai ser sua”. Eu disse: “Está bom, mas quando?”, ele disse “Quando, não importa. Vai ser”. Aí fiquei esperando uma semana, duas semanas, três semanas, um ano, dois anos, três anos... Quinze anos. Entendeu? Quinze anos depois... Depois dos 15 anos foi a última vez que eu falei com a entidade. Na minha conversa com ele, me disse: “Olhe, o que é do homem, o bicho não come”. Eu disse: “É, mas por quê?”, ele “O que é do homem o bicho não come. Eu não disse que essa mulher ia ser sua?”, “Mas,

que mulher?”, “Essa nêga aí vai ser sua. Você não está conversando com ela?”, e eu “Estou.” Na sequência, aí disse pra mim, que foi a parte mais triste, e disse: “Meu cavalo vai precisar muito da ajuda de vocês”, e eu disse: “Por quê?”, e ele: “Porque o cavalo vai precisar muito da ajuda de vocês”.

Era a matéria, era a matéria... Aí pegou no suspense, que fiquei muito mais envolvido com a notícia, com a informação importante, né? Que ele disse que aquela mulher ia ser minha e de fato já estava... Mas, não imaginava que ia ser tão rápido, mas muito rápido. De sua conversa, para acontecer tão rápido, foi 2 meses. E 3 meses depois, quatro no máximo, meu pai faleceu. Mas aí, do ponto de vista de religião, eu acredito no candomblé, acredito nos orixás. A igreja diz: “Não, não sei o quê...”, mas eu acredito mesmo.

[...] Um pouco no grupo. Porque lá a gente não dançava orixá; muito pouco. Falava assim, uma vez ou outra em orixá, mas a gente não dançava orixá. Até porque Zumbi e Ubiracy tinham um pensamento de que para dançar orixá da forma que dançavam na Bahia, não era uma boa.

[...] Porque eles dançavam parlamentados lá na Bahia [...] Dança era como se fosse no candomblé e a gente achava que não era legal, só um único orixá que se dançava mais caracterizado é o Omulu, que era mais ilustre. Tinha preto, tinha as plumas, paetês, tudo isso... Aí eu conheci um pouco de orixá, mas conheci mesmo orixá quando cheguei ao Rio de Janeiro. Que todas as pessoas que se aproximavam da dança, das minhas aulas, queriam que eu dançasse, queriam que eu representasse, queriam que eu falasse, queriam que eu matizasse... Tudo que a gente não fazia lá eu tinha de fazer. E foi um grande crédito, porque eu comecei: “Ah, agora vou me interessar qual é o meu orixá, né? ”

[...] Xangô. É uma questão de justiça. Quando eu casei com a minha primeira mulher, ela era ekedi e a irmã dela era ialorixá. Aí a gente foi lá e fez, jogou os búzios e tal. Tanto foi importante que

eu passei a dar aula na Escola Estadual de Dança e saía do Meyer para o centro do Rio de Janeiro, ali na Lapa, e tinha acabado de pegar um dinheiro equivalente a um mês de dívida na escola, salário... Aí eu disse: “Eu vou ver o que tem aqui na Feira do Livro”. Aí eu fui à Feira do Livro lá e tal e comprei este livro. Foi um mês de trabalho meu. “Orixás, de Pierre Verger”. Custou um mês de trabalho. Então aqui eu comecei a ler várias coisas do Pierre Verger. Comecei a me interessar mais, a entender mais e tal.

Edvaldo Ramos

[...] Foi apenas nesse dia que eu fiz essa matéria sobre o que é que pensa, porque, inclusive, eu sou da diretoria dessa Federação. É antiga... A Federação tem 40 anos. [...] Exato, União Espírita de Umbanda de Pernambuco. Então, eu visitava o pessoal, conhecia, e escutava do pessoal a opinião, o que é que pensavam. Eu me situei, essa matéria ainda existe. Na época o pensamento de cada um era nesse enfoque dessa história do sincretismo.

O terreiro de xangô de Sinhá, Yayá e Badia

[...] É, aí, tem essas coisas todinhas e tem as datas durante o ano, não é isso? Pois lá no Terço, lá nessa casa, era tudo feito na segunda quinzena de outubro, só. Eu ainda hoje tenho essa dúvida, entende? Porque, primeiro, como eu disse, para as velhas, elas morreram sem saber quem era fulano de tal. Era aquele menino, aquele menino de Paulo Viana. Elas não tinham tanta afinidade comigo. “Aquele menino que vem com Paulo Viana”, “Aquele menino que está sempre com Paulo Viana” e é uma verdade... Até porque elas só falavam no original quando queriam. Pois bem, e falavam pouquíssimo, né? A não ser quando as duas discutiam, aí, que.... Mas, vamos a essa história que parou. Aí, por conta desse assunto, da comemoração,

da obrigação (eles chamavam a festa grande), da obrigação lá ser somente na segunda quinzena de outubro e não podia ninguém sair do batente (não era da calçada, do batente, nem na frente nem atrás). Então, ali se comemorava, ou se reverenciava, ou se agradava, ou se alimentava a todos os santos do candomblé, todos naquela data. Aí, até hoje, eu tenho a dúvida, eu não sei, Ivaldo – você que é pesquisador talvez possa conseguir descobrir isso – se as velhas vieram de algum lugarejo, cidade, distrito, onde os orixás tinham esse tipo de homenagem. Porque no ano todinho não tinha nada, somente na segunda quinzena de outubro. Aí eu associo também com a colheita do inhame, lá na África, que era tão fecundidade, essas coisas todas que era também em outubro. Mas, eu tenho outra dúvida que não consegui sair dela. Como eu já disse e repito, poderia ser um grupo qualquer que seja específico, mas também tem o outro que eu fico em plena dúvida. Ou se, considerando que a casa era no centro, e aquelas perseguições religiosas e não podia estar batendo quase todo mês – tanto assim que não batia, na casa das velhas não batia, não tinha atabaque, cantavam batiam palmas – aí tudo isso eu fico na dúvida, Isabel, se algum ritual de algum lugar, de algum ramo religioso africano que eu não conheço, ou se era força da repressão que elas procuravam evitar de estar batendo todo mês, de chamar atenção, tanto assim que nem batiam. De estar gente entrando, o pessoal entrando e saindo, não sei o quê... Um detalhe também que vem também ajudar a história da preocupação com a repressão: ninguém saía na calçada. Aí eu digo, é obrigação do santo, é respeito do santo, ou para não se ver que tinha gente estranha? Está me entendendo? Ainda hoje, Ivaldo, eu tenho essa dúvida. Está me entendendo?

Ivo Rodrigues

Não sou iniciado. Talvez pelo meu envolvimento com o grupo cênico.... Talvez não, eu tenho certeza, o envolvimento com o Grupo

Cênico me fez aproximar de ir para o terreiro, de ir para um toque aqui, um toque ali no palácio de Iemanjá, no Raminho de Oxóssi. Sempre frequentava, achava fascinante as pessoas lá cultuando seus deuses, cultuando... A gente vê diferenciações de um canto para outro... Essas coisas me atraíram para estar sempre ali, sempre frequentando, ter curiosidade em observar, aprender, discutir, eu discutia e ainda discuto, quando o pessoal chega perto de mim conversando sobre isso, é uma coisa... É muita informação, a gente não concilia essas informações, por que isso por que aquilo, por que Umbanda, por que... Tudo isso que a gente fica assim querendo entender, eu ainda não entendo, não entendo essas coisas e ainda estou querendo entender, acho que vou morrer e não entenderei essas coisas. [...] É, dessas linguagens que o pessoal usa; esse orixá que está aqui, está ali, está aqui, essas coisas assim e também eu acho que talvez seja a questão da humildade que me aproximou, da maioria dos terreiros que eu frequento ou frequentei estar localizada dentro de uma comunidade de serem negros, na sua maioria, e que enfrentam bastante dificuldade. E eles estão ali, passam por aquela dificuldade todinha, mas estão ali fazendo as coisas, e isso é um ponto que me atrai, mas como é que eles arranjam tanta energia para estar ali, eu acho que também seja isso, a simplicidade de algumas pessoas.

[...] O primeiro terreiro que realmente eu botei o pé e frequentei foi o de Raminho de Oxóssi, na companhia do Grupo Cênico, aquele que fica ali situado em Jardim Brasil, depois eu fui para outros. Eu lembro de que frequentei um aqui no Bonsucesso, tinha uma ialorixá que era filha de santo de Pai Edu, que ela tinha a casa aberta, tudinho. Ela saiu daí do Bonsucesso e foi lá para o V8, V9. Aí, você veja a dificuldade de manter, eu acho que me atraía ou me atrai ainda, chão batido essas coisas todas e o pessoal com tanta vaidade, se apegando tanto a coisa material, talvez, é isso o que me atrai muito e essa coisa toda. Teve essa... Teve... Em Água Fria também o terreiro

que ficava ali próximo ao Maracatu Elefante, lá do outro lado tinha as festas de Xangô. Aqui, na Presidente Kennedy tinha Pai Clovis, que não está mais aí, está para o lado de Pau Amarelo... São essas coisas, também pessoas que como Lúcia também que já participavam do grupo, chamava a gente para ir para as festas e eu ia, que ela é da casa de Raminho também... E a gente ia e gostava muito e ainda gosto. Sempre que tenho oportunidade, ainda vou assistir e também passo minhas orações, não vou dizer que não faço, ainda faço minhas orações. Nasci e me criei dentro da igreja católica, mas não frequento mais a igreja católica, por que não me satisfaz, não me atende de maneira nenhuma por que a gente vê uma demagogia muito grande, frequentei a Capela Dourada, o São Bento, eu frequentei muito, minha mãe também, ela foi católica depois passou para o evangelho.

Inaldete Pinheiro

[...] Comecei a me afastar da Igreja quando me aprofundei nas leituras do movimento negro. Comecei a me afastar e hoje não tenho nenhuma relação com a Igreja [...] Não tenho nenhuma religião, não posso dizer... Frequento alguns terreiros, mas não me decidi ainda. Não posso dizer. Talvez, um dia eu queira me converter para o candomblé. Até agora, eu penso assim. Possa ser que eu me converta novamente à Igreja Católica. Mas, não tenho religião. Mantenho relação espiritual com os seres, com os deuses todos. Conheço os meus orixás, que foi jogado. Hora por outra invoco... Meus orixás são Xangô e Iansã [...] Vou no Xambá, ou na casa de Maria Helena. Mas, não tenho... Não me decidi ainda, nunca fiz nada. Na aflição, eu invoco. Quer dizer, não sou boa [risos]. Não tenho ainda consciência religiosa [...] Foi muito espontâneo isso para mim. Até hoje é muito espontâneo. Eu não tenho nenhuma obrigação. Não vou por obrigação, vou por livre vontade que eu queira ir [...] Logo no início

tinha sempre as saídas. Terminava a reunião do [movimento negro] DCE, e a gente ia para algum terreiro visitar. Algum companheiro que já era iniciado convidava, e a gente ia. Muitas vezes foi isso [...] [Íamos eu e mais duas pessoas: Irene Souza e Sylvio Ferreira] Irene é falecida já. Sylvio Ferreira é vivo. No outro sábado, foram mais três e, assim, a gente foi convidando, e ampliou. Começou, inclusive, na sala da minha casa. E Edvaldo foi, eu acho que, na segunda reunião. Ele, Jorge Moraes, que é falecido hoje, e Tereza, que era sua companheira, namorada [...] Mas, Edvaldo, por exemplo, sempre foi simpaticante. Não sei se ele ainda é. Mas aí, falava: “Tem um toque em tal terreiro, vamos?” “Vamos.” É ótimo, tinha carro, a gente enchia o carro e ia. Eu achava legal. Eu não tenho nenhuma dificuldade, também não me modifica em nada. Não me modifica. Existe uma relação, isso eu tenho certeza que existe. Eu gosto de estar lá quando eu estou. Também quando eu não vou, eu não sinto falta de ir.

Lindivaldo Júnior

[...] Tem essa história da relação familiar. Uma família de negros, então.... Não discutíamos muito isso. Mas, a minha mãe sempre teve essa preocupação.... Acho que rolou uma história super... Eu lembro isso, uma coisa que era, na adolescência, uma discussão sobre boa aparência. Não sei se era o que o movimento negro provocava, e minha mãe tinha uma prática de ficar todo mundo sentado no sofá conversando. Então, era a história da boa aparência. Quando eu saía era que... Minha mãe era que me arrumava para sair. Eu era um menino bem arrumado, bem vestido, que a mãe ajeitava. Então, quando eu saía, ela dizia: “Quando falar em boa aparência pode entrar, viu? Que boa aparência você tem”. Por causa desses anúncios de boa aparência... Isso era debate. Que era década de 1970, não é? Tinha o debate colocado, que a gente via em algum lugar, e a minha mãe e o meu pai não provocou muito a discussão dentro de

casa sobre isso. Mas, tinha o cuidado de dizer esse negócio. Isso foi uma coisa muito... não sei se natural, mas isso rolava sem grandes discussões. Agora, eu sempre fui aquela figura que insistia em me afirmar negro, desde a adolescência. Isso foi uma coisa muito tranquila, para mim, nesse sentido. Porque tinha também uma história de “eu acho”. Devia ter uma história de poder, porque quem.... Pô, o cara criança, adolescente, se dizendo negro, isso aí... Que menino inteligente, não é?

Marcos Pereira

[...] Olhe, minha mãe foi parcialmente evangélica. Mas, frequentou terreiro de candomblé durante muito tempo, antes de ser evangélica. A família da minha mãe, minha avó, bisavó, etc., a parte da família dela era toda evangélica. Mas, naquela época, era uma coisa muito calma, tranquila. A família do meu pai praticamente toda é de candomblé. Então, eu fiquei... Bom, de igreja eu nunca gostei. Eu nunca tive simpatia. [...] Não, por nenhum tipo. O candomblé, eu sempre frequentei. Inicialmente, eu ia com a minha mãe. Depois, eu passei a tomar conta da minha vida, passei a ir só a terreiros de candomblé. Nunca fiz essa liturgia para virar um pai de santo etc. Nunca quis, eu acho que consome muito. É uma coisa muito séria. Eu nunca tive disposição para me dedicar ou me entregar dessa forma à religião. Eu sou um simpatizante do candomblé, frequento. É a religião que eu tenho, mas eu não quero também ser alguém na hierarquia dessa religião, quero ser apenas um adepto dela. Desde que começamos a frequentar candomblé, quando eu era criança ainda, já era com tudo: jurema, essa coisa de caboclos, Zé Pelintra, etc.

[...] Achava-se que não precisava discutir a questão religiosa porque religião, para qualquer um, era o ópio do povo, como dizia Marx. E nós entendíamos que a religiosidade negra e a afro-brasileira

constituíam exatamente o maior mecanismo de preservação da identidade e de defesa da integridade e do equilíbrio psicológico da população negra. Entendíamos que a religiosidade negra tinha sido a grande matriz preservadora da identidade negra do Brasil, porque, de lá, ela se ramificou. E, aí, não só do ponto de vista de cultura, mas também da manutenção de estruturas sociais, porque, como eu disse, quando eu frequentava terreiros com a minha mãe, eu via que várias pessoas se alimentavam ou viviam em torno daqueles terreiros. Trabalhavam para alguém que pai ou mãe de santo conseguiu arrumar e, às vezes, moravam ao redor em espaços cedidos pelos babalorixás ou ialorixás. E sem isso seriam pessoas de rua ou não conseguiriam sobreviver durante muito tempo. Então, para nós, a religiosidade não era essa coisa que o marxismo dizia: a religião é o ópio do povo, e, portanto, nós temos que deixar qualquer tipo de religião do lado. Então, nós começamos a ver a partir desses conflitos de visões ou dessas divergências que existiam que, dentro dessa estrutura tradicional de propostas transformadoras para a sociedade brasileira, o povo negro no Brasil não encontrava espaços completos para si ou para colocar suas questões.

[...] Outra coisa que começou a ser ponto de ruptura foi exatamente a questão do candomblé. Um grupo novo, ou uma parte do grupo novo, o grupo que estava se incorporando a partir de 1979, tinha o entendimento que a religião cristã, no geral, enquanto instituição, ela era ou continua sendo (e continua sendo essa a minha visão), uma das grandes responsáveis pela escravização e pela desigualdade que vive o negro, mundialmente, até hoje. Então... [...] Eles apoiaram enquanto empresa as bulas papais, autorizando e abençoando a escravização durante todo tempo. E, até hoje, essa continua sendo ainda a forma de atuação da Igreja Católica e de vários grupos de missionários. Existem alguns segmentos pequenos progressistas e que se revoltam diante do maltrato a seres humanos. Mas, esses grupos ficam tão isolados dentro da Igreja que não conseguem

alterar o perfil dela como um todo. Aí, eu falo a igreja cristã num geral: católica, evangélica, etc. Como nós tínhamos esse entendimento, e ainda temos, nós achávamos que a população negra deveria ou os militantes negros deveriam começar a frequentar terreiros de candomblé, independentemente de ter afinidade ou não com essa religião. Então, nós definimos calendários de visitas aos terreiros de candomblés. Muitas pessoas, não sei por qual razão, não queriam ir. Então, começou a haver essa divergência.

Martha Rosa

[...] Minha mãe ela não tem uma sistemática. Ela é uma mulher religiosa, muito religiosa, mas não é sistemática de ter uma religião. Então, ela nunca orientou, doutrinou nem nada para a gente ser de igreja, do candomblé, ser de um centro espírita. Nada nesse sentido. Ela, particularmente... Eu me lembro dela ter vivenciado experiências em vários campos. De uma época, alguém diz: “Aí, vai à casa de dona Fulana”, ela ia lá, tomar uns banhos, não sei o quê. Mas nunca foi de uma casa, nenhum preceito. E, não tem, não nos passou essa sistemática. Agora, depois, já idosa, muito recentemente... Recentemente assim, porque ela tem 83 anos, vamos supor que tenha uns 15 anos, ela era gnose, porque um filho mais velho se tornou gnose. Aí, ela vai às reuniões... Aquela coisa. Mas, antes não tinha nada. Apesar de a mãe dela ser da Assembleia de Deus. Mas, ela nunca se envolveu assim e nem passou para a gente nenhuma doutrina. [...] Eu também. Nunca tive uma experiência. Nunca fui de grupo jovem de igreja, nunca tive cultura de ir à missa, de centro espírita. Agora, a partir do movimento negro, eu me aproximei do candomblé, e tenho muita fé nos orixás, apesar de não ser feita, me considero uma pessoa de candomblé. Mas, não cumpro os ritos de iniciação necessários. É a minha religião em todos os sentidos. Não só no momento das aflições, mas em todos os momentos, em todos os

sentidos, para todas as histórias sigo dentro do universo religioso do candomblé, que eu me movimento do ponto de vista religioso. Mas, não tenho iniciação feita dentro de uma casa. Oxum é o meu orixá. Agora, pensando, eu trabalho candomblé por conta da questão dos orixás. De dentro das tantas religiões afro-brasileiras, ser aquela que tem todo sua cosmovisão pautada a partir dos orixás. Então, não que eu não goste das outras vertentes que trabalham...

Rosilene Rodrigues

[...] Eu não tenho uma formação religiosa. Na verdade, eu tenho, na família, uma experiência religiosa. A minha mãe, em algum tempo, foi protestante. Aí, você vai, é o mais novo. Vai porque tua mãe manda tu ir. E eu fiquei algum tempo nesse processo. Depois me retirei dele. Mas, aprendi a respeitar o candomblé dentro do movimento negro. Porque, até então, ele era [considerado] algo demoníaco, como para a maioria da sociedade, principalmente, para o pessoal que é protestante. Então, o candomblé é uma coisa que está ali, [considerada] demoníaca. Eu me lembro de que, no bairro que a gente morava, nessa Vila Iolanda, tinha uma senhora, Dona Jacira. Acho que ela ainda está viva, hoje, lá. E tem o candomblé. E ela era [considerada] o demônio da rua. Porque, para criança então, é uma coisa estranha. Na minha cabeça, naquele lugar, deveriam acontecer as piores coisas. Era sempre aquele lugar distante que eu nem me enlouquecia de passar na frente. Eu não tinha essa visão que eu tenho hoje. E, aí, eu fui aprendendo. Acho que muitas das coisas... Todos nós aprendemos durante o nosso processo de vida. Mas, comigo, as coisas nunca se dão com muita rapidez. Eu não sou uma pessoa rápida. Então, as coisas vão sendo processadas. Eu também digo que não acredito muito no acaso. Então, tem o momento para que as coisas aconteçam, que elas se coloquem, que eu visualize. E, aí, hoje, eu me vejo no meio dessas mulheres, principalmente as mulheres,

em sua maioria. E aprendendo com elas esse respeito. Respeito pela religião, pelo orixá. E, hoje, eu até consigo fazer uma discussão com algumas delas. Nem conheço profundamente o orixá, mas compreendo, como elas, que eles não estão fora dessa ordem da natureza como eu vejo que algumas pessoas acreditam. Parece que o orixá está fora da natureza. Ele pode fazer o que quer, pode fazer todas as coisas que não tem problema, porque é o orixá. Eu acredito que ele está dentro da ordem da natureza, e eu acredito que ele está dentro desse critério e dessa coisa que nos organiza. E ele tem que ser isso também. Tem que nos ajudar nisso. [...] Não. Interessante isso. Porque, de novo, na Djumbay não tínhamos isso. Todos nós compreendíamos a religião, respeitávamos, mas não sentíamos a necessidade de ser da religião. Teve um momento que Lepê Correia até nos disse que quando mexemos com essa ancestralidade, que seria o nosso caso, deveríamos, segundo ele, buscar compreender melhor. Não é ser da religião, mas é compreender melhor até entender como é que essa força funciona. Porque ela pode muitas vezes, em determinados momentos, ser alterada. Então, você precisa compreender. Eu acho que ele ajudou muito. Ele sendo da religião, nos ajudou muito a sempre termos esse olhar. Não desconsiderar. Não achar que essa religião iria nos encontrar e nos envolver. Precisávamos ter essa compreensão. Eu, pessoalmente, e nem as pessoas que estavam do meu lado, nunca nos sentimos compelidas ou obrigadas a nada, não pensávamos que “teríamos que participar dessa religião”. A gente nunca passou isso muito não. Hoje, as pessoas cobram mais. Sendo que, hoje, as pessoas nos cobram mais isso. Cobram perguntando isso: “Qual o seu orixá? Você sabe qual é seu orixá? Você nunca jogou para saber quem é o seu orixá?”. Aí, como eu tenho muita intimidade, e é o meu jeito, eu digo: “Não, não perguntei, e nunca me disseram”. “Você não quer saber?” “Não, no momento, eu não quero saber.” “Você não sabe qual é?” “Se você quiser dizer...” [Risos] Então, é muito nesse sentido. Mas eu, pessoalmente, hoje, eu tenho

outra dimensão da religião e de como ela é importante, como ela tem sido importante para continuidade dessa ancestralidade, dessa história e da guarda dessas pessoas. Compreendendo que, com esse tempo, houve uma alteração. Por exemplo, algumas pessoas tratam a religião de maneira diferente, mesmo com toda essa diversidade que eu vejo. Na medida em que você vai conhecendo muita gente... Tem coisas que eu não entendo. Mas, que também acho que eu não sou obrigada a entender. Eu acho que tem um tempo para entender. Aí, eu também não me estresso muito com essa coisa não.

Lepê Correia

[...] Mamãe nasceu em 1918, na Rua Barão de Serra Azul, hoje, Rua Doutor José Maria, ali no Rosarinho, na época da gripe espanhola. Minha avó dizia que o leite do peito só faltava fumaçar com a febre dela de gripe espanhola. E minha mãe não pegou a gripe espanhola. Mamava assim mesmo, aquele leite quente. E, aí, o meu avô transitou pelo sítio de Adão, sítio de Tia Inês. Meu avô transitou por ali. Mamãe também. Mamãe disse que era católica apostólica romana, aquela coisa toda. Mas, um dia, antes de mamãe morrer, eu tive que fazer uma oferenda para ela. Uns tempos antes, Oxum... Mamãe tinha umas coisas que a gente não compreendia, o médico dizia que não era nada. Eu tive que fazer uma oferenda para minha mãe, que era uma cobrança. Mamãe passou pelo sítio de Adão e... Mas, ela teve que fugir, porque Fogão, o grande perseguidor dos candomblecistas, do pessoal do tempo da jurema, da umbanda e do candomblé, nos tempos do Estado Novo, de Getúlio, chegou lá no terreiro e disse que ia pegar aquela negrinha e dar uns bolos bons nela. [...] Fogão era um dos policiais que andavam na Tintureira, carro preto de Agamenon, que andava acabando os candomblés pelo meio do mundo. Um certo dia, teve que ficar... A Tintureira ficou presa lá na casa de minha avó, lá no Pina, na casa de Fortunata, Baiana do Pina.

Agamenon mandou os caras ir buscar as coisas da casa dela, do terreiro. Ela olhou... Ela tinha jogado de manhã e Exu disse: “Aí vem gente”. Ela tinha, como ela dizia, um bodum atrás da porta. Quando os caras foram entrando, ela disse: “Começa por ali”. Aí, os caras foram segurar no alguidar. Inclusive Fogão foi segurar no alguidar da casa dela. Ficou preso lá no alguidar. “Não posso levantar não, porque esse negócio parece que tem chumbo.” Não tinha nada, tinha só uma pedra dentro. Ele não conseguia levantar e nem conseguia largar. Aquela história toda. De repente, o sargento diz lá para minha avó: “Minha ‘véia’, deixa a gente ir embora”. Ela disse: “E eu estou agarrada com vocês? Você não sabe que, na casa que entra, tem que primeiro entrar pela porta? E tem que começar a levar pelo que está na porta. Por que você vai para o peji? Tem que levar primeiro aqui”. E, aí, ele não conseguiu. Disse: “Minha velha, está bom, a gente vai embora”. Largou lá o negócio e foi-se embora. Ele disse: “A gente vai embora”. Ela disse: “Se tiver como”. Ele disse: “Como, minha velha?”. “Não disse nada não.” Foi-se embora. Quando chegaram lá na Tintureira e ligaram, o carro não saiu do lugar. O carro deslizava sem ter lama [risos]. Na areia, sem ter lama, sem ter chovido. E o carro deslizando, foi se enterrando, se enterrando. Os caras acabaram deixando o carro da Tintureira lá e foram embora a pé, porque não conseguiram sair do lugar. Quando foi de noite, uma molecada do Pina quebrou a Tintureira na porrada. De pedra e pedaço de pau. Quando eles vieram buscar, eles disseram: “Minha ‘véia’, a gente já sabe que foi coisa que a senhora fez, libere o carro, por favor”. Ela foi lá dentro, deu uma soprada lá nos negócios da porta e ligaram o carro. O carro pegou e foi-se embora. Isso nos anos 1920, nos anos 1930, por aí, aliás. E, aí, meu pai me contando essas histórias... [...] Paulo, meu pai, me contando essas histórias. E, aí, ele disse que, de vez em quando, a polícia encontrava determinadas resistências desse tipo com o povo da época. Minha avó, por exemplo, também, que um certo dia ela foi... Disseram, um dia, que ela tinha que pedir

para tocar. Ela foi para o palácio, e Agamenon ofereceu dinheiro para ela ir para África, voltar para África. Ela disse que não ia não, que de lá já tinha vindo e que não ia não. E que ela ia tocar. E que se os cachorros dele a achassem, cortassem a cabeça dela e enfiassem numa estaca, feito a de Lampião. Mas, ela ia tocar para Ogum. E foi, tocou para Ogum mesmo. Quando ela estava embaixo do palácio, ela disse que ele era muito atrevido: “O senhor é muito atrevido, seu China Gordo”. Era o apelido de Agamenon, China Gordo. “O senhor tem letra, mas ‘véia’ aqui tem sabedoria. Se tu me achar, tu vai me procurar e vai me encontrar.” E, aí, ela desceu, ele disse: “Minha velha, espere aí que eu vou mandar um jipe lhe levar em casa”. Ela disse a ele que tinha duas pernas. Então, saiu do palácio para o Pina lá, para o Bode a pé. Ela disse a ele que tinha duas pernas, que ele guardasse o combustível dele para quando ele precisasse dela, que ela estaria lá.

Sylvio Ferreira

[...] Minha família é católica. Fiz a primeira comunhão com muito orgulho, estudei o catecismo. Costumava rezar antes de dormir, e, ao meu modo, ao modo de uma criança, não tinha controle sobre meus impulsos inteiramente, nem sei também por que teria que ter, mas não tem. Mas, ao meu modo, levando em consideração todos esses impulsos, eu posso dizer que fui uma criança inteiramente cristã, obediente a Deus, não só à minha família, mas uma criança obediente, poderia se dizer um bom menino. Não quer dizer que não fosse traquino e um bocado também sonso, mas, são os impulsos; o sentimento da cristandade ficava, permanecia. Naquela época, era um sentimento, né? Eu sou de uma época em que a missa ainda era celebrada em latim. Era celebrada em latim e, depois que deixou de ser celebrada em latim, não por isso, mas eu acho, não estou dizendo por ser uma época de divorciado, não apenas do catolicismo,

mas religião de uma maneira geral. Mas, isso só se deu na adolescência, e a custo de muito medo. A religiosidade foi se esfumando e, quando começou a se esfumçar, perder esse sentimento de religiosidade, que seria uma espécie de início de perder a fé, isso causou em mim muito pavor e muito medo. Eu acordava, às vezes, à noite, apavorado. Como é que eu podia imaginar um mundo desprovido de Deus e de encantamentos de outra ordem, mais próximos a essa ordem, esse mundo, essa construção do mundo divina? Então, não posso dizer que, naquela época, era uma questão de ética, mas eu diria mais de estética. Mesmo que eu não entendesse nem o que era estética naquela época, mas era uma estética da música, da organização social ou de um folguedo popular que tomava conta de mim e que me encantava.

O xangô

[...] Não, não, nem todos. Mas eu queria dizer que é estranho, porque Gilberto Freyre não foi esse intelectual de olhar distante, e vivia nos candomblés, vivia cutucando cão com a vara curta. Entendeu? Enfronhado mesmo com as pessoas que, de uma forma viva e ativa, produziam a cultura popular do Estado. Então, como Gilberto marcou época, marcou história, era para se esperar que esses intelectuais tivessem maiores vínculos. Houve um tempo em que se estabeleceu um divórcio muito grande entre falar sobre a cultura e ter uma experiência direta com a mesma [cultura] e os que a fazem, apesar de Gilberto e o que introduziu como prática. Isso não era comum. Exceto por quem se interessava por candomblé. Mas, aí mesmo assim, por conta de que a Antropologia exige uma pesquisa de campo. Essa era a razão, isso não quer dizer que as pessoas que estavam lá se sentissem participantes dali e sentissem aquilo como algo integrante da vida delas. Iam por dever de ofício. [René Ribeiro, Waldemar Valente] [...] René deixou uma contribuição importante,

importantíssima, muito importante mesmo para gerações futuras, e bote futuro nisso. Querendo saber o que é o xangô, não gosto de chamar de candomblé. O que a gente chama de xangô é xangô. [...] E gosto até porque é algo que, segundo se diz, surgiu de forma depreciativa a palavra xangô, muito depreciativa. Pessoas quando passavam com os objetos de culto na cabeça, quando a polícia promovia os arrastões, se dizia era que as pessoas diziam que “lá vai aquilo ali, fulano de tal, sicrano de tal, com aquele xangô na cabeça”. Como se tivesse... era de maneira depreciativa, mas ele, René deixou uma contribuição muito grande. Waldemar Valente também. Mas, o estilo de vida de um e de outro... ambos eram médicos. De uma classe social, de uma camada social em que os vínculos com aquilo se processava muito mais por interesses intelectuais justos, elevados, mas do que propriamente por um compromisso que fizesse do vínculo que essas pessoas mantinham com o pessoal do maracatu, do xangô, um vínculo de interesse mútuo, algo a removê-los de uma situação de onde eles se encontravam socialmente. Pareceu-me isso, que tenha existido. Embora René, devo dizer, ele teve uma atividade prática também [risos], visto que ele foi um dos artífices da criação de um estatuto, como eu diria, uma espécie de associação dos terreiros religiosos daqui. Ele chega a elaborar isso. Acho que não tem a assinatura dele, mas ele foi o mentor intelectual disso.

[...] Mas, esse é um negócio de uma tirania danada. Porque passaram a chamar candomblé na Bahia, e eu participei de uma reunião aqui com as pessoas da Bahia que estavam criando uma associação, e, nessa reunião, num dia de sábado pela manhã, com algumas pessoas do xangô daqui, pessoas até importantíssimas, eu escutei eles dizerem que a nomenclatura a partir dali devia ser candomblé, e as pessoas não abriram a boca para dizer absolutamente nada. Participei de reuniões semelhantes em âmbito nacional em que as pessoas do Rio Grande do Sul recusaram isso. Rio Grande

do Sul é batuque. No Maranhão, tambor de mina. Em Pernambuco e em Alagoas, xangô. E é bom, é um nome bonito xangô. Isso é uma política decidida de cima para baixo, estabelecida e comprada pelas pessoas daqui que tinham tudo para dizer “não” e acabaram dizendo “sim”, porque isso que acontece nas universidades acontece nessas associações mais populares. Na universidade, os paradigmas são estabelecidos não apenas pelos seus valores de verdade, mas pelas alianças políticas que são formadas para dar sustentação do paradigma. Se toma... Como diz no livro das revoluções científicas, as coisas dão sustentação a um modelo de pensamento. E as coisas também dão sustentação da mesma ordem nessas associações, nesses vínculos entre as camadas populares. Então, a Bahia vem para cá, estabelece isso, mas o pai de santo daqui é convidado para um trabalho na Bahia, um evento, uma coisa ou outra, aí, sai uma rede de vantagens que movimentam esse mundo das atividades políticas em todas suas esferas, não são parlamentares, como no mundo da universidade também, sempre o professor está à espera de um convite para ir para algum lugar e fazer o seu currículo. E não é diferente com os pais de santos. Então, nessa troca subjacente, acabaram acatando esse nome de candomblé e hoje é difícil as pessoas chamarem o xangô de xangô.

De Walter à Elza Show

[...] E tinha outros xangôs, eu próprio não tinha um xangô, mas a minha casa lá na Rua da Regeneração, mas nela tinha várias outras casas, como se fosse uma pequena vila e numa dessas casas tinha um cidadão que tinha um centro em funcionamento. Um centro que funcionava e que causou, em mim, grande impressão na minha vida. [...] Não estabeleceria como positiva ou negativa, algo distinto. Algo distinto e que encantava por tudo, em relação ao que nunca tinha visto. Dormi muitas vezes ao som do batuque, e era

agradável, mas o que era distinto era ver o ritual, assistia com bastante frequência. Embora achasse distinto, me incomodava o ritual de sacrifício, esses rituais exerciam sobre mim um [desconforto]... Quando escutava os bodes ou as cabras berrando, isso me... E sendo sangrado, me deixava desconfortável. Mas, o conjunto me causou grande impacto. Grande impacto mesmo. [...] Porque o cidadão de lá, e isso é uma coisa que exercia um impacto muito grande sobre mim, ele ao mesmo tempo era, digamos, um chefe de terreiro que recebia uma entidade do xangô, recebia seu orixá, mas também recebia preto velho, recebia pombagira, entende? Então, não era algo de uma casa religiosa que você pudesse definir como xangô. Estava aberto para múltiplas coisas circulando ali dentro, e eu gostava disso, embora não soubesse ainda o que era o xangô propriamente, mas essa possibilidade de múltiplas coisas acontecendo no mesmo espaço, encontrando, interagindo, aquele homem que nunca era um homem só, eram múltiplos homens, isso era encantador. [...] O nome dele é Walter. Mas, se você perguntar quem é Walter nessa cidade, poucos saberão. Mas, se eu disser que o nome dele era Elza, provavelmente várias pessoas saberão sobre quem estou me referindo. [...] Elza Show. Pois Elza era essa pessoa que... Conheci ele antes de ser Elza. Conheci ele como Walter. Que quando morei nesse endereço, Rua da Regeneração, 945, ele ainda não era Elza. Ele só se tornou Elza nos anos 1970. [...] Ele veio a ser Elza, na verdade, na Avenida Norte, num posto de gasolina que tinha ali próximo a Encruzilhada, onde ele começou a fazer *shows* como Elza. Sexta e sábado, então. Foi ali que ele se tornou Elza. Não sei se ele fazia em Dalva antes. Não, acho que ele surgiu ali mesmo. Posteriormente. Isso não quer dizer que ele não tenha feito sucesso antes. Mas, esse sucesso que você está se referindo já tinha sido consagrado nessa casa de espetáculo que tinha e funcionava num posto de gasolina na Avenida Norte. Ele era esse homem múltiplo, não é? Que foi, assim, a primeira vez que pude ter esse contato muito próximo. Isso era

contíguo ao terreno da minha casa. A casa onde ele morava. E lhe confesso que tive contato com essas coisas todas.

Thelma Chase

Militante negra, articuladora de projetos e evangélica

[...] Houve um ano que tínhamos ensaios à noite, aí, eu não fui para o ensaio, eu precisava vir aqui em Salvador. Não morava aqui ainda, morava lá, vim para Salvador. Aí, o Zumbi disse a ele. “Cadê a Thelma? Dona Thelma?” “Thelma foi para Salvador.” Quando eu voltei, fui lá: “E aí, seu Luiz? Tudo bem? Cheguei”. Ele disse: “Muito bem. A senhora chegou, e eu já sei até o que a senhora foi fazer lá”. Aí, eu: “Sabe? Como é que sabe? Zumbi lhe falou?”. “Não, quando ele terminou de dizer que a senhora tinha ido para Salvador, eu fui lá e joguei.” “Jogou?” Eu acho que ele pensava. Eu disse: “Está pensando o quê?” Eu dizia a ele: “Eu sou evangélica”. Então, eu não sei como era que isso passava na cabeça dele, que assim que não passa na cabeça de muita gente. Você é evangélico e você trabalha com cultura e, dentro, trabalhava com maracatus. Lá com a Dona Netinha, a gente fazia festas e festas com o maracatu lá na Torre, não é Torre... Cruzeiro do Forte, na comunidade. Eu dei aula naquela escola de lá também. E ia para lá também. Tinha as festas, e eu ia para lá, e a gente fazia muitas atividades naquela avenida. Quando no primeiro ano para o maracatu sair, ele deu toda a relação do que era preciso fazer, das obrigações, eu disse: “O senhor vai para o mercado comigo porque eu não sei comprar isso”. Tudo foi comprado. Quando a gente chegou, eu disse: “Olhe, seu Luiz...”. Ele disse: “A obrigação é tal dia”. Eu disse: “Eu não vou estar”. “Vai.” Eu digo: “Não vou. Eu sou evangélica”. “Mas a senhora tem que entrar para o maracatu.” “Seu Luiz, eu não vou, eu professo outra fé.” Isso foi um maior problema, ele ameaçou que o maracatu não ia sair. Ele ameaçou

que não ia mais continuar sentando para conversar comigo até eu chamar uma pessoa da comunidade e falar: “Vocês vão ter que vencer, porque eu não vou vir. Porque não tem nada a ver. Eu não estou desrespeitando. É porque eu não tenho, não sei nem como me comportar num ritual desses”.

Wanda Chase

Militante negra e evangélica

[...] Não, eu ia. Ali, eu fui algumas vezes mesmo, porque eu achava uma coisa bem interessante. Nós somos evangélicas, não é? Mas, nem eu nem Thelma.... Nós não somos intolerantes. Eu ia porque era uma continuidade, uma atividade do movimento. Era para fortalecer, era um espaço que a gente estava abrindo.

[...] Tenho vários amigos de candomblé, pai de santo. Vários amigos de candomblé, mas nunca fui a terreiro não. Eles sabem que eu sou evangélica. [...] Lá, nós éramos muito questionadas porque éramos evangélicas. E, aqui, quando questionam a gente... Agora nem mais. A Thelma diz: “Isso é intolerância”. Mas, aqui já me conheceram evangélica. Eu sou evangélica desde que eu nasci, desde que eu sou criança. Nasci dentro da religião já. Depois, me converti, evidentemente. Então, eu não vejo nenhuma diferença. O fato de eu ser negra não significa que eu tenha... Que eu seja de candomblé. Eu, por exemplo, não danço, não sei dançar. Isso não significa que eu tenha que saber dançar, que eu tenho que beber isso, aquilo. Mas, converso com as pessoas e entendo muito da religião. Uma vez, eu fui fazer uma matéria na casa de um cantor aqui, e mãe Stela estava lá. Eu comecei a fazer algumas perguntas para ela e tal. Eu estava com pouco tempo aqui. Ela falou: “Menina, tu tens quanto tempo de Bahia?” Aí, eu disse: “Dois anos”. Ela é a maior força daqui. “Você tem muito pouco tempo de Bahia para entender

muito de candomblé.” Eu falei: “Tudo bem”. Hoje, eu já tenho outra relação com ela.

[...] Não, eu li várias coisas depois do Décio... Aquele gaúcho, Décio Freitas. Uma pessoa até que eu conheci. Li várias coisas do Abdias. Li muito sobre a questão da mulher negra. Mas, eu sempre me senti. Nada reforçou, porque eu sempre me senti muito confortável. Sempre me senti muito negra. As minhas referências, todas negras. Então, nenhum livro foi importante para minha formação. Agora, acho isso importante sim. Por exemplo, a gente tem uma prática aqui... Semana retrasada mesmo eu estive em São Paulo e, aí... Semana retrasada eu estive em São Paulo, no Museu Afro, e, aí, eu vi um livro *Mulher negra, homem branco*. Comprei. Agora estou sem tempo para ler. Comprei para ler, dei para o meu colega. Então, eu tenho uma prática aqui. Eu pego, compro um livro sobre a questão racial ou ganho. A gente circula com os meninos. Quando chega o nosso aqui, eu chamo e converso. Chegou mais um, vamos dar força, vamos ajudar. Eu os estimulo a entrarem na universidade e a estudar. Vários deles já foram promovidos. Então, a gente tem essa coisa muito aflorada. Eles leem alguma coisa sobre a questão racial, eles vêm conversar comigo. Como outras pessoas que tem aqui também, como Orlandinho, como Jorginho. Então, eu acho importante essa prática da leitura. Nenhum milita em nenhum movimento, como, hoje, eu não estou ligada a nenhum, estou ligada a todos. Eu sou a referência de alguma coisa ligada à questão racial, um seminário, um debate e tal, as pessoas já me procuram. Eu vou articular, eu vou achar uma fórmula de isso aqui ser veiculado. Meu chefe é gaúcho e é fantástico, muito sensível, ele entende mesmo que a maioria da população da Bahia é negra. Então, tem que ser dado esse espaço. Isso era uma coisa que me incomodava muito quando eu vinha passar férias, quando eu vinha passar as festas aqui. Eu via televisão, só via branco na televisão. Eu não via negro falando bem na televisão. Isso me incomodava muito. Fazer uma

matéria de economia, não tem um negro falando. Fazer uma matéria sobre política, não tem negro falando ou quando fala é bobagem, colocam para ridicularizar. Então, isso foi um trabalho.... Porque eu chegava assim no Banco do Brasil o gerente era negro. Eu anotava nome, telefone e tal. Nesse tempo, não tinha *e-mail*. Aí, eu chegava, entrevistei uma nutricionista, médica, eram negros. Aí, comecei a guardar. Comecei a fazer um banco de dados. Abigail, uma amiga minha do Rio, militante, PCdoB, foi assessora da Bené, Benedita da Silva, do Cao, Carlos Alberto Oliveira, do Abdias. Um dia lá em casa, aí, eu contando para ela: “Vamos fazer um projeto”. Nós fizemos um projeto. Daí, o meu projeto era para publicar alguma coisa e levar para as escolas. Aí, nós encaminhamos para a Fundação MacArthur em São Paulo. Eu passei na primeira etapa e na segunda etapa. Na terceira etapa, tinha um projeto melhor do que o meu, não fui aprovada. Mas, no entanto, quando aqui: “Ah, precisamos de uma nutricionista”. Eu digo: “Eu tenho uma”.

Zumbi Bahia

Capoeira

[...] A capoeira nunca deixou de existir no Recife, mas escondida. A capoeira camuflada, aquela capoeira que muitos mestres chamam de “camaleão”, muda de cor de acordo com as situações. Então, essa capoeira existiu. Quando eu cheguei aqui em 1979, comecei a pesquisar, a saber quem realmente estava fazendo capoeira, se ainda existia. Embora, até o *Jornal do Commercio* anunciasse que a capoeira estava de volta 90 anos depois de seu banimento. Então, o *Jornal do Commercio* em 1979, em agosto, não é? Ou julho, né? Em julho de 1979 anuncia que, 90 anos depois, a capoeira volta do exílio. Aí, fui encontrar mestre Pirajá lá no Alto da Conceição. Fui encontrar com Paulo Guiné, que fazia uma capoeira de lazer, em dia

de domingo, com os irmãos e os primos lá em Prazeres, na praia de Prazeres. E mais tarde, um pouco mais adiante, um começou a falar com o outro, e aí eu conheci João Mulatinho, conheci Marcos Coca-Cola, conheci Lázaro, Bigode e outros mestres que estavam aqui, mas a expressão da capoeira não era tão bem aceita, porque até hoje, parece que Recife luta, muito, pela preservação do frevo. Já houve embates com a Bahia, porque que o frevo nasceu no Recife e não podia a Bahia estar fazendo frevo, e teve esse tipo de embate. E eu, juntamente com Antônio Carlos Nóbrega, que na capoeira tem o nome de Avestruz, lá na Rua Real do Poço, em Casa Forte, lançamos um livreto de cordel, *A História da Capoeira no Recife*. Um dos primeiros versos diz assim: “Eu vou contar uma história que no Brasil sucedeu, na capitania de Pernambuco foi onde aconteceu a criação da capoeira, pois ela ainda não morreu”. Então, essa criação da capoeira, quando eu começo a falar, as pessoas começam a tomar susto, primeiro porque eu sou baiano, e dizem que o baiano é muito bairrista, não é? E esse bairrismo, às vezes, o torna egoísta. Então, a Bahia assumiu a paternidade da capoeira e propagou. E Recife... A gente começa a fazer a pesquisa desde o período da Invasão Holandesa, logo após a Invasão Holandesa ou a partir da Invasão Holandesa que começam os noticiários sobre uma luta de jogo de braços e pernas, cabeças, que o oponente não sabia de onde vinha a porrada. E que também havia a situações em que esses negros, aquilombados, saiam, quando viam a escolta, eles saiam correndo até o momento em que obrigavam, forçavam uma emboscadas para esses soldados e aproveitavam numa região de mato ralo, que é uma das definições de capoeira. Mato ralo, mato que foi cortado. Quando eu comecei, juntamente já, nesse momento eu já tinha a parceria com o Pirajá e aí outros mestres se juntaram, e aí a gente começou a firmar isso nos jornais, que a capoeira era uma criação realizada aqui. E aí, quando a gente começa a pesquisar e provar que essa capoeira, até então, era uma briga de rua. Natural da época, em que os

tidos como valentões como Bentinho de Lucas, Amaro Preto, Sabe Tudo, então todos esses, capoeiras na época, por força de repressão policial, passaram a utilizar uma sombrinha e aí, na frente das bandas de música militares daqui, faziam não só os movimentos da capoeira, mas já vinham com outros passos diferenciados, embora a navalha estivesse escondida, porque, realmente, era uma honra rasgar o bombo da outra banda com a navalha. Então, automaticamente, quando a gente começa a falar isso e contextualizar, cientificamente, que essa capoeira foi muito antes. Outra justificativa: a Capitania de Pernambuco era fronteira com o atual Estado da Bahia. Então, houve muita migração, muita correria porque a repressão era grande. Ah, essa questão de trocar de nome, capoeirista tinha quatro, cinco nomes. Dormia aqui e já amanhecia em outro lugar com um nome diferente. Porque o capoeirista era uma caça que a repressão estava atrás, então ele tinha de estar trocando de nome. E hoje é tradição na capoeira ter nomes, apelidos e nomes próprios da capoeira. Quando a gente começou a propagar isso, então a capoeira começou a ter um novo olhar.

Amauri

[...] Eu acho que o movimento negro traz um pouco aquela coisa da oralidade, né? Era sempre alguém dizendo: “Porque não assim, assado”. Mas, sempre tinha uma ligação, vamos dizer assim, de referências. Em alguns momentos referências acadêmicas, em outros da oralidade. E aí quando entra a história do candomblé mais uma vez porque têm alguns significados, algumas coisas que nós utilizamos que têm uma relação com a África, mas, por exemplo.... Eu não lembro o nome da autora, mas eu trabalhei um bom tempo e pesquisei um livro de uma inglesa que foi pra África, paleontóloga, se não me engano. Ela foi pesquisar os desenhos rústicos, as estamarias tribais. Ela fez uma pesquisa em cima disso, entendeu? E eu pesquisei ela. Então demorei um pouco a fazer uma ligação uma coisa com a outra, mas, por exemplo, eu não sabia, por exemplo, que uma tartaruga ou um cágado é uma representação de Xangô. A cobra era uma representação de Becém, o búfalo é uma de Iansã. Então você usa um detalhe, um pedaço do chifre aí você está fazendo o quê? Você está voltando pra academia, você está pegando um

significado e significantes e imprimindo isso de forma visual. Agora do ponto de vista da psicodinâmica das cores tem até divergência, tem muita gente que diz, por exemplo, as cores amarelo, verde e vermelho é utilizado pelo pan-africanismo, mas são as cores dos colonizadores, as cores da bandeira de Portugal e Espanha, na época eles que invadiam a África.

[...] Eu acho que o movimento negro cumpriu muito com esse papel da identificação da raça, identificação não, mas de assumir, de um pouco fugir daquilo pré-estabelecido. E aí, essa coisa de África, ela volta mais uma vez com a religiosidade. Eu demorei a perceber isso. Eu só lamento isso. Demorei a perceber porque, se eu tivesse percebido isso antes, eu teria tido um melhor desempenho no meu trabalho profissional, principalmente na área de arte gráfica. Hoje eu estou compreendendo melhor, entendendo as coisas, porque quer queira quer não, vamos supor um ojá amarrado no cabelo, um pano amarrado no cabelo, ele é nitidamente africano. Onde é que a gente vê isso? No candomblé. Ou a gente bota essas contas aí feitas bolinha por bolinha, isso veio de onde? Da África. Onde a gente vê isso? Lá no candomblé. Quando a gente bota uma pulseira de metal redonda, a gente não sabe que aquilo ali é uma ferramenta religiosa. Está onde isso? Está lá. E a gente ia para a rua.

[...] A gente não vê hoje o movimento estudantil como a gente via nos anos 1980, por exemplo. É aquela vontade, aquela força, aquela coisa permanente, o movimento. Hoje é aquela coisa mais... A gente lutava na época pra ter grêmio livre. Hoje tem grêmio livre, e ninguém está nem aí. A gente militava no centro cívico porque era a única coisa que podia, porque se não fosse ali não era lugar nenhum, entendeu? A gente tinha se reunido na igreja católica, porque era o único lugar que abria as portas pra gente se reunir. Não tinha outro e o resto era segredo. [Risos] Ou era muito clandestino ou você tinha que ter uma base. Aquela coisa do movimento negro mais puro tem uma relação muito familiar, tem a família que tem

uma história da religiosidade, naturalmente você está dentro da história. A história do maracatu é um pouco assim, vai passando de pai para filho, vai passando e nós temos agremiações com 200 anos de existência. É uma coisa que vai passando geração para geração. Muito curioso isso, mas é a coisa mais... Isso é África. Aquela coisa da comunidade, aquela coisa familiar.

[...] Ancestralidade. É como eu disse e repito, eu lamento só descobrir isso agora. Eu demorei, mas achei que meu tempo está sendo agora.

Brivaldo

[...] E aí eu já me envolvo dessa tal forma como se eu já fizesse parte do Alafin dentro da época que o Alafin veio de... Desde o nome Alafin veio do contexto cultural africano. E aí a minha história dentro do Alafin se torna grande porque eu faço a minha história ser grande, porque eu me entrego de corpo e alma à entidade, eu já aprendo a tocar, eu já aprendo a cantar as músicas todas... E no Carnaval de 1987, eu já comando a... Quem vem cantando nas ladeiras de Olinda sou eu junto com os outros intérpretes do Alafin na época.

[...] A música que eu ouvi pela primeira vez no afoxé Alafin Oyó foi: (cantando) “Aquele navio grande que transportava o povo negro, Era num navio negreiro, ô, ô, ô, ô, ô. Que chegou da África, que chegou da África pelo dia, dia, dia. Mas nós não temos preconceito, não. Preconceito é ilusão. Samba, Dudu. Samba, negrinho. Que é para manter a tradição Samba, dudu. Samba, negrinho. Que é para manter a tradição. Mas olha que vida zongue ê, ê, ê, ô, ô. Que vida que passamos, que vida que passamos. Olha que vida zongue, ê, ê, ê, ô, ô. Que vida que passamos, que vida que...”. Aí, esse Navio Negreiro é uma música que realmente eu me sinto sendo transportado de novo do continente africano ao Brasil. Quando eu chego ao Alafin é onde realmente sinto que estou em casa. Que eu estava voltando

para a minha casa, que quando eu escuto essa música, do navio grande que transportava o povo negro, o navio me transportou de novo para... A africanidade que eu vejo, quando chego no Alafin que eu me apaixono, que eu fico entregue de corpo e alma.

[...] O primeiro afoxé de Pernambuco que saiu de dentro do MNU, ele traz o seu rei e sua rainha. Não vestidos como o povo de maracatu, vestido europeu, mas no afoxé o rei e a rainha representam realmente a corte africana. Eles vêm vestidos de maneira bem africanista. E eu acho louvável, até porque as primeiras charangas, do pouco que eu vi, eles realmente traziam o seu rei e sua rainha para cantar e tal, vinha com sua sombrinha de maracatu.

Claudete Ribeiro

[...] Essa letra foi a do primeiro festival. Eu acho que pode vir qualquer outra letra belíssima tanto quanto. Mas, essa letra é direta em relação à força de Xangô. Quem quiser saber o que é Xangô vá pesquisar, vá estudar. Ela diz assim: “Oyó, capital iorubá, que canto na cadência ijexá. Oranyan te fundou, Ajacá te comandou, mas foi pela força de Xangô que um grande império Alafin se transformou. Negros do Alafin cantam Oyó no passo do afoxé, saudando meu pai Xangô. Kaô, kaô, kaô kabecilê”. Essa música foi inspirada exatamente... Quem me deu essa pesquisa, quem me deu esse material foi o camarada que fundou o Alafin Oyó, foi Jorge Moraes. Fico emocionada quando eu falo isso. Eu fui pesquisar o que era Oyó. Oyó era uma linda cidade que foi fundada por Oranyan. Oranyan cultuava Xangô. Preste atenção, Oranyan cultuava Xangô. Todo rei que empossava, adquiria para si o nome do orixá ao qual ele cultuava. Então, Xangô orixá, Xangô Alafin. Xangô, rei de Oyó, cultuava Xangô orixá. Só que ele não podia ser injusto. E como todo pai, ele dá, dá, dá e depois ele toma. E toma na justiça muito forte. E como mandava a tradição, aquele rei Alafin, tinha que se matar, ele tinha que

suicidar para manter a honra da família. Então, vamos traduzir isso para os dias de hoje? Se você olhar a letra, ela diz: “Oranyan te fundou, Ajacá te comandou”. Oranyan fundou Oyó, Oranyan era um rei Alafin que cultuava Xangô e fundou Oyó. E ele saiu para guerrear, aumentar o reino. E deixou seu filho Ajacá. E o que faz Ajacá? Cultua Xangô, oferece oferenda a Xangô e toma a cidade de Oyó do pai. Quando o pai volta, ele diz: “Não, o rei sou eu. Você demorou muito a voltar. É, você mesmo. Fique com as terras que você guerreou e ganhou, porque essa aqui é minha. Eu não vou dar mais não”. Aí, Xangô disse: “Tudo bem, Ajacá, você é o rei”. Mas, aí, Xangô toma a cidade de Ajacá. Toma a cidade de Ajacá, coloca outro rei no lugar e Ajacá tem que se matar. Entendeu? Então, se você perceber essa história, é exatamente isso que vem acontecendo no Alafin Oyó há muitos anos, entendeu? O único que se saiu muito lindo, em cima do salto e deixando saudades foi quem fundou.

[...] Eu acho que a África, hoje, é um território desconhecido mesmo. Nós precisaríamos levar muito mais informações do que foi a África hoje, do jeito que ela é hoje. Porque se você olhar direitinho, na África, hoje, eu acho que 90% dos africanos são muçulmanos e toda essa energia que a gente diz que veio da África e sente que veio, e é verdade que veio, lá, não existe mais. Então, a África é um berço adormecido. É como se fosse um elo perdido. É exatamente isso, um elo perdido. No sentido religioso para o povo brasileiro, a história da África é um elo perdido.

Edilson Fernandes

[...] Esse *Corte Real de Zumbi*... Ele tentava mostrar uma parte da história de Zumbi dos Palmares. Um momento africano, como se as pessoas estivessem, digamos, numa aldeia mais livre, numa sociedade igualitária em termos de África propriamente dita. E depois o transporte no navio negreiro e aí o processo de escravização. E

Zumbi, nesse momento, ele era... Tinha o reinado de Zumbi e ao mesmo tempo ele era covardemente assassinado por um dos discípulos dele, que era o Chaparral quem fazia. Aliás, esse espetáculo, ele na verdade.... Assim, eu assisti o processo de montagem dele, a construção.... Mas, parece que já era uma coreografia de *Um Lance de Liberdade*. Do espetáculo *Um Lance de Liberdade*. Zumbi pegou um quadro de *Um Lance de Liberdade* e transformou em um espetáculo. E algumas cenas também eram repetidas. Tinha algumas coreografias que eram clássicas dentro do espetáculo, dentro do grupo.

[...] Por exemplo, uma relação de Oxóssi, caçador e caça, que Ubiracy que era quem fazia, inicialmente com Bereguedê, que depois eu passei a fazer o pássaro. É, outra coreografia também... Na verdade esse quadro da morte de Zumbi, a gente fazia também em *Um Lance de Liberdade* e no *Corte Real de Zumbi* as pessoas faziam novamente. Outra coreografia que é um solo de Ubiracy Ferreira dançando [...], com as roupas de Omulu e embaixo da roupa saía o Tiago, que era uma criança e as pessoas achavam fantástico. Ele dançava um monte de coisa e depois saía aquela criança dali de baixo, que era Omulu. Outra dança igualmente interessante que se repetia com certa frequência era uma de *Um Lance de Liberdade*, que eu chamava de pombagira, que era o Careca que fazia. Depois o careca faltava muito também, aí eu comecei a lhe substituir e a primeira vez que eu dancei, assim, publicamente foi no Colégio de Aprendizes de Marinheiro, em Olinda. Outra coreografia que também fazíamos muito era o maculelê, que não era aquele como a gente vê hoje, mas assim, tipo um trançado, né? E também capoeira, sempre tinha... Esses quadros se repetiam de uma forma ou de outra. Tinha uma dança que a gente fez muito no Hotel de Zumbi que era o cambambula. Esse cambambula era dois homens sempre nas diagonais, né? Passavam como se fosse capoeira na diagonal. Outra coreografia... Aliás, aí são solos, né? Um solo que sempre acontecia era o solo que o Ubiracy fazia com o fogo de Xangô. Então

com duas gamelas, uma numa mão e uma na outra, às vezes só na cabeça, né? E ele rodava... E outra que eu fazia, que era na morte de Zumbi... Que o Chaparral fazia e, na minha opinião, não trazia dramaticidade nenhuma. E aí, quando eu comecei a fazer, eu pegava o facão antes de desferir o golpe no Zumbi, eu simulava golpes em mim mesmo, né? Rolando, jogando o facão de um lado para outro... E depois que eu cheguei no Rio de Janeiro, eu fiz desse quadro um espetáculo, que foi o *Ondirê*, que eu tenho esse facão até hoje. Tem mais de 20 anos esse facão.

[...] A África hoje é muito mais complexa para mim. Porque quando eu estava no Balé Primitivo, eu achava que África era igual Brasil. Achava que, por exemplo... “África, Brasil... África é um país e Brasil é outro.” Eu imaginava isso... Que só tinha negros, que tinha um monte de gente dançando dentro da selva. Assim, uma imagem distorcida da África. Que tinha muito elefante, Tarzan, macaco... Era isso... África, pra mim, era isso. África, pra mim, hoje, é outro povo. Então, quando eu saí do Balé Primitivo de Arte Negra eu não entendia o que era África. Eu comecei a perceber o que era a África depois... Comecei a ver a África, a sentir mais. Assim, eu sentia mais a África quando estudava balé, mas entender melhor a África foi depois que eu saí. Porque aí eu comecei a teorizar mesmo as coisas, porque eu comecei a entrar em contato com outros grupos de dança, no Rio de Janeiro. Eu queria transportar a experiência aqui de Recife para o Rio de Janeiro com meu tipo de roupa e tal. E não deu certo no início... E as pessoas começaram a questionar: “Mas, África não só tem gente nua. África não só tem gente dançando, só negro”. E isso começou a vir... Eu: “Realmente...” e eu comecei a ver e a ler coisas. A descobrir que o Egito é na África. Então, é outra África. [...] Eu tinha uma noção muito estreita. Igual a mim, certamente, todos os meus colegas. Então, não tinha muito essa discussão... A África é um continente com mais de cinquenta países, tem várias culturas, que tem uma África negra que é essa

que a gente está tentando tratar aqui... Isso não tinha, não... Essa discussão não era tratada.

Inaldete Pinheiro

[...] As independências [dos países africanos] eu acompanhei já no Recife. Todas. Particularmente dos países de língua portuguesa. Todas não, porque começou há tanto tempo. Mas, da década de 1970 para cá, eu acompanhei todas, vibrando, fazendo poemas. Que eu tinha muita raiva. Eu defendi Mugabe. Hoje, ele está há quase 30 anos no poder [...] Zimbábue, Mugabe. Rodésia. Mas, naquela época [antes de vir para o Recife], não tinha notícia nenhuma de África.

[...] Fui uma vez, para ficar... Parcelei a passagem. Um mês de férias. Eu queria conhecer Dacar, porque era a entrada. O vôo fazia Dacar. Dacar, Lagos eu queria conhecer e, depois, Angola. Cheguei em Dacar, de lá... Aí, tinha um companheiro daqui do movimento que tinha morado em Guiné Bissau. Eu encontrei dois rapazes de Guiné Bissau em Dacar. Aí, disse: “Ah, eu quero ir para Guiné Bissau”. Fui lá, encontrei um namorado em Guiné Bissau e fiquei lá. Não fui para Nigéria e nem fui para Angola, pronto [...] Fiquei 35 dias, porque eu vendia 10 dias de férias. Aí, ficava mais um tempinho. Não, eu fiquei 30 dias em Guiné Bissau, em 1981 [...] Participei do aniversário dele [Amílcar Cabral], em homenagem. Nossa referência. Lia os livros de Amílcar Cabral. Sim, a gente leu. Porque além da gente pós-revolução, em 1975 foi lá... Estava muito ainda em evidência: ele, Agostinho Neto e Samora Machel. Então, a gente tinha que devorar as teorias revolucionárias deles [...] Patrice Lumumba também. Tenho material dele [...] Foi emocionante. Mas, aí, não é a África que a gente idealiza. Confundiam-me com uma norte-americana porque eu estava com um macacão jeans. Eu usava calça comprida nessa época, hoje eu não uso mais. O macacão jeans, aí, pensavam que eu era americana. Invariavelmente, iam

falar comigo em inglês, que eu era americana, norte-americana. Eu “arremedava” um pouquinho do francês, conseguia me comunicar. Gostei muito. Andava um pouquinho. Fui a Goré. Era um porto de escravos. Era uma fortaleza. Tiravam a negrada do continente e levavam até uma ilha, lá era a quarentena. Ficavam esperando o navio. Tinha quarto de gestante, quarto de criança, quarto de velhos. Foi duro recapitular isso. E várias mensagens das pessoas que passam lá, os grandes: presidentes, embaixadores. Escritas em um espaço de parede. É pertinho de Dacar, a gente vê as luzes de lá. De Dacar a gente vê Goré. Uma pessoa de lá me disse que ali era, aí, eu disse: “Quero ir”. Eu não sabia disso. Ele disse que era um porto de escravos. Pega o barco e vai. É um ponto turístico hoje. Muita gente visitando, muita gente. Mas, é uma cidadezinha, uma ilha habitada [...] Não, porque a língua é estrangeira, não dá para se sentir em casa. Os negros não me viram como uma deles, eu era uma estrangeira lá. Mas, eu gostei de ter ido [...] Eu queria conhecer um país africano, como eu ainda quero ir mais. Agora, eu já vou com outra conotação. O Mali, onde tem aquela biblioteca famosa. Quero ir à África do Sul, ver como está após o *apartheid*. Quero estudar, um mês lá, inglês, aí, aproveito e conheço a África do Sul. Pelo menos Johannesburgo ou Cabo, alguma cidade. Eu quero voltar, quero morar ainda algum momento se eu puder. Agora, já seria como uma colaboradora... Da saúde, de alguma coisa. Talvez da saúde, o que eu posso fazer. Mas, era a África idealizada que eu queria ver. Não vi. Mas, nem por isso eu me afasto dessa referência histórica. E lá tem uma fonte fantástica em Dacar, que, na época, eu não sabia. Lá, tem o Centro de Cultura Negra famoso. Francês, de subvenção francesa. Famoso. Que eu não pesquisei nada. Lá, tem os baobás, que é minha paixão. Eu pesquisei sobre os baobás. A árvore nacional [...] É, em toda África. Só não tem baobá em cinco países. Isso eu quero fazer, um trabalho com os baobás de lá. Tem muita coisa para ver, tem muita coisa para ver que nos identifica.

Marcos Pereira

[...] Amílcar Cabral, por exemplo, sobre o processo da Guiné- Bissau. *A arma da teoria*, um livro que eu, até hoje, considero superinteressante. Tem um livro de Auguste Comte sobre a África, o povo africano. Nós discutimos, por exemplo, na formação, *Os Condenados da Terra*, Frantz Fanon. Repassamos, durante muito tempo, para outras gerações esse tipo de experiência ou de tematização que a gente fez. Tinha uma literatura que era muito carente. A gente procurava tirar algumas conclusões também a partir da imprensa sobre a África do Sul, o *apartheid* [...] Rodésia também. E a gente organizou, nesse tempo de MNU, um comitê antiapartheid. Fizemos lançamentos, recitais de poesia etc. Tem um livro chamado África Austral, Basil Davidson, o nome do autor, é um inglês. Tinha algumas informações interessantes, mas deixava muito a desejar do ponto de vista da atualidade, o que estava acontecendo, na época, na África do Sul. Nossa informação era, praticamente, através de jornais. Como eu já ganhava um salário razoável no banco, comprava *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil*; os jornais locais eu lia nas bibliotecas. Comprávamos os jornais maiores do Sul, porque, naquela época, trazia mais informações, e os locais, outras pessoas pesquisavam, como Adelaide, que é bibliotecária e que pesquisava na Federal. Mas, a gente não tinha muitas fontes atualizadas sobre a situação na África. Até porque, naquela época, não tinha internet ainda. Então, todo nosso acesso era através de fontes escritas. Quando começaram a vir os exilados – e algumas pessoas vieram da África: um que trabalhou na Guiné Bissau, trabalhou durante 4 anos, outro que trabalhou em Angola etc. –, a gente passou a se reunir com essas pessoas, e eles passaram também informações, um quadro um pouco mais realista e atualizado da situação nesses países [...] O comitê antiapartheid no Recife era também, naturalmente, o comitê Liberte Mandela, liberdade para Mandela. Nós fizemos botons, fizemos vários materiais de propaganda da Liberdade

para Mandela etc. Teve uma época, que Winnie Mandela... A gente entregou um documento de solidariedade assinado pelo movimento negro e por várias outras entidades negras que já existiam na época. Teve outra época que veio o Desmond Tutu. E aí nós queríamos... Era o governo Arraes, nós queríamos ter uma conversa direta com ele no Palácio. Naquela época, a gente queria denunciar naturalmente. Não só prestar nossa solidariedade à África do Sul e à libertação de Mandela etc., mas, como denunciar também a situação de *apartheid* do negro no Brasil, em Pernambuco. Não fomos permitidos. Ariano Suassuna participou, ele chegou a participar de algumas reuniões do MNU. Sentava naturalmente como nós, nas almofadas, no chão, e acompanhava as discussões. Chegou a frequentar várias reuniões. Ele foi um dos convidados por Arraes para receber esse bispo, Desmond Tutu, no Palácio das Princesas. Nós fizemos um manifesto. No manifesto incluía a questão da solidariedade, o pedido de libertação de Mandela, mas também incluía a situação do negro no Brasil e, naturalmente, o pedido, a exigência de rompimento das relações diplomáticas com a África do Sul. Porque o Brasil, durante o tempo todo de *apartheid*, nunca rompeu com a África do Sul. Tinha linhas aéreas do Rio de Janeiro para Johannesburg e para o Cabo, Cidade do Cabo. E não tinha para Angola, para Luanda, não tinha para Moçambique, que tinham acabado de fazer as suas libertações nacionais na época. Então, nós tínhamos uma decepção, uma vergonha muito grande da política brasileira em relação ao continente africano. E, aí, a gente incluiu essas coisas no manifesto e mandamos também para o Ministério das Relações Exteriores etc., e queríamos entregar ao bispo. Bom, não deixaram e não deixaram. Isso foi em 1983, 1984. Nós fomos, em passeata, até a frente do Palácio. Não deixaram a gente ir com carro de som. Tinha um grupo numeroso, eu acredito que umas 300 pessoas. Porque não foi só o MNU, vários grupos foram. E como não permitiram que a gente entrasse com carro de som lá na frente do Palácio, nós fizemos, em coro de 300 e tantas pessoas, a

leitura do manifesto. Então, eu lia frases e as pessoas repetiam. E deu para o bispo escutar lá dentro. E, aí, Ariano disse a ele que aquelas pessoas que estavam lá fora eram as que estavam lutando para mudar a realidade das relações raciais no Brasil, etc. Passou algumas informações. Posteriormente, nós conseguimos ter contato com o bispo, quando ele foi falar com Dom Helder Câmara. Nesta ocasião conseguimos entregar aquele documento a ele. Nunca tivemos uma resposta e tudo mais, mas o fato foi noticiado pela imprensa. Dentro do ponto de vista das atividades que o movimento negro desenvolvia foi muito importante. Em outro momento, a gente fez, no dia 20 de Novembro, eu acho, uma greve de fome contra a *apartheid* na África do Sul, no Parque 20 de Novembro ou 13 de Maio.

África

[...] Estive no Egito, mas é África do Norte. Eu não gostei simplesmente. [...] Eu acho uma sociedade, hoje, muito problemática para mim porque, como eu disse, você tem uma visão um pouco mais ampla. Como negro eu me senti bem, porque tinha muita gente de outras partes da África que estavam por lá. Todos eles achavam que eu era de um desses países árabes, tentando falar em árabe comigo. Mas, aí, o tratamento que é dado à mulher nessa sociedade sem que haja uma tematização disso eu acho violento. Eu acho que é uma estrutura extremamente repressiva, e todo mundo é muito silencioso. Talvez, porque, de lá, saíram, durante muito tempo, os mercadores de escravos para a África subsaariana. [...] Eu vou para a África. No continente africano tem vários lugares para onde eu não vou por uma questão de segurança pessoal. Eu não quero ir. Eu não vou para a Somália, por exemplo. Região muito problemática, violenta [...] Na Etiópia pode até ser em algumas partes, porque geograficamente falando é muito bonita e tudo o mais. Nessa parte eu não sei. Eu quero ir... Estamos planejando uma ida a partir da Guiné-Bissau,

Senegal, Cabo Verde. Na África de língua portuguesa. Eu gostaria de conhecer a Nigéria também. No Congo eu gostaria muito de ir, mas é extremamente perigoso, complicado. [...] Olha, com a morte de Lumumba. Com a ascensão de Lumumba houve essa secessão. Eles fizeram várias... Tem a região de Katanga, que era rica em Coltan, isso ou aquilo. Toda essa tecnologia que a gente usa deixa de existir no outro dia se os congolese, realmente, assumirem o controle democrático desse país, se os que governam o tempo todo lá não pararem de ser agentes dos conglomerados internacionais... Mas, aí, tem essa... A RDC, ela engloba, hoje, isso que era o Congo belga e o Congo francês. [...] Pois é unificado. Pelo que eu saiba, ou pelo que eu tenho, pelas informações, ele é unificado esse espaço todo. Na verdade, esse rei Leopoldo, lá da Bélgica, pegava quase tudo. Parte desse Estado livre do Congo, que eles chamavam, era quase toda a região, tentando invadir as áreas de outros países. [...] Kruschew abandonou Patrice Lumumba e o Movimento Nacional do Congo (MNC) ou a frente, FNC, Frente Nacional do Congo, alguma coisa assim. Na verdade, ele fez discurso, ele queria preservar o acesso a alguns minérios lá e aparecer. Está muito claro, hoje, nos documentos históricos que tem que ele usou, o tempo todo, isso só para ganhar ponto na Guerra Fria. Ele, em nenhum momento, deu apoio indireto a outros grupos que defendiam a manutenção de Patrice Lumumba no regime. Depois, se confrontou com o próprio Congo. Eu não sei se você já leu o discurso de Lumumba, da posse [...] A África é um continente complexo e desconhecido para mim. É a minha terra de origem, meu coração vai sempre estar lá. Meus bisavôs ou anteriores foram trazidos, eles não vieram para cá para o continente americano espontaneamente. Para mim, a África – e a gente fala África, às vezes, de uma maneira muito à vontade. Mas, são partes da África. A gente não tem o direito de saber exatamente da onde viemos. Mas, a África é onde vai estar o meu coração e minha mente o tempo todo. Porque eu sei que eu estou aqui hoje,

vivo e falando, porque algum dia meus bisavôs ou anteriores nasceram naquele continente, construíram famílias, etc. e, depois, foram perseguidos. A minha ida a alguma parte do continente africano subsaariano é para ter um reencontro espiritual com essa terra de onde saíram os meus e coletar mais informações, se possível, que expliquem um pouco como é, realmente, essa identidade dos negros do mundo todo com esse continente africano ou se não existe mais essa identidade. Para isso você tem que estar no próprio continente para perceber o quanto é igual ou o quanto é diferente. Aí, naturalmente, nos países que foram mais saqueados por seres humanos como é o Congo, Angola, Moçambique, Senegal etc. [...] A Etiópia é o único país que não foi colonizado por uma potência europeia branca. Você sabe, não é? [...] Mas, é também uma história muito problemática, porque tem que, às vezes, separar um pouco a parte de mitos de fatos. Esse Haile Selassie e, depois, o outro, Menelik. [...] Eles têm também dentro da visão, naturalmente, que a gente desenvolve aqui como formação, tem também muito de ditadura, de uma ditadura um pouco sanguinária, cruel etc. Então, às vezes, as pessoas curtem muito esportivamente: basta ser África, basta ter o nome. Mas, eu sempre lembro Solano Trindade quando ele diz: “Negros que oprimem, negros que exploram ou que vendem não são meus irmãos”. São negros que lutam pela libertação da alma e do povo, esses sim são meus irmãos. Então, quer dizer, naturalmente, você tem um lado que é a opressão geral que o negro sofre em todo o mundo, aqui, na Europa, em qualquer parte.

Martha Rosa

[...] África para mim significa um espaço. Claro, uma referência de ancestralidade. Eu tenho essa ideia. Uma referência de ancestralidade. Uma referência de realidade e de imaginação. Acho ótimo isso. Acho ótimo o movimento ter se permitido ter um espaço. Não cair

no engodo de: “Ah, vocês transformaram a África em um espaço mítico”. Acho ótimo termos direito a espaços míticos. Eu queria ter outros espaços míticos, que existissem várias Áfricas para a gente escolher, porque é importante isso. Construímos nossas identidades também a partir desses espaços imaginados. Acho importante também a África entrar no cotidiano, entrar na minha vida. Quando eu era jovem, criança, antes de entrar no movimento negro, eu não tinha ideia nenhuma de África. Não era nada para mim. Não era uma ilusão nem era uma realidade. Não era nada. Não era exatamente nada. E eu acho ótimo ela hoje ser várias coisas. Não tenho nenhuma ideia de que África seja um espaço paradisíaco, um paraíso. Mas, acho que as contradições dela, os erros, os defeitos e as virtudes são constituintes de nossa história. Acho legal ter a África como parte da história desse país, mais precisamente da população desse país como um todo e mais ainda da população negra. É uma pena que a gente não possa estabelecer, constantemente, elos mais próximos, para a gente crescer, tanto o Brasil quanto o continente africano. Para mim, África é esse espaço de ancestralidade. [...] Eu já fui a Etiópia. Senti um prazer enorme. O prazer de estar no espaço que não tinha ideia nenhuma. Que depois de você construir mil ideias, mil ideias também foram desconstruídas e, de certa forma, você estar de frente e ver isso. É ótimo ir para a África nesse sentido, porque você sabe que existem várias Áfricas, não é? Então, uma coisa é ir para Etiópia, outra coisa é ir para Angola. Outra coisa é ir para África do Sul. Então, para ir a Etiópia, eu parei, dormi uma noite em Joannesburgo. É uma África. O aeroporto é de primeiro mundo. Quando você cai na Etiópia já é outra história. [...] Eu não escolhi a Etiópia. Eu fui para um encontro que teve de cultura. Foi promovido pela OUA, Organização de Unidade Africana, cuja sede fica em Addis Abeba. Foi também uma experiência maravilhosa, porque essa foi a sede da ex-União da Unidade Africana, que depois passou a ser OUA. Então, era o espaço onde várias figuras importantes que transitaram,

construíram... É um marco na história da libertação africana. Foi muito bom para mim. Foi emblemático neste sentido, de estar num espaço onde figuras que eu sempre pensei também estiveram. E estar naquele auditório que eles se reuniram. Foi super importante. Eu era a única brasileira. Foi importante nesse sentido. Não era a única a falar português, porque tinha outros. Mas, não tinha tradutor de português, era um dilema. Eu tive que pagar um tradutor para mim com o meu dinheiro, porque senão não me comunicava. Só tinha tradução para francês e para inglês. Porque se pressupõe que os representantes de Angola e Moçambique vão transitar no francês ou no inglês. Só tem um país que fala espanhol e pronto. Mas, foi significativo neste sentido, de estar nesse espaço. Esta viagem aconteceu em 2005. [...] Então, desmistificar um monte de história, como os rastafáris são vistos. Outra história. Muita pobreza. No centro da cidade, você já vê a cara da pobreza. Foi legal nesse sentido. Muita cultura também. Mas, foi uma experiência muito significativa. [...] Na realidade, essas cores [verde, amarelo e vermelho] chegam para a gente como as cores do pan-africanismo, com uma ideia de uma unidade africana, com a ideia da luta negra presente em todo o mundo. Como ser, em parte, cidadão do mundo. Então, essas cores me lembram dessa ideia de que estar para além disso ou ali. Por isso eu fico muito tranquila de dizer que algumas críticas e polêmicas, na realidade, algumas pessoas se envolveram e outras não, porque estavam realmente, envolvidas em outro universo. Isso não era o mote de preocupação. Então, ver essas cores me lembra disso. Lembra dessa ideia da luta negra presente em todos os espaços. Ser negro é ser milhões de negros, um pouco isso.

Rosilene Rodrigues

[...] Olhe, para mim, África é a terra do meu povo. Eu não tenho ansiedade de estar nessa África, de estar na África. Mas, eu tenho o

sentimento de que ela faz parte da minha vida. Quando eu consigo ver filmes, coisas sobre a África, reportagem sobre a luta do povo africano, imediatamente eu tenho a impressão de que é a minha luta. Não tenho nenhuma dúvida disso, de que a África faz parte da minha história. Agora, eu não sou essa África. Eu não sou essa África. Agora, eu entendo que ela faz parte de mim. Eu tenho sempre como uma ideia de que eu vou ficar do lado daquela luta. Se o povo está revoltado, eu me revolto. Mas, eu não tenho essa coisa de que eu quero voltar, por exemplo. Eu não tenho esse sentimento de voltar.

Lepê Correia

[...] Por que eu vou falar mal dos caboclos? Por que eu vou falar mal dos mestres se também são ancestrais? Quem são os ancestrais da terra? E nas tradições africanas, quando... O banto, por exemplo, ele cultua o ancestral dele em casa: o Preto Velho é um ancestral cultuado em casa. O ancestral que a gente encontrou aqui já estava aqui, que é o da terra, que merece toda nossa homenagem, todo nosso respeito. Eu acho que tem funções e funções. Tem coisas que são do orixá e tem coisas que são do caboclo. Tem coisa que é do cachimbo. Coisa do cachimbo com o cachimbo. E tem outra coisa que não é do cachimbo, que não é do cachimbo. Então, você sabe que tem horas que se o cara vier com uma metralhadora, você não vai com uma faquinha de cortar fumo, você vai ter que ir com uma AR-15, ou mais que isso. Então, se alguém vem com uma AR-15, você tem que ir com um canhão. Tem coisas que se é para resolver, é por aí. E na questão do cultuar, que não tem a ver com essas coisas que eu falei agora... Na questão do cultuar, eu acho que cada um tem sua função. Merecem nossa atenção e respeito. Não por uma questão de.... Não é mereçe por uma questão de ter pena ou isso ou aquilo. Merecem nosso respeito porque são os nossos ancestrais. Nós, enquanto brasileiros, temos esses ancestrais. Nós, enquanto brasileiros negros, temos

nossos ancestrais africanos, e a ancestralidade é algo que deve ser preservado. Respeitar a tradição e honrar a ancestralidade. E “priu”. Não tem, para mim, menor ou maior. Essa invenção aí dos nossos livros que dizem que os iorubás são mais desenvolvidos que os bantos.

[...] Hoje, eu entendo: “O que era o Mau Mau?”. Justamente o grupo que não aceitava o domínio do opressor inglês no Quênia, naqueles locais por ali assim. Aí, a gente começa a ver a história que os caras falavam do Mau Mau como se fosse realmente mal. Chamava de Mau Mau. Aí, eu comecei a me interessar por essas leituras. [...] Eu lembro que quando minha prima me chamava quando eu era menino, me chamava de Nêgo de Abissínia, eu ficava muito mordido. A essa altura, eu comecei a pegar livros para saber sobre África. Eu descobri que existia um lugar chamado Abissínia. Negro da Abissínia porque eu era preto, escuro. Negro da Abissínia, hoje, Etiópia. Aí, eu me interessei por essa história do Quênia, do Mau Mau, e comecei a procurar. Eu não sei se eu ainda tenho aqui uma revista... Foi quando a gente chegou com... Não sei quem me trouxe um caderno do *Terceiro Mundo*, que eu tenho aqui. Ele só foi lançado no Brasil na 24^a em 1980. Mas, antes, me chegou às mãos. Tinha um jornal chamado *Maioria Falante*. No tempo de hoje... Jesus já está por aqui, era um dos editores do *Maioria Falante*, que publicou até um poema meu, expressão do movimento estudantil. Também com o pessoal do movimento comunista.

África

[...] Rapaz, eu sempre disse que se eu fosse... Eu fui acusado, por muitos, de sonhar ainda com a África mítica. Porque eu dizia que se eu fosse para a África, eu não voltaria mais. Eu dizia que se eu fosse para a África, eu não voltaria mais, porque lá eu não seria considerado negro [risos], mas seria irmão. Porque lá não tinha... Para onde eu ia, eu só tinha irmão. Eu não entendia que lá, apesar de negro, eu

seria um estrangeiro também. Mas, era a história de ser estrangeiro na própria casa, pelo menos na casa dos outros. Dos outros “vírgula”, na casa da minha avó. A África sempre foi a casa da minha avó. Para mim, eu sempre achei a África como a casa da minha avó.

Sylvio Ferreira

África

[África], a princípio, o berço da civilização, mas o berço da civilização não é como orgulho, é como uma constatação, pelo menos como é posto, mas... [Nunca senti vontade de ir à África] Eu não sei se você conhece o escritor americano chamado Richard Wright, ele é muito conhecido para o público americano, fez história nos Estados Unidos. Richard Wright foi levado para aquele sonho de voltar à África, criado lá pelo movimento chamado... Pan Africanismo... Era renascença do Harlem que deu origem a um movimento chamado *Back to Africa*, de volta à África, um movimento capitaneado por Marcos Garvey. Começou no Harlem, nos Estados Unidos, se espalhou pelos Estados Unidos como um todo, e Richard Wright embarcou nessa de voltar à África, era um sonho, um desejo dele. E ele depois volta à África e chega lá ele diz: “Nunca me senti tão estranho como eu me sinto aqui”, ou seja, ele foi levado por um sonho, mais uma fantasia da África do que... E uma fantasia que ele próprio fazia em relação à África do que a África, ela própria. Nunca estabeleci esse vínculo de identidade a ponto de ter que ir, me vestir, me caracterizar, um tipo de coisa dessas assim. Eu sou negro, minhas origens são aquelas, nunca senti isso não.

Wanda Chase

[...] Estive na África, em Angola, no tempo da guerra ainda. Lá eu me senti baianíssima. Porque a Bahia é Angola. Salvador é Luanda.

Quem mora aqui há muito tempo, quem é daqui diz que Luanda é Salvador dos anos 1950. Nós andávamos na rua, eu e o meu colega, o cinegrafista, e quando íamos na rua, levantávamos a mão para uma pessoa, começávamos a dar risada. Achava que era Clarindo Silva lá da Cantina da Lua, entendeu? Achava que era Nina Almeida. Achava que eram várias pessoas que a gente conheceu aqui, porque a semelhança é muito grande, desde a alimentação. Desde a comida, aqui vaca que é a nossa maniçoba, como eles utilizam o aipim, a macaxeira que a gente chama no Amazonas e no Recife. A forma de ser do angolano, ele fala alto como o baiano. O baiano fala alto, o angolano fala alto também. Nós copiamos também deles. Até as pessoas falam aqui: “Diga, meu pai. Diga, minha mãe”. Lá eles falam: “Diga, papa. Diga, mama”. Aqui é uma expressão. Aqui, as pessoas falam muito. Lá, eles falam demais também. Então, é muito parecido. As ruas, a cidade. Lá, tem um lugar também chamado Pelourinho. Então, é muito... É uma semelhança muito grande. Muito grande. Eu me senti, lá, à vontade. Eu agradecia todos os dias. Eu acordava: “Obrigada, meu Deus. Estou em Angola”. Eu ia dormir: “Obrigada, meu Deus. Estou em Angola”. Quando eu via o pôr de sol em Angola. Entendeu? E cheguei lá na época da guerra, em 2002. Nós assistimos a assinatura do acordo de paz. Para mim, foi fantástico participar daquela solenidade. Eu sacudia meu colega... [...] Savimbi já tinha sido morto. O Gato, que era companheiro dele na luta armada, é que estava lá, que fez acordo com o governo. E, aí, dizia para o meu colega: “Tu estás percebendo a importância desse ato?”. Eu digo: “Lembra que o Vovô (Vovô era presidente do Ilê Aiyê), que João Jorge (presidente do Olodum), que Luísa Bairros (que agora é ministra)...”. Aí, eu ia dizendo o nome de todos os militantes. “Eles gostariam todos de estar aqui, e nós estamos aqui presenciando”. Foi fantástico. Aí, depois, nós voltamos quatro anos depois. Voltamos, em 2006, para mostrar como é que estava o país. Aí, a gente fez Luanda, foi para o interior. Foi para Benguela, para Lobito, foi

para Huíla. A gente foi para as províncias. Foi muito legal também. Foi uma experiência muito rica. E o melhor de tudo é porque esse programa que nós fazemos aqui, Rede Bahia Revista, é uma espécie de Globo Repórter. Tudo é muito focado na Bahia. Nós viajamos muito. Viajamos a convite dos artistas. Eu trabalho nessa área de cultura. A gente sempre vai. Foi, com Ivete, para Portugal. Cinco vezes para Paris. Existe um evento lá chamado Lavagem da Santa Madelene, que é feito por um baiano de Santo Amaro. E a gente sempre foca, “linka” a Bahia com essas cidades, com esses países. O que os baianos estão fazendo lá, de que forma eles estão vivendo e sobrevivendo. O que nós trouxemos de lá, o que existe de nosso lá, a resistência dos nossos lá. E isso é fantástico. Angola, a gente mostrou tudo isso.

[...] A Revolução dos Cravos, Angola independente. Mas, naquela época, eu já me interessava por Angola porque tinha muito africano estudando no Recife. E ia muita gente da Guiné Bissau, ia muita gente de Angola. Então, por exemplo, o Muxima eu já conhecia. Eu tinha um LP só de música angolana. A gente fazia muito essa coisa do acesso. A gente acha que todo africano é ótimo, é maravilhoso. Naquela época, a gente achava que eram os nossos deuses. Imagina aí, ter um amigo africano. Então, a gente tinha muito, tinha uns que moravam no Derby. O pessoal do movimento negro ia muito, fazer uma comidinha, o pessoal do Senegal também. Então, eu começo a ter contato com Angola ali, através da música de Angola.

Personagens/Memórias

Amauri

Naná Vasconcelos

[...] Tem sim porque Naná tem uma história muito peculiar, uma pessoa que vem das origens mesmo. Relação com o bairro de Peixinhos, não é nem Peixinhos, é bairro próximo a Peixinhos. Onde nasceu e se criou, vem de uma família humilde e tem aquela coisa muito natural e tem toda uma história que ele se firmou profissionalmente. Ele não tocava o que eles estão tocando hoje aqui, tem uma história dele muito mais lá fora do que aqui.

[...] Conhecido no mundo do *jazz*, aquela coisa toda, é um cidadão do mundo, pode dizer assim. Ele tem sim essa consciência social. Eu fui para um *show* dele no natal lá no nascedouro de Peixinhos.

[...] Isso. Lançamento do cd dele. Foi emocionante. Ele fez aquele trabalho com as crianças, aquela coisa vocal que ele interage e cria uma sonoridade com gestos e tal. Ficou muito bonito, fiquei emocionado. Eu saí de lá com as lágrimas descendo um pouquinho. Nem fui lá falar com ele, fiquei meio envergonhado, mas foi muito bonito o trabalho. Ele botou os meninos para tocar, mesclou com

samba, viajou na história do maracatu, mas muito sutilmente... É outra coisa. Os instrumentos clássicos com uma percussão. Ele tem lá as coisas dele. Agora, é uma pessoa que vem de uma história humilde e ele é o que é em função da capacidade dele. Eu admiro muito, é uma boa pessoa. Ele tem um lado um pouco meio assim, mas é porque ele é de Oxóssi. Esse povo de Oxóssi é tudo assim, mas tem que chegar junto para poder conhecer. Eu perdi um pouco a intimidade porque parei de beber, porque antes eu ficava bebendo com ele, a gente conversava, trocava muita ideia, mas eu perdi um pouco a intimidade quanto a isso porque minha entrada na religião fez com que parasse de consumir álcool, eu parei um pouco com minhas relações mais sociais, coisa de todo fim de semana, todo instante, saúde também.

Edilson Fernandes

Zumbi dos Palmares

Do Balé Primitivo de Arte Negra, a gente fez o *Corte Real de Zumbi*, ele era de fato um rei. Foi o cara que conseguiu sobreviver. Sobreviver, fazer com que Palmares durasse cem anos, sobreviver enquanto lenda, enquanto história, referência. É um cara muito forte, um cara... É essa a imagem que eu tenho. Eu penso assim de Zumbi dos Palmares... E penso também que Zumbi Bahia se sentia um pouco Zumbi dos Palmares. [risos] E isso botou muita coisa a perder. Porque às vezes a gente seguia Zumbi Bahia como Zumbi dos Palmares, aí... Porque você não tem outro Zumbi. Qual é a diferença desse Zumbi pro outro? Então como? Então... Que a figura de Zumbi... O próprio, como era o nome dele? Era Adalberto da Conceição, né? Não sei o nome dele completo, mas era Adalberto. Então, Zumbi é forte. É uma palavra que eu já conhecia antes de entrar no balé. Minha vó sempre contava histórias de Zumbi, é uma figura

que some, que aparece... De repente me aparece um cara chamado Zumbi, qual referência que eu vou ter? Da minha vó. E esse cara vai contar uma história de Zumbi dos Palmares, um cara forte, um cara que construiu Palmares, que contribuiu na construção de Palmares, é sobre algumas invasões... Zumbi Bahia é o próprio Zumbi dos Palmares, não é outro. É claro que com o tempo você vai vendo que não, são coisas completamente diferentes. Mas, imaginava uma pessoa muito forte mesmo, estrategista, enfim.... Toda essa coisa do imaginário também, né? De um mito que talvez Zumbi dos Palmares não tenha sido esse Zumbi dos Palmares todo. Talvez a Dandara é que tenha sido alguma coisa importante, aí eu vou descobrindo depois.

Edvaldo Ramos

Paulo Viana

[...] Paulo Viana também tinha um trânsito pelo seguinte: Paulo Viana, havia um colégio na Rua da Glória em que ele estudava, no turno da noite. E quando tinha festas, o local dança de meio de semana, pode ser quarta, pode ser sexta. O fato é que ele contava que ainda era menino e ficava querendo ir para aquele negócio e não podia, na própria Rua da Glória. [...] E como com essa parte de jornal, você sabe, todo mundo no jornal faz objetivamente alguma coisa no período normal, aí quando chega o período próprio, a pessoa vai fazer aquilo que está mais... Então, Paulo Viana já fazia o Carnaval no *Diário da Noite* por isso, porque ele já era do Carnaval, entendeu? Ele já era ligado a Carnaval, a algumas agremiações, morou na Torre por muito tempo. A família dele, ainda hoje, mora na Torre. Ele tem uma filha que me parece que ela trabalha nesta.... Eu tenho um retrato dessa moça, a filha de Paulo Viana, de uma homenagem que ela foi receber, ele já tinha morrido, aí, ela foi receber no Pátio do Terço. Aí, eu tenho uma foto dela. Ela trabalha aqui no...

Aquele prédio da Fazenda, ainda é da Fazenda? Ali na esquina da Rua do Imperador.

[...] Ele era maçom. Eu tomei conhecimento na época, aí, já é outra disciplina. Eu não, eu era... Aí, eu tinha essa história que eu falei para vocês de cantor de gafeira, não sei que, coisa e tal, aí você fica mais livre, mais aberto. Essa foi minha juventude, a dele foi diferente, a dele foi em colégio de renome e, por força até da profissão, ele tinha outros contatos e isso realmente muda as pessoas às vezes, não necessariamente. Ele tinha um bom trânsito nas agremiações, ele tinha um bom trânsito em Madeira do Rosarinho [...]. Ele chegou a ser presidente dos Lenhadores porque eu levei para isso, para ele ser presidente do Lenhadores, mas.... Eu também eu não nego, foi ele quem me botou no Pátio do Terço até hoje, é uma reciprocidade.

[...] Sim, porque ele não era da Associação dos Cronistas Carnavalescos? Ele era da ACCR.

Cosme Damião, Veludinho e o Maracatu Estrela Brilhante

[...] O meu [lado] era Campo Alegre. Campo Grande é pelo lado das Pás Douradas. O meu é do lado para cá. Eu sou da Rua Jerônimo Vilela, que no tempo era Rua do Rio. [...] [lugar de] Preto rico. Vizininho do seu Cocó, do Cosme [...] Da frente do maracatu de Cosme! Estrela Brilhante! O homem morreu com 117 porque foi atropelado em Água Fria [risos]. Porque senão ainda estava vivo. Cento e dezessete anos.

[...] Veludinho. Era o chefe do batuque do [maracatu] Estrela Brilhante, que agora é apenas Estrela. Tem uma Rua Santa Maria, não sei se mudaram o nome dela, que faz esquina para poder sair ao lado de cá, que não tem passagem, que era exatamente o maracatu, do lado esquerdo, sentido cidade-subúrbio. A minha casa é a da esquina... [...] Esse trecho que eu estou lhe dizendo, de um lado e de outro, na esquina da Santa Maria, onde foi o maracatu. Você vê

pessoal médio, o chamado pobre de barriga cheia. Pobre sim, mas não faltava nada. Não faltava o biscoito Pilar, um queijinho daqueles amarelinhos, que depois eu passei um tempo sem ver. Nem cinema tinha na época. Tinha o Cinema Edem, só que eu não podia pagar. Então, a minha mãe morreu nessa história de gripe forte. Depois que eu fiquei grande, eu acho que foi de falta de cuidado. Porque as mães cuidam mais dos filhos. A minha avó morava com ela. Ela cuidava de três filhos... Dois, a minha avó, que era Nindona... Porque os filhos eram eu e a minha irmã, que eram dois. Mas, tinha a velha, que era Nindona. E tudo isso era na base do trabalho da minha mãe. E eu não sabia. Eu achava que era tudo do meu pai. Só que, quando minha mãe morreu, eu fui ver o sistema. Primeiro, mudei para Linha do Tiro. Faz alguma diferença a Rua Uriel de Holanda para a Rua Jerônimo Vilela? Faz, não é? [Risos].

Sinhá, Iaiá e Badia

[...] [Sinhá e Iaiá eram iás, eram mães de santo] [...] Exato, exato, está entendendo? Sinhá e Iaiá eram religiosas e de uma maneira que as obrigações eram cumpridas ali no mês de outubro, entendeu? Eu lhe digo, eu sempre falo, e eu vou falar para vocês também, porque eu continuo com essa dúvida até hoje. Participei muito quando elas subiram, que foi jogado os búzios, aí quanto ao destino da obrigação os búzios deram continuação e Badia se aperreava muito para poder ter condições de conseguir, dentro do prazo pequeno, realmente cumprir as obrigações com todos os orixás. Alguns deles com bicho de quatro pés. Cada bicho de quatro pés, então, como você sabe, pega seu acompanhamento por cada pé. Então, fica uma despesa enorme. E, por conta disso, a gente sofria bastante. Eu cheguei a criar uma organização social, uma entidade social chamada Nagô do Recife, para poder dar condições a Badia de receber doação para poder aguentar, porque Badia não tinha emprego. Aí, por conta

disso, ficou essa carga nas costas dela, e eu estava ali com ela e ela conseguia ajuda de algumas pessoas amigas para poder, então, segurar isso. Porque deu continuação, aí, ela teve de segurar. Alguns filhos de santo, então, tinham condições e bancavam a despesa dos seus santos, com seus santos; outros não tinham. [...] Aquela ali de trás ficava com todos os animais vivos que eram para ser sacrificados nos dias próprios. Um pequeno jardim zoológico [risos]. Então, por conta disso, as duas velhas tinham essa obrigação e, aí é por isso que eu digo que, falando com Dito, ele diz mais. Então, ali, na época, era considerada casa de Egbá. [...]. Ainda hoje, tem a tradição na Noite dos Tambores, só toca maracatu de baque virado. Então eles tinham uma atenção ou consideração não sei; respeito, não sei, não sei o nome exato, aos donos da casa. No caso, Sinhá e Iaiá. Então, por esse motivo, eles tinham que passar por ali. Aí é onde entra o jornalista, isso é uma obrigação, uma coisa natural, não é Noite dos Tambores ainda.

Paulo Viana, Badia, Sinhá, Yayá e a Noite dos Tambores Silenciosos

[...] Aí, tinham de ir em barça, as catraias, e essas catraias vinham até o Pátio do Terço. É essa história que eu aprendi com esse pessoal. Então, os mais robustos então já tinha preços ajustados e tal, mas os camaradas feito eu, já esqueléticos, já cansados, aí deixava por ali mesmo. Porque, o cabra que ia comprar, por pouco que pagasse mas tem que alimentar aquele cara e possivelmente responder por um problema de saúde que precisasse de uma erva, poderia ser isso ou qualquer outra coisa, ficava por ali mesmo, abandonado. Aí, a lenda, eu não vi isso, [...] muitos morreram por ali abandonados...

[...] [Escravos] Isso, entendeu? Porque a barça da praia do cais levava [...] por ali mesmo ficava, os que eram mais fracos... E com condições, robusto ou não, mas que tinham condições de fazer o trabalho eram arrematados ali na hora. Eram comprados ali na hora,

negociados ali na hora. Mas, os que já chegavam doentes, até por causa da travessia, já chegavam quase morrendo, bota ali mesmo. Aí, é onde tem aquela história do Paulo, aquele talvez até lirismo, de fazer a coisa em homenagem aos negros que não brincaram Carnaval, que morreram ali. Por isso que batia, batia, batia homenageando esse pessoal. Isso aí já é minha parte, eu vou mais adiante. Como o Carnaval do Recife tem anos e anos e anos e mais anos. Eu vou em que as [...] do Carnaval, mas a negrada não entrava. A negrada estava carregando os palanquinhos com as sinhazinhas em cima. Agora, houve uma ideia dele, Paulo Viana. Porque ali... Aí, tem essas coisas, ali eu... Um grande corredor. Aí vem tal, a igreja, essa mistura do catolicismo, coisa e tal. Porque esse questionamento (você tem também, foi naquela época que você me mostrou), o Leonardo Dantas queria botar na calçada da Igreja do Rosário, já fazendo outra história que era o Rei de Congo, que não tinha nada relacionado com esse assunto aí. Rei de Congo praticamente era uma festa, aqui não, aqui era um lamento. Entendeu a diferença? Entendeu mesmo essa parte aí? O Rei do Congo, não sei o quê, que eu tenho cá minhas explicações sobre o Rei de Congo, mas era festivo.

[...] [Então, Paulo Viana protesta] Sim, aí, põe aquele bolo daquele ano que você viu, você deve ter isso registrado. Que nós fizemos mesmo no local que ainda é hoje. Agora, esta... Mas não tem problema eu assumo tudo que digo. Eu lamento no que a coisa se transformou hoje. Eu estou indo todo ano, mas lamento. [...] Agora, graças a Deus, que trabalhar quase sozinho, quase sozinho, eu dediquei o Baile Perfumado a ele, Paulo Viana, para poder, como é que você chama? Pacificar a história. Aí, os panfletos da Prefeitura já estão saindo com o nome do Paulo Viana. [...] era o tal do Lamento Negro, Lamento Negro feito ali e em função do local. Por isso que já passaram para mim que eu não estava na época. Que era uma coisa do negro, muitos negros moraram por ali, muitos negros, que hoje em dia têm descendentes, que é o primeiro médico negro do Recife

que foi Feliciano Gomes, que é avô do vereador Vicente André Gomes. Então, ali na Rua das Águas Verdes, negro. Que, aí você vê que tem alguma coisa, um negro por ali, tudo negro. Tem um menino que era alguma coisa Santos que era muito fã de violão, também negro, tudo ali. Pois bem, das Águas Verdes, Rua das Águas Verdes. Então, tinha Sinhá e Iaiá, quem conta melhor isso, da chegada de Sinhá e Iaiá, porque se estabeleceu aí, quem conta melhor isso realmente é Dito e Raminho, que conhecem, Raminho morou ali. Badia se casou com o irmão de Raminho, e Raminho morou ali naquela casa um bom tempo. Raminho, segundo as palavras dele, aprendeu muita coisa da época... [...] até porque agora o camarada de hoje não sabe nada, faz o santo e compra livro né, já fica diferente. Mas, Raminho aprendeu muitas coisas.... É real, é verdade, com as velhas. Ele realmente aprendeu. E ele diz como, não sei se ainda diz. Ele é quem levava o ebó na cabeça para botar lá ali depois da rodoviária antiga, que é onde passava... A água ia até ali, né? Ele quando fazia as obrigações, faziam-se muitas obrigações ali naquela casa porque muita gente de todo tipo então ia ali.

Dona Santa, rainha do maracatu Elefante

[...] Aí, antes, tinha a casa do maracatu de dona Santa. Minha mãe como era religiosa, aí, então, foi lá comigo e conversou com ela, coisa e tal, e se dava muito bem com Dona Santa, entendeu? A minha mãe, aí então eu guardei esse momento. Minha mãe morreu, eu fiquei com 11 anos só e participava de todas as histórias. Foi quando, depois que eu me criei, fui para história do futebol de pelada e evolui, depois de 1964 retornei a coisas de Carnaval.

[...] É, o maracatu de Dona Santa e desfilava no Clube da Lira, que, na época, era em Santo Amaro, ali próximo a Bola de Ouro – sim, também no Bola de Ouro, que, na época, era Bola de Ouro por causa da Rua da Bola, ainda hoje tem a Rua da Bola, e o Bola de

Ouro era dali. Agora, ela, o que o baiano chama de pipoca, no Inocentes do Rosarinho. Ela fazendo passo e eu sendo arrastado, crente que estava fazendo passo também, né? [Risos].

[...] O Elefante e o... O Flor da Lira Bloco, quando estava em Santo Amaro, e o Clube Bola de Ouro. Aí, sim, Dona Santa, dois momentos. Esse momento que eu fui a casa dela com mãe, minha mãe foi comigo na casa dela, minha mãe é que foi na casa dela. E o outro momento é quando (eu falei a pouco), antes da Noite dos Tambores, eu a vi dançando o maracatu com as velhas. Maracatu batucando e elas dançando na frente da casa. Nessa época, o próprio Carnaval do Pátio do Terço era mais organizado por mim. Eu também passei um bom tempo organizando, coordenador de Carnaval do Pátio do Terço. Porque era Carnaval do povo, não era de Prefeitura, não tinha dinheiro de Prefeitura.

[...] [Carnaval de outras agremiações] Era geral, era geral. Até porque aquele lado ali muito rico de agremiações, né? Ai, como a gente falou antes, falei corredor. Aquela turma que vinha pela Rua Imperial e pela aquela Praça Sérgio Loreto, aí naturalmente desaguava ali. Isso tudo, boi, não sei o quê, urso, um monte de coisa. Mas Dona Santa.... Eu vi Dona Santa, antes de ter Noite dos Tambores eu vi Dona Santa, foi a ultima vez que eu a vi, Dona Santa ali, com Sinhá e Iaiá.

Badia, religiosa e carnavalesca do Bairro de São José

[...] Ditado antigo e que faz sentido. Então essa história do... Festa encerrada, então, na realidade, a gente via que quando terminava as festas de Badia e ela tinha muita vaidade de servir o melhor possível, no outro dia ela estava solitária. [...] e quando eu saía, a gente ficava naquela porta conversando todo o tempo. Eu em pé do lado de fora e [...] conversando [...], ela sozinha, está entendendo? Ela sozinha. Então, por conta disso a gente era assim muito apegado, eu

senti demais a passagem de Badia, muito apegado. Badia, convivia com ela também no Carnaval. Eu ia para Lenhadores e levava ela. Badia foi presidente do Clube Vassourinhas junto a ala feminina do Vassourinhas. Ela foi diretora do Madeira do Rosarinho. Fundadora da ala feminina da Estudantes e costurava para aquele pessoal de Estudantes todinho e para “n” agremiações. E tem mais, para o pessoal de Estudantes ela não cobrava, costurava só por amor. Ela foi costureira na... Num salão de costura muito importante na época, aliás, era o mais importante aqui de Pernambuco, chamado Madame Dina.

[...] Dina, com D de dado. Ela... E essa senhora, era mãe de dois jornalistas importantes. Um que era jornalista e tornou-se médico: Claudionor Pereira da Silva, foi médico por muito tempo. E o outro que ainda hoje é desembargador do Tribunal de Justiça de Pernambuco, doutor Itamar Pereira da Silva. Pois bem, ela como costureira trabalhou lá por muito tempo e para as agremiações dali de São José, passava noites... Houve uma época em que eu estava na casa de Badia no mês do Carnaval, noite de Carnaval, Estudantes já estava entrando pela televisão, Estudantes já estava entrando na passarela e ela estava costurando... Eu guardo boas recordações de Badia. Mas, hoje tem muita gente querendo pegar carona, sabe?

[...] É, para que fosse todo o material jogado nas águas do mar. Não deu o mesmo jogo que deu quando as velhas morreram que era para que continuasse. Agora, a gente vê o quê? A sabedoria do santo, né? Continuação de Badia. Badia, quando morreu, estava só, só [...]... Aí, eu digo o porquê, agora não. Badia estava lá em casa, ali disse que não tinha parente nenhum. E se Badia estava... E não tinha parente nenhum, veja você o que eu acho a sabedoria do povo que existe e a gente não vê, mas que existe. Aí, deu no jogo, foi jogado por Raminho, que está vivo ainda e pode repetir tudo isso, quem estava lá na hora foi Raminho, foi Manoel Papai, mais duas pessoas que já morreram, Janda... Janda não, Janda tinha morrido, mas a filha de

Janda está viva ainda. Janda, não, Janda não tinha morrido, Janda é mãe de Papai. Vanda é que tinha morrido; agora, a filha de Vanda está viva ainda. Janda é a mãe de Manuel Papai, morreu no ano passado, 2008. Pois bem, Janda estava presente, mãe de Manuel Papai, mulher de José Romão, que, por sinal, é filho de Adão. Então, Janda fica, aí deu o quê? Encerrar. Veja a sabedoria, porque não tinha com quem ficasse. Badia estava só. Badia, hoje, tem filha, tem neto, tem neto de Badia, tem neto! Badia nunca teve criança nenhuma. Badia nunca teve criança nenhuma! Badia é cunhada de Raminho, casou com o irmão de Raminho.

[...] E não deu filho. E a separação, as velhas... Casou contra a vontade das velhas. Mas, então, por motivo que [...] meio mundo de coisas que eu não sei explicar como, o fato é que as velhas deixaram que ele fosse embora. Não sei se ela botou para fora ou não, esses detalhes que às vezes é folclore, não é? Às vezes, um diz uma coisa que não foi. Mas, uma coisa é certa, Badia nunca teve filhos. Se Badia nunca teve filhos, aí, Badia... Sem filho não pode ter neto, sem filho não tem neto. Então, Badia estava naquela casa sem irmã. O que é que acontece? Porque a negrada era muito poderosa, muito trabalhadora, a era instituiu um sistema de lavagem de roupas daquele pessoal de negros de condições. Por conta disso, tinha umas figuras, senhoras simples, que ajudavam nesse trabalho, ou melhor, trabalhavam para elas. E uma dessas senhoras, então, deu a luz à Badia. Badia, filha de uma das senhoras que trabalhava na lavanderia das velhas. E você sabe que ainda hoje se adota crianças, não sei o quê; eu não sei dizer quando nem como, o fato é que a mãe de Badia morreu e as velhas ficaram normalmente, não só tomando conta de Badia, tendo Badia como se fosse pessoa da família. Tanto assim, isso eu posso dizer porque tenho em minha mão, ela fez a escritura daquela casa em nome de Badia. Ela fez a escritura da casa em nome de Badia e com muita preocupação do marido deixado retornar. E, por conta disso, elas diziam que, em morte de Badia,

a casa deveria ser – eu estou dizendo isso porque eu tenho cópia dessa escritura, eu vi e eu [...] o terreno – então, em morte de Badia, passaria para a Irmandade de São Benedito. Essa Irmandade de São Benedito, não é na Igreja do Rosário dos Pretos, ela teve um tempo naquela... Na igreja que eu esqueço o nome daquele santo, você sabe. É naquela rua do Mercado da Boa Vista.

[...] Preocupada que Amaro – que é o irmão... Era o irmão gêmeo e também já morreu, mas morreu depois de Badia. Antes de Badia morrer, Badia me procurou aqui apavorada... Aqui? Não, não foi aqui, foi no [edifício] JK, trabalhei no JK... Porque a então mulher do ex-marido estava... Entrou com advogada para tomar a parte dele, do marido. Aí, Badia me procurou chorando para eu ir com ela lá. A mulher, essa advogada, era filha de Carlos Duarte. Conhece esse nome? Ele foi... Presidente da Câmara do Recife e vice... Chegou a ser vice-prefeito de Arraes, isso em 1960. Eu perguntei se conhece por que vocês escascaviam tudo que encontram por aí, não é? Não porque você fosse daquela época, em 1960. Então quando cheguei lá, que Badia chegou, a advogada: “Mas Badia, você”... Ficou também a advogada chorando. Badia era uma pessoa simples, quando ela viu aquele negócio intimando para não sei o quê ela ficou foi... Veio me procurar, aí então eu fui lá... Então, é isso o que eu sei contar de Badia. Badia, quando morreu, estava só, com pessoas amigas. Parente na realidade nenhum, pelo contrário. Badia tinha colocado uma determinada pessoa para fora da casa porque... Por uma questão de procedimentos e Luiza, que você sabe quem é, acolheu, ainda preocupada de contrariar Badia. Aí, quando Badia morreu, todo mundo se apossou de alguma coisa; o pessoal se apossou até de material. Dizem que pessoas, sem dizer nome, pessoas da Concórdia levou isso, levou aquilo. Aí, os da Concórdia já acham que fulano de tal... Graças a Deus que o que eu levei e trouxe até agora é a alegria de ter participado com ela. Eu não sabia que ela ia tão cedo, ela era muito forte, alegria de ter considerado da amizade... Paulo Viana que viveu. Eu não conheci. Aí, Badia

sim, nós nos intimizamos [...]. E Badia sozinha. Não tinha filha, não tinha neta... Entendeu? E mesmo o pessoal agora, sobrinha, não sei o quê, o pessoal... Não via isso na casa de Badia.

Solano Trindade

[...] Mas o Solano, segundo o Zé, a última vez que escreveu para ele dizia que estava vindo, estava programando vir para Recife e não chegou a vir. E, na época, ele falava muito naquela história de fraco do peito.... Conhece esse termo? [...] É a tuberculose. [...] O pessoal não falava, né? Bexiga, não sei o quê, o pessoal não falava porque podia atrair, né?

[...] Sim, podia atrair e coisa e tal... Então, aí, ele morreu, segundo o Zé, em função dessa história. Mas, se fala que ele chegou a ser preso, que chegou a apanhar e coisa e tal... E isso, para um homem como Solano, que era um homem de ideias, não era um homem braçal. Ele era um homem de ideias. Então, ele não era de ter um corpanzil disposto à resistência, né?

[...] A história de Solano? Porque na realidade, a intelectualidade fala muito de Solano Trindade que conhece. Mas, o grande público, o que nosso pessoal de Água Fria, Morro da Conceição, aquele pessoal nunca tinha visto falando de Solano Trindade. Aí, nós pegamos Solano Trindade e botamos na avenida, entendeu? Para você ter uma ideia, Zé, todo domingo... Domingo ou era sábado, ia lá conversar conosco e tal, demos as dicas. Quem fez um trabalho também para nós foi Jomard Muniz. A história é exatamente essa. Porque o Solano Trindade era coisa mais do pessoal intelectual que vinha, o pessoal que acompanhava. O grande povo, aquela turma de lá de cima, ou também de baixo, não conhecia Solano Trindade. A ideia nossa foi divulgar Solano na avenida. E conseguimos, deu um trabalhinho, mas conseguimos. Me parece que os meninos de lá ainda têm esse samba-enredo [...].

Ivo Rodrigues

Solano Trindade

[...] Solano Trindade era sempre a nossa referência, nossa arma de dizer, de colocar as nossas ideias. E os textos não perderam seu vigor, e nós precisamos dizer que eles são atuais, mesmo a gente dizendo agora eles são atuais, eles não perderam sentido, fez 100 anos, mas eles não perderam, não perdeu o sentido, ainda continua aquilo. Por isso que é uma das referências que nós temos e eu acho que até eu partir, vou continuar levando essas histórias de Solano Trindade.

Zumbi dos Palmares e a Serra da Barriga

A ideia do quilombo era muito distante, apesar de eu ter ido, nessa década de 1980, com o Grupo Cênico para a Serra da Barriga. [...] Ah... Foi uma loucura, a gente subiu na condução própria que levou, mas descer a gente não desceu, por que era uma época que estava chovendo muito, choveu muito e o motorista estava com medo do ônibus derrapar e acontecer um acidente, mas a gente teve que descer caminhando, caminhando. Eu me lembro de que foi fazer espetáculo, a gente fez espetáculo, levou Solano Trindade lá para cima; eu, Augusta, Walter, eu não sei se Walter foi, Vladimir, fez o trabalho e terminou eram umas 15h, nessa faixa 15h; tinha muito grupo, muito.... Eu tenho o certificado, eu tenho o certificado disso aí, eu posso resgatar essa data.

[...] Foi do grupo, o grupo na necessidade de conhecer a terra de Zumbi dos Palmares, a terra do Quilombo dos Palmares, aí a gente foi, tudo encantado. No caminho, a gente fica imaginando como é que os negros daqui de Pernambuco chegaram naquela serra, a gente fica imaginando da dificuldade, da coragem, da força que eles tiveram para chegar lá em cima, que é, não sei, uma força fora do normal que os negros tiveram. A gente fica imaginando até isso

hoje e a gente sentiu essa necessidade. E chegou a oportunidade, a gente pediu, parece que manteve contato com Dílson, que era o secretário de Cultura lá de União dos Palmares e a gente teve uma relação com ele. Ele parece nos convidou a participar desse evento que estava lá, e todo ano tinha, não sei se atualmente tem, sei que a gente pediu o ônibus, a gente pediu a FUNDARPE, eu me lembro, ele cedeu o ônibus, sei que a gente ficou em baixo, se organizou em baixo, ficou numa Hospedaria, foi uma hospedaria simples, no pé da serra. Logo depois, a gente passou a noite e depois, de manhãzinha, a gente subiu a serra no ônibus. Começou a chover e o motorista disse que não descia por conta de um acidente maior e a gente teve que descer no meio do barro, essas coisas. A gente saiu era umas 15h e chegou umas 21h em baixo. Veja, de 15h para as 21h em baixo, a roupa toda cheia de lama, era lama por tudo quanto era canto.

Luiz de França e o Maracatu Leão Coroado

[...] Ele sentado, assim, na calçada, segurando aqueles bombos lá, botando o pé em cima dos bombos. Ele era muito ativo nessas histórias, ele contando as histórias, as histórias de como fazer o amalá para Xangô. E quando ele colocava aqueles negócios no fogo lá, aquele cheiro de comida. E eu me lembro dessas coisas. A lembrança está nessas conversas dele, ele falava pausadamente, cansado, mas ele é nítido, nítido mesmo nas colocações e lúcido, lúcido mesmo na questão de grupo, de associação, associação tem que trabalhar todo mundo, não é uma pessoa, duas pessoas não, ele falava muito isso. Maracatu, é todo mundo que tem que trabalhar, não uma pessoa só não. Agora, para o pessoal entender, é difícil. Tem um momento que ele diz assim, que ele não vai criar cobra para picar ele não, de preferência, ele pega todo o acervo do Maracatu, joga ali e toca fogo no terreiro. Ele falou isso, estava presente, eu, Thelma, Zumbi, estava tudo lá, num dia a gente marcou uma reunião lá, para definir a

questão dos livros que foram produzidos, que ele guardou naquela casa.... Você conheceu a casa pequenininha dele, que ele tinha lá no Córrego do Cotó? Ele guardou lá dentro, dentro de um quarto da-quele, com livros; aquele livro vermelho que tem o Maracatu lá, que foi produzido pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife, que ficou até o teto os livros lá. Eu não sei o que foi feito com aqueles livros, não sei, a umidade lá acho que danificou uma boa parte.

Malunguinho

[...] Agora, com o envolvimento com Cambinda, tem a história com Malunguinho, a gente fala em Malunguinho também. A gente já está fazendo a pesquisa. A gente já foi nas terras remanescentes desses quilombos do Catucá, que tinham como liderança Malunguinho, para colher dados e informação, para ter domínio de falar que eu sei que esse quilombo de Malunguinho foi grande, a extensão territorial dele, muito grande. Às vezes, se confunde Palmares com Goiana, tem dados que se confundem, mas a gente está pesquisando.

Claudete Ribeiro

Muzenza Nagô e o samba reggae

[...] Não, espera aí, não. Olodum... Teve uma época que era Olodum direto. Agora, eu acho o seguinte, a respeitabilidade do Muzenza... Do Olodum era tietagem. Era uma tietagem mesmo do Olodum.

[...] Seriedade aqui quando era do Muzenza. Com certeza, isso sem sombra de dúvidas. Ia acontecer uma coisa interessante aqui com o Muzenza, uma parte do Muzenza. Não sei se tu te lembras dessa história. Fizeram uma festa aqui com o Muzenza que eu também não vou falar quem foi [risos]. Numa segunda-feira estou eu subindo a ladeira da Prefeitura e sobem e descem dois amigos que

me dizem assim: “Olhe, fulano fez uma festa com Muzenza. Levou a bilheteria toda. E os meninos estão jogados. Não tem o que comer, não tem canto nenhum. Você, Claudete, vai ter que fazer alguma coisa”. Eu digo: “Eita, que é que eu faço?”. Aí, corro eu: “Onde é que eles estão?” “Estão na Casa da Criança de Olinda. Não tem comida, água, nada.” Vou para lá para conversar com Baccaro, Giuseppe Baccaro. Eu conversei com Baccaro, e Baccaro disse: “Eu vou seguir a onda deles. E para eles voltarem, como é que faz?”. Eu digo: “Eita, meu Deus do céu, o que é que eu faço?”. Isso era uma terça-feira já. Já tinha conversado na segunda, na terça. O que é que eu faço? “Olhe, eu conversei com ele assim, ele disse: ‘Rapaz, esses meninos se agarraram, eu não lembro mais o nome deles, mas eles se agarraram à minha pessoa de um jeito que foi uma loucura... olhe, disseram a mim que só a senhora pode fazer isso’”. Me chamavam, naquela época, de senhora. Eu digo: “Não me chame de senhora não, pelo amor de Deus”. Aí, eu digo: “O que é que faço?”. Digo: “Já sei”. Na época, a senhora Jacilda Urquiza não era candidata à prefeita, era apenas tão somente uma vereadora, presidente da Câmara dos Vereadores. Me deu uma força danada. Eu cheguei para ela, eu digo: “Sente aqui, eu quero falar com a senhora”. Ela disse: “Agora”. Essa mulher sempre foi muito educada. Ela é muito gente fina. Aí, eu contei toda a história a ela, a primeira. Se você se lembrar dessa história... O Mercado Eufrásio Barbosa tinha acabado de ser entregue à comunidade olindense. Ninguém podia fazer festa ali. Esta mulher que você está vendo aqui foi a primeira pessoa que fez uma festa fechada naquele mercado Eufrásio Barbosa. Fui eu, e o povo diz que deu certo. Vai ter que fazer agora. Até a Prefeitura começou a fazer. O pessoal achava que não ia dar certo. Isso, numa terça-feira, eu conversei com ela. Fui conversar com um senhor chamado Severino Arruda. Sabe o que foi que ele disse a mim? “Oxe, minha filha, eu dou a você pão, café e queijo. Manda esses nêgo ir andando daqui para a Bahia a pé. Uns nêgo tudo forte. Eu não vou arrumar

passagem para ninguém não.” Eu disse: “Está beleza, seu Severino. É por isso que eu confio na justiça de Xangô, visse?” Demorou, mas quando ela veio, veio uma vez, veio lindo. Cadê ele [risos]? Escuta isso. “Dona Jacilda, eu queria mais uma coisa da senhora”. Ela disse: “O quê?” “Eu quero um carro de som só. Eu só quero que a senhora me dê um carro de som”. Aí, ela: “Carro de som?” Eu: “Carro de som. Se a senhora me arrumar um carro de som, a senhora me fez o maior favor do mundo. Não vai adiantar a senhora me dar só o mercado. A senhora tem que me dar o mercado e o carro de som”. Aí, ela bateu uma CI para Secretaria de Cultura, me lembro como se fosse hoje. Aí, abriram as portas do Mercado. Ela me deu um carro de som.

Zumbi dos Palmares

[...] Aí, eu acho essas duas histórias tão irreais, no sentido de como passam para nós. Assim como é irreal a história de Dom João VI. Assim como também é irreal a história de Dom Pedro II. As escolas passam para a gente aquilo que ela nos quer passar. Zumbi foi um líder de um movimento de uma época na qual não se tinha nenhum tipo de comunicação. E, na realidade, eu acredito que a gente não sabe nada de Zumbi. A gente não sabe nada de Zumbi dos Palmares. A única coisa que a gente sabe de Zumbi dos Palmares é que ele foi um grande líder no quilombo. Pronto, acabou. E que alguém entregou ele e que cortaram a cabeça dele. Mais nada.

[...] A princesa Isabel, esqueceram de dizer que ela foi, que ela só assinou a Lei Áurea porque ela deitou com alguém. E queria libertar o cara [Risos]... Desculpa. E como ela não podia libertar um só, era sacanagem, ela saiu libertando “todo mundo”. Não, mas, agora, eu vou falar sério. Eu não vejo a princesa Isabel como essa vilã que o pessoal vê tanto assim. Eu a vejo como um elemento da história que serviu de massa de manobra para interesses políticos mesmo.

Porque se não fosse ela que assinasse, outros iriam assinar. Eu vejo dessa forma. Enquanto que Zumbi, é isso mesmo que eu disse a você. Eu vejo Zumbi dessa forma. Eu não sei nada sobre Zumbi dos Palmares, eu só vejo essa busca... Porque, se você olhar direitinho, é a única coisa que nos passam. Zumbi foi o líder quilombola que foi líder no quilombo, que era filho de negros. Pronto. Mas eu tenho certeza que Zumbi tem uma história muito bonita de luta, de guerras, de filhos. Quantos filhos Zumbi teve, você sabe? [...] Zumbi foi casado quantas vezes? Você acha que ele teve tempo de casar? [...] Ele foi oriundo de que tribo?

[...] Qual o idioma que ele falava de África? Você sabe? Você está entendendo o que eu estou dizendo. É a única coisa que a gente sabe. E ele libertou. Libertou quem, que o quilombo ficou lá jogado? E, depois disso, o que foi que aconteceu com o quilombo? Zumbi morreu. E o quilombo, fizeram o quê com o quilombo? Contaram o que foi que fizeram com o quilombo?

[...] Então, o que foi feito dos líderes conselheiros de Zumbi? Zumbi não era o único só. Ele teve sua equipe, ele tinha seus conselheiros. Ele tinha... Você está entendendo o que é que eu estou falando? Então, quando se fala de uma história, se fala da história e daquilo que está ao redor daquele líder. Mas, o líder negro Zumbi, a história dele é muito resumida naquilo que nós gostaríamos de passar como uma liderança mesmo. Porque morre um líder, substitui outro. E, na história de Zumbi, na história do Quilombo dos Palmares, Zumbi morre. E aí, e o resto, foi para onde?

Gustavo Lima

Vicente Lima

[...] Vicente Lima nasceu em 2 de janeiro de 1911. É filho de Inácio Rodrigues de Lima e Apolinária Tancredina de Oliveira. [...] Era

carpinteiro. E a professora Apolinária de Oliveira tinha algumas raízes... Ela, no caso a minha avó, raízes portuguesas. E Inácio, negro mesmo. Eles tiveram além de Zé Vicente, outro irmão mais velho, Joaquim de Lima, Almerinda de Lima, que é mãe de Humberto, também professora... Yolanda, também professora, Severina e Ana Rodrigues Barros. [...] Zé Vicente, a infância dele foi vivida ali em Campo Grande. A rua hoje é chamada de Marquês de Baependi. Essa rua, hoje, é conhecida como Rua das Meninas [...]. E, essa Rua das Meninas foi onde meus pais e tios conviveram. Nós saímos dali e mais uns doze irmãos, nós saímos dali no final da década de 1940. Em 1949 fomos para Campo Grande. O sítio se manteve ainda até o final da década de 1960, início da década de 1970. O sítio era caracterizado por um casarão na chamada Rua das Meninas. Nas cercanias dele tinha outras casas que eram de outros parentes de Zé Vicente. E era ali, onde eu lhe falei que tinha um viveiro, lá no fundo do sítio. Ficava no limite de um braço de maré. Tomava banho ali, de maré, pegava peixe.

[...] Ele fez Contabilidade e Ciências Econômicas. Zé Vicente foi um dos primeiros, vamos dizer, contadores daqui. Ele fundou o Conselho de Contabilidade, era o número três. E o Sindicato de Economistas, que também ele fundou junto com Emanuel Campos. [...] A mãe dele era professora. Quando estava ele, nossas tias, esse negócio, ele... O pai, que era carpinteiro, Inácio, queria que ele seguisse o ofício. Ele encontrou até certa barreira para estudar por conta disso. Tanto que Joaquim, o mais velho, virou carpinteiro. Mas, Vicente teve a sorte. Que uma tia avó nossa, irmã de Inácio, morreu com 113 anos, Minervina. Era uma espécie de, em família, domínio em relação a Zé Vicente, os irmãos dele todos. Então, Minervina custeou os estudos dele, e ele forçou a barra, estudou mesmo. Foi para o Ginásio Pernambucano e, com muito sacrifício, fez Ciências Contábeis e depois Economia.

[...] Olhe, veja bem... Quando titio era criança, eu lembro pouca coisa... Agora, ele, moço ainda, no auge, ele me fez uma visita... À minha família, no Cordeiro. De tarde, ele de repente fazia essas visitas. E lá, debaixo da mangueira, ele me falou do drama dele no Ginásio Pernambucano. Negro, pobre, frequentando um colégio de elite. Ele me dizendo: “Olhe, eu não sei como foi que eu consegui ter forças para segurar aquela barra”. Ele não falou “barra”, porque naquela época não se falava. Mas aquele drama, porque todo dia, cotidianamente, era “macaco”, achincalhe. Todo tipo de achincalhe. Providência nenhuma, porque o corpo docente achava aquilo uma coisa normal, brincadeira e tudo. No meu tempo de ginásio, lá em Petrolina, os professores também achavam que isso era brincadeira. Infeliz de você se fosse arrumar uma briga, um desentendimento por esse tipo de ofensa. Titio sofreu tudo isso aqui.

[...] E aguentou. E muito mais. No Colégio Pernambucano, era a elite do ensino aqui no Recife. Ele aguentou tudo isso. “Eu sofri muito – ele me chamava de pãozinho –, pãozinho, muito. Era preciso muita vontade para seguir adiante.” Graças a Deus ele conseguiu sair. E formado conseguiu... Fez, formou patrimônio intelectual e cultural pouco comum, muito pouco mesmo. Eu acho que para o titio, o que ele chegou a ser, foi muito pouco.... Reconhecidamente muito pouco pela sociedade. Ele precisava ser muito mais conhecido, como qualquer outro branco intelectual culto.

[...] E Artur Ramos, que foi referência dele. [...] para ficar com membro da sociedade internacional, coisa assim, de Antropologia. Eu tenho isso anotado aí. Realmente, ele conseguiu essa... E a atividade política dele. Ele teve uma atividade política que, embora não partidária, criou diversos sindicatos. Sindicatos de trabalhadores. E participava na década de 1940, 1945... 1945, 1950, ele participava de um grupo de estudos que discutia a coisa do salário mínimo. Teve grande participação no chamado Estado Novo ainda.

Humberto Gibson

Vicente Lima

Ele tinha um domínio muito grande em tudo quanto era raia. Muitas vezes me perguntavam... Achavam que meu pai era advogado... Não era não... Que tinha formação de sociólogo, antropólogo. Não, isso tudo foi no autodidatismo. E formou todo um conhecimento na área de Antropologia. Cada coisa impressionante, realmente, que ele falava Eu acho que aí [...] Quase 20% da biblioteca [...] Gustavo, uma vez, me deu uma xerox, uma carta daquele sociólogo Roger Bastide. Uma carta de agradecimento a titio. Era um homem desse porte. Roger Bastide, um dos iluminados da Sociologia brasileira.

Frederico Lima

Vicente Lima

[...] Ele participava de grupos populares. Moço, frequentava os grupos populares da época: Madeira do Rosarinho, Clube dos Lenhadores, as Pás, Banhistas do Pina. Toda essa coisa da época, ele frequentava. Que nós também frequentamos. Era muito conhecido com os carnavalescos, esse pessoal. Porque também tinha muita ligação com o pessoal do xangô. Porque ele frequentava com esse pessoal, ele se envolvia. As pessoas são as mesmas, a pessoa do maracatu....

[...] Isso tudo a gente adquiriu, a necessidade de a gente realmente estudar. Tanto que, ainda hoje, eu tenho certa dificuldade, não sei se para o bem ou para.... Mas, quando eu vou fazer qualquer coisa, até uma simples audiência, um simples trabalho, eu fico de agonia para me preparar porque eu acho que eu tenho que fazer melhor do que aquilo poderia ser. Isso tudo é influência dele. Ele dizia: “O negro não é bom não, ele tem que ser melhor. Tem que ser o melhor” [...] É, ele não pode se incluir sem saber o que ele está dizendo. Não

interessa... Eu lembro coisas, por exemplo, jovem, 16,17, 18 anos, a gente querendo trabalhar. E ele já tinha uma certa posição. A gente chegava... Porque naquela época existia uma coisa de nepotismo... Já existia isso há muito tempo. Mas, ele não tinha esse negócio de botar filho em cargo. “Primeiro você vai se capacitar. O que você acha que eu vou fazer, eu vou estar lá onde eu estou e vou trazer meu filho burro que não está capacitado? De jeito nenhum, você vai se capacitar. Aí, quando você se capacitar, aí sua oportunidade chega.” Ele fazia isso. E nunca, nunca, nunca ele indicou. Eu não me lembro de papai ter indicado parente nenhum para cargo nenhum.

Vicente Lima e Gilberto Freyre

[...] Essas pessoas eram muito referenciadas por ele, muito. Aqui e acolá ele falava sobre essas pessoas. E ele tinha também uma... Eu não consegui captar mesmo o posicionamento dele em relação a Freyre. Mas, ele admirava muito Gilberto Freyre. E ele colaborava muito com a Fundação. Tanto nesse congresso e no segundo que foi feito.

[...] Eu digo isso porque fui um dos convidados para fazer o trabalho lá, eu não sabia que ele tinha essa vinculação estreita com Gilberto Freyre. Aí, eu falei com ele: “Eu recebi um convite”. Ele: “De onde?”. “Eu vou para Fundação Joaquim Nabuco.” Ele ficou muito contente e começou a falar de Gilberto. Falava nas coisas e tal. Depois, quando eu assumi o cargo lá com Fernando Freyre, ele me procurou para falar com Fernando depois. Ele manteve contato com Fernando Freyre. Fernando Freyre procurou ele várias vezes. Mas, ele me passava um respeito muito grande, muito forte por Gilberto Freyre. Mas, eu não percebia.... Porque, como Gilberto é muito polêmico.... Inclusive, é até acusado de que era racista. Mas, eu não consegui, mesmo trabalhando lá com ele.... Eu entrei exatamente no ano em que Gilberto Freyre morreu, em 1987. Eu entrei em maio, e Gilberto

deve ter morrido em julho de 1987. Que coincidiu também com a doença de mãe. Se não me engano ela faleceu também em 1987. Mas, eu tinha umas coisas para conversar com ele sobre Gilberto Freyre, mas não tive oportunidade. Agora, ele falava muito para que a gente lesse *Casa grande & Senzala*. Ele falava muito desse livro. A gente até ainda adolescente, ele falava. Agora, o referencial de Solano Trindade, ele ia lá e voltava e falava sobre eles [...] Eu sei que ele falava muito sobre Gilberto Freyre, sobre o trabalho, sobre o valor intelectual de Gilberto Freyre. E depois que eu comecei a conviver com a Fundação e que comecei a ler e a participar das realizações dos eventos lá, então, foi que eu comecei a descobrir as posições de vários sociólogos, antropólogos que discordavam de Gilberto. O próprio movimento negro era uma reação muito forte. E eu queria conversar com ele sobre isso. Isso estava na minha cabeça o tempo todo. Mas, eu já estava casado, estava fora, pouquinho em casa. E eu não consegui que ele falasse mesmo o que era que ela pensava daquele livro *Casa Grande & Senzala*. Eu tinha uma curiosidade e estou pagando aqui esse pecado.

Vicente Lima e Josué de Castro

[...] A gente é testemunha disso por causa do ritual do jantar lá em casa. E essas pessoas iam jantar lá em casa. Então, era comum Josué de Castro ir jantar lá em casa. Todo mundo botava a melhor roupa, senta lá, fica esperando. E a gente ficava lá sentado. E não era só eles, tinha outros líderes, Adalberto Guerra, aquele Miguel Batista, que era ligado à rádio. Era muita gente. Porque, como Gustavo fez um referencial aí que ele não aprofundou... Papai foi para a Federação do Comércio Varejista, e, a partir daí, ele começou a adotar uma postura política sindical, porque os membros da Federação Varejista eram eleitos pelos sindicatos. Então, quanto mais força eles tinham no sindicato, eles garantiam a permanência no poder. Então, papai era o grande articulador disso, porque papai criava os sindicatos.

[...] Então, por exemplo... No jargão político, eles criavam a fórmula para manter-se. Vamos dizer que eles tivessem uma grande divisão. Então, sabia que na próxima eleição ia ter dificuldade. Então, eles pensavam uma categoria e criavam o sindicato de uma categoria. Ele tinha essa articulação. Papai nunca pertenceu a partido político nenhum. Nunca foi filiado. Ele participava ativamente dessa política sindical, e que levou... Por isso o PTB, porque esse pessoal estava ligado a Getúlio, essa coisa toda. Ele tinha um livro com algumas anotações dele sobre Josué de Castro que ele fala sobre o homem Josué de Castro. E ele conta quando eles foram procurar Getúlio, que eles entraram pela porta dos fundos. Essas coisas da política... Que ficaram tudo cheio da vida por Getúlio. Não deixou vir pela frente [risos]. Eles eram muito articuladores [...] Ia muito [ao Rio de Janeiro]. Com frequência. Então, ele tem... Nessas anotações dele com relação a Josué de Castro, ele fala muito dessa companhia, desses depoimentos dele. Essa vida dele... Muito interessante esse depoimento que ele deu. Então, a gente é testemunha. Presencial. A gente tinha uns 12 anos, mas esses jantares lá em casa eram de 9 horas da noite. A gente ia para a rua, quando chegava, ficávamos sentados esperando. A mesa lá posta, os amigos dele lá do Ministério da Agricultura. Esse pessoal tudo ficava lá. Então, a gente conhecia os passos dele, do Zé Vicente.

Inaldete Pinheiro

Luiz de França e o Maracatu Leão Coroado

[...] Lamento que não demos, por exemplo, a seu Luiz de França, nós não demos o que ele merecia. Isso eu acho que foi um pecado. Nos afastamos um pouco inclusive. Um pouco não, muito do seu Luiz de França [...] Eu tinha uma grande aproximação com seu Luiz e influenciei um pouco também. E foi muito bom. Mas,

durou pouco... O primeiro ano foi muito bom, a frequência... E seu Luiz reclamava a ausência da gente. Ele reclamava: “Os africanos não vêm aqui”. Ele chamava a gente de “os africanos”. “Os africanos não vêm aqui, por quê?” “Seu Luiz, nem todo mundo gosta.” Aí, eu me queixando disso numa reunião... “Vamos?” “Vamos.” Primeiro ano foi ótimo [...] Mas, depois, o ano seguinte já foi menos, já ninguém ia para os ensaios. Em 1985 se não eu me engano. Porque meu filho era pequenininho, estava de braço. Em 1986, em 1985 ele nasceu. Aí, no ano seguinte, já foi mais devagarzinho. No terceiro ano, já se encontraram aqui somente. Aí, a partir daí, deixaram de ir... Isso eu achei injusto, achei ruim. Foi ruim. Seu Luiz sofreu com isso [...] Em 1988, Telma Chase estava com Zumbi Bahia e se organizaram em torno de um projeto comum para as entidades. E seu Luiz, quase sozinho, aceitou. Mas, até porque também é isso, né? Nós já estávamos muito mais ausentes dele. E você chega com boa oferta, a pessoa que está mais carente recebe. Foi o que aconteceu. Nós não tínhamos nada, nós não tínhamos dinheiro para ofertar ao Leão Coroado. Então, ela chegou com um projeto consistente, financiamento consistente da Fundação Cultural Palmares. Então, aconteceu.

[...] Seu Luiz tinha muita carência de apoio, muita carência. Não foi sacanagem dele absolutamente. Deixou porque ele precisava mesmo de finanças. Também não sei nem quanto tempo durou essa relação. Eu me afastei para não ter envolvimento. Ficar de olho, né? Podia ser interpretado assim. Não. Enfim, eu não sei quanto tempo durou essa relação de seu Luiz e o Balé Primitivo. Ele também nunca se queixou depois que eu voltei [...] Era um maracatu de significativa presença no Recife. Era isso, era um maracatu. Eu lembro que eu ia por conta de seu Luiz, enquanto... “Vamos apoiar o maracatu?” [...] Era o maracatu mais importante, rapaz. Isso diz tudo. Maracatu para a gente, para mim, particularmente, até hoje, tem um significado muito importante, nasceu na senzala. Dizer

isso é tudo. Maracatu é uma expressão que vem lá, de resistência. É um grupo de resistência. Hoje, nem é mais, mas foi. Para mim, teve significado [...] Claro que não foi brincadeira... Era a importância, a representação da gente um bocado de tempo atrás. Então, era importante para a gente participar. Tinha uma história por trás dele, tem uma história, nem referendada, muitas vezes, mas tem essa história. Poucos sabem dessa história dele, as pessoas que dançam maracatu. Eu sabia, e muita gente sabia também. Então, vamos lá, faz parte da história da gente. E seu Luiz sabia disso. Não sei até quantos outros sabem, mas senhor Luiz sabia da importância do maracatu [...] ele lembrava a família dele toda que construiu o maracatu, dos escravos que construíram maracatu. Ele contava isso com muita emoção, com alegria. Ele tinha consciência do que era o maracatu. Quando ninguém falava em patrimônio, seu Luiz dizia: “Maracatu é um patrimônio do Carnaval de Pernambuco”. Isso tem uma dimensão imensa para uma pessoa de pouca leitura. Ele dizer isso: “É um patrimônio do Carnaval de Pernambuco. Ele só vai acabar quando o Carnaval se acabar. O Carnaval não vai acabar, o Leão Coroado não se acaba”. Belíssimo! Então, esse orgulho que ele tinha, ele passava para mim, pelo menos, e, eu acho, que para muitas outras pessoas. Muito forte. Era um sábio. E essa sabedoria a gente bebia lá. [Luiz de França] era bom contador de história, com graça, com emoção. E, sobretudo, por ele não ter muito ouvinte na comunidade, morava só, era tido como um homem briguento... Quando a gente chegava lá, ele se sentia valorizado. Isso foi muito importante para ele. Se sentir prestigiado, ser ouvido. Ele contava histórias das tias, as tias que ele chamava era a família agregada.

As tias da costa

[...] As tias da costa eram as negras velhas, talvez, ainda africanas ou descendentes bem próximas. Uma “Badia”, por exemplo. As tias

de Badia que ele conheceu. As tias do Sítio de Pai Adão, que ele conheceu. Todas as quase tias. Era na relação familiar de agregação, de agregar a família grande. Todos os conhecidos formar um corpo só. Então, ele chamava de “tias”. Aí, ele falava muito dessas tias. Dos tios também. Recapitulava os primeiros “tios” que faziam os candomblés. Eu tenho uma gravação com o seu Luiz que está perdida. Não me perdoe por ter perdido isso. Qualquer dia eu encontro. Onde eu quis recuperar essa história que ele contava. Quis gravar. Que não vai ser o destino dessa, né? [Risos]. Eu perdi realmente. Mas, eram histórias ricas, de uma sabedoria de pouca gente... Ninguém mais me contou história como seu Luiz, até porque não tem mais gente daquela idade.

Toinho, mestre maracatuzeiro

[...] Eu não sei música, portanto não sou boa avaliadora, mas eu vejo ainda que seu Toinho consegue um pouco da rítmica que ele aprendeu lá em seu Luiz. Seu Toinho foi um dos poucos que eu me lembro da frequência... Que ele era batuqueiro de lá. Ele hoje está no maracatu Encanto da Alegria. Mas, o Encanto não é a mesma coisa, claro que não é. Eu gostaria muito de saber música para avaliar um pouco a rítmica de seu Luiz, da formação de seu Luiz, se Toinho manteve a mesma coisa. Porque o Leão Coroado atual não é a mesma coisa. Não é absolutamente. Destoa muito. Não sei, pode ser uma avaliação preconceituosa, tendenciosa.

Frente Negra, Solano Trindade e José Vicente Lima

[...] Quando esse rapaz, João Batista Ferreira, falou em Solano Trindade, já fez ponte com professor José Vicente Lima. Ele foi da Frente Negra também. Em 1981, a *Brasiliense* – só vou dizer isso – publicou *Cantares a Meu Povo*. A gente fez um lançamento. Tarcísio, da

Livro 7 nos cedeu, e a gente fez o lançamento desse livro *Cantares a Meu Povo* no DCE. Lindo, lindo. A gente fez roupa nova para recitar os poemas de Solano Trindade. Foi lindo. Fizemos cartazes... Zé Vicente Lima participou. Aí, foi falar sobre Solano. Não era só um poeta, foi um político. João Batista só falava no poeta, e Zé Vicente falou o que foi a Frente Negra Pernambucana. Foi ótimo. Então, a gente, já no início... [...] Quando a gente começou, ele [Solano Trindade] já tinha falecido. Ele faleceu em 1975. A gente começou em 1979. Não sabia dessa pessoa. Ninguém sabia. De nós que começamos, só Edvaldo, porque conhecia Zé Vicente e João Batista. Só Edvaldo que sabia dele. Mas, ele não conhecia Edvaldo, pelo jeito [...] foi compromisso nosso. Dar visibilidade ao Solano. Então, nós íamos muito às escolas. Muito, muito, muito. Ou convidado ou oferecido. Nos oferecíamos. Chegávamos à escola e dizíamos que queríamos fazer uma palestra para o alunado. Escolas de 1º ao 3º Grau. Íamos muito. E, minimamente, uma vez no mês estávamos numa escola, no mínimo. Então, a gente fazia questão das palestras começarem ou fecharem com Solano Trindade. A partir daí, ele teve visibilidade. Foi compromisso que todo militante assumiu. Todo, todo. E nada forçado, foi... Passou a ser uma coisa muito espontânea. Porque a gente sabia da lacuna do nome de Solano aqui [...] eu tenho vários textos sobre ele em diversos lugares, mas a que teve maior divulgação assim foi uma agora, no ano passado, na CEPE. Eu e um filho de José Vicente Lima, Gustavo Lima.

José Vicente Lima

[...] Vicente Lima foi companheiro de Solano, da Frente Negra. Ele, os dois e mais outro, Barros, o Mulato. Que era chamado Barros, o Mulato. E Barros eu não sei muito dele. Eu sei que eu era muito amigo de Zé Vicente Lima. Morava em Campo Grande. De frequentar [sua]casa [e] dele participar mais de uma vez nas nossas

reuniões. Pessoa muito acessível, inclusive, muito acessível. Foi muito bom conhecer ele. Foi outro que valeu a pena também ter conhecido. Chegamos a fazer homenagem a ele nos 70 anos, se não me engano, 70, 80. Os filhos fizeram, nós participamos. Tem dois filhos. Fred e Gustavo fizeram essa homenagem lá na Fundação Joaquim Nabuco, e ele presente, e nós, alguns militantes do movimento negro. E também foi orador do último *Encontro de Negros do Norte Nordeste*. Foi o orador, um discurso emocionante. E disse: “Agora, já posso morrer tranquilo. Tenho seguidores”. Foi muito bonito [...] Ele tinha um [livro] que ele fez, Xangôs do Recife, se não me engano, que ele quis corrigir, revisar. E eu pedia muito para ele fazer, para editar e ele não editou. E a gente pensa em editar agora no próximo ano, que faz 100 anos no caso. Os filhos deles estão pensando nisso.

Lélia Gonzalez

[...] Muito, primeira geração, amiga. Falecida também, uma perda. Lélia veio aqui, a gente tinha muito afeto uma pela outra. Teve um dia que eu ia viajar, eu viajei. Ela sabia que eu ia viajar, a gente se telefonava. Eu estava no avião, eu ia para o Senegal. Eu estava no avião para o Rio, porque foi Recife-Rio. Eu estava no avião para pegar o vôo internacional. Lá, chegou um branco... “Você é Inaldete?” “Oxente, sou.” Uma das poucas negras do avião. “Sou.” Aí: “Foi Lélia que disse que eu lhe procurasse”. É desse tipo... “Porque também vou para o Senegal. Para a gente ficar junto.” Ele já conhecia o Senegal, e ficamos lá no Senegal juntos, ajudando. Era desse tipo a relação da gente, de solidariedade [...] Sim, naturalmente [lia o que ela escrevia]. [...] Tenho livro de Lélia, tenho recortes de Lélia. Lélia é uma das inspiradoras da gente até hoje. Ela conseguiu... não foi muito querida enquanto viva, depois de morta, felizmente, está sendo bem lembrada.

Zumbi dos Palmares

[...] É uma das lideranças importantes do movimento negro daquela época. É um dos grandes personagens. Eu tenho muito respeito por ele e por todos os outros quilombolas, todos os outros. Ele teve um destaque especial, que foi dado. Como eu tenho também por Malunguinho, tenho... Que também eu não sabia dele, soube por Marcos Carvalho. Eu tenho o mesmo respeito que eu tenho por Zumbi. Portanto, os outros que fizeram essa história num período tão difícil, tão difícil. E é o mesmo respeito que eu tenho pelo maracatu. Num período tão difícil, conseguiu driblar toda aquela estrutura e se tornar um grupo de resistência. Então, são personagens materiais e imateriais que se incorporam nessa minha... Que eu “bato a cabeça”, peço licença realmente.

Inaldete, por ela própria

[...] Porque as vezes que me afastei do movimento, duas vezes, era porque eu não me sentia acolhida. [...] Não tenho nenhuma dificuldade de dizer isso. Um dia, a gente foi fazer em 1988, uma reunião linda no Sítio de Pai Adão. Para ouvir os mais velhos. Eu tenho essa ligação com os mais velhos, que eu reconheço deles uma história também. Algumas companheiras foram. A mobilização foi minha. Mas, houve a adesão de alguns companheiros, foi um domingo fantástico embaixo do iroco [...] No lançamento do meu livro pouca gente foi. Enfim, eu não me sentia muito acolhida. Algumas posições minhas e discordâncias, uma em cima da outra. Eu me afastei, voltei. Afastei-me em definitivo em 1988, quando fundamos o Centro Solano Trindade inclusive. Porque eu não queria ficar afastada da militância, porque fazia parte de minha emoção, de meu modo de vida. Depois, o Centro Solano Trindade teve curta duração, por questão financeira, porque não dava para a gente sustentar tirando do dinheiro

do salário da gente. Éramos cinco pessoas, depois três, depois quatro, depois duas. Aí, quando chegou em duas, não, é impossível. Mesmo assim, fizemos três encontros de educadoras usando o nome *Encontro de Educadores Negros*, quer dizer, para ninguém dizer que só pensa agora a questão da educação. Depois, o Centro Solano Trindade acaba, mas eu fico numa militância de outra forma. Em nenhum grupo mais, efetivo assim. Mas, hora ou outra, atuando nos diversos grupos, colaborando de uma forma ou de outra. Em dois momentos, por último, eu tenho me sentido essa pessoa referência, sem nenhuma modéstia. Em dois momentos, me disseram que eu era importante no movimento negro, que eu fazia parte dessa história. Uma foi na conferência municipal... 2 anos ou 3 anos, 4 anos atrás, me convidaram para ser a conferencista. Todo mundo me cumprimentou com muita emoção. E outra foi quando eu recebi o título de cidadã recifense. Toda militância estava na Câmara de Vereadores. Então, aí, fica uma história. Hoje, eu estou muito tranquila. Porque, antes, isso me deixava... “O que é que esse povo quer de mim? Eu dou o meu sangue.” A educação do meu filho foi interrompida, eu não acompanhei muito. Ninguém.... Eu me senti injustiçada muitas vezes. Mas, naquele momento, na Câmara de Vereadores, ali, foi um momento muito importante. Meu nome está escrito na história do movimento do Recife. Hoje, já sei que está, não tenho nenhuma modéstia de dizer isso, também não tenho nenhuma vaidade. Eu acho que é o reconhecimento que eu conquistei com tranquilidade, com dignidade, arengando também. Mas, não traí ninguém. Não gosto de falar mal das pessoas, e com muito respeito. Gente que eu sei que me maltratou, eu tento... já tenho cabelo branco, não dá mais para a gente está brigando não [...] Mas, hoje, só tenho alegria, de alguém dizer: “Você tem coragem de fazer isso com Inaldete?” “Não, tenho não.” Isso é legal. Tem umas que assim têm certeza do meu aval. Tem umas quatro pessoas que sempre procuram ouvir. Um grupo: Martinha, Martha Rosa, Ester Monteiro, Gal...

Marcos Pereira

Gilberto Freyre e Joaquim Nabuco

[...] Nós sempre tivemos conflito com a Fundação Joaquim Nabuco, o tempo todo. E com Gilberto Freyre também. Nós repudiamos a visão de Gilberto Freyre, inclusive até hoje. Como repudiamos também o nome do aeroporto do Recife ser Aeroporto Gilberto Freyre. Para mim, é uma decepção que, na época, da definição desse nome, por exemplo, o movimento negro não tenha se posicionado e feito um grande protesto. Até hoje, também não tenho conhecimento de nenhum. Tivemos, do ponto de vista da discussão com as instituições, dificuldades, porque sempre houve uma simpatia ou uma tentativa de reabilitar essa visão de Joaquim Nabuco, essa visão paternalista do próprio Joaquim Nabuco como o “bonzinho” etc. Só que ele era e continua sendo um aristocrata. A contribuição dele foi individual, não foi coletiva. Não alterou muito a passagem e tudo mais. Não alterou muito como advogado que ele era. Mas, no ponto de vista das escolas, do ponto de vista dos outros movimentos sociais, a discussão foi muito boa. Nós não tivemos dificuldades. Como a gente do movimento negro nunca esteve muito preocupado em saber o que as instituições ou os representantes das instituições pensam a nosso respeito, então, para a gente, naquela época, tanto fazia. A passeata de protesto ou a movimentação ocorreria com ou sem apoio. Seria com menos gente. A gente já fez com oito, então, se você faz com vinte ou trinta [risos] e tudo mais, você faz e registra um protesto. Isso para a gente não era um problema.

Zumbi dos Palmares

[...] Não, ele não é só um herói. É uma pessoa, um ser humano que deixou um tipo de exemplo politicamente importante a ser seguido naturalmente. Tem essa coisa, herói é uma coisa muito formal. Mas,

ele é motivo de orgulho, é um dos guerreiros que nós entendemos que deveria estar incorporado em todo o afro-brasileiro. Ele é esse guerreiro. Até porque não é só a questão geral do Quilombo de Palmares. Zumbi, foi chamado para negociar. Ganga Zumba, que é o antecessor de Zumbi, aceitou essa negociação. Zumbi desconfiou bastante das propostas e ofertas dos portugueses feitas na época e decidiu não aceitar a negociação. Decidiu continuar seguindo o caminho de construção daquela proposta nova, de quilombo ou de estado negro. Então, para mim, como pessoa, ele é um exemplo de político, um exemplo como sindicato e é um exemplo como ser humano. Não é que você tenha que adotar como princípio não ceder. Agora, você só pode ceder, só pode fazer um acordo quando você estiver 100% seguro do que ele significa para você. Enquanto não tiver, você tem que continuar lutando pelos seus objetivos. Como todo mundo sabe... Hoje, como é sabido, o começo do fim do Quilombo de Palmares é exatamente a conciliação feita por Ganga Zumba com os portugueses. Porque dividiu a população palmarina e enfraqueceu bastante. Alguns anos depois, Zumbi foi assassinado por esse mesmo Estado que queria fazer um acordo com ele. Então, para mim, ele é uma fonte de conhecimento, de pesquisa e de exemplo que tem que estar sempre presente. E isso é no século XVII. Depois, houve vários quilombos, como nós todos sabemos, e tudo mais. Mas, um pouco mais de 100 anos depois desse colonialismo português estar implantado e consolidado aqui no País, você tem também o Estado que resistiu durante anos contra essa ordem. E resistiu de uma forma meio heroica, bonita.

Solano Trindade

[...] Solano Trindade é outro grande exemplo como poeta de esquerda. Solano Trindade tinha a relação dele com o Partido Comunista do Brasil. A obra literária dele eu acho fantástica. E acho que ela

ainda precisa ser descoberta pelos afro-brasileiros, sobretudo pela juventude. Claro que tem algumas coisas um pouco nostálgicas, não é? “Quem está gemendo? Negro ou carro de boi?” Mas, que embute também alguma coisa daquela realidade. Mas, tem também essa coisa do: “Sou negro, meus avós foram queimados pelo sol da África...”. E lutaram o tempo todo, a avó também lutou. No texto literário ou poético, só ele coloca homem e mulher, avô e avó como resistentes. Essa visão dele de esquerda ajuda. Mas, a visão de negro como resistente é o que marca essa poesia. E muitas outras, como: “Negros que escravizam ou que vendem negros na África não são meus irmãos”. É um alerta, uma orientação superimportante que ele dá no poema dele, porque você tem entre os mesmos grupos, seja de trabalhadores, de mulheres, de homossexuais ou de negros aqueles que querem lhe transformar em mercadoria para ganhar para si. E isso é uma das coisas que permitiram, não só isso, claro, mas que possibilitaram o saque europeu ao continente africano. E, depois, a exploração massiva da nossa mão de obra de maneira gratuita, como o trabalho escravo aqui. Os portugueses foram tão inteligentes que demoraram muito mais. Você pega... No Haiti e no Caribe todo, sempre estavam estourando revoluções. Solano Trindade faz, naturalmente, na obra literária dele, vários alertas, vários chamados superinteressantes e, ao mesmo tempo, uma coisa de beleza estética que ele tem que é fantástica.

Abdias do Nascimento

[...] Abdias também. Só que eu acho, sempre achei, um pouco confuso o papel de Abdias. Ele é da Frente Negra Brasileira também, parece que ele foi também do TEN, Teatro Experimental de Negros. A gente teve alguns encontros, ele foi também junto à Serra da Barriga. Eu acho assim, do ponto de vista de referencial, é claro que ele é historicamente importante para a história do negro aqui no Brasil.

Mas, o trabalho dele, os dois trabalhos que eu li: *Sitiados em Lagos* e *O Negro Revoltado*, eu achei muito confuso. Talvez, por limitação minha, eu não consegui tirar grandes contribuições desse trabalho. Depois a própria atuação dele como deputado federal, que ele foi pelo Rio de Janeiro... Eu achei que foi muito pobre. Porque ele foi deputado federal, ele não foi deputado estadual pelo Rio de Janeiro. [...] Foi senador, etc. Mas, eu acho que... bom, isso é uma opinião pessoal minha. Eu acho que não teve uma grande contribuição para a história, a origem, a bagagem histórica dele na questão racial. Eu acho que ele contribuiu muito pouco. Eu passei a ter uma visão de Abdias como um negro agradecido pelos espaços que estava ocupando e não uma pessoa que vai até o fim na sua luta. Bom, eu nunca quis entrar na política, nunca quis ser candidato a alguma coisa, mas defendo que o movimento negro tem que ter candidatos próprios, tem que disputar parlamento e tudo o mais. Mas, eu acho que o papel é, sobretudo, esse de primeiro ter uma vinculação intimamente articulada com o movimento negro e, segundo, de trabalhar com capacidade ou competência política para articular outros segmentos em defesa de apresentação de propostas e projetos que alterem a realidade do negro no Brasil. Quer dizer, um deputado federal e um senador podem muito. Têm limites, não podem tudo, não vão fazer nenhuma revolução, mas podem muito. Aí, esse muito que pode eu acho que Abdias não fez. Por isso é uma relação um pouco distante. Acho que tem um papel fundamental, uma contribuição na história do negro.

Martha Rosa

Zumbi dos Palmares

[...] Ah, Zumbi é um marco. Eu acho que conhecer a história de Zumbi foi superimportante na minha vida. Eu tive a felicidade de

conhecer a Serra da Barriga muito cedo. Entrei no movimento com 15 anos e aos 16, 17 estava na Serra da Barriga. Isto me deu a dimensão do poder do povo negro nesse país. Quando eu fui à Serra da Barriga, não estava asfaltada ainda para chegar lá em cima. Tinha demarcado um espaço, mas ainda tinha uma lagoa lá embaixo. Você olhava lá do topo e via uma imensidão de terra, e pensava que, 300 anos atrás, aquele espaço todo era coordenado por pessoas negras que fugiram da escravidão. Então, para mim, Zumbi é sinônimo de “empoderamento”. Dá essa sensação de que nós podemos. A Serra da Barriga merece ser conhecida ainda hoje, ainda é simbólico ir lá para ver a extensão de terra, para desbravar. Na época, subia a pé, porque de ônibus não subia. Subia o tempo todo pensando nisso: “Olha para aí, como estamos cansados. Olha o sufoco para ir, e olhe que estamos com água, e olhe que dormirmos a noite toda. Imagina...”. Quando chegávamos lá em cima, éramos o próprio Zumbi [risos], de tão “empoderado” que ia à subida. Mas, isso tem o seu papel de ver negros do Brasil todo, mais especificamente do Nordeste, lá. Isso também é uma imagem muito bonita. Para mim, Zumbi tem um papel muito importante na nossa história.

Rosilene Rodrigues

Zumbi dos Palmares

[...] Zumbi... Eu acho que a população negra sempre teve a perspectiva de liberdade. Eu acho que Zumbi concretizou de forma coletiva essa liberdade, essa capacidade de poder saber aonde vai, quem é que vem e como é que a gente vive. Porque tinha que ter esta estratégia, porque, senão, não teria vivido durante tanto tempo. Um bando de gente, num mesmo lugar, numa situação singular. Porque eu não sei se vocês já foram à Serra da Barriga, mas, quando você chega lá em cima, é que você tem a dimensão do lugar que você está. E olhe que

não tem nenhuma comparação com o que era, com certeza. [...] Fui. Eu fui para a Serra da Barriga... Estamos em 2009, em 1990. Dois mil e nove... Era 1999, uma coisa assim. Foi uma excursão que o pessoal fez. Era 20 de Novembro. A Serra da Barriga era o auge. E, aí, a gente foi. Quando a gente subiu, que você olha para Alagoas, olha lá para baixo, aí, você compreende a capacidade estratégica, porque você vê Pernambuco.... Tu imaginas o que era tu chegar lá em cima, com um bando de gente (porque não eram uma, duas, três, quatro pessoas).... Infelizmente, quando a gente chegou lá (agora deve estar pior) já estava meio acabado. Os lugares... Já não tinha mais a água, o riachozinho que eles tinham, já estava, bem dizer, acabado. Mas, eu fiquei pensando em um bando de gente morando naquele lugar. E, aí, você não tinha como fazer interlocução com outros lugares, porque para você subir aquela serra, tinha ou uma ou duas entradas. Não tinha outra. E todo mundo via quem estava chegando. Pelo menos é o que a História conta... Por que quando você vê no que a gente chama de... Não é nem baixo, porque você tem na verdade como se fossem planos. Você sobe o primeiro plano, depois, você sobe o último plano. Nesse segundo plano, devia ser onde as pessoas plantavam, porque realmente dá condições de você fazer isso. E fazer a troca de bens. Porque não tem como você chegar ali. Aí, eu fico pensando que, com certeza, Zumbi não procurou aquele lugar: “Ah, vamos ali”. Aquilo foi uma coisa pensada. Você já tinha visto o lugar, você tinha demarcado aquele espaço, e você disse: “Aquele é o lugar”. Por isso que sobreviveu tanto tempo. Então assim, é pensar que esse povo que a gente, que a sociedade brasileira aprendeu tanto a dizer que era burro, ineficiente, incapaz, que não tinha nenhuma capacidade de pensar, de fazer, não era profissional, esse povo foi capaz de fazer isso. Então, eu acho que Zumbi desdiz concretamente toda uma história do que se contou da população negra. Eu acho que a representação de Zumbi é essa. O papel principal de Zumbi é esse. E em relação a fatos, entende? Não é só uma história que pode ser

contada não. Foi um fato, foi uma construção de vida, de pessoas. E a Serra é esse fato concreto. Quando você vai para a Serra da Barriga, você vai para Alagoas, você olha a Serra, União de Palmares de longe, ali é o lugar. Eu acho que a população negra precisa conhecer isso. Por incrível que pareça, na última reunião, quando se perguntou quem já foi para a Serra da Barriga, dois ou três levantaram a mão [risos]. Tinha gente que nunca foi lá. Nunca. Então, essas coisas, para mim, são a representação concreta de Zumbi. Da história. Ele desfez esse mito. É uma pena que a gente não possa, muitas vezes, passar essa experiência para o pessoal que está chegando, as pessoas que estão, na verdade, abrindo a capacidade de compreender agora e também para os jovens. Porque eu acho que é essa a grande, como dizem os jovens, a grande sacada de Zumbi. Ele mostrou, provou na prática a capacidade desse povo, como a gente mostra com as grandes revoluções. Com João Cândido, que é outro. São homens que, concretamente, no cotidiano, eles disseram: “Olha, estou te dizendo tudo que disseram da gente a vida toda”. Não é um discurso só. Não é só uma fala e pronto. É uma prática. Eu acho que quando a gente aprova na prática isso, a gente duplica a possibilidade de mudança do outro. A gente precisa, urgentemente, fazer isso. Eu acho que a gente precisa fazer isso também no espaço teórico. Também na possibilidade de teorizar sobre isso. Mas, a gente precisa fazer isso também com as nossas práticas. Porque, infelizmente, a população negra está nos espaços e nos lugares onde o cotidiano é que conta. O que eu vejo é que conta, o que eu sinto é que conta.

Lepê Correia

Paulo Viana

[...] Paulo Viana era um negro claro da cabeça branca. Todo mundo dizia: “Paulo Viana não é negro”. A história da marca. Como dizia

minha avó, cara “chamboqueira” de negro. O cabelo pixaim. Ele trabalhava em negócio da indústria, Senai. Parece que ele foi do Senai, Serviço Nacional da Indústria. Quando ele retoma essa história da Noite dos Tambores Silenciosos, foi muito importante porque dizem que essa Noite existia, antes, na Igreja do Rosário dos Pretos. Se fazia alguns louvores na Igreja do Rosário dos Pretos. Ele foi ali para o Pátio do Terço por causa das tias velhas, como se diz. De Sinhá, Iaiá, Badia, aquelas mulheres ali. Foi para o Pátio do Terço. E assim: Paulo Viana foi importante porque ele retoma isso e deu um gancho para nós.

Zumbi dos Palmares

[...] Eu posso dizer que Zumbi foi... Foi não, é um marco importante nessa luta de negros no Brasil. Se a gente for “orixalizar”, vai chamá-lo de Ogum. Se a gente for “inquicizá-lo”, vai chamá-lo de Mucumbo, como um grande inquice. Vai chamá-lo de Gum, também, se for “vodunizá-lo”. Posso dizer que Zumbi é esse avô. Esse avô de todas as lutas brasileiras. Mas, posso dizer que a gente precisa conhecer outros quilombos, outras lutas. E outros homens que, tanto quanto Zumbi, lutaram pela liberdade, pela libertação do negro. Acho que Zumbi é um marco, o primeiro herói pan-africano do mundo. Mas, precisa-se descobrir também. Precisa-se louvar, glorificar, reconhecer outros homens importantes. Manoel Congo, que pouca gente fala, Malunginho, João Mulungu, o Dragão do Mar, a Carlota. E outras pessoas que foram muito importantes. Mas, Zumbi ainda é essa referência, esse avozão que a gente tem.

Solano Trindade

[...] Solano é Recife. Solano, enquanto negro, é, realmente, Pernambuco falando para o mundo. Solano é meu mestre de poesia. Solano

foi conhecido por nós porque João Ferreira trouxe Solano, ele participou do teatro de Solano Trindade. Uma coisa que eu fiquei muito chateado foi que o movimento negro não reconheceu enquanto ele estava vivo. Teve uma perna cortada. Ficou na Campina do Barreto sozinho lá. E ninguém, nenhum núcleo de cultura negra, esse povo todinho que faz essas coisas todas foi lá fazer uma visita a ele. Ele foi tão importante no Movimento Negro do Recife. Foi quem nos fez conhecer Solano Trindade. Dos livros, da poesia de Solano, das recitações de rua. Esse Solano que a gente não conhecia. Eu achei muito importante porque eu não conhecia Solano, não conhecia a obra de Solano. Já tinha um bocado de coisa escrita quando fiz o *Caxinguelê*, e o filho de Solano veio um dia, leu. Quando ele leu minhas poesias, ele disse assim: “Se você tivesse conhecido papai, eu teria dito que você estava plagiando meu pai. E se eu não o conhecesse e visse esses poemas em qualquer lugar, eu podia dizer que era meu pai que estava escrevendo”. [...] Então, eu me assustei com isso. Porque eu ser comparado... Eu tenho um poema chamado *Me acode*, que eu digo: “Me acode, velho”, quando eu falo de Solano. Ser comparado a Solano Trindade... Do mesmo jeito quando eu escrevi no livro *Áfricas de África*, que eu escrevi *Angola*... Um ensaio sobre a vida verdadeira de Domingó Xavier, de Luandino Vieira. Eu escrevi um ensaio chamado *Angola feita a Homem*, que eu comparo Luandino Vieira com Wole Soyinka. Ele diz: “Companheiro Lepê...”. Aí, Luandino me manda uma cartinha, manda um livro autografado e diz: “Companheiro Lepê, você está exagerando”. Quer dizer, eu ser chamado de companheiro por Luandino Vieira é outro orgulho da minha vida. Ser comparado a Solano, ser chamado de companheiro por Luandino Vieira. Quando Steve White disse que eu sou um dos reinventores do passado sagrado da poesia brasileira afro contemporânea, eu fico muito feliz com essas coisas. Eu posso continuar vivendo. As pessoas dizem: “Eu posso morrer”. Eu não, eu posso continuar vivendo [risos]. Isso me alimenta muito.

Sylvio Ferreira

Paulo Viana, militante

[...] É, ele não criou a Noite dos Tambores Silenciosos, ele criou um auto-dramático para assinalar de uma forma teatral, mediante um jogral, apresentação de um grupo teatral para ele inserir na Noite dos Tambores Silenciosos. A noite era anterior a ele, um movimento espontâneo dos maracatus procurando a igreja para parar os tambores. Isso é anterior à Paulo. A inserção de Paulo nisso é que ele cria um jogral, cria um auto dramático. [...] Então, Paulo era militante, ele frequentava as reuniões. Agora, Paulo era de uma geração outra que não a nossa, eu digo a nossa naquela época, porque pela minha idade eu era da geração daquelas pessoas na sua maioria, embora existissem pessoas mais velhas. Eu acho que a distância de minha idade para Paulo era em torno de 28 a 30 anos. Paulo já era um homem maduro, não começou naquela ocasião, mas ele era um militante, teve muita participação, teve importância, agora, era um homem à moda antiga. [...] Eu acho que Paulo achava que a vida dele profissional poderia – eu acho, isso é um sentimento meu, nunca disse isso para ninguém –, ela poderia ter sido mais bem-sucedida do que foi, se não fossem problemas da cor da pele, porque ele era um homem que tinha, por exemplo, entre outras coisas, assessor de imprensa da Federação das Indústrias de Pernambuco, ele tinha um círculo de relações, embora profissional, mas é possível que tenha relações até de amizade aí com a classe empresarial, mas mesmo assim, eu acho que a vida dele profissional, poderia ter sido muito mais bem-sucedida. E, por ser um homem já na sua plena maturidade quando participou disso tudo que estamos falando, viveu momentos outros que nenhum de nós lá tínhamos vivido, exceto algumas poucas pessoas. Ele conheceu outros momentos, mas Paulo era um militante! Paulo Nunes Viana era um militante ativo, se fazia presente na reunião, discutia... Agora, o que eu sentia era isso, que ele era um

homem à moda antiga. [...] Não era nem em relação à questão racial propriamente, o conjunto da vida dele. Paulo era um homem muito conservador, o que eu estou dizendo é isso, era um homem preso a tradições de outro momento da história de Pernambuco e do Brasil, não era um homem que, vivendo a contemporaneidade do que ele viveu conosco, fosse um contemporâneo no sentido geral das coisas que estavam acontecendo. [...] Mas, ele esteve lá, Paulo esteve lá. O que eu estou dizendo são coisas gerais sobre a vida dele, eu não estou dizendo conservador de maneira depreciativa, estou dizendo apenas uma avaliação, é um homem que está hoje, mas você vivendo o hoje, ele é um homem de ontem, ou seja: valores, tradições... A única coisa que eu acho que chamava ele para o sentido de um presente – e isso é muito significativo, porque um homem como ele, ser chamado para um presente, na idade que ele chamou, que tinha uma vida já estabelecida etc. – e assumir publicamente uma coisa dessa ordem, isso apenas revela o quanto havia ali um desconforto em relação a essa questão, mas no sentido geral era um homem conservador.

Solano Trindade

[...] Diz, Solano diz. Diz, sim. Você quer saber o que é que ele diz? Eu gosto das poesias dele. Tem uma que ele escreveu para Nicolas Guillén, meu irmão, meu amigo Nicolas Guillén. Mas, eu soube que tem uma importância, ele saiu daqui em 1937 para o ITA, foi embora, se deslocou para São Paulo, criou o Teatro Experimental do Negro, que era adversário de Abdias, porque ele já tinha uma visão de classe que Abdias nunca teve, os dois não bicavam de jeito nenhum. Ele chegou, saiu daqui na época do Estado Novo, fugido da ditadura estado-novista de Vargas. [...] Nessa época do movimento negro os livros de Solano não tinham sido reeditados, então, era muito difícil de encontrá-los. O que eu li de poesia de Solano foi de uma pessoa do movimento que andava com o livro já muito esgarçado, e ele

tinha um ciúme enorme desse livro, devia ter sido de algum modo contemporâneo de Solano, não aqui em Pernambuco, mas em São Paulo, era João Ferreira. Então, João Ferreira andava com o livro de Solano chamado *Cantares ao meu Povo*, acho que esse era o título do livro, e algumas pessoas tiveram interesse no livro, como eu cheguei a ler o livro, mas não se encontrava os livros de Solano nas livrarias. [...] [João Ferreira era o principal responsável pela divulgação de Solano aqui]. Ele vivia com esse livro de Solano, lembro bem; todo já amassado, suado, um livro... Não se encontravam os livros de Solano, depois foram sendo reeditados, mas Ferreira foi um divulgador, era um entusiasta de Solano. Você chegou a conhecer João Ferreira?

Malunguinho

[...] Eu gosto de Malunguinho. Malunguinho daquela canção: “Vamos correr a gira, Malunguinho. Vamos tirar feitiço, Malunguinho. Vamos proteger discípulos, Malunguinho. Vamos cortar olho grande, Malunguinho”. Conhece isso? Isso é bonito. (Cantando): “Vamos correr a gira, Malunguinho. Vamos tirar feitiço, Malunguinho. Vamos proteger discípulos”.

Luiz de França, de agente da repressão para articulador do Leão Coroado

[...] Isso eu estou lhe dizendo em função de duas fontes, que Luiz de França, que se tornou um grande maracatuzeiro, de uma das casas de maracatu mais importantes e tradicionais daqui do Estado, ele, ao que tudo indica, fez parte do organismo de repressão ao candomblé e extensivamente ao maracatu. Lá para trás, na história da cultura negra nesse Estado, em que o candomblé esteve proibido de funcionamento durante um bom tempo, e, o que me consta é que ele era um agente da Secretaria da Segurança Pública, não sei se dos

quadros oficiais ou de araque, aquele que prestava serviço informalmente. Mas, o que me consta é que ele teria feito parte dos quadros de repressão e que, depois disso, é que se tornou maracatuzeiro, e ainda me disseram que ele chegou a abrir uma casa de candomblé. Em relação a essa casa de candomblé, eu não tive certeza que ele abriu de fato, mas o que eu sei tem duas procedências: uma, de um companheiro fundador do movimento negro, na época nos chamavam simplesmente de CECERNE, mas movimento negro nesse sentido mais geral e que era uma pessoa, o jornalista Paulo Viana. Também era etnólogo, fazia pesquisas nessa área, não sei em que extensão. Não vi nenhuma pesquisa dele assim propriamente, mas que tinha interesse efetivo nessa área. Deveria ter os seus registros. Uma vez falando sobre Luiz de França, ele me disse esse aspecto da vida dele anterior à participação, interesse dele pelo maracatu, que desde aquela época eu achei que era um caso de superidentificação. Isso, em termos psicanalíticos, algo que faz com que as pessoas odeiem tanto outra coisa, que em algum momento aquilo como uma superidentificação, o negativo do que era manifesto, o ódio se transforma em amor, o amor em ódio. [...] E o outro dado é que há alguns registros sobre agentes que participaram dessa repressão ao candomblé lá por volta dos anos 1930, em que aparece nominalmente o nome de um desses agentes que faziam parte do esquema de repressão, e o nome desse agente, coincidentemente, é Luiz de França, mas como não se tem nenhuma outra informação sobre esse Luiz de França que aparece documentado na época que possa estabelecer relação precisa com Luiz de França do maracatu... Exceto, sabendo do nome dele lá, tal como aparece, e um relato complementar que foi feito pelo jornalista Paulo Viana e dado a mim esse relato.

[...] O contexto do que a gente discutia sobre o maracatu e as figuras que participavam dos maracatus na cidade, uma conversa desse tipo. Não foi um dado apenas apontado, nada de extraordinário como do mesmo modo pessoas, por exemplo, numa história muito mais

recente que participaram da repressão política dos anos 1960 e dos anos 1970 assumiram posições de poder e que hoje circulam por entre nós como se fossem grandes liberais, não apenas por hoje, que podem até ter se tornado, mas como se tivessem sido grandes liberais desde sempre e que foram agentes da repressão. Então, quando há um momento assim, histórico, muito marcado, aquelas pessoas não desaparecem de uma hora para outra, elas encontram uma maneira de se adaptar ao novo mundo. Umas conseguem, outras não, umas se adaptam ao novo mundo e outras ficam para trás. Adaptam-se no sentido de que deixam suas práticas, vícios e ranços de lado e encontra-se uma maneira de ressignificar o mundo por força das circunstâncias, e acabam se adaptando. Talvez, esse tenha sido o caso de Luiz de França. Então, isso que estou dizendo é mais para... É apenas um comentário, não é uma coisa que estou dizendo da ordem que desabone o caráter dele. Embora eu estando com ele algumas vezes, numa certa hora em que ele me procurou em busca de auxílio financeiro, ele tinha me dito que a coisa mais importante na vida é a pessoa saber em que se agarrar, não importa onde e de que forma, mas sempre que se possa estar agarrado a alguma coisa que possa lhe ser útil. Então, embora isso possa comportar uma lição de sabedoria, isso, para mim, também comportou uma lição de esperteza. E, naquela ocasião, sentia certo, até certo... Não diria que hoje talvez sentisse, mas naquela ocasião, por função de alguns ideais que carregava, isso causou em mim um certo desapontamento. Com ele ou com qualquer um que dissesse algo dessa ordem. Quando de que, o que movia era uma paixão, um idealismo e um compromisso, que não se tinha, em função disso tudo, uma ação política de delimitar e demarcar territórios, então, não se podia estar se fazendo associações de toda ordem de caráter circunstancial de acordo com suas conveniências. Mas, isso não me impediu de ajudar no auxílio que ele necessitava para colocar o maracatu na rua naquele ano. [...] A condição dessas pessoas era muito precária. A sensação que tive naquele tempo, e que tenho hoje,

olhando retrospectivamente, me lembrando de tudo aquilo, daqueles contatos, era que o valor social do maracatu em Pernambuco era zero.

Thelma Chase

Thelma Chase e Luiz de França

[...] Aí, o seu Luiz, que, na época que conversei comigo, não acreditava, não sabia, não acreditou, nem entendia por que é que eu estava ali... Eu disse a ele: “O valor é X”. Não, eu tinha dito a ele: “O valor é X”. Ele não registrou. Quando eu cheguei com o cheque, eu disse: “Esse é o valor”. Era muito dinheiro, ele disse: “Mas, eu não sei o que é que vou...” Porque, na realidade, o seu Luiz estava numa situação, ele era uma figura que não confiava em ninguém. [...] Muito, muito. Ele disse: “O que é que eu vou fazer com esse dinheiro?” “Esse dinheiro é para o senhor resgatar o Maracatu Leão Coroado e voltar a colocar o maracatu na rua, fazer o maracatu voltar a brincar. O senhor só não pode comprar casa com esse dinheiro porque, no projeto, isso está muito claro. Então, agora, o senhor deposita...” – na época, a poupança era muito boa – “[...] o que render na poupança é extra para o maracatu. Não precisa entrar na prestação de contas. Agora, o senhor vai ter que criar uma diretoria aqui.” Ele disse: “Onde é que a senhora mora?”. Eu dei o endereço lá do escritório. Quando foi um belo dia, na outra semana, ele chegou lá em casa com a bicicleta dele, ele andava com a bicicleta e disse: “Eu vim conversar com a senhora, porque eu quero lhe dar o maracatu”. Eu disse: “De jeito nenhum, de maneira nenhuma. O maracatu é da comunidade, essa é a história que eu sei”. Aí, ele: “Não, mas ninguém quer”. E me contou a história da mulher dele que era rainha e que foi para o Rio, e que as filhas foram também. Eu disse: “Não, seu Luiz, veja bem, eu vou conversar com o elenco para a gente dar um suporte lá no maracatu, mas eu não quero maracatu”. Conversamos, e eu já determinei que

a gente vai desenvolver uma ação dentro do Córrego do Cotó. Montamos um projeto para não mexer no dinheiro chamado *Renascer Maracatu*. E, na semana, a gente trabalhava lá organizando, fazendo levantamento do figurino, que já estava literalmente acabado, de instrumento e, toda semana, nós fazíamos uma ação lá com o balé. A percussão tocava, Zumbi cantava, a gente montava um mini som, e passamos a convidar o baque de outros maracatus para irem lá, que era para a gente aproximar. Porque o seu Luiz dizia: “Todos eles roubaram os meus batuqueiros”. Nós íamos lá aos maracatus todos da área. O Roberto dizia: “Aqui, não boto o pé. Não vem nenhum porque eu não quero. Se a senhora trazer eu recolho tudo”. Nós mudamos a estratégia. Consertamos as alfaias, ele fazendo, e o elenco aprendendo, aprender para ajudar. E comecei a pedir para ele sinalizar que pessoas da comunidade, que rapazes a gente podia chamar ou convidar para retornar para o maracatu. Paralelo a isso, comecei a sinalizar para a Prefeitura que era necessário ter outro olhar para o Maracatu Leão Coroado e que o mesmo precisava de uma sede, porque a que possuía era a casa dele, era uma casa de herdeiros. Então, o maracatu precisava de uma sede, e a Prefeitura começou a me sinalizar terrenos para eu visitar. A maioria deles tinha pessoas morando, e eu voltava e dava o retorno, e seria um complicador tirar essas pessoas, enfim, eu fiquei fazendo esse meio campo durante um bom tempo. Como, para essas reuniões, eu levava seu Luiz, porque eu não ia tomar nenhuma decisão sem ele, uma das reuniões com o Roberto Pereira, que era o presidente da Fundação de Cultura... Aí, levei para a reunião e falei tudo, que o maracatu já está começando a tocar, que a gente começou a fazer oficinas. E eu juntei o pessoal da comunidade com o pessoal do Balé Arte Negra, e ele já estava alegre para caramba, o seu Luiz. Um dia, ele foi sozinho falar com Roberto Pereira, dizer ao Roberto Pereira para que me convencesse a ser a presidente do maracatu, para eu passar a ser a dona. Roberto Pereira mandou me chamar, porque eu era funcionária da Fundação, e me

disse na boa fé: “Thelma, você precisa assumir”. Eu disse: “Não, eu não posso fazer isso. Esse maracatu tem uma história, tem pessoas da comunidade que tiveram uma participação efetiva. E isso, se eu aceitar uma história dessas, vai ser um problema, vai acabar tudo que a gente começou a construir”. Uma das reuniões eu tinha ido falar com Joaquim Francisco, levei ele para o Joaquim Francisco. [...] Ele foi lá falar com Joaquim Francisco para dizer ao Joaquim Francisco que eu tinha que ficar com o maracatu. Como ele ia ficar nessa lenga-lenga, o que é que eu fiz? Fiz uma reunião, combinei com a comunidade, com o Arte Negra, fiz uma reunião para a gente definir a diretoria do maracatu. A diretoria toda, óbvio que seu Luiz disse: “A presidente é a senhora”. Eu disse: “Está certo”. Fizemos a ata, tudo bacana com o pessoal da comunidade também, mas eu não dei o encaminhamento para essa ata, ela não foi para cartório. E aí: “Está tudo bem? A senhora é presidente?” “Sou.” Passei a dizer na comunidade que eu era. Quando o maracatu já estava todo bacana, quase que pronto para desfilar... Eu comecei a fechar algumas apresentações com a Prefeitura para o maracatu. Para assinar o contrato, teria que ser o presidente, eu levava o seu Luiz. Em uma das vezes, ele disse: “Por que sou eu que assino se a senhora é que é a presidente?” Isso eu enrolei poucas vezes porque, um dia, eu disse a ele: “Seu Luiz, eu não dei continuidade àquela ata. Não levei para cartório porque eu não quero isso e eu não vou fazer uma coisa que eu não quero, que eu sei que vai gerar uma polêmica. Eu não vim aqui para isso, a companhia não veio para cá para isso”.

Leão Coroado de hoje não é aquele de Luiz de França

[...] Eu não tenho nenhuma dúvida disso. Eu quando vi... Inclusive, aqui, tinha um evento muito bom que, hoje caiu muito, chamado Percpan e ele... Aconteciam ações aqui dentro do Pelourinho, e eu sou produtora daqui do Pelourinho Cultural, e quando eu vi Leão

Coroado, eu me dirigi e quando eu soube que não estava mais. Aí, eu: “Poxa!” baque diferente. Completamente. E toda uma história, né? Porque seu Luiz pode até ter dito, como ele disse para mim: “O maracatu é seu”. Quando ele dizia, ele batia na mesa para mostrar a força que ele tinha. “Quem está lhe dizendo sou eu.” E você tinha que entender. E ainda, um dia, ele me disse, disse na frente do Joaquim Francisco: “Se ela não aceitar, eu vou tocar fogo”. Depois, um dia, ele me disse: “Vou para o Rio porque lá no Rio de Janeiro...”. A ex-mulher dele morava lá. Só para tu teres ideia, no primeiro ano que o maracatu, quando ele voltou a sair...

Walter Araujo

Luiz de França e o Leão Coroado

Fizemos um trabalho também com seu Luiz do Maracatu Leão Coroado, em que foi repassado também uma verba para seu Luiz. Não digo com certeza porque foi feito um trabalho com seu Luiz. Não foi repassado. Inclusive, o Leão foi reformado em Ouro Preto, no Grupo Cênico Liberdade. A gente fez uma reforma no Leão com o dinheiro do projeto. Então, cada grupo que foi beneficiado deu uma importância para se refazer o Leão, porque o Leão estava caído, e muitas alfaias deterioradas foram reconstruídas. Seu Luiz inclusive deu aulas para o pessoal de alfaia, de como se fazer alfaias e deu também... Na época, tinha sido, parece, o prefeito Gustavo Krause que tinha doado um terreno ao Maracatu Leão Coroado e, por seu Luiz não botar o pé em terra, parece que houve uma questão com ele. Esse terreno, o maracatu parece que não recebeu esse terreno, que era para fazer a sede desse maracatu. E tivemos também umas boas aulas com seu Luiz, boas mesmo. Esse é o aprendizado da gente da cultura que faz o movimento negro. Eu não digo o seguinte: o Movimento Negro Unificado. O Movimento

Negro Unificado é uma entidade, e eu respeito, mas o movimento que a gente faz é esse e é um movimento negro.

Solano Trindade

Todo trabalho nosso, inclusive, parece que Ivo continua, não sei bem, é Solano Trindade. É referência nossa, e minha particular. Por que Solano Trindade? Solano Trindade foi um bateador de sola no Pátio do Terço. Era um sapateiro que vivia ali, e ele sempre escrevia coisas que não era só para aquela época, para a época de hoje também. E, daí, quando eu comecei a ler Solano Trindade, depois que eu estava no movimento fazendo os trabalhos de negritude, aí, foi quando me interessei, e passamos a montar trabalhos com poemas de Solano Trindade. Acho que foi o primeiro grupo que fez trabalhos com Solano Trindade, com os poemas de Solano Trindade. Pedimos até autorização aos filhos de Solano que estavam no Rio de Janeiro para fazer os trabalhos. E parece que tem essa declaração deles, não é? E estamos aí, Solano Trindade.

Tem um [poema] que diz assim: “Graças a Deus o negro existe. O negro veio povoar este mundo de cor, misturando seu forte sangue a outras raças. Coloriu a humanidade. Ser negro é ser raiz do Brasil. Ser negro é estar presente em tudo, mesmo cansado, oprimido, humilhado e folclorizado. Ser negro é levantar a bandeira sangrenta, humilhada e camuflada por esse vergonhoso racismo que nos rodeia”. Esse aí é um poema de Solano Trindade, e isso fazia parte de um espetáculo nosso.

Wanda Chase

Ariano Suassuna

[...] Ariano Suassuna frequentava o MNU. Eu não lembro como é que ele chegou lá. Mas ele frequentava, chegou a ir a minha casa.

Eu morava perto do Teatro do Parque. A gente ia lá para casa para beber, para conversar e tal. E Ariano, uma das vezes dele, ele dizia que estava se redimindo, ali, da obra dele. Que ele tinha sido preconceituoso na obra dele. Ficou amicíssimo do Josafá e da Adelaide. E ele teve uma participação muito importante. Ele teve um fato que o Gilberto Leal e o Bujão daqui... Eles eram do Malê Debalê, um bloco. E fizeram uma amizade com a Susana Baka, uma cantora pernambucana, que era pernambucana, peruana. E que ela foi... Aí, ligaram para mim. Lá em casa era a rodoviária do movimento negro, todo mundo ficava lá em casa. Aí, me pediram para hospedá-la. Ela queria fazer um *show*. Não sei como a gente chegou até a Fundação Joaquim Nabuco para fazer esse *show*. Começamos a divulgar esse *show* e, de repente, a Polícia Federal chegou atrás de mim. Ela entrou no Brasil como turista, ela não podia trabalhar. E, aí, quem nos salvou? Ariano. Foi para a porta da Fundação Joaquim Nabuco comigo e outras pessoas para devolver o dinheiro dos ingressos que algumas pessoas já tinham comprado. Porque a Polícia Federal estava lá fiscalizando. Ela não podia cantar. Ela entrou com visto de turista, não entrou com visto para trabalhar. E, aí, depois, ela ficou sem dinheiro para voltar. Eu não lembro com quem pessoa eu rachei. Eu dei a metade, outras pessoas deram metade para comprar a passagem dela. Quando foi há 5 anos, a Susana Baka veio aqui para o Percpan. Eu cheguei a procurá-la, mas não a encontrei. Ano passado ela veio. Aí, eu fui assistir ao *show*. Foi ela, Mercedes Souza, ano passado não, retrasado, Carlinhos Brown. (Pausa). Aí, eu fui até o camarim, quando eu cheguei lá, ela, a mesma pessoa. Aí, eu: “Boa noite, estás lembrada de mim?”. Ela: “Ah, Wanda!”. Falou com o marido dela. “É ela que eu contei a história do Recife”. O marido: “Ah, é você!” Parecia amiga íntima de infância. Íntimas. E Ariano foi muito legal nessa parte, muito legal. Ele e a Zélia, a mulher dele. Eles iam para as reuniões e ficaram ligadíssimos. Depois, o Josafá chegou a ser secretário dele.

Zumbi Bahia

Luiz de França

[...] O CENPE ajudou o Maracatu Leão Coroado. Eu saí, no Carnaval, tocando gonguê no Leão Coroado, e o CENPE ajudou nesse ano desse Carnaval. O CENPE ajudou financeiramente o maracatu. [...] Foi só um Carnaval, e com muita dificuldade com seu Luiz de França. Difícil de lidar com ele. Seu medo de perder o maracatu era impressionante. O maracatu é a vida dele. Qualquer pessoa que chegasse, assim, querendo ajudar, ele pensava que era uma armadilha. Vinha querendo ajudar e, depois, tomar o maracatu dele. Então, não deu para continuar. Nós ajudamos até onde pode.

Referências

- ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. *Histórias do movimento negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, CPDOC-FGV, 2007.
- AUGEL, Moema Parente. A imagem da África na poesia afro-brasileira contemporânea. *Afro-Ásia*, n. 19-20, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 183-192.
- CONTINS, Márcia. *Lideranças negras*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Aeroplano, 2005.
- FERREIRA, Sylvio José B. R. *A questão racial negra em Recife*. Recife: Edições Pirata, 1982.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. África e cultura afro-brasileira: imbricações entre história, ensino e patrimônio cultural. *Clio: revista de Pesquisa Histórica*, n. 26.2, 2010.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Ancestralidade e oralidade nos movimentos negros de Pernambuco. *África(s)*, v. 3, n. 6, 2016.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins; LIMA, Ivaldo Marciano de França. História e memória da negritude pernambucana em ritmos, cores e gestos: 1970-1990. *Territórios e fronteiras*, v. 5, n. 2, p. 261-274, 2012.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Revista do patrimônio histórico e artístico nacional*, v. 24, n. 1, 1996

HANCHARD, Michael, George. *Orfeu e o poder: movimento negro no Rio e em São Paulo (1945-1988)*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 133-161.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 167-182.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés em Pernambuco: usos da história na luta por reconhecimento e legitimidade. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 146-159, 2009.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés: manifestação cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma história social dos afoxés. *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 16, n. 21, p. 89-110, 2009.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Entre Pernambuco e a África: história dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus do Recife: novas considerações sob o olhar dos tempos*. Recife: Edições Bagaço, 2012.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Mas, o que é mesmo maracatu nação?* Salvador: EDUNEB, 2013.

LIMA,IVALDO Marciano de França. Negro, mostra sua cara! Movimento negro em Pernambuco e suas expressões culturais. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins; GRILLO, Maria Ângela de Faria. (Org.). *Cultura, cidadania e violência*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 157-176.

LIMA, Vicente. *Xangô*. Recife: Jornal do Commercio, 1937.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: uso e sentidos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. *Onde cultura é política: movimento negro, afoxés e maracatus no Carnaval do Recife (1979 - 1995)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SALES JR., Ronaldo. *Raça e justiça: o mito da democracia racial e racismo institucional no fluxo de justiça*. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SILVA, Maria Auxiliadora Gonçalves da. *Encontros e desencontros de um movimento negro*. Brasília: Fundação Palmares, 1994.

SOUZA, Maria Aparecida de O. Os movimentos negros e a construção das identidades. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins; GRILLO, Maria Angela de Faria. (Org.). *Cultura, cidadania e violência*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 177-192.

TRINDADE, Solano. *O poeta do povo*. São Paulo: Ediouro Publicações, 2008.

VIANA, Paulo. Carnaval de Pernambuco. In: SILVA, Leonardo Dantas; MAIOR, Mário Souto. (Org.). *Antologia do Carnaval do Recife*. Recife: Massangana/Fundaj, 1991, p. 311-313.

Título Movimentos sociais negros em Pernambuco:
memória(s) e história(s)

Organização Ivaldo Marciano de França Lima
Isabel Cristina Martins Guillen

Formato E-book (PDF)

Tipografia Scala Pro (texto) e Scala Sans Pro (títulos)

Desenvolvimento Editora UFPE



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea, Recife-PE
CEP: 50740-530 | Fone: (81) 2126.8397
E-mail: editora@ufpe.br | Site: www.editora.ufpe.br

ISBN 978-65-5962-039-5



9 786559 620395